



BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

PULSAÇÃO

SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE TENSÃO

GAIL MCHUGH

Ela o desejava tanto
que estava disposta a mudar
toda a sua vida por ele



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PULSAÇÃO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



PULSAÇÃO

GAIL McHUGH



Título original: *Pulse*

Copyright © 2013 por Gail McHugh

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Atria Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Claudia Costa Guimarães

revisão: Flávia Midori e Hermínia Totti

projeto gráfico e diagramação: Adriana Moreno

capa: Regina Wamba

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429p

McHugh, Gail

Pulsação [recurso eletrônico] / Gail McHugh [tradução de Cláudia Costa Guimarães]; São Paulb: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Pulse*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-435-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Guimarães, Cláudia Costa. II. Título.

15-22702

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

ZZZZ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Dedicado às mulheres que precisam encontrar sua voz, força e coragem. Nunca permitam que tirem o que lhes pertence. Tomem de volta.

Um último encontro perdido

Com os olhos cheios de lágrimas, Emily encostou a cabeça na janela do táxi e observou as luzes de Manhattan, enquanto a expressão de Gavin indo embora passava por sua mente como um borrão. Quanto mais se aproximava do apartamento – e se distanciava do passado com Dillon –, maior era a sensação de que sua sanidade estava por um fio. A luz verde do relógio de pulso lhe informava que era quase uma da manhã. Havia um lampejo de esperança. Inquieta, ela fechou os olhos, rezando para que Gavin a aceitasse de volta. Quando o táxi finalmente parou, Emily tirou um bolo de dinheiro da bolsa e o entregou ao motorista, sem saber direito a quantia, enquanto saía apressada em direção ao ar frio de novembro.

– Ei! – berrou o taxista. – Não vai fechar a porta, moça?

Emily ouviu o homem, mas o ignorou. Os pés pareciam ter criado vida própria, mantendo-a naquele caminho incerto rumo ao que esperava ser um novo começo com o amor de sua vida. Abriu a porta e atravessou a portaria. O suor colava sua roupa à pele. Com a mão trêmula, apertou o botão do elevador. O nervosismo só aumentava, alimentado pela expectativa. Uma vez que as portas se abriram, ela entrou e se encostou à parede, física e mentalmente exausta, tentando controlar a respiração, o tremor do corpo e as

lágrimas, que teimavam em descer. Não sabia qual seria a reação de Gavin.

Parecia impossível atenuar as emoções que invadiam seu corpo. As portas se abriram para o que poderia ser um novo começo... ou fim. Emily permaneceu imóvel por um momento, os olhos fixos na parede do outro lado do corredor. Só o vislumbrar das portas se fechando conseguiu tirá-la da inércia. Ela se moveu a tempo de mantê-las abertas e, um pouco desnorteada, saiu no andar da cobertura de Gavin. A vista de Emily turvou e sua mente girava, sem controle, tentando prever cada cenário possível. Esforçou-se para recordar as palavras que ele lhe dissera mais cedo, deixando o medo para trás a cada passo que dava em direção ao apartamento dele.

No entanto, a centímetros da entrada, o medo retornou com tudo, ancorando-se em seu peito. Ela bateu à porta e cada batida pareceu ecoar o palpitar feroz de seu coração. Secou as lágrimas, mas o corpo inteiro ainda tremia. Minutos se passaram sem que houvesse resposta.

Ela bateu de novo, com mais força e vontade.

– *Atenda, por favor* – recitou, como numa prece, tocando a campainha dessa vez.

Com lágrimas escorrendo-lhe pelas faces, espiou pelo olho mágico, imaginando-o do outro lado. A ideia de que ele pudesse estar observando-a, sem dizer uma palavra, era dolorosa demais e rasgava seu coração.

– Por favor – implorou ela, tocando a campainha outra vez. – Meu Deus, Gavin, por favor. Eu te amo. Eu sinto muito.

Nada.

Pegou o celular da bolsa e digitou o número dele. Com os olhos fixos na porta, ouviu o telefone tocar sem parar.

Você ligou para Gavin Blake. Você sabe o que fazer.

O coração de Emily ficou apertado ao ouvir a voz dele. Aquela voz doce a assombraria para sempre se ele não a aceitasse de volta. A voz que implorou para que acreditasse nele. Ligou outra vez, mas não conseguiu deixar um recado. Sua respiração seria a única mensagem que Gavin receberia.

Palavras... Não havia palavras.

Emily levou a mão à boca ao tomar consciência de que talvez ele nunca a perdoasse. Por dolorosos minutos, ficou em silêncio. Então, a dor explodiu em seu peito, seguida de uma torrente de lágrimas. Os gritos ecoavam pelo corredor. Dando um passo para trás, sentiu as costas baterem na parede. Seus olhos estavam fixos na porta de Gavin, a lembrança de seu rosto entranhada na mente. Uma dor lancinante se ondulou e enroscou dentro dela quando, por fim, Emily decidiu ir embora. Seu coração afundava ainda mais no peito a cada andar que o elevador descia.



Com os ombros caídos e o ânimo abatido, Emily destrancou a porta de seu apartamento. A pequena luz acima do fogão projetava um brilho tênue através da sala de estar. Caminhando com cautela para não despertar Olivia, entrou no banheiro do quarto. Um manto de tristeza a envolvia.

Acendeu a luz e encarou o próprio reflexo no espelho. Os olhos verdes, antes tão cheios de esperança, não continham o menor sinal de vida. Correu os dedos pelo rosto, pálido e borrado de rímel. Eram sinais externos de seu coração doente. Espalmou as mãos sobre a superfície fria do mármore da pia, deixou pender a cabeça e chorou, sorvendo o ar e lutando contra a dor que tomava sua alma. Era o arrependimento, em sua forma mais brutal, que lhe apertava o pescoço com força e sem clemência.

Abriu a torneira e deixou que a água quente lhe salpicasse o rosto e limpasse a maquiagem. Secou-se com a toalha, apagou a luz e caminhou até o quarto. Exausta, deixou-se cair na cama, com a esperança de conseguir algumas horas de sono.

Mas não, isso não aconteceria.

Segundos, minutos e horas se passaram. O rosto magoado de Gavin e seus olhos azuis confusos continuavam a invadir sua consciência. Com a respiração vacilante, deitou-se de barriga para

cima e encarou o teto. Durante as horas que se seguiram, ondas de dor penetraram seu coração.

Ela o havia deixado escapar.



Tentando ignorar o barulho ensurdecedor das turbinas do jato particular da Blake Industries, Gavin só pensava em Emily e se ela guardaria na memória os momentos que partilharam. Aquele era mesmo o fim? Ele de fato a perdera? Em menos de sete horas, ela seria de Dillon para sempre.

Pegou a mala na parte de trás do jipe de Colton, o coração ainda mais apertado enquanto ele contemplava o céu claro em meio à noite fria. Colton se aproximou com uma expressão preocupada, a mesma que estampava no rosto quando Gavin fora encontrá-lo.

– Não precisa fazer isso, rapazinho! – gritou Colton, os cabelos escuros balançando ao vento das turbinas. – Deixar a cidade no meio da noite não vai trazê-la de volta.

Gavin não estava certo se partir seria a solução para apagar a marca que Emily gravara a fogo em sua alma. Tampouco se isso sanaria a necessidade de tê-la. A única coisa de que tinha certeza era... que precisava sair de Nova York. Dar o fora e se afastar do fantasma de Emily.

– Preciso sumir do mapa por um tempo, Colton – argumentou Gavin, passando a mão pelo rosto. – Não posso ficar aqui. Só garanta que nossas ações saiam das mãos do Dillon.

Colton suspirou fundo e assentiu.

– É a primeira coisa que farei na segunda de manhã. – Ele bateu no ombro de Gavin, o olhar se abrandando. – Você precisa estar bem quando voltar, ok? Prometa que vai esquecer a Emily de vez.

Gavin arfou ao ouvir o nome dela.

– Sim – respondeu ele, a voz grave. – Vou tentar.

Depois de se encararem por um tempo, Gavin subiu a escada que levava ao jato e observou o irmão deixar o pequeno aeroporto particular. Estava no meio do maior turbilhão de sua vida. Sem pensar duas vezes, Gavin pegou o celular do bolso da calça jeans e o atirou na pista de pouso. O aparelho se espatifou no chão. Estava falando sério ao dizer que sumiria do mapa. Não queria ninguém confortando-o ou tentando convencê-lo de que seus atos eram destrutivos. Depois de entregar as malas para a comissária de bordo, recebeu os cumprimentos do piloto:

– Boa noite, Sr. Blake. – Com os cabelos grisalhos caindo sobre a testa, o piloto apertou firme a mão de Gavin. – Tudo o que o senhor pediu já foi providenciado e devemos chegar a Playa del Carmen em pouco mais de quatro horas.

Gavin fez um curtíssimo meneio de cabeça e se dirigiu à cabine particular. Fechou a porta e seus olhos imediatamente pousaram sobre uma garrafinha de bourbon, que clamava por ele. Gavin a fitou com desprezo. A escuridão se infiltrava em seu corpo. Tirou o casaco e o jogou sobre a cama. Tentando afastar o demônio que invadia seus pensamentos, atravessou o pequeno espaço e pegou a garrafa com o líquido âmbar que entorpeceria sua mente. Nem fez caso de um copo: abriu-a e levou-a aos lábios. O álcool queimou-lhe a garganta sem aliviar a dor nem um pouco.

Foi quando se deu conta de que jamais superaria a ausência de Emily. Bêbado ou sóbrio, ela habitaria seu coração e sua alma até o dia em que morresse. Ele a amava. Precisava dela como do ar à sua volta... Baixou a garrafa e correu a mão pelos cabelos, exausto, tentando afastar da memória a imagem dos lindos olhos de Emily. Caminhou até a janela, contemplando a cidade abaixo. Nada iria adiantar. Afogar as mágoas ou fugir não aplacariam o que sentia.

Ela se fora. À medida que o jato ganhava altitude, as luzes tremeluzentes sumiam e Gavin se perguntava quanto tempo seu luto duraria.



Quando a luz da manhã já fazia desaparecer as últimas estrelas, Emily se sentou na cama e foi até a cozinha. Não tinha dormido um único minuto e se sentia muito enjoada. Abriu a geladeira e pegou uma garrafa d'água. No instante em que Olivia surgiu, ela afundou numa cadeira.

– Humm, pelo visto o cuzão largou você aqui cedo esta manhã – comentou ela, irônica, olhando para Emily, e abriu um dos armários. – Que simpático da parte dele permitir que a noiva se arrume para o casamento na casa *dela*.

– Olivia, eu não...

– Antes que você defenda o Dillmonstro ou suas próprias ideias delirantes, Emily, quero que saiba como o Gavin ficou arrasado ontem à noite. – Olivia bateu a porta do armário com força. – Nunca o vi tão magoado.

Emily fechou os olhos, que estavam ardendo muito, o coração apertado diante da dor que havia causado a Gavin. Ela balançou a cabeça.

– Olivia, por favor. Eu não...

– Já sei, Emily. Você não está a fim de falar sobre isso – cortou ela, abrindo outro armário de supetão. – Ou, então, deixe-me adivinhar: você não acha que é uma burrice não acreditar no Gavin e se casar com o Dillon.

– Olivia – soltou Emily, se levantando. – Você não está me escutando. Eu não vou...

Olivia se virou bruscamente, estreitando os olhos castanhos.

– Eu odeio ter que dizer isto, Em, mas não vou estar presente hoje. Você ama o Gavin e o Gavin ama você. Ponto final. Eu acredito nele, então, se você não acredita, está me forçando a tomar partido. – Ela pôs uma das mãos no quadril e correu a outra pelos cabelos louros e cheios. – Sinto muito, mas não vou ao casamento hoje.

– Ótimo, porque eu também não – sussurrou Emily, voltando a se sentar. – Não vou me casar com o Dillon.

Com os olhos arregalados de choque, Olivia esboçou um sorriso.

– Não vai? – perguntou, arfando e correndo para o lado de Emily.

Emily fez que não com a cabeça, depois caiu em prantos.

Olivia se ajoelhou ao seu lado e passou os braços ao redor da cintura de Emily.

– Ai, meu Deus, ai, meu Deus. Você saiu de vez da minha lista negra. Eu te amo pra caralho!

– Eu magoei o Gavin. – Emily quase engasgou ao dizer essas palavras. – Eu quis acreditar nele, e até acho que parte de mim acreditou, só que eu estava com medo e, agora, é tarde demais.

Olivia pareceu confusa. Ela se levantou e puxou Emily consigo, depois pousou as mãos no rosto da amiga.

– Não é tarde demais. Assim que você telefonar, ele vai esquecer tudo. O Gavin te ama. Ele estava puto ontem à noite, mas morreria por você. Pode acreditar. Ele não parava de dizer isso.

Trêmula, Emily inspirou fundo.

– Eu fui até a cobertura do Gavin ontem à noite, mas ele não abriu a porta. – Ela se afastou de Olivia e se sentou numa cadeira, encolhida. – Liguei para o Gavin algumas vezes e ele não atendeu. Com certeza se encheu de mim, e eu mereço todo o sofrimento... – Emily balançou a cabeça. – Não consigo acreditar que tenha deixado isso acontecer.

– Ele não me deixou levá-lo para casa ontem à noite. – Olivia caiu de joelhos e agarrou a mão de Emily. – Do jantar de ensaio, ele foi para a casa do Colton. O que aconteceu o deixou um pouco mais sóbrio, mas estou quase certa de que o cara ainda não estava nas melhores. Pense em quanto ele estava chapado. São só sete da manhã. Gavin nem deve ter ouvido o telefone. Eu ligo para ele daqui a pouco, mas você precisa se acalmar, está bem?

Emily se desvencilhou lentamente e pressionou a base das mãos nos olhos. Assentiu, relutante, reprimindo um pouco a preocupação.

– Está bem, vou tentar me acalmar.

O esboço de um sorriso surgiu nos lábios de Olivia.

– Estou orgulhosa de você, Emily.

– Orgulhosa de mim? – questionou ela, limpando o nariz com o dorso da mão. – Por quê? Por ter magoado o Gavin? Não consigo tirar da cabeça a expressão dele.

O olhar de Olivia se abrandou e ela acariciou o rosto da amiga.

– Estou orgulhosa por você enfim ter enxergado que *merece* uma vida melhor com um homem que a ama de verdade e que se importa com o seu bem-estar. Talvez o Gavin fique magoado por um tempo, mas vocês dois vão ficar bem. Você vai ver.

Emily encarou Olivia e se permitiu um sopro de esperança. Torceu para que a amiga estivesse certa. Olivia se pôs de pé e olhou o relógio.

– Seu dia de “descasamento” deverá começar daqui a pouco menos de quatro horas. O que precisa que eu faça, além de sair e buscar café para nós duas? O daqui acabou... Definitivamente, você está com cara de quem precisa de uma xícara, e eu também adoraria uma. – Olivia foi até o armário do hall de entrada, pegou o casaco e o vestiu. – Quer que eu ligue para a sua irmã? – Ela parou no meio do caminho. – Ou melhor, quer que eu ligue para o seu ex-futuro marido e o mande à merda?

Emily se levantou e atravessou a cozinha. Pegou uma toalha de papel e assoou o nariz. A ideia de que Dillon notaria a ausência dela assim que acordasse lhe deu arrepios.

– Ele ainda não sabe.

Olivia franziu a testa.

– Como assim? Eu achei que...

– Saí depois que ele já tinha dormido – interrompeu Emily, passando a mão pelo rosto. – Ele não tem a menor ideia. Você é a única pessoa que sabe.

Olivia ficou boquiaberta, de olhos arregalados.

– Humm... Está bem. Eu posso estar errada, mas o noivo não deveria estar a par de uma coisa dessas?

Com um suspiro, Emily passou por Olivia e foi até o quarto, começando a vasculhar as gavetas da cômoda. Além de Gavin, desejava ardentemente uma chuveirada longa e quente.

– É, Olivia. Eu preciso tomar um banho e, quando terminar, ligo para ele.

Olivia se encostou no batente da porta, o olhar preocupado.

– Você pode pelo menos esperar que eu volte do café? Vou entrar em contato com a Lisa e o Michael para eles saberem o que está rolando, certo?

Emily fechou a gaveta e olhou para Olivia.

– Pode deixar, eu espero. – Aproximou-se da amiga, a expressão cheia de ternura. – Obrigada.

Olivia segurou o queixo de Emily e o sacudiu de leve.

– De nada. Agora vai, entra no chuveiro. Volto daqui a alguns minutos.

Emily a observou sair. Depois que a porta da frente se fechou com um baque, não pôde deixar de sentir o pavor queimar-lhe o estômago. Confrontar Dillon, com ou sem Gavin a seu lado, não seria fácil. Suspirou, tentando ignorar aquela queimação incômoda. Dirigiu-se ao banheiro, colocou a calça e o casaco de moletom sobre a bancada e abriu a torneira. Enquanto o vapor quente espiralava pelo ar, despiu as roupas da noite anterior e se enfiou embaixo do chuveiro. Pegou o sabonete e o deslizou lentamente pela carne dolorida entre as pernas, lembrando-se do que Dillon fizera com ela.

Emily ficou cabisbaixa, envergonhada, e os cabelos castanho-avermelhados, encharcados, formaram uma cortina por cima do rosto. Cada um de seus músculos parecia contundido, mas a dor em nada se comparava à do coração partido, maltratado.

Mergulhou ainda mais fundo nos recessos escuros de sua mente, repassando sem parar os atos de Dillon na noite anterior. Não estava muito longe de um pesadelo. Permitira que ele se safasse de muitas coisas no decorrer do último ano. Deu-se conta da enormidade de tudo aquilo. Ficou sem fôlego ao tomar consciência de como se enganara acreditando que ele a amava e se importava com ela e com o relacionamento. A assoberbante e profunda obrigação que sentira com relação a Dillon a levava àquele exato momento. A raiva de si mesma fervia em seu corpo enquanto esfregava os braços, o rosto, as pernas, cada vez mais rápido e com mais força. Queria remover a existência dele de seus próprios

poros. Aumentou a temperatura da água e se retraiu ao pensar em como deixara que ele manipulasse cada uma de suas ações.

Cada um de seus pensamentos.

Chorando, inspirou fundo e tentou se recompor. Não havia mais Dillon. Não havia mais casamento. Fim da linha. Atordoada, Emily enxaguou o corpo não apenas do sabão, mas do veneno malicioso que ele injetara em sua alma. Saiu do chuveiro e se enrolou na toalha. De pé diante do espelho, olhou para a mulher da qual iria se despedir. Para sempre.

– Nunca mais – sussurrou. Balançou a cabeça, acariciou o próprio rosto e fechou bem os olhos. – Nunca mais.

Refletiu um instante sobre a loucura que estava por vir naquele dia, depois se vestiu, secou os cabelos e voltou para o quarto. Deteve-se quando ouviu o toque do celular: havia um recado à sua espera. Foi tomada ao mesmo tempo pela ansiedade de que fosse Dillon e pela esperança de que fosse Gavin. Engolindo em seco, aproximou-se da mesinha de cabeceira e estendeu a mão trêmula para o telefone.

A ansiedade e a esperança evaporaram ao constatar que era uma mensagem de voz de Lisa. Emily cedeu ao cansaço, afundou na cama e descansou a cabeça num travesseiro. Enquanto ela escutava a irmã, preocupada, a porta da frente se abriu com um rangido. Sentou-se, ainda ouvindo os últimos segundos do recado: Lisa e Michael estavam a caminho.

– Liv? – chamou Emily, desligando o telefone. Atirou-o sobre a cama, passou a mão pelo rosto e se levantou para ir até o outro cômodo. – Espero que você tenha comprado alguma coisa para comer enquanto...

Ela parou na porta da sala de estar, apavorada. Dillon estava casualmente encostado na bancada, bebericando suco de laranja. Seus olhos a percorreram.

– Quando acordei, você tinha ido embora, Emily. – Ele baixou o copo e foi até ela com um sorriso arrogante estampado no rosto. – Veio correndo se arrumar para se casar comigo hoje, é? – Ele roçou os dedos pelo rosto dela. – Achei uma boa ideia passar aqui antes de ir para a casa do Trevor me aprontar.

– Fique longe de mim, Dillon – sussurrou Emily, a voz trêmula. Deu um salto para trás, tentando esconder o medo que a dominava.

Dillon piscou, surpreso.

– *O quê?!* – perguntou, agarrando o braço dela.

Emily se desvencilhou e cambaleou para trás, chocando-se contra a cristaleira.

– Você me ouviu. Eu mandei você ficar longe de mim, *porra* – sibilou ela. – Para mim chega, Dillon. Acabou. Eu *não* estou mais disposta a ser sua vítima.

Antes que Emily pudesse reagir, ele a pressionou contra a parede, uma das mãos agarrando-lhe os cabelos enquanto a outra segurava seu queixo. Passou a língua no seu lábio inferior e perscrutou-lhe o rosto.

– Você deu para ele, não deu?

Apesar de estar com vontade de gritar de dor, ela respondeu com escárnio:

– *Sim*, eu dei para ele. *Sim*, estou apaixonada por ele e, *não*, não vou me casar com você agora, aliás, *nunca*.

Mesmo aterrorizada, ela conseguiu sentir um certo alívio, que se enraizou em algum lugar lá dentro, bem fundo.

Emily fechou os olhos, permitindo que imagens de Gavin se entranhassem em seus pensamentos, mas um tapa de Dillon fez com que os abrisse novamente, assustada. O ardor percorreu seu rosto e ela começou a se debater contra o peito dele, tentando se libertar.

Com uma das mãos ainda emaranhadas em seus cabelos, Dillon a empurrou pela sala e a jogou no chão. Emily caiu de quatro e tentou se levantar, mas ele a agarrou pelos cabelos e a forçou para baixo.

– Seu doente de merda! – gritou ela, agarrando seus pulsos.

Dillon caiu de joelhos e puxou ainda mais os cabelos dela, obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

– Depois de tudo o que eu fiz, você vai e trepa com ele pelas minhas costas?

Com a pulsação acelerada, Emily usou de todas as forças para arranhar e enterrar as unhas na pele de Dillon, tentando soltar o cabelo das mãos dele.

– Você não fez nada além de me arruinar! – gritou ela. Um sorriso zombeteiro surgiu em meio às lágrimas. – Eu queria ter dado para ele bem na sua frente!

Com um olhar vazio e gélido, mais escuro do que o céu noturno, Dillon golpeou de novo seu rosto. Emily sentiu o supercílio se abrir, a dor espetando-lhe a carne. Arquejou quando o sangue, quente e espesso, escorreu-lhe pela têmpora e pela bochecha.

Ainda agarrando seus cabelos, Dillon a ergueu e puxou seu corpo de encontro ao peito. Emily ousou olhá-lo nos olhos e engoliu em seco, a garganta apertada pelo medo: sua expressão lhe dizia que a tortura estava longe do fim. A adrenalina corria por suas veias e Emily cravou as unhas dos polegares em seus olhos, lanhando as pálpebras de Dillon, que soltou um uivo gutural.

Em algum lugar acima da confusão, a mente de Emily registrou o som da porta da frente se escancarando seguido dos gritos de Lisa. Em meio a uma grande agitação, Michael correu até Dillon e o puxou pelos ombros, arrancando-o de cima de Emily. Os dois tropeçaram, com braços e pernas se debatendo em todas as direções. Michael aterrissou com as costas no chão e Dillon caiu por cima dele. O baque alto ecoou pela sala. Michael atirou Dillon para longe, rolou de lado e ficou de pé.

Lisa passou o braço pelos ombros de Emily e a apertou com força contra si enquanto a irmã chorava convulsivamente. Dillon se levantou, cambaleante.

Michael se atirou para a frente e deu um soco na boca de Dillon, abrindo um corte no seu lábio.

– Eu devia ter feito isso com você ontem à noite, seu merda!

Dillon se recompôs e agarrou o colarinho de Michael, mas, antes que pudesse fazer qualquer coisa, levou vários socos e desabou no chão.

Nauseada, Emily ouvia uma confusão de vozes, inclusive a de Olivia. Queria gritar, mas ficou paralisada, incapaz de emitir qualquer som. O apartamento se encheu de vizinhos preocupados

e, depois de alguns minutos, dois policiais chegaram. Após uma breve explicação de Michael, um deles colocou Dillon de pé e algemou as suas mãos às costas.

– Você é a porra de uma piranha! – esbravejou Dillon, ofegante, cuspiendo sangue na direção de Emily. – Nada além da porra de uma piranha! Espero que ele te coma e te largue, como faz com todas as outras, sua vagabunda!

Aquelas palavras venenosas assaltaram a mente de Emily. Sentiu-se como uma partícula de poeira minúscula se movendo em câmera lenta no meio de um furioso tornado. Apesar de toda a confusão de gente na sala cheia, ela não conseguia ver nada... exceto o rosto de Gavin. Embora um dos policiais tivesse ameaçado tornar inesquecível o pernoite de Dillon na cadeia, ela não conseguia ouvir nada... apenas o ribombar do próprio coração. A única coisa que sentia era seu total entorpecimento.

Desvencilhou-se do abraço da irmã e andou até Dillon, que tinha um sorriso arrogante nos lábios sangrentos. Olhando fundo na alma perversa do homem que amara por tanto tempo, para o qual se entregara por completo, deu-lhe um tapa na cara. Incapaz de controlar a angústia reprimida ao longo de todos aqueles meses infernais, ela continuou a esmurrar o rosto e o peito de Dillon, mesmo depois de suas mãos frágeis começarem a doer.

– Você fez isso comigo! – gritou, lutando contra um dos policiais. Fuzilando Dillon com os olhos, foi empurrada para trás. – Eu te amei e você se transformou em tudo aquilo no qual prometeu que nunca iria se transformar! E quer saber de uma coisa? – desferiu ela, ofegante. Dillon olhou por cima do ombro, não mais sorrindo, enquanto o policial o conduzia para fora do apartamento. – Se o Gavin me deixar e nunca mais falar comigo, eu vou merecer cada segundo de infelicidade.

Trêmula, Emily observou Dillon sair de sua vida tão depressa quanto entrara. Abraçou o próprio corpo e caiu de joelhos, as imagens de Gavin estilhaçando seu coração. Com um último resquício de força, Emily se encostou na mesinha de centro, enterrou o rosto nas mãos e se pôs a chorar. Lisa se sentou ao seu lado e aninhou a cabeça da irmã no seu ombro, embalando-a.

Nesse instante, Emily se deu conta de que escapara de se tornar mais um número nas estatísticas de esposas violentadas.

Surpresa por ter deixado o relacionamento chegar àquele ponto, ela teve lampejos da mãe aceitando o mesmo tratamento brutal não só do pai, como de vários outros homens. As terríveis lembranças lhe deram calafrios.

– Calma, Emily – sussurrou Lisa, abraçando-a com mais força. – Já acabou.

Olivia se ajoelhou ao lado delas e perguntou com suavidade:

– Você está bem?

Entregou uma bolsa de gelo para Emily e abriu um estojo de primeiros socorros. Depois de colocar um pedaço de gaze com esparadrapo no ferimento do supercílio, Olivia franziu a testa.

Com os olhos marejados, Emily respondeu:

– Estou, eu estou bem, sim.

O policial remanescente se aproximou de Emily; seu corpo era estranhamente roliço e o uniforme não lhe caía nada bem.

– Senhorita, vou precisar de uma declaração sua. Os paramédicos devem chegar logo. Vão levá-la para o hospital se achar que deve ser examinada.

– Não. – Emily se contraiu ao encostar a bolsa de gelo na maçã do rosto inchada. – Não quero ir para o hospital.

– Tudo bem – respondeu o policial, olhando para a prancheta. – A senhorita pode recusar tratamento quando eles chegarem, mas, ainda assim, vão ter que aparecer por se tratar de violência doméstica.

– Emily, eu acho que você deveria ser examinada – opinou Michael, sentado no divã.

– Concordo – disse Lisa. Seu olhar transbordava preocupação.

Emily se pôs de pé, tentando controlar os pensamentos conflitantes. Deslocou-se, vacilante, pela sala, para verificar se Gavin retornara sua ligação. Lisa e Olivia se levantaram, apressadas, e a seguiram até o quarto.

– Em... – começou Olivia, confusa, segurando o braço de Emily com todo o cuidado. – Por que você não quer ir?

Emily lhe deu as costas e passou as mãos pelos cabelos. Pegou o celular e ficou consternada ao ver que não havia nenhuma ligação perdida de Gavin.

– Já disse que não, Olivia. Eu não preciso ir para o hospital. – Com os olhos marejados, ela desabou na cama. – Eu estou bem. Só preciso tomar umas aspirinas e dormir.

Os lábios de Olivia formaram uma linha rígida. Olhou para Lisa, que também se mostrava preocupada.

Lisa cruzou os braços e se encostou no batente da porta.

– Às vezes você é muito teimosa.

– Eu sei – sussurrou Emily. – Mas é sério, eu estou bem.

Olivia ergueu a cabeça e soltou o ar em direção ao teto. Então, voltou a encarar Emily e pôs uma das mãos no quadril.

– Quer saber por que não vou forçar a barra, amiga?

Emily fechou os olhos e balançou a cabeça.

– Por quê, Olivia?

– Bem, porque você deu umas belas porradas no Babackleberry Finn antes de ele ser arrastado daqui.

Emily virou-se de lado e abraçou os joelhos contra o peito. Normalmente, teria achado engraçado o comentário de Olivia. Mas não naquele momento. Não conseguia. Fez um enorme esforço para responder:

– Certo. – A tristeza embargava sua voz. Levou a bolsa de gelo até o rosto. Com os olhos úmidos de dor devido ao desconforto, fitou Olivia. – É, acho que dei mesmo. – Emily respirou fundo e se cobriu. – Quando os paramédicos chegarem, mande-os entrar. Mas, neste instante, eu só preciso mesmo descansar.

Olivia e Lisa assentiram. Sem mais uma palavra, deixaram o quarto.

Na meia hora seguinte, Emily preencheu a papelada requisitada pelo policial e recusou tratamento quando os paramédicos enfim chegaram. Assim que o quarto se esvaziou e seus pensamentos se acalmaram, os olhos pousaram sobre o celular. Tomando-o nas mãos, empalideceu ao constatar que não havia nenhuma mensagem de Gavin. As lágrimas escorreram livremente por suas faces.

Sabendo que precisava explicar a dor que lhe infligira, discou seu número. Mordia a parte interna do lábio enquanto ouvia tocar. A ligação caiu na caixa postal. Ela já ia encerrar o telefonema, mas se deteve. Apreensiva, desejava-o agora intensamente, e a dor lhe apertava o peito.

– Gavin... eu... É a Emily – sussurrou, tentando não tropeçar nas emoções. – Não acredito que você vai voltar a falar comigo algum dia, mas preciso dizer umas coisas.

Respirou fundo e soltou o ar antes de seguir em frente:

– O Dillon me fez sentir menos viva, Gavin. Mas você... você me trouxe de volta à vida. Quando a Gina abriu a porta, naquela manhã, eu...

Emily fez uma pausa, enxugando as lágrimas.

– Fiquei com medo de você tê-la aceitado de volta, mas eu devia ter deixado que você se explicasse. Sinto muito. Com tantas garotas no mundo para se apaixonar, você foi logo me escolher. Sinto muito por não ter acreditado em você quando devia. Eu te amo, Gavin. Você dizia que me amava desde a primeira vez em que me viu, e eu também te amei desde o começo. Alguma coisa dentro de mim me disse que era para eu estar ao seu lado, mas eu lutei contra isso. No início, muitas coisas a seu respeito me assustaram, mas depois, você me mostrou quem é de verdade.

Incapaz de continuar lutando contra sua dor, Emily se pôs a chorar descontroladamente.

– Me perdoe, por favor, por ter lutado contra *nós*, Gavin. Por favor, me perdoe por não lutar a nosso favor quando eu sabia que era para a gente ficar junto. Me perdoe por ser fraca. Mas, acima de tudo... obrigada por me amar. Obrigada por seu sorriso de covinhas e por suas tampinhas. Eu nunca mais vou conseguir olhar para uma sem pensar em você. Obrigada por seus Yankees idiotas e por suas observações espertinhas. Obrigada por querer fazer passeios de carro tarde da noite comigo e assistir ao pôr do sol. Obrigada por querer tudo comigo, o bom, o ruim e tudo o que há entre um e outro.

Emily fez uma pausa e balançou a cabeça, mas, antes que pudesse dizer qualquer outra palavra, a caixa postal a cortou, o

longo bipe avisando que o tempo havia se esgotado.

– Me desculpe por ter mostrado apenas o meu lado ruim – sussurrou ela, fitando o teto e pressionando o telefone contra o peito.

Entorpecida

Às vezes, quando queria manter distância de alguma coisa, Emily sentia um entorpecimento invadi-la. Nesses momentos, era bem-vindo o veneno que assolava sua vida. Recebia-o como se fosse o doce perfume das rosas. Era o tipo de torpor que, ela poderia dizer, a “purificava”. No entanto, sentada no café do Bella Lucina, rabiscando números no bloquinho de pedidos, experimentava um entorpecimento inédito, que se enraizava em seu coração como uma espessa erva daninha. Era insuportável.

Por 216 horas... sentindo-se morta.

Por 12.960 minutos... sentindo-se perdida.

Por 777.600 segundos... sentindo-se completamente entorpecida.

Dia após dia, sua concentração, cuidadosamente tecida por fiapos de esperança, ia se desfazendo. Ia se perdendo. Até mesmo durante o sono a mente se deixava ficar em Gavin; os sonhos eram perigosos porque faziam com que se lembrasse de que ele se fora. Ele havia se transformado num lindo vapor que desaparecera em meio ao nada, levando consigo a própria existência de Emily.

Abandonada, com os pensamentos esstraçalhados, Emily sofria sabendo que ele a amara quando ela menos merecera. Não. Isso

não era algo para o qual já estivesse preparada, embora soubesse que precisava se responsabilizar por cada hora, minuto e segundo.

– Levei outra rodada de bebidas para a mesa doze por você – avisou Fallon, sentando-se ao lado de Emily.

Com a cabeça baixa, ainda imersa na quantidade de tempo que se passara desde a partida de Gavin, Emily não respondeu.

– Também pediram macarrão com legumes para o macaco que se juntou ao grupo. – Sem entender, Emily acabou erguendo a vista para Fallon, que acrescentou: – Pois é, encontraram o bicho no acostamento da estrada. Parece que um circo se livrou dele.

Fallon fez um coque desgrenhado com os cabelos.

– Você disse alguma coisa sobre um macaco? – perguntou Emily, a voz soando confusa. – E quando foi que você pintou o cabelo de azul?

– Não. Eu não falei nada sobre um macaco. – Fallon arqueou uma das sobrancelhas e apoiou a cabeça nas mãos, recostando-se na bancada. – Já está azul há três dias e você já tinha visto.

– Ah.

Emily voltou a rabiscar os números.

– O que é que você tem aí? – Antes que Emily pudesse responder, Fallon puxou o bloquinho de suas mãos. – O que é esse bando de números?

– Não é nada.

Emily o pegou de volta.

Franzindo a testa, Fallon examinou o rosto da amiga.

– Caipirinha, não estou tentando ser depressiva ou sinistra, mas isso aí não é nenhuma contagem regressiva até você se matar, é?

Com os olhos arregalados, Emily se recostou na cadeira.

– Cruzes, Fallon, você acha mesmo que eu faria uma coisa dessas?

– Responde à pergunta, Caipirinha. Isso é algum tipo de contagem regressiva?

Emily suspirou e bateu com o bloquinho na bancada de granito do bar.

– Nove dias se passaram desde que ele foi embora, Fallon. Nove dias desde que eu o destruí por completo. Eu liguei e ele não atendeu.

– Certo, mas ele não tem atendido às ligações de ninguém. – Fallon passou o braço pelos ombros de Emily. – Outro dia, o Colton disse ao Trevor que ele nem o atendeu.

– Ok, mas ele não foi embora por causa do Colton. Foi por minha causa. – Emily balançou a cabeça, lutando para controlar as lágrimas. – Ele me deu o coração e eu o joguei fora. Fiz ele deixar a família, os amigos... a vida dele.

– Emily, em primeiro lugar, você precisa parar de se castigar. Considerando o que você viu naquela manhã, ele tem sorte de você acreditar nele. Não estou dizendo que não deva, mas, fala sério, aquilo foi duro. Em segundo lugar, ele foi embora porque achou que você ia se casar com o Dillon. Assim que descobrir que não se casou, ele vai voltar imediatamente.

– Ele já sabe que eu não me casei com o Dillon – sussurrou Emily, o coração se despedaçando outra vez. – A Olivia me contou que o Colton deixou um recado com a empregada dele avisando que eu desisti de tudo.

– Ah. Eu não sabia disso – murmurou Fallon, desviando os olhos. Ela enrolou uma mecha dos cabelos e voltou a encarar Emily. – Quem sabe ele precise de um pouco mais de tempo?

– Eu não sei mais o que pensar. – Emily massageou as têmporas. – Só sei que estou perdida sem ele.

Antes que Fallon pudesse dizer qualquer coisa, Trevor se esgueirou por trás dela e cutucou sua costela.

Fallon se virou bruscamente.

– Trevor! – guinchou, chamando a atenção indesejada de Antonio.

Ele a olhou de cara feia, do outro lado do restaurante. Fallon mordeu o lábio e articulou “Desculpe”, sem emitir som. Antonio balançou a cabeça e continuou a almoçar.

– Babaca – sussurrou Fallon, afastando Trevor.

O namorado riu e deu um beijo na cabeça dela.

– Desculpe, esqueci que você sentia cócegas.

– Claro que esqueceu, idiota. – Fallon fez uma careta e se levantou. – O que está fazendo aqui tão cedo? Você sabe que só saio daqui a duas horas.

– Na verdade, eu vim conversar com a Emily. – Trevor olhou para Emily com um sorriso reservado. – Já está de saída?

– Não, ainda não. – Emily ficou de pé, pegando o bloquinho e enfiando-o no bolso do avental. – Ainda tenho meia hora até o fim do turno.

– Caipirinha, eu posso ficar de olho nas suas mesas enquanto você conversa com o meu namorado *esquecido*. – Depois de olhar para Trevor de cara feia, Fallon passou o braço pelos ombros de Emily. – Eu cuido das suas tarefas paralelas e até mesmo me certifico de que o macaco da mesa doze coma sobremesa.

Trevor coçou o queixo.

– Macaco?

– É, um macaco.

Fallon deu um tapinha nas costas do namorado e uma piscadela na direção de Emily. Trevor deu de ombros.

– Vai nessa. Conversa com ele e eu ligo mais tarde.

– Tem certeza? – perguntou Emily, soltando o rabo de cavalo.

– Tenho. Eu ligo para você hoje à noite.

Fallon deu um beijinho na bochecha de Trevor e se afastou.

Trevor olhou para Emily.

– Quer se sentar num reservado?

– Claro. – Emily desamarrou o avental e passou para trás da bancada. – Quer alguma coisa para beber?

– Não, não precisa. Obrigado.

Depois de preparar um *espresso* duplo para si mesma, conduziu Trevor até um reservado nos fundos do restaurante. Emily deslizou pelo assento e bebericou o líquido quente. Como, nos últimos dias, quase não dormira, tinha esperança de que o choque da cafeína trouxesse seu organismo meio zumbi de volta à vida.

Trevor encarou Emily, o olhar repleto de remorso.

– Em primeiro lugar, quero dizer que me sinto como um babaca por causa dessa história toda com o Dillon.

Emily se remexeu no assento, surpresa com a súbita declaração.

– Ora, Trevor, nada disso é culpa sua.

– Não, Emily, sério. Você precisa me ouvir, está bem?

Relutante, Emily assentiu.

– Me desculpe, é a primeira vez que venho ver você desde que a merda toda aconteceu. Parte de mim quis aparecer no dia, mas, no fim, não consegui. Durante o último ano, fiquei assistindo enquanto ele a botava para baixo, sem dizer a porra de uma palavra. – Trevor fez uma pausa, mexendo nervosamente na toalha de linho branca. – Eu me lembro de como você era vibrante quando começaram a namorar e, pedacinho por pedacinho, ele foi desmantelando você. Não me entenda mal, acho que eu sabia que as coisas estavam começando a ficar ruins. Eu só não imaginava quanto.

Trevor se recostou e balançou a cabeça.

– Quer saber de uma coisa? Foda-se. Eu preciso aceitar a minha responsabilidade. Eu vi tudo. Vi com os meus próprios olhos e deveria ter dado fim àquilo. Eu poderia ter feito isso. Eu tive uma porcaria de bate-boca com o Gavin porque ele estava vilanizando Dillon. Achava que era porque estava apaixonado por você. – Trevor passou as duas mãos pelos cabelos e soltou um suspiro. Então, voltou a falar, a voz já um sussurro: – Puta merda, o Gavin é o meu melhor amigo desde que a gente era criança e eu não fiquei do lado dele durante nada disso. Fiquei olhando o Dillon dar um soco nele no seu jantar de ensaio e não fiz porra nenhuma. Porra nenhuma!

– Trevor, por favor. Você não...

– Não, espere aí. Deixe eu terminar, Emily.

Mais uma vez, Emily aquiesceu.

– A Olivia e eu fomos criados por um pai que nunca falaria com a nossa mãe da maneira que o Dillon falava com você. – Trevor fitou Fallon, que preparava um bule fresco de café atrás do bar. – Caramba, eu a amo e nunca conseguiria imaginar alguém tratando-a da forma que o Dillon a tratava. Eu amarelei e espero que você e o Gavin me perdoem por ser tão covarde. Mas o que passou passou. A única coisa a fazer agora é tentar endireitar a situação. Saí da

Morgan & Buckingham. Nem vi o babaca quando fui pegar as minhas coisas, mas, para mim, chega dele e das merdas que ele apronta. Eu disse que a considerava a minha segunda irmã e estava falando sério. Um irmão nunca permitiria que a irmã fosse tratada daquela maneira. – Trevor estendeu a mão em direção à de Emily. – Eu só preciso saber que você me perdoou.

Com lágrimas escorrendo, Emily apertou a mão de Trevor, os pensamentos desordenados.

– Eu não posso perdoar porque nunca culpei você ou qualquer outra pessoa por isso. Desempenhei o papel principal permitindo que ele fizesse isso comigo, então não quero que você se sinta responsável.

– Bem, eu me sinto, sim, responsável.

– Não, Trevor. Eu deixei que ele fizesse isso comigo. – Emily soltou a mão de Trevor e apontou para o próprio peito. – Eu, não você.

– Mas você presenciou tanta coisa quando era pequena... A Olivia me contou que a sua mãe trocava um filho da puta por outro. Imagino que isso tenha alguma coisa a ver. Mas eu... eu não tenho desculpa alguma.

A lembrança dos relacionamentos destrutivos da mãe deixou um gosto amargo na boca de Emily. Seu olhar se desviou de Trevor e se deteve em um casal que entrava no restaurante. O riso deles ecoou enquanto Fallon os acompanhava até a mesa.

– É verdade, era assim. Mas eu não precisava seguir os passos dela...

Lutando para manter a compostura, ela encarou Trevor.

– Bem, você deu o primeiro passo, Em, e estou orgulhoso de você por ter feito uma acusação formal e por ter tomado medidas judiciais de proteção contra ele. Como o Gavin está longe, se o filho da puta tentar entrar em contato com você, ligue para mim, está bem?

Emily passou a ponta dos dedos pela ferida que cicatrizava acima da sobrancelha.

– Pode deixar. Obrigada. – Ela hesitou um instante e pigarreou antes de acrescentar: – Posso perguntar uma coisa?

– Claro.

– Você ligou para o Gavin e deixou recados, certo?

– Isso.

Emily respirou bem fundo, retorcendo as mãos sobre o colo.

– Por favor, me diga que você não contou o que o Dillon fez comigo.

– Não, eu achei que contar isso por telefone não era o certo. Mas, quando ele voltar, pretendo conversar com ele a respeito, sim.

– Por favor, me escute. Eu não quero que Gavin saiba o que aconteceu. Ele vai... Eu não sei. Mas, por favor, você podia não dizer nada?

Trevor inclinou a cabeça para o lado e perguntou, confuso:

– Está me pedindo para esconder dele o que aconteceu?

Emily engoliu em seco, sentindo uma pontada de apreensão.

– Estou. Ele já foi magoado o suficiente durante essa história toda. Se ele souber, vai atrás do Dillon.

– Por que você está tentando proteger aquele monstro? – questionou Trevor, o choque estampado em suas feições.

– Meu Deus, Trevor, eu não estou tentando protegê-lo. Estou tentando proteger o *Gavin*. Ele já ficou devastado. Se descobrir, com certeza vai atrás do Dillon. E Deus me livre se ele o machucar de verdade e parar na cadeia. Ou o Dillon poderia machucá-lo de verdade. Eu não conseguiria suportar isso. Já causei dores de cabeça demais para o Gavin. – Baixando a vista, Emily enxugou os olhos. – Por favor – sussurrou –, não fale nada.

Trevor passou uma das mãos pelos cabelos, pousando-a na nuca.

– Olha, eu não vou mencionar nada, mas o Gavin conhece o Dillon. Ele sabe que o Dillon não deixaria você sair da vida dele tão facilmente. Mas eu tenho que ser franco, Em, se ele me perguntar se alguma coisa aconteceu, eu não vou mentir.

Emily pressionou as têmporas.

– Sinto muito. Não devia pedir para você mentir por mim.

Trevor piscou algumas vezes e ajustou os óculos no nariz.

– Não se desculpe. Essa história toda é uma merda. Só me prometa que vai contar a ele se vocês dois se acertarem.

– Claro, claro – zombou Emily. – Ele nem ao menos retornou as minhas ligações. – Fitando o casal sentado do outro lado do restaurante, tentou ignorar o peso na boca do estômago. – Não quer mais saber de mim.

– Eu acho que a cabeça do Gavin está meio tumultuada no momento, mas ele está apaixonado por você, Emily. Tenho certeza de que, quando ele voltar e olhar para você, não vai ser capaz de resistir. – Trevor se levantou e colocou a mão no ombro dela. – Vamos torcer para que ele não fique longe pelos próximos seis meses.

Com a sensação de que Trevor acabava de arrancar o único pedaço que ainda restava do seu coração, Emily tentou respirar. Pôs-se de pé e o olhou fundo nos olhos, a voz trêmula.

– Você acha que ele ficaria fora tanto tempo assim?

– Em, não foi isso que eu quis dizer.

– Foi, sim. O que levaria você a dizer uma coisa dessas?

Trevor mordeu o lábio e, brevemente, desviou o olhar, dando de ombros.

– O Gavin consegue sumir quando quer. Eu não sei quanto tempo ele vai ficar fora.

Totalmente desorientada, Emily levou a mão à boca.

– Ah, meu Deus, eu não posso... Ele não pode...

Abriu caminho em direção ao bar, os pés se deslocando mais rapidamente do que o corpo conseguia compreender. Enfiou a mão debaixo da bancada em busca da bolsa, do casaco e do cachecol, o coração batendo a toda.

– Olha, eu não devia ter dito aquilo. – Trevor se aproximou, a expressão carregada de remorso. – Ele pode voltar amanhã...

– Ou daqui a seis meses – completou Emily, passando por ele.

Sentiu um aperto de pânico no peito. Um calafrio a percorreu quando saiu do restaurante. Com os pensamentos em velocidade vertiginosa, Emily vestiu o casaco de qualquer jeito e quase correu em meio ao aglomerado de pessoas que atravancavam a calçada. Buzinas, conversas e sirenes a rodeavam, mas ela não conseguia ouvir nada daquilo. Estava surda a tudo.

O único som que escutava era a voz de Gavin sussurrando em seu ouvido, a risada de Gavin zumbindo pelo ar e o coração de Gavin embalando-a até ela dormir. As lágrimas começaram a cair quando pensou que ele poderia ficar longe por tanto tempo. Nove dias já haviam destroçado seu coração. Sabia que seis meses a matariam.

À medida que a fachada do Edifício Chrysler ficava visível, a dúvida com relação ao que estava prestes a fazer a deixava arrepiada. No entanto, isso não iria detê-la. Antes que se desse conta, entrou no lobby. E sentiu o ar ser expulso dos pulmões.

Emily deu de cara com um homem de costas que estava apoiado no balcão de informações. Sua vista se nublou diante dos cabelos escuros e do porte físico semelhantes ao de Gavin. Ficou completamente paralisada ao observá-lo enfiar a mão no bolso da calça de forma displicente e passar a outra pelos cabelos da mesma forma que fazia Gavin. Sem fôlego, Emily caminhou devagar em sua direção. Involuntariamente, ergueu uma das mãos, trêmula, e bateu em seu ombro. Ansiando por Gavin, tentou sentir o cheiro do seu perfume antes de ele se virar. Porém, foi brindada por olhos desconhecidos, por um rosto desconhecido, por um sorriso desconhecido. Seu coração se contraiu.

– Posso ajudá-la? – perguntou o homem.

Incapaz de se mover, de falar ou de pensar, Emily encarou o estranho. Atingida por uma súbita onda de náusea e tontura, abriu a boca para tentar dizer alguma coisa. Nada saía.

– A senhorita está bem? – Hesitante, o homem pousou as mãos nos braços de Emily. – Está com cara de quem vai desmaiar.

Emily pigarreou, balançou a cabeça e foi se afastando.

– Eu... eu sinto muito. Eu pensei...

Não conseguiu terminar a frase. Virou-se e se espremeu no elevador cheio, a compulsão de ir em frente quase irresistível.

– Qual é o andar? – perguntou uma mulher vestindo um terno vermelho de sarja.

Emily tentou voltar à realidade, demonstrar algum indício de equilíbrio mental enquanto olhava para a mulher. Mas não teve sucesso.

– Não tenho certeza.

A mulher riu e deu de ombros.

Um homem mais velho, de sorriso simpático, indagou:

– Qual é o nome da empresa que a senhorita está procurando?

– Blake Industries – respondeu Emily, levando a mão à testa.

– Ah, eu conheço a empresa. E também conheço os dois carismáticos proprietários. – Ele fez um gesto de cabeça na direção da pouco amigável mulher de terno que espiava por cima do ombro dela. – Fica no sexagésimo segundo andar. Seja boazinha e aperte para esta jovem.

Juntando todas as forças, Emily sorriu para o homem, que lhe deu uma piscadela. Enquanto o elevador subia, não pôde deixar de se lembrar dela e de Gavin naquele mesmíssimo elevador, na primeira vez que o vira. Embora agora metade do espaço ali estivesse ocupado ainda era como naquele dia, quando só havia eles dois.

– *Ela não é minha namorada, caso você esteja se perguntando.*

– *E quem disse que eu estava?*

– *E quem disse que você não estava?*

A lembrança se foi quando o senhor cutucou-lhe o braço para avisar que haviam chegado. Ela afastou o súbito impulso de deixar o prédio. Assentindo em sinal de agradecimento, Emily passou apressada pelos outros ocupantes do elevador e saiu. Contemplou a parede de vidro jateado com os dizeres “Blake Industries”. Engoliu em seco e se dirigiu à recepcionista sentada atrás da bancada de mogno alta em formato de meia-lua.

A mulher de cabelos escuros ergueu a vista da tela do computador, o sorriso acolhedor e afetuoso.

– Posso ajudá-la?

De alguma forma, Emily conseguiu sorrir.

– Pode, sim. Eu gostaria de falar com Colton Blake.

– Sinto muito, mas, no momento, o Sr. Blake está numa reunião. Se quiser, pode se sentar e esperar por ele. Não deve demorar mais do que dez minutos. – Ela indicou uma espécie de sala de espera próxima de uma dúzia de baias. – Pode me dar o seu nome, por favor?

- Emily Cooper.
- Eu avisarei que a senhorita está à espera.

A mulher abriu mais um sorriso.

- Obrigada.

Emily já ia se virando, mas sua atenção foi atraída por uma porta de escritório que se abria. Teve um ataque de nervos ao ver Colton sair, sua risada grave e vigorosa pairando no ar enquanto apertava a mão do homem que deixara a sala com ele. Emily sentiu-se mal quando seus olhares se cruzaram.

A atitude descontraída de Colton desapareceu quase que de imediato e seu rosto ficou sem nenhum vestígio de emoção. Com a boca ligeiramente aberta, ele olhou dela para o parceiro de negócios. O corpo de Emily se retesou e ela o observou passar a mão pelos cabelos e tentar recuperar o sorriso simpático de segundos antes. Puxando com nervosismo a bainha da camisa branca do restaurante, aguardou que ele conduzisse o homem até os elevadores. Colton a fitou antes de se despedir do cliente uma última vez.

– A gente coloca os assuntos em dia na semana que vem, Tom – disse Colton, apertando o botão do elevador. – Fale para a Ellie que mandei lembranças e que a minha mãe deve ligar em breve para elas tomarem um brunch juntas.

– Pode deixar – respondeu o homem com um rápido aceno da cabeça antes de desaparecer dentro do elevador.

– Sr. Blake – chamou a secretária –, a Srta. Cooper está à sua espera.

– Eu já tinha visto. Obrigado, Natalie. – Virando-se para Emily, Colton baixou a cabeça em sinal de cumprimento. – Emily.

– Oi, Colton.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, claramente na defensiva.

Inquieta, Emily olhou fundo naqueles olhos verdes perscrutadores. Engoliu em seco.

– Preciso falar com você.

– Isso é óbvio.

– Então por que perguntou? – rebateu ela, inclinando a cabeça em sinal de indagação.

Colton ergueu uma das sobrancelhas, um sorriso afetado repuxando o canto da boca.

– Vamos conversar.

Seguindo-o, Emily tentou afastar a náusea de nervosismo que fervilhava em seu estômago. Já na sala, Colton fechou a porta e tirou o paletó. Sem dizer uma palavra, indicou-lhe uma poltrona diante da mesa. Depois de tirar o casaco e o cachecol, Emily se sentou, os pensamentos lutando contra um forte desejo de partir. Mas não faria isso. Não podia se esquecer do motivo que a levara até ali. De rabo de olho, viu Colton pendurar o paletó num armário e voltar à mesa, acomodando-se confortavelmente na cadeira.

– Você o magoou, Emily – afirmou ele, encarando-a com seus olhos penetrantes.

A saudade já assolava o coração dolorido de Emily, mas, de alguma forma, essas palavras a intensificaram muito além de qualquer medida.

– Eu sei. Eu sei disso melhor do que ninguém. – Emily se esforçou para que a voz não falhasse. – Mas eu o amo e tenho que endireitar as coisas. Você disse para a Olivia que ele saiu do país. Preciso que me diga onde ele está, Colton.

Ele bufou.

– Você o ama? Por que será que eu não consigo acreditar nisso?

Emily se recostou, chocada, mas Colton foi em frente:

– E como pretende ajeitar as coisas? Mesmo se eu disser onde ele está, quem garante que ele vai querê-la de volta? Você não viu como ele apareceu na minha casa aquela noite. A expressão nos olhos dele. A mágoa em suas feições. – Colton deu de ombros com displicência, uma certa presunção em sua voz. – Ah, claro, como poderia ter visto? Estava ocupada demais, curtindo o seu jantar de ensaio.

Uma tensão pesada caiu sobre a sala, quase esgotando o oxigênio dos pulmões de Emily. A ironia foi como um tapa na cara.

Já incapaz de controlar as emoções, ela piscou, com lágrimas nos olhos.

– Eu paguei por aquela noite de diversas maneiras. Eu me torturei de uma forma que ninguém jamais vai imaginar.

Passou por sua cabeça todo o castigo que Dillon lhe infligira por seus atos e indecisão. Por mais que amasse Gavin, recusava-se a se sujeitar às acusações de Colton de que ela desfrutara de qualquer coisa naquela noite tenebrosa. Levantando-se canhestramente da cadeira, levou a mão ao peito e despejou a verdade:

– Você não tem a menor ideia de quanto eu amo o seu irmão. Não consigo respirar sem ele. Não consigo dormir. Eu mal como. Não, de início eu não acreditei nele. Não podia. Naquela manhã, abri a porta e fui parar no passado dele quando achei que eu era o seu futuro. Aquilo me matou. Meus instintos me mandaram sair correndo, então foi o que fiz e, agora, estamos os dois sofrendo por isso.

Cobrindo a boca, Emily olhou para o chão, o coração descompassado no peito. Lentamente, voltou a encarar Colton, os olhos verdes desesperados e suplicantes.

– Não sei se ele vai me querer de volta. Na verdade, não acho que vai. Eu nem sei se ele vai olhar para mim, já que eu mal consigo olhar para mim mesma. Só sei que preciso vê-lo. Preciso dizer quanto eu sinto pelo que aconteceu. Mesmo que isso signifique que eu vá me expor. – Emily inspirou fundo e estreitou os olhos. – Mas não *ouse* me dizer que eu não o amo, porque você está errado.

A expressão de Colton agora era de compreensão e compaixão. Levantando-se, pegou uma caneta e um *post-it*, rabiscou alguma coisa e lhe entregou o minúsculo papelzinho.

– Eis o endereço da casa dele e o bar de praia onde você provavelmente o encontrará. – Colton enfiou a mão no bolso da calça e sacou a carteira. Contou algumas notas e deu um sorrisinho. – Embora eu não gostasse tanto assim de você antes, não vou deixar que pague a conta por ir lá atrás do espertinho. – Colton pegou a mão de Emily e enfiou o dinheiro nela. – Não faz o meu estilo.

Olhando para as cédulas, Emily fungou e balançou a cabeça.

– Não posso aceitar isto. Já me basta saber onde ele está. – Ela tentou devolver o dinheiro.

– Eu insisto. – Com cuidado, afastou a mão dela. – Além do mais, são só algumas centenas de dólares. O jato vai levá-la até lá. Vou providenciar todo o resto, incluindo o seu hotel. – Colton enfiou as mãos nos bolsos. – Embora eu espere o contrário, precisamos partir do pressuposto de que... bem, de que ele pode não ficar entusiasmado com sua aparição.

Emily assentiu. Enquanto juntava os pertences, tentou afastar essa hipótese assustadora da cabeça, mesmo sabendo que talvez tivesse que encarar uma reação dessas. Vestiu o casaco e encarou Colton por um instante.

– Você teve alguma notícia dele?

– Não. Ainda não.

O medo perfurou o estômago dela como uma faca.

– Como sabe que ele chegou lá? Alguma coisa pode ter acontecido com ele.

– Pode acreditar, eu conheço o meu irmão. Nada aconteceu – afirmou Colton com convicção, acompanhando Emily até a porta. – Só ele poderia se fazer algum mal.

Emily arregalou os olhos e ficou de boca aberta.

– Você não acha que ele...

– Não. Não – interrompeu Colton. – Não foi isso que eu quis dizer. Deixa pra lá.

A tensão que pesava sobre os ombros de Emily se dissipou como folhas ao vento. Com a voz baixa, ele acrescentou:

– Perdoe a minha crueza. Ele é o meu irmão mais novo e, embora seja um torcedor fanático dos Yankees... odeio isso, porque sou um torcedor fanático dos Mets... eu meio que gosto muito dele.

– Eu meio que gosto muito dele, também – sussurrou Emily, baixando a cabeça. Em seguida, fitou os olhos de Colton, que continham traços de Gavin. – Gosto muito mesmo.

– Eu sei, mas você não precisa *me* convencer. Tem que ir lá e provar isso a ele. Vou pedir para a minha assistente passar as informações necessárias.

Emily abraçou a bolsa, os olhos cheios de gratidão.

– Obrigada, Colton.

Colton meneou a cabeça e abriu a porta.

As lágrimas rolavam pelas faces de Emily. Um misto de alívio e medo inundou seu corpo já no elevador onde tudo havia começado. Uma perigosa tempestade assaltou seus nervos, aumentando-lhe os batimentos cardíacos. Seus músculos estavam enrijecidos com a tensão. Embora não soubesse se seria bom aparecer sem aviso para tentar salvar qualquer tipo de relacionamento com Gavin, Emily sabia que não podia acrescentar mais números aos segundos que só faziam crescer, mantendo-os separados.

Tique-taque...

Distância

O sol poente caribenho formava sombras baixas sobre o piso de mosaico do pequeno bar a céu aberto. Sentado no ponto mais ao sul da Avenida 5, Gavin conhecia bem o local e o frequentava sempre que visitava a região. A fumaça subia, preguiçosa, da grelha onde ardia o fogo; o aroma de *tacos* e de *tamales* de camarão perfumava o ar. Ventos quentes começavam a soprar e seu coração partido batia rápido, no ritmo das ondas que quebravam na areia, à medida que ele absorvia as imagens e os sons à sua volta.

Os tambores de aço tocados na praia zumbiam por seus ouvidos e veranistas terminavam um jogo de vôlei na areia quente. Mulheres com corpos esculturais passavam camadas de óleo de bronzear nos seios com silicone. Um garotinho saltitou até a água turquesa e o pai saiu correndo atrás. Ao pegá-lo, rodopiou com ele. Um tanto zozzo, o garotinho deixou escapar uma gargalhada deliciosa. Gavin esboçou um sorriso. O homem saiu correndo da água com o filho enfiado debaixo do braço e o colocou na areia ao lado da mãe, interrompendo os raros momentos de paz da mulher.

Gavin sentiu uma pontada de pesar ao olhar o homem de meia-idade se agachar ao lado da esposa. Sorrindo, ele abraçou a amada e a beijou. Com uma clareza atiçada pela adrenalina, Gavin

se visualizou abraçado a Emily. Pegando o bourbon com o gelo já derretido, forçou-se a desviar os olhos do casal.

– Sr. Blake.

Gavin ergueu a vista e notou que um dos rapazes que trabalhava no hotel se aproximava com outro bourbon. Ele já o conhecia havia anos. Colocando a bebida diante de Gavin, Miguel ergueu e abaixou as sobrancelhas e, com a cabeça, indicou uma mulher sentada sozinha no bar.

– Isto, senhor, é daquela linda senhorita ali.

Gavin olhou discretamente na direção dela. Cruzando as pernas por baixo de um vestido de seda curto e leve, a mulher abriu um sorriso reservado e bebericou a *piña colada*. Os lábios pairaram sobre o canudo enquanto ela o observava com intensidade.

Em sinal de agradecimento, Gavin se limitou a fazer um meneio de cabeça. Voltou a atenção para o jovem funcionário mexicano, sacou a carteira do bolso traseiro e deu uma gorjeta ao rapaz.

– Obrigado, Miguel. Ofereça a próxima rodada para ela por minha conta. – Recostando-se, ele passou o braço por cima da cadeira que se encontrava ao seu lado. – Como vão a Maria e o pequeno?

– Ah, estão ótimos, Sr. Blake – respondeu ele, o olhar entusiasmado. – Estamos tentando ensiná-lo a jogar futebol. – O jovem sorriu e retirou o copo vazio de Gavin da mesa. – Esperamos vê-lo jogar na Copa do Mundo.

Gavin deixou escapar uma risadinha. Sorrindo, Miguel jogou um pano de prato no ombro.

– Aí eu e minha família vamos ter tanto dinheiro quanto você. Isso traz muita felicidade, não é?

Gavin girou o copo, fazendo tilintar o gelo da bebida. Deu um sorriso cansado para Miguel e respondeu, atormentado por imagens de Emily:

– É verdade. O dinheiro traz muita felicidade, Miguel. – Seu tom de voz era inexpressivo.

Miguel deu um largo sorriso e se virou, deixando Gavin com seus demônios. Uma dor quase insuportável se agarrava ao seu coração. Indesejados, flashes dos cabelos castanho-avermelhados

de Emily fazendo cócegas no seu rosto passaram por sua mente e sugaram os últimos vestígios de sensibilidade da alma de Gavin. Enquanto um misto de emoções refluía a cada respiração vacilante, a dor dava espaço à raiva. Porém, por mais que tentasse, Gavin não conseguia escapar de Emily. A necessidade que ela lhe causava enrijecia cada músculo de seu corpo e as lembranças deles juntos colidiam e nublavam sua mente.

A inquietação o sufocava e Gavin ergueu a cabeça. Seu olhar se dirigiu à mulher que lhe enviara o drinque. Ela até que era bonita. Na altura dos ombros, os cabelos vermelhos cheios e ondulados caíam sobre as alças do vestido leve. Gavin passou os olhos rapidamente por seu corpo elegante enquanto ela o fitava com um sorriso tímido nos lábios. Apesar de não a considerar uma mulher que se destacaria na multidão, Gavin não conseguia parar de fitar os olhos e o sorriso que iluminavam seu rosto. Observou-a deslizar graciosamente do banquinho do bar.

Ela pegou o drinque e a bolsa e se pôs a caminhar em sua direção. Com os olhos grudados nos dela, Gavin engoliu em seco, escutando saltos fazerem toque-toque no deque. No meio do caminho, a mulher se deteve. Inclinou a cabeça e examinou o rosto dele como se perguntasse se haveria problema em sentar-se junto. Gavin achou atraente a hesitação. Com um relutante aceno de cabeça, ele indicou o assento à sua frente.

Sorridente, ela desceu para o pátio que ladeava a praia. Puxando uma cadeira, colocou o drinque e a bolsa na mesa e a brisa morna soprou seus cabelos por cima do rosto. Quando ela enfiou as mechas de cabelos por trás da orelha, Gavin notou seus olhos verdes, o tom de uma assombrosa familiaridade, e teve que lutar desesperadamente contra pensamentos de Emily.

– Eu consigo reconhecer um homem de coração partido a mais de um quilômetro de distância – ronronou a mulher, afundando no assento. Cruzou as pernas e bebericou o drinque congelado.

Inclinou-se sutilmente sobre a mesa. Um sorriso sedutor surgiu em seus lábios reluzentes de *gloss* e seu olhar passou do rosto de Gavin para o peito. Depois de vagar por seus membros superiores, voltou a encará-lo.

– O que posso fazer para solucionar esse problema para você, Sr...?

Gavin se recostou e balançou a cabeça.

– Não é tão tímida quanto aparenta – murmurou ele, pegando a bebida. – Mas aparências enganam. Tudo bem. Eu também não sou tão tímido quanto pareço.

Gavin virou o resto do drinque, depôs o copo e deu um peteleco nele com o dedo médio. A condensação fez com que ele deslizasse sobre o tampo de vidro, tilintando de encontro a um cinzeiro. Descansou os cotovelos sobre a mesa, deu um sorriso afetado e uniu as pontas dos dedos debaixo do queixo.

– Então você quer solucionar o meu problema? Estou intrigado, Srta...?

A desconhecida mordeu o lábio e imitou a pose dele.

– Um: fico satisfeita por estar intrigado. Esse foi o meu único objetivo ao vir até aqui. Gosto quando um homem me acha intrigante. Dois: eu não sou tão tímida quanto aparento ser, querido. Longe disso. Três: eu nunca disse que você parecia ser. Nada a seu respeito dá essa impressão, e isso é bom.

Ela descruzou as pernas, tirou a sandália do pé direito e se abaixou para massageá-lo. Inclinando a cabeça, Gavin observou sério enquanto ela corria as unhas vermelho-sangue da sola do pé até a panturrilha. Acomodando-se outra vez na cadeira, enfiou o pé descalço por baixo do corpo e sorriu.

– Quatro: sim, eu gostaria de solucionar o seu problema da forma que você achar conveniente. Eu mesma estou passando por um período difícil, logo isso beneficiaria a nós dois. E cinco: você não me disse o seu nome, então por que eu iria lhe dar o meu? Ao que parece, sou um pouco mais velha que você, de maneira que você me deve respeito. Não concorda, Sr...?

Gavin deu um sorrisinho.

– Gavin Blake.

– Muito bem, Sr. Blake, cujo coração foi claramente machucado, é um prazer conhecê-lo. Sou a Srta. Layton, mas pode me chamar de Jessica.

Olhando fundo nos olhos dele, estendeu a mão por cima da mesa, oferecendo-a a Gavin. Ele a tomou e sentiu os dedos dela fazerem pequenos círculos na palma de sua mão. Jessica puxou a mão e deu uma ajustada nos seios.

– Então, quem é ela e por que diabos ela partiu o coração de um homem tão sedutor?

Gavin olhou para além de Jessica, como se tivessem atingido um ponto fraco seu. Ergueu a mão para que Miguel trouxesse outra rodada de drinques. Girou o pescoço para alongá-lo, recostou-se na cadeira e enfiou as mãos nos bolsos da bermuda cargo de cor cáqui. Com o rosto impassível e os olhos grudados nos dela, inclinou a cabeça para o lado.

– Vamos esclarecer algumas coisas. Seu nome é Jessica, correto?

Mostrando-se ligeiramente desorientada pela pergunta e pelo tom de voz, ela assentiu.

– Bem, Jessica, primeiro ponto: a minha vida e quem fez parte dela não são da sua conta. Não volte a me perguntar a respeito. Segundo: você pode achar que consegue solucionar o meu problema, mas eu estou bastante certo de que não. Entretanto, estou mais do que certo de que posso fodê-la até você perder a consciência, tirando da sua cabeça o recente momento difícil pelo qual passou. Eu posso ser mais novo do que você, mas você não é a minha primeira experiência. Está entendendo aonde quero chegar?

Com os olhos arregalados, Jessica entreabriu os lábios, mas não disse nada. Voltou a aquiescer.

– Ótimo, fico contente por estarmos falando a mesma língua. – Gavin entregou o cartão de crédito para Miguel, que se aproximara com os drinques. – Terceiro: eu já estive com muitas mulheres intrigantes, então não leve a minha afirmação como elogio. Não há nada de lisonjeiro em considerar uma mulher intrigante devido à sua abordagem meio pirada, louca por sexo. Quarto: se você quiser trepar, a gente trepa. Minha casa fica a dois minutos daqui, a pé. Mas vou logo avisando que será só isso. Não pense que vai dormir por lá. Vou comer você, e vou comê-la muito bem, mas vou mandá-la embora assim que a nossa trepadinha terminar. Não vou dar o

meu telefone e você nunca mais vai fazer parte dos meus pensamentos. E, então, Jessica... – Gavin apoiou o queixo nas mãos, com a testa franzida, como se tentasse lembrar seu sobrenome.

– Layton – completou Jessica, a voz falha. – Meu sobrenome é Layton.

– Ahh, isso mesmo. Então, Srta. Jessica Layton, agora é com você.

Gavin passou a mão pelos cabelos e lhe deu uma piscadela. Mais uma vez, Miguel se aproximou da mesa com o cartão de crédito de Gavin. Após enfiá-lo na carteira, Gavin olhou para Jessica, ainda muda, os dedos esfregando o pescoço.

– A escolha é sua, porque, sinceramente, se a gente não fizer isso – ele deu de ombros –, eu volto para casa e bato uma punheta.

Chocada, Jessica se levantou, calçou as sandálias e pegou a bolsa.

Supondo que a reação grosseira a tivesse espantado, Gavin encolheu os ombros mais uma vez e voltou a contemplar a família que estivera admirando antes. Observou-os se dirigirem, de mãos dadas, para uma lata-velha de merda de duas portas. Sabia que sua riqueza não se comparava à felicidade deles. Queria aquela felicidade. Queria aquela lata-velha de merda.

– Está pronto? – perguntou Jessica, a voz denotando urgência sexual.

Gavin desviou a atenção daquele sonho e viu Jessica arrancar o bourbon de suas mãos e tomá-lo de um gole só. Depois de colocar o copo vazio sobre a mesa, passou as pontas dos dedos pelas têmporas de Gavin, descendo-os por sua face e percorrendo a curva do seu queixo. Ele ficou com o corpo completamente rijo e tentou não se encolher diante do toque. Levantou-se e agarrou a mão de Jessica. Como se tivessem vontade própria, os pés os conduziram à sua casa.

– Então, você não está só um pouquinho curioso quanto ao motivo de eu estar sozinha no México? – perguntou Jessica enquanto atravessavam um pequeno passadiço de madeira.

Olhando para as ondas que quebravam, com os últimos raios de sol adormecendo abaixo do horizonte, Gavin balançou a cabeça.

– Na verdade, não.

– Sabe, você não é um cara muito bacana.

Ela soltou a mão e isso não afetou Gavin de jeito nenhum. Ainda assim, Jessica o seguiu bem de perto.

– Não, eu não sou um cara muito bacana – resmungou Gavin, se perguntando inutilmente onde Emily estaria naquele momento.

A solidão invadiu-lhe o peito, mas ele deu as boas-vindas à sua presença sufocante. Aquilo era algo que ele conhecia bem, lhe era muito familiar. Quase a considerava uma velha amiga.

– Certo. – Jessica bufou, o tom tenso de ceticismo. – Bem, considerando o que estamos prestes a fazer, será que você podia tentar ser... agradável?

Parando um pouco antes de chegarem à sua casa, Gavin a encarou, a testa franzida.

– Olhe aqui, eu fui sincero. Posso fazer sexo, mas não vou fazer agrados. É pegar ou largar.

Por um milésimo de segundo, Gavin sentiu o estômago embrulhar. Fora criado para sempre tratar as mulheres com respeito e imaginou o pai enojado com a forma que estava agindo. Ainda assim, o pensamento foi efêmero. O velho hábito gritava, acenando com seu efeito paliativo.

Feche-se em si mesmo. Desligue-se. Desconecte-se.

Jessica franziu os lábios.

– Tudo bem. Mas só porque eu preciso disso mais do que você imagina.

Já na varanda dele, Jessica jogou os cabelos vermelhos para o lado e Gavin se viu subitamente engolfado pelo perfume de seu corpo. O perfume de jasmim evocou lembranças que vinha tentando esquecer. Aquilo o balançou, quase fazendo-o perder o equilíbrio. Respirou fundo e voltou a firmar o corpo. Baixando a vista para os olhos verdes dela, cheios de desejo, passou a mão por sua nuca e a puxou com força em direção à boca. Jessica pressionou o peito de encontro ao dele e deixou escapar um gemido, as mãos subindo para lhe agarrar os cabelos. Apesar de ser próprio de um anseio

sedutor e feminino, não era o gemido que ele desejava ouvir. Os lábios dela, doces à sua maneira, não lhe davam a sensação adequada quando colados aos dele. Não se encaixavam como uma peça de quebra-cabeça.

A raiva foi se insinuando e Gavin se pôs a beijá-la com uma intensidade voraz. Pressionou-a contra a parede, agarrou sua coxa e enroscou suas pernas ao redor da própria cintura. Ela soltou o ar pesadamente enquanto ele passava a mão de forma rude por baixo do vestido, sob a calcinha. Com um movimento rápido, enfiou três dedos nela. Os quadris de Jessica saltavam a cada estocada dele e ela se agarrou ao seu pescoço, segurando o colarinho da camisa de linho branco entre os punhos cerrados. A boceta, apesar de molhada e tão receptiva quanto qualquer homem no mundo poderia querer, pareceu-lhe estranha. Ao constatar isso, Gavin enfiou os dedos ainda mais fundo, com mais força.

– Espere – ronronou ela, tentando recuperar o fôlego. Inclinou a cabeça para trás e o olhou nos olhos. – O que é que você está fazendo? Vai me comer aqui fora mesmo?

Com um sorriso presunçoso, Gavin recuou, deixando-a prostrada contra a parede.

– Pelo visto, você não é tão divertida quanto pareceu – murmurou ele, tirando o chaveiro do bolso.

Enfiou a chave na porta, destrancou-a e a manteve aberta enquanto esperava que Jessica ajeitasse as roupas.

Com um suspiro, ela pegou a bolsa do chão. Ao passar por ele, revirou os olhos. Deixando a bolsa cair sobre uma mesa antiga de pés esculpidos no vestíbulo, Jessica contemplou a espaçosa casa de beira de praia.

– Bonito lugar. – Ela se virou para ele com um sorriso, demonstrando que estava impressionada. – E, então, onde estávamos?

– Você ia tirar a roupa para mim.

Gavin atirou o chaveiro em cima da mesa e tirou a camisa. Encostou-se no batente da porta da cozinha e cruzou os braços, olhando-a se despir.

Jessica tirou a última peça de roupa e foi até Gavin. Tomou seu rosto entre as mãos e começaram a se beijar. Foi então que Gavin empurrou Emily para dentro do armário do seu coração dolorido, trancou a porta e atirou a chave longe. Enquanto desafivelava o cinto, veio-lhe à mente um pensamento nítido.

Emily ficaria orgulhosa por ele estar levando um “preenchedor de vazios” para a cama naquela noite.

Aos pedaços

O medo devorava o estômago de Emily, que ansiava desesperadamente por Gavin. Ela entregou as malas para a comissária de bordo ao entrar no jato particular da Blake Industries e Olivia ergueu a sobrancelha, brincalhona.

– Humm, talvez eu precise partir alguns corações para conseguir esse tratamento especial... É isso. Está decidido. Enquanto você estiver fora, vou encontrar um ricoço, deixar o cara louco por mim e aí termino com ele. Depois faço o irmão dele me mandar para onde ele estiver, no meio do maior luxo, para eu reconquistá-lo.

Emily fitou Olivia, inexpressiva, com a boca aberta.

– Você sabe que eu só estou brincando, Em.

Olivia riu e agarrou a mão de Emily, puxando-a para os fundos do jato.

Tentando manter o ritmo da amiga, Emily suspirou e balançou a cabeça.

– O que é que você está fazendo, maluca? Você não vai vir comigo. Ou isso é mais uma coisa que você decidiu, de veneta?

– Este é o jato novo da Blake Industries. Se você acha que eu vou descer antes de inspecionar cada centímetro, é tão avoada

quanto eu sempre achei. – Olivia se deteve e bufou. – Eu acabei de fazer uma piada. Avoada, voo, voar, voando. Entendeu?

– Sim, eu entendi, Liv. Você quer saber o que eu decidi de veneta?

Olivia inclinou a cabeça, os olhos arregalados.

– Você não vai mudar de ideia, vai? Eu disse que só estava brincando, Em. Você sabe que eu sou sua maior fã. Sei quanto isto é assustador para você: essa história toda do voo, a possibilidade de Gavin não querê-la de volta, mas você tem que fazer isso. O piloto não parece estar bêbado, quer dizer, pelo menos não muito, então é bastante seguro dizer que você está em boas mãos. Além do mais, se não for, nunca vai descobrir o que poderia ter acontecido com você e Gavin. Vai se arrepender pelo resto da vida.

Emily pousou as mãos nos ombros da amiga.

– Eu não vou mudar de ideia, Olivia, mas decidi que você não pode mais tomar cappuccino. – Emily baixou os braços e sorriu. – Para uma pessoa que praticamente vibra depois de uma xícara... com duas, você parece que fumou crack.

– Ah. Certo. Minha mãe diz a mesma coisa, menos a parte sobre o crack. – Olivia estendeu a mão em direção à porta da cabine dos fundos. – Ela costuma dizer que eu fico com cara de psicopata.

– O que você está fazendo? A gente não pode entrar aí.

Olivia virou a cabeça bruscamente para ela.

– Por que não?

– Porque é a cabine privada do Gavin e do Colton.

– Grande coisa. – Olivia deu de ombros e abriu a porta com um empurrão. – Como eu disse, quero fazer o *grand tour* antes de descer.

Emily balançou a cabeça e observou Olivia desaparecer cabine adentro. Quando as turbinas rugiram, ganhando vida, ela fechou bem os olhos e fincou as unhas no encosto dos assentos de couro creme. A vibração logo despertou o seu medo de voar. Ela estremeceu. Com a respiração entrecortada e o coração batendo contra as costelas, Emily se fixou no único motivo para estar ali.

Gavin...

Reprimindo o instinto de sair correndo do jato, Emily retomou o equilíbrio, enxugou o suor que se acumulava na nuca e deu dois passos hesitantes à frente. Tentou respirar fundo pelo nariz enquanto dava mais um passo, as unhas quase furando o couro gelado. Agarrando o batente de mogno liso da porta da cabine, Emily espiou para dentro e encontrou Olivia esparramada numa cama king-size, o sorriso preguiçoso demonstrando que estava bem confortável.

– Levanta daí – ordenou Emily, e atravessou o quarto, tremendo.

Com um sorriso amarelo, Olivia se sentou e franziu os lábios.

– Sério, você não é nada divertida.

– Eu sei.

Emily passou a mão pelos cabelos. Os olhos percorreram o aposento e pousaram sobre um boné azul dos Yankees pendurado num gancho ao lado do frigobar. Ficou paralisada por um instante. Ignorando tanto o medo de voar quanto as reclamações de Olivia, que se levantava da cama, Emily roçou as pontas dos dedos nele suavemente, o coração pesado com a lembrança do sorriso de Gavin luzindo ao sol durante o jogo a que tinham assistido havia poucos meses.

Como se o boné lhe queimasse a pele, Emily retraiu a mão e lágrimas quentes embaçaram sua vista. Recuando, mais uma vez resistiu à tentação de fugir... de sair correndo. O hábito de correr de tudo a consumia, mas foi desaparecendo à medida que um sorriso brotou aos poucos em seus lábios. Fechou os olhos, uma lágrima escorrendo pela face, e permitiu que o doce sorriso de covinhas de Gavin a enlevasse. Permitiu que ele a atirasse no desconhecido que haveria de ser o futuro dos dois. Se é que haveria algum futuro.

Emily sentiu uma mão em seu ombro e enxugou as lágrimas, para evitar que Olivia percebesse que estivera chorando. Rapidamente, se virou e passou por ela.

– Você está bem? – perguntou Olivia, seguindo-a pelo corredor do jato.

Deslizando para uma das poltronas, Emily encostou a cabeça na janela.

– Estou ótima.

Cruzando os braços, Olivia ergueu uma sobrancelha em sinal de ceticismo.

– Você não sabe mentir.

– É. Minha mãe costumava me dizer isso – sussurrou Emily, encarando Olivia.

Com um sorriso cansado, Olivia inclinou o corpo por cima do assento e tomou o queixo de Emily entre as mãos.

– Bem aqui, neste instante, você está exatamente onde deveria estar. Tudo vai ficar bem. Sei que você não acredita em mim, mas acho que estou tendo um momento meio mediúnico. Vai tudo acabar com um monte de bebês numa minivan verde horrorosa com o Sr. Gavin Gostoso Blake. Você vai ver. – Olivia deu uma beijoca no topo da cabeça de Emily, endireitou o corpo e se afastou. – Me mande uma mensagem quando aterrissar! – gritou, deixando a aeronave.

Após recusar uma bebida e um lanche da comissária, Emily fechou os olhos e tentou se concentrar na tal minivan cheia de bebês. O rosto de Gavin passou como um lampejo por seus pensamentos, fazendo-a sentir um misto de ansiedade e esperança enquanto o jato se deslocava. O som do coração acelerado foi engolido pelo rugido das turbinas. Ela calculou que o voo de Nova York a Playa del Carmen duraria quatro horas e quinze minutos. Depois disso, sua vida seria mudada por completo, mais do que já havia sido. Segurando os braços da poltrona com força, as palmas das mãos suadas, Emily Cooper se viu numa situação muito diferente da última vez que estivera a caminho de um novo destino, de um novo começo. Com um suspiro, observou os gigantes de aço da cidade desaparecerem por baixo de uma manta de nuvens. Angustiadada, rezou para que o que estava fazendo de fato mudasse sua vida.

Dessa vez, para melhor...

Dessa vez, não mais com medo...

Dessa vez, lutando pelo homem que o destino escolhera para ela...



Depois de passar uma hora na fila da alfândega, Emily atravessou o aeroporto cheio com a mala preta de rodinhas. Foi serpenteando em meio aos mais variados turistas, de todas as etnias possíveis, mais nervosa a cada passo. Tinha chegado e já não havia como dar meia-volta. Apenas torcia para que, quando partisse, tivesse Gavin a seu lado.

No entanto, não nutria muitas esperanças de que isso acontecesse.

Ao emergir do prédio abarrotado, ela estreitou os olhos diante do sol ofuscante, a pele ardendo. Procurou o chofer que a secretária de Colton dissera que estaria à sua espera. Através da enorme confusão de vendedores ambulantes oferecendo mantas feitas à mão, bonecas e camisetas, Emily avistou um homem baixo de cabelos escuros que segurava uma placa com seu sobrenome.

Aproximando-se, ela sorriu e mostrou-lhe o passaporte.

– Oi, eu sou Emily Cooper.

– Sim. Sim. Olá, Srta. Cooper.

Pegando a bagagem de Emily, o homem sorriu e a conduziu em direção a uma limusine preta estacionada em meio a diversos ônibus nas ruas apinhadas.

– É a sua primeira vez em Playa del Carmen?

Ele abriu a porta para ela.

Emily entrou, agradecida pelo ar-condicionado.

– Obrigada. É, sim.

Depois de fechar a porta, o homem colocou os pertences dela na mala, contornou o veículo e se acomodou ao volante. Ajustando o espelho levemente, olhou o reflexo dela ao lhe dirigir a palavra.

– Bom, seja bem-vinda. Nossa cidade é linda. Meu nome é Javier. Vou dar para a senhorita um bom tour no caminho até o hotel. *Si?*

– Ah, na verdade, não estava planejando ir direto para o hotel.

– Emily vasculhou a bolsa e pegou o papel onde estava escrito o endereço de Gavin. Não queria passar mais um minuto sem vê-lo,

por isso deslizou no assento e mostrou o papel para Javier. – Gostaria de passar por aqui primeiro, se puder, por favor.

Assentindo, Javier se afastou do meio-fio e sorriu, os olhos castanhos brilhando no reflexo.

– Mas é claro, Srta. Cooper. Aonde quiser ir. Eu a levarei ao seu destino em um instante.

– Obrigada, Javier.

Emily se recostou e tentou processar cada emoção que lhe ocorria. A necessidade de ter Gavin ao seu lado a golpeou outra vez, intensificada para além de qualquer coisa que já tivesse sentido. A ansiedade foi apertando seu peito. Ela se remexeu, inquieta. Com a respiração cada vez mais difícil, ela observou ônibus, lambretas e veículos da Fifa – a polícia mexicana – passarem a toda por ela. Embora a viagem até o coração de Playa del Carmen tivesse levado menos de vinte minutos, a espera lhe pareceu eterna. Com um nervosismo extremo, Emily teve dificuldade em se concentrar enquanto a limusine dobrava numa rua deserta e estreita ladeada por algumas mansões.

Quando o veículo parou diante da casa de Gavin, ela respirou fundo e conteve todos os instintos que lhe diziam que ele não ia aceitá-la de volta. Abriu a porta antes que Javier tivesse a oportunidade de saltar da limusine. Desceu e tentou absorver aquela estrutura monumental. Telhas clássicas de terracota mexicana coroavam a joia de estuque branco empoleirada sobre uma colina com vista para as imaculadas águas do Caribe. Afastou do rosto os cabelos castanho-avermelhados emaranhados pelo vento e constatou que seu cérebro estava paralisado, embora o corpo ignorasse o apelo para que ela não se movesse. O corpo, já nauseado de tanta ansiedade, sentia a atração exercida por Gavin, profunda e familiar, que a invadira desde a primeira vez que o vira. Antes que se desse conta, começou a se dirigir até a casa. Javier a chamou, mas ela ergueu uma das mãos, sinalizando para que ele a aguardasse.

De pé diante da porta de mogno escuro com vidro bisotado e jateado que se erguia como uma torre diante de sua estatura minúscula, Emily lutou contra as lágrimas, ergueu a mão trêmula e

tocou a campainha. O coração acelerou, o ribombar ecoando nos ouvidos, quando um vulto indistinto se aproximou para atender. Com o corpo rijo de temor – um temor que ela mesma provocara ao fazer tudo aquilo com ela e com Gavin –, Emily fechou os olhos e tentou se agarrar a alguma minúscula esperança de que não estivesse prestes a enfrentar o desastre que a mente lhe dizia ser iminente. Antes de a porta se escancarar, vislumbres dos olhos azuis de Gavin penetraram os pensamentos de Emily. No entanto, não foram esses olhos que a receberam.

Uma mulher alta e magra sorriu para ela, com cabelos negros presos num coque apertado, usando um uniforme de empregada.

– *Puedo ayudarla?*

– Humm, sim. O Gavin está? – perguntou Emily, tentando controlar o tremor da voz.

– *No. El señor Blake no está aquí. Se fue a beber a Akumal.*

Emily balançou a cabeça.

– Desculpe, eu só falo inglês.

– *No entiendo lo que está diciendo. El señor Blake no está aquí.*

Emily se virou e fez sinal para Javier, que esperava na estrada de acesso com a bagagem.

– *Sí, señorita Cooper* – disse ele, subindo as escadas até a varanda coberta. – Eu trago as suas malas para você. Bom?

– Não, obrigada, Javier. Acho que o Sr. Blake não está em casa e esta mulher está tentando me explicar onde ele se encontra. Pode traduzir para mim?

– Ahh, mas é claro. – Sorrindo, Javier voltou a atenção para a mulher. – *Juanita, buenas tardes.*

– *Buenas tardes.*

– *Colton me envió al aeropuerto a recoger a esta joven y traerla de vuelta a ver a Gavin. Está en casa?*

Emily esperou com toda a paciência possível enquanto conversavam. Ao término, a mulher fez um aceno de cabeça antes de fechar a porta.

Javier olhou para Emily.

– O Sr. Blake está num bar em Akumal. Não é longe de carro. Talvez vinte minutos. Venha. Eu a levo até lá.

Emily observou Javier correr até o carro. Depois de colocar a bagagem de volta no porta-malas, ele abriu a porta da limusine. Ainda de pé na varanda, Emily hesitou. A mente ainda girava, analisando cada motivo pelo qual não devia aparecer num lugar público para ver Gavin. Não podia. Não seria certo. Precisavam de privacidade para discutir tudo. Embora a dor da espera para vê-lo latejasse em seu peito, Emily decidiu que se instalaria em seu quarto de hotel e que voltaria à noite. Assim, aproximou-se de Javier para lhe avisar de seus planos.

Quando chegou perto da limusine, virou a cabeça de súbito na direção de um barulho de pneus triturando o cascalho da estrada, a distância. Erguendo a mão para proteger os olhos do sol, avistou um carro esporte grafite fazer uma curva fechada para a esquerda e entrar na pista de acesso à casa. Como os vidros eram escuros, Emily não conseguiu enxergar quem estava ao volante. Isso não impediu que o coração, que batia como um tambor, parasse por completo por um longo segundo. Ao tentar inspirar, ele voltou à vida com um batimento falho quando Gavin saltou do veículo, sorridente. Emily pestanejou, hesitante, imaginando que ele ainda não a tivesse visto. Confusa com o que estaria testemunhando, sentiu um calafrio percorrer seu corpo quando não um, mas dois motivos para o alto astral de Gavin saltaram do carro. Dando um passo incerto para trás, foi tomada pelo pânico no momento em que o olhar dele cruzou com o dela. Seu sorriso desapareceu imediatamente. Emily pôde ler a pergunta em seus olhos e teve certeza de que ia desmaiar.

Inclinando a cabeça em sinal de confusão, Gavin estacou. Sabia que os últimos dias o tinham afetado, mental e fisicamente, e que havia algum álcool correndo por suas veias, mas estava bastante certo de não estar vendo coisas.

– Que porra é essa? – sussurrou. Arrancou os óculos escuros do rosto e esfregou a base das mãos nos olhos.

– O que foi? – perguntou a bela morena, roçando os lábios vermelhos em seu maxilar. – Até parece que você viu um fantasma.

Gavin girou o ombro, afastando-a.

– Eu vi – respondeu, ríspido.

A loura platinada estonteante estalou o chiclete na boca.

– Credo! Isso, sim, é dupla personalidade. O que foi?

Gavin desviou a atenção de seus “preenchedores de vazios”, os olhos grudados em Emily, que se virava para entrar na limusine. Sem dizer mais uma palavra, ele correu até ela, o corpo reagindo da única forma que conhecia. Com o coração na boca e a confusão martelando a cabeça, Gavin estendeu a mão e lhe agarrou o cotovelo.

– O que é que você está fazendo aqui, Emily?

A sensação da pele macia atingiu sua mente, provocando lembranças que tentava esquecer.

Emily não conseguiu se virar. Com a respiração pesada, engoliu em seco, nervosa, e tentou encontrar as palavras.

– Eu vim conversar com você – sussurrou.

Gavin a soltou e deu um passo para trás.

– Olhe para mim – ordenou, a voz baixa.

Com a pulsação acelerada, Emily se virou devagar. Olhando fundo naqueles olhos azuis confusos, ela agarrou a porta para firmar o corpo.

O rosto lindo de Emily quase tirou o fôlego de Gavin. Seus olhos se afastaram dos dela, indo pousar nos lábios trêmulos. Lábios que Deus criara para se encaixarem nos dele. Lábios que haviam perseguido cada um de seus sonhos desde que partira. Os cabelos sedosos chicoteavam à sua volta na brisa morna, cabelos criados para fazer cócegas no rosto dele enquanto fizessem amor. Gavin tentava respirar, debatendo-se contra a necessidade que sentia dela e se irradiava por cada músculo tenso do corpo, culminando numa queimação lenta e torturante. O peito se contraiu de amor, mas a raiva fervia sob a pele. Um sorriso desdenhoso se formou em sua boca.

– Seu marido permitiu que você viesse me ver? Nunca achei que o Dillon fosse do tipo que concedesse à mulher um casamento aberto.

Os joelhos de Emily fraquejaram, o olhar pleno de confusão.

– Eu não me casei com ele, Gavin. Você sabe disso. Eu... Eu liguei. Deixei recados. – Ela não conseguia impedir que as lágrimas

se acumulassem em seus olhos ao fitar a expressão chocada de Gavin. De repente, as palavras saíram numa enxurrada: – Eu deixei o Dillon naquela noite e fui à sua cobertura. Tenho ligado para o seu celular todos os dias nas últimas semanas. O Colton ligou e deixou recados com a sua empregada. O Trevor, a Olivia, todos nós. – Emily desviou a vista, os olhos fixos nas duas acompanhantes de Gavin encostadas no Jaguar. Balançou a cabeça e voltou a encará-lo. – Não acho que você vá me aceitar de volta, mas precisava vir até aqui e dizer que sinto muito. Eu precisava dizer quanto te amo, Gavin. Quanto preciso de você na minha vida.

Fitando o chão, Gavin entrelaçou as mãos na nuca. Subitamente, ergueu a cabeça e olhou para o motorista.

– *Javier, dame sus cosas.*

Javier assentiu.

– *Por supuesto, señor Blake.*

Emily observou Javier retirar sua bagagem do porta-malas e passá-la para Gavin. Depois de lhe agradecer, Gavin pegou a mão de Emily com força e a conduziu até o carro. Lutando para manter o ritmo, os saltos de Emily batiam freneticamente no pavimento. Ela fitou as duas mulheres.

A morena arqueou uma das sobrancelhas e colocou a mão na cintura.

– Hum, a gente não se importa de acrescentar uma quarta pessoa a esse ménage, mas, ainda assim, acho que você devia ter perguntado antes.

A loura assentiu e ajeitou a camiseta rosa sem manga. Emily mordeu o lábio, os olhos arregalados para Gavin.

Ele suspirou fundo, puxou Emily até a lateral do carro e atirou a mala no banco traseiro. Abrindo a porta do carona, olhou para Emily.

– Entre.

– Como? – perguntou ela, chocada.

– Você me ouviu, Emily. Entre – insistiu ele, dando a volta no carro.

A loura inclinou a cabeça para o lado.

– Aonde é que a gente vai?

– Vocês duas vão para casa – avisou Gavin, curto e grosso. Ele olhou para o motorista, que parecia estar igualmente confuso. – *Necesito que lleves a estas dos a casa, de acuerdo?*

– *Sí, señor Blake.*

Javier fez sinal para que as duas mulheres se aproximassem.

– Você está enxotando a gente? – questionou a morena. – Não pode fazer isso.

– Acabei de fazer isso. Tenham um ótimo dia, senhoritas – replicou Gavin, olhando fixamente para Emily por cima do teto do carro. Com um displicente dar de ombros, desconsiderou por completo o arquejo emitido por uma delas. – Entre no carro, boneca.

Dobrando-se à sua vontade, Emily fechou a boca e se acomodou no banco. Depois de fechar a porta, Gavin apertou um botão e deu partida no carro. Acelerou algumas vezes e o motor rugiu, mandando um aviso para as mulheres que continuavam atrás do veículo. Levando-o a sério, elas recuaram para cima da grama e cruzaram os braços, claramente aborrecidas. Com elas fora do caminho, Gavin pisou no acelerador e o elegante Jaguar saiu de ré pela pista de acesso, cantando pneu.

Gavin baixou a janela e gritou para Javier, que estava prestes a entrar na limusine:

– *Sabes en que hotel se está quedando?*

– *Sí, en el Real, señor Blake.*

– *Gracias* – respondeu Gavin. Segurando o câmbio e o volante com força, ele olhou para Emily. – Coloque o cinto.

– O que você perguntou a ele?

– Perguntei em que hotel você está hospedada. Agora, coloque o cinto de segurança.

Sentindo a tensão emanar dele, Emily obedeceu. Gavin passou a marcha com brutalidade e partiu. A poeira se elevou, envolvendo o carro. De soslaio, Emily observava Gavin, os olhos fixos na estrada, o rosto dolorosamente impassível, o coração apertado com o longo silêncio entre os dois. Gavin pegou a autoestrada e a adrenalina correu pelas veias de Emily enquanto ele passava as marchas sem o menor esforço. Costurou por entre alguns veículos

mais lentos e o velocímetro chegou perto dos 140 quilômetros por hora.

Emily ficou tensa e agarrou a alça de segurança que ficava acima de sua cabeça, olhando para Gavin.

– Você vai nos matar.

– Eu já estou morto – retrucou ele, trincando os dentes.

Agarrou o volante com mais força e pisou de novo no acelerador, dessa vez com mais violência. O impacto atirou o corpo de Emily para trás.

– Gavin! Você perdeu a cabeça?

Gavin girou o volante rapidamente para a direita e a traseira do carro derrapou até parar, com um guincho, no acostamento. Outros motoristas enfiaram a mão na buzina, passando voados por Gavin e Emily enquanto a poeira se assentava ao redor do veículo. Arquejantes, eles se entreolharam.

E agarraram-se um ao outro.

– Eu já estou morto – repetiu Gavin em voz baixa, mas a raiva em sua voz era tão clara quanto o céu sem nuvens.

Algo aconteceu dentro dele ao fitar os lábios de Emily. Com um movimento brusco, ele destravou o cinto dela e sentou-a em seu colo.

A respiração de Emily falhou enquanto ela fitava aqueles olhos cheios de dor. Sem conseguir controlar o desejo, espremeu os lábios contra os dele e lhe agarrou os cabelos por trás, suplicando perdão, absorvendo seu sabor familiar ao passear a língua em sua boca.

– Eu sinto tanto, Gavin. Não tenho como apagar o que fiz com você. Você sabe que não posso, mas eu te amo. Meu Deus, eu te amo tanto...

Gavin apertou as suas coxas e enfiou as mãos por debaixo do vestido. Agarrou a cintura de Emily e deixou escapar um gemido quando ela arqueou as costas de encontro ao seu peito. Sentiu os mamilos enrijecidos através do algodão leve e jurou que ia perder o controle ali mesmo. Lambendo sua boca com sofreguidão e tentando saborear cada gemido que ela soltava sob o toque dele, Gavin lutava contra a dúvida que atormentava sua mente. Com uma das mãos ainda acariciando a cintura de Emily, tomou os

cabelos dela e os puxou com mais força em direção aos próprios lábios. Ela gemeu e remexeu os quadris, roçando com força no seu pau, que começava a levantar. A respiração entrecortada ecoava nos ouvidos dele junto com as palavras que ela lhe dissera na noite do jantar.

– Merda! – rosnou Gavin, afastando a boca de forma violenta.

Com a mão ainda emaranhada entre os cachos ondulados, ele a encarou por entre os olhos semicerrados.

Antes que Emily conseguisse recuperar o fôlego, Gavin abriu a porta e desceu do carro, deixando-a ajoelhada no banco do motorista. Ela agarrou o encosto de cabeça e o observou caminhar de um lado para outro da estrada, as mãos agarrando a cabeça.

– Merda! – repetiu ele, agachando-se para pegar algo no chão.

Com os olhos arregalados, Emily deu um salto quando Gavin atirou uma pedra no vidro traseiro, rachando-o. Sem hesitar, ele jogou outra contra a lanterna traseira. Emily ofegou. Confusa e com a raiva borbulhando em suas veias, puxou a mala por cima do banco e saiu correndo de dentro do carro, na direção oposta à de Gavin. As lágrimas escorriam livremente enquanto ela tentava puxar a bagagem pelas pedras.

– Aonde pensa que vai, Emily? – gritou Gavin, indo atrás dela.

Sem parar, ela lhe mostrou o dedo médio e continuou andando sem destino.

Chegando ao lado dela, Gavin agarrou seu cotovelo e a girou, um sorriso torto nos lábios.

– Você está no meio do México, boneca.

– E você é um babaca! – sibilou ela, os olhos faiscando. Secou as lágrimas do rosto.

– Ahh, tão linda mesmo quando está zangada. – Ele tomou-lhe o queixo e passou o polegar debaixo do seu olho para limpar o rímel borrado. Deu um passo atrás e cruzou os braços. – E ainda adora me chamar de babaca, né?

Abrindo os braços, ela deu um passo à frente, o queixo erguido.

– O que é que você quer de mim, Gavin? Eu vim aqui para pedir desculpas. Você sabia muito bem que eu não tinha me casado e,

ainda assim, não atendeu os meus telefonemas e fica dizendo que está morto? Eu é que estou morta!

– Eu estou morto, sim, porra! – Gavin chegou mais perto, enlaçou-a e a puxou em direção ao peito. Olhando fundo naqueles olhos verdes lacrimosos, resistiu à tentação de beijá-la outra vez. – Você me matou, Emily – sussurrou ele, afastando os cabelos do rosto dela. Aproximando-se do seu ouvido, tirou a mala de sua mão, a voz um sussurro acalorado. – Eu não sabia que você tinha desistido do casamento. Joguei o telefone fora no dia em que vim para cá e não li nenhum dos recados que a merda da empregada deixou para mim. Joguei todos eles no lixo.

Ele se virou de repente e foi para o carro.

– Gavin, espere!

Ele se deteve e balançou a cabeça, recusando-se a encará-la. Aproximando-se lentamente, Emily engoliu em seco, a cabeça ainda mais confusa do que quando havia chegado.

– O que está tentando me dizer? – perguntou ela, dando um cuidadoso passo à frente. – Fale logo, Gavin, eu preciso saber. O que é que a gente está fazendo?

– Eu não sei o que a gente está fazendo, Emily. – Ele fez uma pausa, os olhos passando dela para a autoestrada, e de volta para ela. – Eu não sei o que quero neste momento.

– Eu estraguei a nossa relação – sussurrou ela, levando a mão ao rosto enquanto fitava o chão. Tentando recuperar o fôlego que ele havia roubado dela, ergueu a cabeça. – Sim, eu estraguei a nossa relação.

Gavin a encarou por um longo momento, a mente lutando contra o que o coração queria.

– É, acho que sim – concordou ele, baixinho. Respirou fundo e se virou. – Vamos... Vou levar você de volta para o hotel.

Emily sentiu-se tonta, como se o sangue tivesse todo afluído para fora da cabeça. Quando chegara ali, sabia que ele poderia rejeitá-la, mas nada poderia tê-la preparado para a solidão que a invadia. Atordoada, voltou para o carro e se acomodou no banco. Incapaz de decifrar o que sentia, Emily não conseguiu encarar Gavin quando ele deu partida no motor. Recostou a cabeça e olhou pela

janela, sem enxergar nada de fato. Fez o que pôde para não explodir num ataque de histeria enquanto Gavin conduzia o carro de volta para a autoestrada.

– Como vou saber que você não vai voltar para ele? – A voz baixa e quase sumida de Gavin rompeu o silêncio. – E o que a faz achar que eu acredito que você não voltaria?

Emily virou a cabeça em direção a ele, os lábios entreabertos. O olhar de Gavin continha muita dor e foi então que ela se deu conta de quanto o magoara. Assumiu um risco calculado e estendeu a mão, roçando as pontas dos dedos pela sombra da barba. Sentiu-o enrijecer o corpo e aquilo machucou seu coração. Baixou a mão sobre o colo e olhou para baixo.

– Eu não quero Dillon, Gavin. Eu te amo – sussurrou ela, secando uma lágrima que escorrera por seu rosto.

– Você está dizendo isso agora. – Ele voltou a fitar a estrada. – Você me ama enquanto estiver aqui, Emily. E quando voltar para Nova York? O que vai acontecer quando o vir outra vez?

Ela cobriu a boca com a mão e um soluço lhe subiu pela garganta.

– Eu não sei como fazer você confiar em mim se não me der uma chance, Gavin. Não sei.

Soltando o ar, Gavin agarrou o volante e não disse mais uma única palavra pelo restante da viagem.

Ao chegarem ao hotel, Emily não estava bem certa se o coração ainda batia. Não estava certa se conseguia se mexer... se conseguia respirar. No entanto, sabia que a alma se estilhaçara em um milhão de minúsculos pedaços, espalhados em algum trecho de uma autoestrada do México. Enquanto tons de rosa, roxo e laranja substituíam o sol que desaparecia no horizonte, Gavin saiu do carro e pegou a bagagem de Emily. Entregando-a ao mensageiro, enfiou a mão no bolso em busca de uma gorjeta e disse algo em espanhol.

Emily saltou e caminhou até Gavin. As palavras fluíram de sua boca, bem baixinho:

– Você tem ideia do que é querer tanto uma coisa a ponto de se dispor a mudar toda a sua vida?

Gavin esquadrinhou seu rosto.

– Está falando da maneira que eu me dispus a mudar a minha vida por você?

– É. Eu acho que nós dois estávamos dispostos a fazer isso, Gavin. Eu estava pronta para dar aquele mergulho sem nunca mais olhar para trás. Nunca mais. Estava pronta para arriscar tudo, deixar de lado o medo absurdo que eu sentia porque sabia que você e eu valíamos a pena. A gente se apaixonou em um segundo. Eu mal consegui piscar e você já tinha virado o meu mundo todo de pernas para o ar. Tive medo de que você não fosse... real. Tive medo de que ninguém conseguisse ser tão magnético como você é para mim. Isso ainda me assusta. Você ainda me assusta. – Emily balançou a cabeça. – Aí, eu vi a Gina e todos os meus medos voltaram. Meu coração quis acreditar em você, mas a minha cabeça não queria permitir isso depois que eu já me arriscara por nós. Sinto muito, Gavin. Não sei mais o que dizer a não ser que eu te amo e que preciso de você com todas as minhas forças.

Gavin pigarreou, mas não disse uma palavra.

Mais uma vez incapaz de resistir ao próprio querer, à própria necessidade, Emily se aproximou e deu um beijo suave e demorado no rosto de Gavin. Fechou os olhos enquanto o calor do corpo dele irradiava até o seu.

Gavin ergueu as mãos, enterrando os dedos com força na cintura de Emily e roçando os lábios no topo de sua cabeça. Ela o ouviu respirar fundo como se quisesse se fortalecer, mas, antes que pudesse abrir os olhos, ele a soltou. Com o coração ribombando, viu-o voltar para dentro do carro e deixar o estacionamento cantando pneu.

Com a sensação de que Gavin não via a hora de se afastar, Emily abraçou a si mesma, enjoada com o que havia feito com eles. Toda a esperança se desvanecera. Atordoada, ela encarou o mensageiro, que estava à sua espera com a bagagem. Com um sorriso simpático, ele fez um aceno de cabeça e a conduziu até o lobby. Emily o seguiu, a respiração superficial enquanto tentava organizar os pensamentos para mostrar a identificação apropriada à recepcionista.

Depois de devolver o passaporte a Emily, a jovem de cabelos escuros sorriu para ela.

– Muito obrigada por escolher o Royal Playa del Carmen, Srta. Cooper. O Rafael a acompanhará até o quarto. As suítes presidenciais se encontram num prédio separado, mas é possível caminhar até elas. – Deslizou um folheto e o cartão do quarto pelo balcão de mármore cor de argila. – Qualquer informação sobre a sua suíte e sobre as amenidades oferecidas pelo resort podem ser obtidas aqui. Ou a senhorita pode ligar para o concierge a qualquer hora. Espero que aproveite a sua estadia.

– Obrigada. – Emily se virou para Rafael. – Obrigada, mas não preciso de ajuda com a bagagem.

– Tem certeza, senhorita? É um prazer.

– Tenho, sim.

Ele assentiu e Emily deixou o lobby imaculado para penetrar o ar úmido noturno. Olhando para o folheto com o número do quarto, dobrou uma esquina e seguiu um caminho de pedras arredondadas que conduzia até os fundos do resort. Uma banda de *mariachi* tocando ao fundo e os risos dos veranistas zumbiram em seus ouvidos. Ia puxando a mala e tentando desviar a atenção dos casais felizes que dançavam debaixo da teia de diamantes entretecida por estrelas que se estendia acima de suas cabeças. A inveja varou Emily. Era ela que deveria estar ali, mas estragara qualquer chance. Ao chegar ao seu prédio, deslizou a chave do quarto pela porta de vidro, arrastou os pés para dentro do pequeno hall e entrou no elevador. Com o coração ansiando por Gavin, perguntou-se por que deveria pernoitar. Não pertencia àquele lugar. Seu motivo para estar ali desaparecera, se perdera para sempre de sua vida e não havia nada que pudesse fazer para dissuadi-lo.

Quando as portas do elevador se abriram, saiu para um corredor que continha seis suítes. Encontrou o seu número e passou o cartão pelo leitor da entrada. Empurrou a porta e acendeu as luzes. A dor continuou a comprimir tudo à sua volta enquanto atravessava a ampla suíte. Exausta física e mentalmente, agarrou o bambu de uma das quatro colunas da cama king-size. Tirou os sapatos e os deixou cair sobre o chão de mármore frio. Sentindo-se

esvaziada – de mente, corpo e alma –, afundou na cama e pressionou o rosto no travesseiro, chorando. Ele se fora. Sua outra metade, com sorriso de covinhas, fã dos Yankees, presenteador de tampinhas, se fora e não havia nada que ela não faria para voltar no tempo.

No entanto, seu tempo se esgotara.

Tensão

Emily pestanejou antes de abrir os olhos. Virou de lado e bocejou. Por um segundo, não soube onde estava. Os olhos pousaram sobre o relógio da mesa de cabeceira. Passava um pouco das duas da manhã. Então, a realidade a atingiu. Uma tristeza implacável a golpeou ao se sentar na beirada da cama. Olhou à sua volta, para a suíte vazia, com imagens de Gavin flutuando por sua mente. Ele não ia mesmo voltar. Afundou ainda mais na fossa. Olhou outra vez para o relógio antes de pegar a mala e atirá-la sobre a cama. Depois de remexer nela, foi até o banheiro.

O cansaço tentava arrastá-la e o arrependimento enfraquecia cada músculo enquanto entrava no chuveiro. Debaixo do jato quente, decidiu ir embora. Não podia ficar, mesmo se tivesse que passar a noite no aeroporto. Embora parte dela lhe implorasse para chamar um táxi e ir à casa de Gavin suplicar que a aceitasse de volta, outra a protegia de se machucar ainda mais. Soltou um suspiro exausto, pegou a toalha e se enrolou nela. Secou os cabelos e vestiu um short jeans e uma camiseta. Pegou a mala, olhou para aquele quarto impressionante uma última vez e saiu.

No corredor, Emily se virou e sentiu as pernas bambearem: Gavin estava deixando o elevador. Quando seus olhares se cruzaram, Emily tentou engolir, mas a garganta estava seca e

apertada demais. Respirou, trêmula, esperando-o se aproximar lentamente. O coração pareceu tropeçar, parou e começou a bater outra vez no momento em que ele ficou a centímetros dela. Seu perfume masculino, estonteante, a envolveu.

O olhar de Gavin se fixou diretamente em sua boca, a voz suave.

– Fiquei olhando para o teto metade da noite, me perguntando se aguentaria passar o resto da vida sem nunca mais beijar esses lábios. – Gavin roçou o polegar pela boca de Emily. Deixando-o pairar por ali, traçou o contorno do lábio superior e do inferior. Ela entreabriu a boca, tentando desesperadamente se lembrar de como respirar enquanto olhava em seus olhos. Gavin chegou mais perto. – Caminhei de um lado para outro da casa, imaginando mais um dia sem sentir o toque da sua pele. Seu corpo foi feito para se encaixar no meu de todas as formas possíveis.

As pontas dos dedos de Gavin percorreram as faces dela com leveza, descendo pela curva do pescoço. Lentamente, um calor serpenteante pegou fogo no estômago de Emily enquanto a mão de Gavin descia pelo seu ombro, roçava a lateral do seu tronco e, por fim, detinha-se em sua cintura. Ele a apertou e o desejo se irradiou por Emily.

Trêmula, deixou a cabeça pender, mas Gavin encontrou seu queixo e ergueu-lhe o rosto com cuidado. Ela reprimiu as lágrimas e fixou os olhos verdes nos dele.

Gavin umedeceu os lábios e respirou fundo.

– A ideia de não ver os seus olhos quando eu acordar ou de não ouvir seu coração ao meu lado enquanto você dorme me deixou doente. Por isso, decidi que não, eu não posso passar nem mais um dia sem você. Não *quero* passar nem mais um dia sem você. – Gavin chegou mais perto e, de repente, Emily estava encostada na porta da suíte. – Você é minha. No segundo em que apareceu na minha casa aquela noite, você selou seu destino. – O coração de Emily batia descompassado. Ele segurou a cabeça dela entre as mãos. – Você me ama, Emily?

O estômago dela deu um nó e a respiração ficou curta.

– Sim, eu te amo – sussurrou ela.

Ele se apoiou na porta e se inclinou na direção do ouvido dela.

– Você sabe que é minha?

Ela ouviu a porta destrancar.

– Sei.

– Fale, então – murmurou ele, os lábios pairando sobre os dela.

Os mamilos dela enrijeceram.

– Eu sou sua.

– Fale de novo, Emily.

Ele a enlaçou, arrancou a mala de sua mão e a puxou com força contra o peito.

O calor abrasador do seu corpo fez as emoções de Emily transbordarem.

– Meu Deus, Gavin, eu sou sua. Para sempre. De mais ninguém.

Antes que Emily pudesse piscar, os lábios de Gavin roubaram os seus, num beijo desesperado e faminto. Respirando com dificuldade, eles mergulharam um na boca do outro, loucos para se desfrutarem por completo. Gavin escancarou a porta, deixou a mala cair e a empurrou suíte adentro. Arquejante, Emily envolveu seu pescoço, segurando-lhe os cabelos enquanto ele desabotoava o seu short. Sem grande cerimônia, desceu-o pelas coxas com a calcinha. Remexendo o corpo para se livrar da roupa, Emily afastou a boca e arrancou a camiseta pela cabeça. Sem hesitar, passou aos botões das calças dele. Com as mãos emaranhadas nos cabelos dela, Gavin puxou sua cabeça para trás e foi descendo seu pescoço com beijos. Em algum momento entre seu sutiã deslizar até o chão, junto com a camisa e a bermuda de Gavin, Emily acabou deitada sobre uma chaise-longue de veludo bem no meio da sala de estar.

De pé acima dela, Gavin sentiu o coração se dilatar ao fitar a mulher que amava à sua espera. Percorreu os olhos por seu corpo, absorvendo os suculentos mamilos cor-de-rosa rijos devido à excitação. Tão exuberantes. Ela passou a língua por sua boca, vívida, inchada dos beijos dele. Só o ato de olhá-la podia ser a sua perdição. Soubera disso na primeira vez que a vira. Estava louco para meter nela, sentir aquela bocetinha doce em volta dele. Correndo as mãos por suas pernas bem abertas, Emily deixou

escapar um suspiro desalentado e foi então que um desejo profundo, cru e primitivo de reclamar para si cada centímetro do corpo dela cruzou a mente de Gavin. Uma necessidade doentia de apagar Dillon da cabeça de Emily para sempre lhe golpeou as vísceras. Na primeira vez que Emily partilhara a cama com ele, Gavin lhe dissera que não havia uma parte de seu corpo que não o sentiria.

Naquela noite, sabia que ia remover cada pitada de Dillon.

Com os olhos azuis ardentes de posse e respirando com dificuldade, Gavin caiu de joelhos e apoiou as pernas de Emily sobre os próprios ombros. Encarou-a, desejando ver sua reação, e passou dois dedos pelo clitóris de Emily. A umidade escorria, cobrindo-lhe os dedos. Antes que ela conseguisse soltar o arquejo que estava na ponta da língua, Gavin pousou a boca naquela fenda suave.

Emily arqueou as costas, os mamilos intumescidos, enquanto ele enfiava a língua para dentro e para fora. Meu Deus, ela não conseguia respirar, e nem queria. Estava desnorteadada e a única coisa que desejava era se afogar naquela intimidade. O calor dele a envolveu, os dedos cada vez mais fundo, mas ainda lentos. Com um longo gemido, ele os curvou, pressionando o âmago dela ao mesmo tempo que a língua acariciava e dardejava em círculos minúsculos em sua florescência sensível.

– Não pare, por favor, Gavin – pediu ela, arfando, mexendo os quadris de encontro à sua boca. – Estou quase lá.

E estava mesmo. Com o corpo ávido por ele, Emily sabia que não precisaria de muito para fazê-la gozar. Quando se tratava de Gavin, não costumava esperar muito. Ele só precisava olhá-la para ela derreter, mas a espera abrasadora não estava ajudando. Como se as palavras dela o tivessem lançado num frenesi, Gavin intensificou a força e a velocidade dos dedos – o ritmo constante e implacável quando Emily ergueu o corpo e puxou seu rosto na direção da boceta molhada. Ele gemeu e o som profundo e erótico ressoou de encontro à carne sensível de Emily. Ela se desfez por inteiro. Seu corpo foi sacudido num violento orgasmo. Jogou a cabeça para trás, gemeu e enroscou os dedos nos cabelos dele. O

corpo convulsionava com as ondas de calor que se formavam em seu baixo ventre.

Com o sabor viciante dela ainda na língua, Gavin a ergueu e a carregou até o quarto, a boca grudada na dela. Enquanto inspirava seu perfume, Gavin a colocou de pé.

Hipnotizada, Emily observou-o despir a cueca. O pau se viu livre e ele o acariciou lentamente com a palma da mão. Ela mal conseguia respirar.

Com um olhar carnal e furioso de paixão, Gavin chegou mais perto, o peito encostado no dela.

– Eu vou foder você neste instante, Emily. Vou lhe dar tanto prazer que você nunca mais vai pensar em se afastar de mim.

Havia convicção em seu tom de voz e sua exigência primal fez a boceta de Emily latejar de desejo.

Ele fechou os olhos e atirou a cabeça para trás, soltando um gemido gutural. Voltou a encará-la e deslizou dois dedos por seu clitóris, reunindo um pouco da sua umidade. Levantou a mão e roçou os dedos por sua boca. Emily entreabriu os lábios e deixou escapar um gemido suave enquanto ele os enfiava ali. Ela agarrou o seu pulso e o fitou com um olhar maroto, chupando o próprio líquido, os dentes raspando a carne dele de leve.

– Depois que a gente foder, vou fazer amor com você. No minuto em que o meu corpo tocar o seu, não vai ter existido mais ninguém. Estou apaixonado, mas tenho que foder você primeiro. Você está me entendendo?

– Estou.

Ela arquejou, tomando o pau dele nas mãos.

– Então fale – disse Gavin, a voz entrecortada. Ele enfiou a mão nos cabelos dela, massageando o ondulado suave com os dedos. Com a outra, ajudou-a a acariciar o pau duro. – Preciso ouvir você dizendo antes.

A pressão e o calor se intensificaram no meio das pernas de Emily. Ela choramingou, passando a língua pelo queixo dele.

– Por favor, Gavin, eu quero que você me foda. Me fode... com força.

Um sorriso animal brotou nos lábios de Gavin.

– Vire-se – sussurrou ele, a voz sinistramente calma.

Sem fôlego, Emily o encarou e passou a ponta da língua pelos lábios, os mamilos duros de encontro ao peito dele. Virou-se devagar, sentindo as mãos de Gavin deslizarem por sua cintura. Um calafrio a percorreu enquanto ele agarrava sua coxa e erguia seu joelho sobre a cama.

Ajustando os quadris de encontro à sua bunda, Gavin a inclinou para a frente. Foi descendo os nós dos dedos pela graciosa curva da coluna antes de se deitar sobre as costas dela. Enfiou a língua na orelha de Emily, absorvendo o ofegar dela, enquanto empurrava a cabeça do pau para dentro da fenda encharcada. Com uma das mãos sobre a barriga dela e a outra envolvendo seu pescoço, ele a penetrou. A boceta o engoliu no mesmo instante. A respiração rápida e os gemidos famintos incendiaram a pele dele, fazendo uma lava quente pulsar pelas veias. Meu Deus, ela era tão quente e tão apertadinha... mal conseguia controlar a necessidade de mergulhar ainda mais fundo.

– Me fale quanto você me ama, Emily – rosnou ele, enfiando dentro dela com mais força.

Deixou as mãos penderem sobre as coxas dela e as agarrou possessivamente.

Enterrou seu membro ainda mais, estendendo-a de maneira dolorosa, embora a sensação fosse deliciosa para Emily. Então, saiu por completo, deixando-a com uma dor crua que se irradiou até os joelhos. Emily gritou, os arquejos quase suplicantes.

– Eu te amo mais do que tudo, Gavin. – Ela agarrava os lençóis e remexia a bunda de encontro a ele. – Por favor, não pare. Não pare.

Ele arrastou a pontinha do pau pela parte mais quente dela, empurrou apenas 2 centímetros e tirou outra vez.

A necessidade explodiu dentro de Emily, pressionando seu abdômen. Uma gigantesca lufada de ar encheu-lhe os pulmões. Sua voz saiu trêmula:

– O que é que você está fazendo? Meu Deus, Gavin. Por favor.

Ele enfiou o rosto na curva de seu pescoço e roçou o polegar por seu mamilo, os dedos da outra mão fazendo círculos no seu

clitóris.

– Fale que você é minha – disse ele, o sussurro quente dentro do ouvido dela.

Emily atirou a cabeça de encontro ao peito dele e gemeu.

– Eu sou sua. Só sua. Agora, me fode!

Gavin mordiscou seu ombro, pressionou a palma da mão sobre sua barriga e empurrou cada centímetro do pau duro para dentro dela com força.

Emily enrijeceu o corpo e conteve um grito, a boceta apertando-o com ainda mais força do que antes. O pau latejava. A carne dela ia incendiando sua pele à medida que ele avançava, abrindo-a por completo. O prazer o dilacerava enquanto Emily gritava seu nome, o calor emanando dela a cada respiração acelerada dele. Gavin se atirou para dentro dela mais uma vez, com uma estocada firme depois da outra, mas, ainda assim, precisava ir mais fundo. Ele a queria acabada, a mente completamente saturada com nada além dele. Colocando a outra perna de Emily sobre a cama, enfiava o pau com força, sem parar. Depois de afastar os cabelos dela do pescoço suado, agarrou-os e puxou sua cabeça para trás.

Emily choramingou, o corpo amolecendo. Ela arfava, o corpo zumbia, dando-lhe a sensação de estar deliciosamente partida em dois, enquanto ele se movimentava com o mais impiedoso domínio.

Gavin marcou o pescoço dela com a boca, a língua faminta lambendo-a.

– Fale de novo, porra. Fale quanto você me ama, Emily.

Emily agarrou os cabelos dele e o olhou por cima do ombro, a respiração chegando em pequenos arquejos. Percebeu que ele temia piscar e ela desaparecer. A culpa a invadiu. Assim, parou de se mexer.

Gavin também parou, a preocupação transparecendo em seu rosto.

– Eu machuquei você? – Ele passou o polegar pelos lábios dela.

– Nossa, amor, desculpe se machuquei. Eu nunca machucaria você, Emily. Nunca.

Ela balançou a cabeça, endireitou o corpo e se virou.

– Não, você não me machucou e eu sei que nunca faria isso. – Ela enlaçou o pescoço de Gavin. O alívio invadiu o rosto dele e a boca perfeita encontrou a dela, o beijo urgente e ávido. Emily se afastou, a voz suave: – Gavin, por favor, pare.

Confuso, ele recuou.

– O que houve?

– Eu não vou a lugar nenhum, Gavin. Não vou – sussurrou ela, buscando a mão dele e o conduzindo cuidadosamente até a cama.
– Deite aí para mim.

Com a sobancelha erguida, ele obedeceu. Apoiando-se sobre os cotovelos, observou Emily engatinhar em sua direção.

Os dois sorviam o ar com dificuldade quando ela pressionou o corpo contra o dele. Emily se ergueu um pouco e roçou os lábios nos dele, calma e suavemente. Gavin fechou os olhos com força e agarrou a cintura dela.

– Não – falou ela, arquejante, remexendo os quadris em círculos lentos. – Olhe para mim, Gavin. Quero que olhe para mim enquanto eu faço amor com você.

Os olhos dele se abriram de súbito e Emily tomou as suas mãos. Levou-as até os seios. Gavin os segurou, massageando cada um em separado. Completamente concentrado, Gavin gemeu e se projetou para dentro dela. Sentiu Emily enrijecer o corpo e cravá-lo à cama. A lenta fricção que ela fazia foi diminuindo, percorrendo os músculos dele como brasa.

Sentada com as costas perfeitamente eretas, com movimentos calculados, Emily afagou as mãos de Gavin enquanto ele acariciava seus seios.

– Eles são seus, Gavin. Só seus. – Arqueando as costas, Emily escorregou uma das mãos pela barriga e esfregou o clitóris. Os quadris saltavam cada vez mais depressa, a respiração mais rápida.
– Isto aqui é seu. Nenhum outro homem jamais vai me tocar assim.

A voz dela tremia enquanto uma dor abrasadora a tomava por inteiro, fazendo cada nervo formigar. Observou Gavin morder o lábio inferior, sentiu seu corpo enrijecer. Tateou à sua volta e roçou as unhas por baixo do seu saco.

O prazer pegou Gavin em cheio.

– É tão gostoso ter você comigo. – Com dificuldade para respirar, ele sorveu o ar, as mãos pousando nas coxas dela. Agarrou-as com força, fazendo o corpo dela subir e descer sobre o pau. A boceta escorregadia e molhada estava quente, deixando-o mais duro do que nunca. – Porra, como eu te amo, Emily. Você é minha. Sempre foi minha. – Movendo os quadris, ele a puxou em direção a si. – Fale que você me ama.

Ela se pôs a montá-lo com mais rapidez, mais força, a necessidade de fazê-lo entender levando-a à beira de um desejo completamente insano. A sensação dele dentro dela inebriava seu organismo para além das palavras, além do pensamento coerente.

– Puta merda, Gavin, eu te amo! Eu te amo tanto... Sinto muito. Eu não quis fazer isso com a gente. Você está me entendendo? Sinto muito.

Com lágrimas escorrendo pelas faces, enterrou as unhas nos ombros dele e puxou seu corpo. Gavin enterrou o rosto no peito dela, úmido de suor, a boca sugando e contornando o mamilo. O corpo dela queimava enquanto agarrava os cabelos dele. O pescoço dele ficou rijo como um arco, os olhos perfurando os dela.

– Você é tudo que eu vejo. Tudo que eu ouço. Tudo com que sonho. Eu vim para cá atrás de você. Não vou embora. Não vou a lugar nenhum. É você, Gavin. Só você.

Ela pressionou os lábios contra os dele, o coração dos dois ribombando, as respirações arquejantes em sincronia. Gavin segurou os cabelos de Emily com tanta força quanto ela agarrava os dele.

O som de carne molhada se chocando ecoou pelo quarto no momento do orgasmo. Os sentidos de um e de outro entraram em sintonia, como nunca havia acontecido. O fogo se agitou até se transformar numa violenta explosão de prazer e cada momento roubado, palavra de ofensa e acusação desapareceu enquanto os corpos sacudiam e tremiam juntos. Já não viviam um momento roubado e ambos sabiam disso. Embebiavam-se dessa sensação. Emily sentiu os braços fortes de Gavin envolverem sua cintura, a respiração dele superficial de encontro ao seu peito. Aos poucos eles foram se acalmando. Gavin fisgou o olhar de Emily, alisou seus

cabelos úmidos, afastando-os do rosto, e conduzindo os lábios dela até os seus. Profunda e apaixonadamente, lenta e suavemente, ele a beijou. O calor se concentrou fundo em seu ventre enquanto ela gemia.

Recostando-se, Gavin a abraçou. Deslizando as mãos para cima e para baixo em suas costas, ele exalou, aliviado. Pela primeira vez desde que a conheceu, Gavin se sentia relaxado. À vontade. Emily era, enfim, sua.

Além da respiração dos dois, que começava a se normalizar, o ar estava repleto do som das ondas se quebrando a distância, bem longe das portas que levavam à varanda. O luar banhava o quarto e Emily escutava o ritmo constante do coração de Gavin batendo em seu ouvido. O coração que ela quase destruíra. Não se considerando digna, salpicou beijos no seu peito e ergueu os olhos para ele.

– Sinto muito – sussurrou. – Não consigo acreditar que quase acabei com a gente.

Gavin percorreu o rosto dela com um dos dedos, os olhos azuis intensos.

– Eu sei que sente e não quero que diga isso outra vez. Não estamos acabados. Estamos melhores. Entendeu?

Assentindo, Emily deitou a cabeça outra vez no peito dele e agarrou seus ombros.

– Não achei que você fosse voltar.

– Bem, eu sabia que ia voltar no instante em que fui embora.

Emily ergueu a cabeça, os olhos lânguidos fitando os de Gavin.

– Ah, foi mesmo, Sr. Blake?

– Ora, mas é claro que sim, Srta. Cooper. Mas achei melhor deixar você suar frio um pouco. – Um sorriso sensual se insinuou em seu rosto. – Pelo visto, fiz você gemer enquanto suava.

Com um beicinho, ela bateu no braço dele.

– Espertinho...

– Faz parte do meu charme. – Ele deu uma risadinha e foi descendo os dedos de leve pelas costas dela. Puxando-a para mais perto, Gavin colou a boca na dela. Os lábios de Emily se tornaram doces e os arrepios invadiram seu corpo. – E vá se acostumando: você está presa a este espertinho.

Ela mordiscou o lábio dele e sorriu.

– Quero você do jeito que for.

Depois de beijá-lo mais um pouco, Emily descansou a cabeça no peito dele, o corpo deliciosamente dolorido.

O silêncio preencheu o quarto enquanto Emily percorria a tatuagem de Gavin com o dedo. Seu toque o levava ao paraíso, embora os próprios pensamentos o atirassem no inferno. A culpa o atingiu e ele decidiu tentar um joguinho. Tinha planejado lhe contar sobre o breve caso com a mulher que havia conhecido alguns dias antes na praia, mas, que Deus o perdoasse, quando chegara ao hotel, não se sentira capaz. Ver Emily no corredor com a bagagem, pronta para deixar sua vida outra vez, atirara suas intenções pela porra da janela. Diabos, ele sabia que tinha todo o direito de fazer o que havia feito, mas isso não aliviava o peso em seu peito. Gavin pigarreou e passou as mãos pelos cabelos de Emily. Tomou o rosto dela entre as mãos, fazendo-a encará-lo.

– Eu tenho que lhe contar uma coisa.

Ela pestanejou e deitou a cabeça mais uma vez no seu peito.

– Quantos anos você tinha quando fez isto e por que escolheu tatuar as costelas?

Ela passou os dedos de leve pelas asas do dragão.

Examinando sua mão delicada percorrer a tinta preta, Gavin acariciou a longa linha de suas costas.

– Fiz assim que me formei na faculdade, então devia ter 22 ou 23 anos. – Passou a mão pelos cabelos e suspirou. – Decidi fazê-la aí porque queria que ficasse escondida de olhos indesejáveis e que fosse acariciada por dedos lindos escolhidos por mim.

Ela o olhou, o sorriso discreto e o toque ainda mais suave enquanto percorria o corpo do dragão.

– Estes dedos?

– É – sussurrou Gavin –, esses dedos.

Ele ficou hesitante por um segundo, mas sabia que, se não contasse a ela, aquilo o devoraria.

– Tenho que conversar com você sobre uma coisa.

– Doeu quando você fez? – Emily nem ergueu a vista enquanto continuava a traçar o desenho.

Gavin levantou o queixo dela, franzindo a testa.

– Emily, eu fiz uma coisa e preciso lhe contar.

Engolindo em seco, Emily assentiu.

– Eu sei que você dormiu com aquelas duas meninas. – Ela tocou o rosto dele com o dorso da mão e olhou fundo em seus olhos. Aqueles lindos olhos azuis, com cílios espessos e escuros, continham seu futuro. – Eu não ligo. Você achou que eu tinha me casado com o Dillon. Sei que não teria frito isso se soubesse a verdade.

Deu um beijo de leve em seus lábios e aninhou o rosto em seu pescoço.

Gavin acariciou-lhe os cabelos e respirou fundo.

– Eu não dormi com elas.

– Não? – perguntou ela, o choque evidente em sua voz ao erguer a cabeça.

– Não, por sorte você evitou aquele desastre quando apareceu.

Ela deixou escapar um suspiro de alívio.

– Então não vai ter filhos correndo por aí, pelo México. Graças a Deus.

Gavin observou-a relaxar e, puta merda, aquilo apertou seu coração no mesmo instante. Aproximando o rosto dela, correu o polegar por seus lábios.

– Não. Eu não vou ter nenhum filho correndo pelo México porque usei proteção com outra pessoa. – Ele fez uma pausa, os olhos buscando os dela. Emily mordeu o lábio e assentiu. – Sinto muito – sussurrou ele, a voz cheia de culpa.

Emily não viu ali nada além de arrependimento. Sua própria culpa lhe deu um nó no estômago, pois sabia que era o motivo daquilo. Enquanto buscava uma forma de libertá-lo do remorso, de mostrar a ele que aquilo não importava, abriu um sorriso maroto. Sentando-se, montou em seu colo, passou as mãos por trás da cabeça de Gavin e roçou os lábios nos dele.

– Gavin Blake, eu te amo tanto que chega a ser um perigo para nós dois. Sabia?

Ele entortou uma das sobrancelhas, incrédulo.

– Perigo?

– Muito perigoso – ronronou ela, salpicando beijos em sua mandíbula.

Libertando as mãos do domínio de Emily, Gavin penteou os cabelos dela com os dedos.

– Mmm, eu gosto da Emily safadinha. Você pode ser perigosa quanto quiser comigo.

O estômago de Emily deu uma cambalhota quando Gavin se aproximou para beijá-la. Ao tocá-lo, ouviu o estômago dele roncar de fome. Ela riu.

– Isso é fome?

– Como assim? – perguntou ele com ar inocente.

Gavin iluminou o sorriso de muitos megawatts.

– Muito bem, eu não sou surda, Blake. – Ela inclinou o corpo e acendeu o abajur. – Ou você pegou alguma bactéria aqui no México ou está com fome. – Depois de sacar um menu da gaveta da mesinha de cabeceira, entregou-o a ele. – Estou *rezando* para que seja a segunda opção.

Gavin gargalhou e, então, foi ficando sério.

– O que é isso?

Ele deslizou o polegar pela sobrancelha dela e colocou o menu em cima da cama.

O estômago de Emily afundou. Sentiu todos os tipos de enjoos possíveis ao envolver o punho de Gavin com a mão, afastando-o do local onde Dillon a atingira. O pânico tomou conta dela, mas conseguiu disfarçar com um sorriso.

– Ah, isso? Não é nada. Eu estava no trabalho, fui me abaixar para pegar uma coisa atrás do bar e bati com a cabeça na bancada.

Gavin se sentou na cama e passou um dos braços pelas costas dela, erguendo a mão em direção à sua testa outra vez. Examinou o local por um segundo. Algo no tom de Emily não o convenceu. Ele a encarou.

– Isso não foi no trabalho, foi?

– Foi, Gavin – respondeu ela, reunindo toda a autoconfiança que ainda lhe restava. – Meu momento de graça aconteceu no trabalho. Por sorte, o lugar estava vazio ou eu teria ficado ainda mais envergonhada. – Ela pegou o menu novamente e se pôs a

estudá-lo. – E então, você está a fim de comer o quê? Eles têm de tudo, de hambúrgueres a filé-mignon. – Ela saiu de cima dele, enrolou-se num lençol e se levantou para ir ao banheiro. – Pede uma salada Caesar com frango para mim.

Emily acendeu a luz e fechou a porta. Encostando-se nela, respirou fundo, na esperança de que tivesse conseguido se safar com a mentira que a devorava por dentro. Não era assim que queria começar as coisas com Gavin. Não mesmo. Esconder qualquer detalhe dele pesava em sua consciência. No entanto, imagens de Gavin indo atrás de Dillon apertaram seu peito e as ameaças do ex-noivo na noite do jantar de ensaio gritavam em sua lembrança. Assim, ela calou o conflito interno. Estava protegendo Gavin e não iria dizer uma única palavra sobre o que acontecera naquela manhã. Girou a maçaneta para sair do banheiro e encontrou Gavin com os braços cruzados, encostado no batente da porta. Os olhos azuis curiosos fizeram seu coração quase sair pela boca. Mesmo com os nervos à flor da pele, não pôde impedir que os olhos percorressem seu corpo nu. Aquele corpo sólido, a compleição masculina perfeita, a fez começar a respirar mais rápido, inconscientemente mordendo o lábio.

– Você me assustou. – Emily ficou na pontinha dos pés e o beijou no rosto. – Mas eu sempre soube que você era *stalker*. – Ela se fez de brincalhona e enlaçou o pescoço dele, mas os seus olhos a percorreram por inteiro como se esperando que ela lhe contasse a verdade. Tudo o que queria era confessar, mas não podia. – Por falar em *stalker*, como foi que conseguiu uma chave da suíte?

Emily sabia que era uma tentativa ruim de mudar de assunto, mas estava se agarrando a qualquer coisa para manter a atenção de Gavin longe de Dillon.

– Liguei para o Colton da minha casa e disse a ele que acrescentasse o meu nome à reserva. – Gavin se inclinou e roçou os lábios na testa dela. – Então, o que aconteceu na noite em que você deixou o Dillon?

Emily engoliu a bile que subia pela garganta e segurou o lençol com força de encontro ao peito.

– Na verdade, nada.

Gavin se afastou, incrédulo, a expressão tensa.

– Nada? Ele simplesmente deixou você sair porta afora e não disse uma palavra?

Emily lutou para encontrar uma resposta enquanto atravessava o quarto. Afundando na cama, olhou para ele e deu de ombros.

– Foi. Fui embora depois que ele dormiu, passei pela sua cobertura e voltei para o meu apartamento. Ele foi à minha casa na manhã do casamento e a gente discutiu. No meio de tudo, minha irmã e o marido apareceram e o Michael o fez ir embora. E foi só.

Com a testa enrugada, Gavin passou a palma da mão pela nuca e deu um passo à frente.

– E ele não encheu mais o saco?

– Não.

Isso, pelo menos, era verdade. Estranhamente, Joan apenas ligara para insultá-la depois de tirar Dillon da cadeia. Emily não o vira nem tivera notícias dele desde que os policiais o arrastaram para fora do apartamento.

Gavin se aproximou e se ajoelhou diante de Emily. As mãos deslizaram com facilidade por baixo do lençol para agarrá-la pela cintura.

– Você me contaria se alguma coisa tivesse acontecido, não contaria?

Praticamente paralisada pela própria mentira, Emily lutou contra as lágrimas. Levou a mão ao rosto dele e assentiu.

– É claro que sim – sussurrou ela.

Esfregando os polegares em pequenos círculos sobre a pele dela, Gavin fechou os olhos.

– Desculpe por não ter estado com você quando contou tudo a ele. Não era para você ter feito isso sozinha.

– Gavin, não... – disse ela, engasgando.

Puxou o rosto dele em direção à própria barriga. Sentiu a culpa acelerar o coração enquanto o olhava beijar sua carne. Ele apertou sua cintura com mais força, a boca demonstrando urgência. A culpa que ele emanava queimou-lhe o estômago.

– Por favor, Gavin, está tudo bem. Você achou que eu tivesse me casado com ele. Por favor, não faça isso consigo mesmo.

Emily se agachou e sentou-se no seu colo, passando as pernas em torno de sua cintura.

– Eu sinto tanto, amor... – Gavin a beijou mais profundamente enquanto ia encostando na mesinha de cabeceira. – Eu não devia ter ido embora. Eu disse que a gente ia falar com ele juntos.

Emily afastou a boca da dele repentinamente e tomou seu rosto entre as mãos. As lágrimas começaram a cair.

– Por favor, pare com isso – implorou.

O calor açoitou-lhe a carne enquanto ela encaixava o pau dentro das próprias dobras úmidas. Um paradoxo da pior espécie foi partindo seu corpo ao apreciar a sensação de tê-lo dentro dela. Naquele momento cegante e belo, ela pertencia a Gavin e Gavin lhe pertencia, no entanto a culpa mantinha os dois prisioneiros, suas correntes pesadas e exaustivas.

Com os olhos queimando de desejo, Gavin beijou-a de língua, de forma possessiva, assumindo domínio completo sobre o corpo dela. Cada um de seus músculos tornou-se rígido, estreitando o aperto ao redor da cintura de Emily. Ele consumia sua carne, a energia pulsante colidindo com o amor e a química existentes entre os dois enquanto ele a preenchia mais e mais profundamente.

Com rapidez e o mais afoito abandono, Emily mergulhou em cada sensação que Gavin podia lhe proporcionar. Seus olhos controlavam sua alma. Seu toque preenchia-lhe o seu interior. Foi então, naquele momento, que soube que precisava remover cada partícula de culpa do corpo de Gavin.

Apenas rezava para que conseguisse.

Ajuste

A luz do sol espiou por cima do horizonte e invadiu o quarto enquanto Gavin permanecia acordado, absorvendo o som do corpo adormecido de Emily. Ela estava enroscada de lado, as mãos enfiadas debaixo do travesseiro. Ele traçou com o olhar cada linha do seu rosto. Meu Deus, como parecia doce, um anjo tão belo deitado ao seu lado. Quis estender a mão e tocá-la, mas suspirou e resistiu à tentação, decidindo deixá-la dormir. Observou, hipnotizado, a mente repassando as últimas semanas enquanto a exaustão provocada por tudo aquilo deixava seu peito. Os dois haviam se livrado de todas as camadas complexas e emaranhadas do início. Emily se enroscou nele, fazendo-o sorrir. Ela soltou um suspiro sonolento e se aconchegou, a perna cobrindo a coxa dele. Foda-se. Todas as boas intenções de deixá-la dormir foram demolidas. Sumiram.

Puxando seu corpo nu para dentro dos braços e erguendo-o até o peito, Gavin fundiu os lábios nos dela e a abraçou com força.

– Eu tentei. Juro que tentei.

Um ronronar de prazer foi subindo pela garganta dela enquanto os olhos se abriam de mansinho. Com um sorriso, ela ergueu uma das sobrancelhas.

– Seu bundão.

– Sim, este bundão é meu. – Gavin foi descendo as mãos pela cintura dela até repousarem sobre a bunda. – É, sim. Eu amo esta bunda.

– Ela pertence a você? – questionou Emily, brincalhona.

– Isso mesmo, pertence. Para jamais ser cedida a outro. Sou rei e senhorio, benzinho. – Ele mordeu o lábio e ela riu. – Não aceito cheques, mas aceito a maior parte das preliminares e sexo como forma de pagamento.

Emily passou os dedos pelos cabelos dele e balançou a cabeça. Ela remexeu o traseiro que se encontrava cuidadosamente seguro entre as mãos dele, provocando-o.

– Só faço sexo selvagem pendurada em um lustre.

– Humm, isso é difícil. – Gavin mordeu o lábio, a satisfação primal deixando os olhos vidrados. – Eu aceito a oferta, contanto que possa amarrá-la ao lustre e fazer o que quiser com você.

Rindo, Emily inclinou a cabeça para o lado.

– Quem é você? Christian Grey?

As mãos de Gavin deslizaram pelas costas dela e um sulco surgiu entre as sobrancelhas.

– Quem é Christian Grey?

Com os olhos arregalados, Emily se sentou e prendeu as mãos de Gavin acima de sua cabeça, roçando o nariz no dele.

– Você não sabe quem é Christian Grey?

– Não tenho a menor ideia. – Gavin esticou a cabeça para cima, dando-lhe um beijo. – Você fez faculdade com ele? – Antes que Emily pudesse responder, ele puxou o lábio dela com delicadeza entre os dentes. – Espere aí. Você nunca foi amarrada por ninguém, né?

– Não, ainda não. – Emily riu, entrelaçando os dedos nos dele.

– E eu não estudei com Christian Grey. Mas tenho certeza de que não existe uma única mulher no mundo que não tenha ouvido falar dele. – Gavin olhou para Emily com igual confusão. – Ah, deixa pra lá. – Ela se enrolou no lençol de cetim, levantando-se da cama. – Um dia eu explico.

– Espere, aonde você vai? Não acredito que esteja pensando em tomar banho sem mim. – Ele se ergueu sobre os cotovelos. –

Lembre-se, eu sou o senhorio. Precisa da minha permissão para fazer qualquer coisa.

Bem-humorada, Emily observou Gavin sair da cama e dar um largo passo em sua direção.

– Você sempre age como um homem das cavernas?

Gavin não respondeu. Em vez disso, a arrancou do chão. Inclinando a boca sobre a dela, beijou-a com força, inalando profundamente, como se tentasse inspirá-la. Carregou Emily até o banheiro e a colocou sobre a bancada da pia.

O corpo rijo de Gavin lhe provocou um arrepio muito bem-vindo, fazendo-a esquecer o granito frio sob a bunda. O sangue de Emily subia-lhe à cabeça e ela sentiu um rubor subir lentamente por seu pescoço enquanto afastava o lençol.

O olhar dele percorreu seu corpo antes de parar em seus lábios.

– Meu Deus, você é incrível! – Gavin se postou entre as coxas dela. Agarrando-lhe as pernas, colocou-as ao redor da própria cintura. – Um despertador de primeira qualidade.

O prazer que estava por vir deixou turva a mente de Emily enquanto o olhava enfiar os dedos na boca. De forma dolorosamente lenta, com os olhos cravados nela, tirou-os da boca e os deslizou por sua barriga. Ela se arrepiou toda. Perdeu o fôlego quando ele deslizou os dedos bem fundo em sua boceta. Um gemido escapou dela no momento em que Gavin pousou a mão na lateral do pescoço dela e a encostou no espelho.

– Quero que você se toque junto comigo – disse ele asperamente, a respiração irregular.

– O quê? – gemeu Emily, incapaz de impedir que a voz falhasse. – Eu nunca...

– Você nunca se masturbou?

Ele fez um círculo com o polegar em torno do seu clitóris.

Arqueando as costas contra o espelho, Emily começou a ofegar.

– Não, só usei vibrador.

Gavin mordeu o lábio e fechou os olhos. Grunhiu ao enfiar os dedos para dentro e para fora dela, o movimento lento e constante. Abrindo os olhos, afastou a mão do pescoço de Emily e lhe agarrou

o pulso. Guiando-a entre as pernas, colocou os dedos dela sobre o clitóris.

– Nada de vibrador hoje. Esfregue aí para mim.

Emily piscou timidamente, mas se viu fazendo o que ele ordenara. Respirou fundo enquanto deslizava dois dedos sobre a carne inchada. Com os lábios entreabertos diante das múltiplas sensações, olhou para Gavin e agarrou seus dedos. Todas as terminações nervosas estavam em alerta e um desejo incontável por um orgasmo praticamente a desintegrava. Ela gemia, mexendo os quadris em círculos.

– Oh, meu Deus, Gavin – disse ela, esfregando com mais e mais força.

Gavin se acariciava com a mão livre, a mais impiedosa excitação queimando em seus olhos.

– Assim mesmo, amor, agora enfie os seus dedos junto com os meus.

Seu pedido, tão cru e primitivo, fez Emily se render. Enfiando dois dedos com os dele, ela estremeceu. O sangue corria pelo corpo com a força de um trem de carga, calando seus pensamentos. Quanto mais rápido Gavin se masturbava, mais rápido enfiava os dedos dentro dela. Com os olhos fixos um no outro, suas respirações eram erráticas, os rostos se contorciam em êxtase total.

– Meu Deus, como a sua boceta é perfeita!

Gavin jogou a cabeça para trás por um segundo, gemendo. O prazer o invadiu, vindo do fundo de suas entranhas, enquanto Emily se encostava ainda mais no espelho. Ela soltou as pernas de sua cintura e plantou os pés na bancada. Completamente exposta, continuou a empurrar os dedos para dentro de si junto com os dele. O pau duro pulsava na mão de Gavin enquanto ele a via fechar os olhos devagar.

– Merda, eu tenho que sentir o seu gosto – disse Gavin, feroz, as narinas dilatadas. – Tire os dedos e esfregue esse clitóris gostoso para mim.

Ansiando pelo orgasmo, Emily arquejou e tirou os dedos. Observou Gavin se ajoelhar. Agarrando-lhe os quadris, ele puxou sua bunda até a ponta da bancada. Colou a boca à sua boceta, a

língua lambendo com urgência. Instantaneamente, a necessidade cresceu, ampliando-se no âmago de Emily. Contraído, seu corpo se perdeu por completo na paixão daquele ato tão íntimo. Nunca tinha se aberto daquele jeito para ninguém, mas ficava muito à vontade com Gavin. Esfregando-se mais rápido, a respiração foi ficando entrecortada para, logo, parar por completo. Gavin afastou os dedos dela e passou a língua por cima dela, puxando o clitóris para dentro da boca, mordiscando e sugando. Ela se desfez toda.

Arfou longamente, tentando respirar.

– Oh, meu Deus, Gavin... Eu vou... Eu vou... gozar.

Não conseguia respirar. Não conseguia pensar. Perdida nas sensações que a percorriam, estremeceu ao estender a mão em direção aos cabelos de Gavin, puxando-o para si enquanto se deliciava com os últimos instantes do orgasmo.

De pé, Gavin continuou a se masturbar e agarrou Emily pela nuca, dando-lhe um beijo de língua. O sabor da mistura dos sumos dos dois quase o fez perder o controle. Emily soltou um gemido, o barulho mais tesudo que Gavin já tinha ouvido. Deslizou os dedos por baixo dos dele e se pôs a acariciá-lo, a mão subindo e descendo pelo pau. Gavin enfiou a língua ainda mais fundo na boca de Emily e gemeu, o corpo todo se comprimindo enquanto o orgasmo chacoalhava seus músculos.

Com um grunhido, ergueu as mãos e agarrou os cabelos de Emily, deixando que ela o fizesse gozar. Cada líquido que ele tinha para despejar escorreu por cima dos dedos dela, a respiração dos dois pesada, até Gavin afastar a boca com rispidez e enterrar o rosto na curva do pescoço de Emily. Um instante depois, Gavin deu um passo atrás e encontrou os olhos verdes e saciados de Emily, que lhe beijou os lábios. Suave e docilmente, com os corpos relaxados, eles se apaixonaram com ainda mais profundidade enquanto sorriam um ao outro, como se em estado de choque ao constatarem que agora o tempo... o tempo estava do seu lado.

Tempo era tudo o que tinham.



Uma hora e um longo banho quente depois, Gavin e Emily deixaram o hotel e adentraram o calor da tarde. Enquanto esperavam o manobrista trazer o carro, Emily deu um enorme sorriso para Gavin que fez o coração dele vibrar. Os olhos dela brilhavam de felicidade e aquilo mexeu com ele de uma maneira que nunca poderia ter imaginado.

Foi para trás dela e a abraçou.

– Obrigado – sussurrou, a boca encostada em sua nuca, tomando-lhe a mão. Levou-a à boca e a beijou.

Emily esticou a cabeça em direção a ele, ficou nas pontas dos pés e roçou a língua por seu queixo.

– Não, eu é que agradeço.

Gavin sorriu e se inclinou para beijá-la. Ambos mergulharam naquela sensação de entorpecimento até o manobrista voltar.

O motorista saltou e se aproximou de Gavin.

– *Carro muy bonito.*

Pegando a bagagem de Emily, Gavin olhou para ela e, em seguida, de volta para o manobrista. Um sorriso reverente surgiu no seu rosto.

– *Muchas gracias. Además de esta hermosa mujer que tengo a mi lado, los carros son mi segunda pasión.*

O homem olhou para Emily, assentindo com entusiasmo.

– *Claro que sí, los dos son muy hermosos.*

Emily olhou para Gavin.

– Do que vocês estão falando?

– De carros e de você. Minhas duas coisas favoritas.

Gavin piscou para ela, colocando a bagagem no porta-malas. Emily balançou a cabeça e sorriu. Caminhando até o manobrista, Gavin enfiou a mão no bolso, tirou a carteira e lhe entregou uma gorjeta.

– *Gracias de nuevo.*

O manobrista aquiesceu em sinal de agradecimento e, quando foi dar as chaves a Gavin, Emily as arrancou de sua mão.

Ela olhou para Gavin e lhe devolveu a piscadela.

– Então suponho que não se importe se uma das suas coisas favoritas dirigir a outra, não é?

– O câmbio é manual, boneca.

Inclinando a cabeça de leve, Emily deixou o queixo cair.

– Você acha que eu não sei dirigir um carro com câmbio manual?

Gavin a abraçou e sussurrou em seu ouvido:

– Bem, pelo menos eu sei que você domina a condução de um *certo* tipo de câmbio manual. – Emily ergueu uma das sobrancelhas e Gavin riu. Tomou seu rosto entre as mãos e beijou-lhe a cabeça. – Mas, é verdade, achei mesmo que você não soubesse usar o outro tipo.

– Bem – ronronou Emily, passando o braço pelo ombro dele –, uma das suas coisas favoritas sabe dirigir um carro com câmbio manual, e muito bem, por sinal. – Ela o beijou. – E também gosto de velocidade.

– Que tesão. – Ele roçou os lábios contra a orelha dela. – Você pode dirigir todos os meus câmbios manuais quando quiser.

A excitação borbulhava no estômago de Emily enquanto ela girava sobre os calcanhares e caminhava para o lado do motorista. Abrindo a porta, entrou e ajustou o cinto de segurança. Gavin afundou em seu assento e Emily o olhou com um sorriso.

– Agora é a minha vez de mandar *você* usar o cinto de segurança.

– Uma mulher dominante. Adoro isso. – Gavin pegou o cinto. – Só não nos mate.

Emily deu um tapinha brincalhão em seu braço. Com as chaves na mão, ela franziu a testa por não conseguir encontrar a ignição.

– Como é que eu dou partida?

Gavin não conseguiu conter o riso.

– Srta. Indianápolis, o carro já está ligado. Era só apertar um botão.

Emily revirou os olhos, pisou na embreagem e deixou o estacionamento lentamente.

– Pare de tirar sarro com a minha cara, espertinho.

As palavras fofas e atrevidas fizeram Gavin rir.

– Mulheres como eu não estão acostumadas a dirigir carrões como este. Os que eu já tive costumavam berrar comigo quando eu

dava partida.

Gavin se fez de chocado, os olhos azuis arregalados.

– Eles berravam com você? Filhos da mãe!

Olhando pelo retrovisor, Emily sorriu e assentiu.

– Na verdade, eles me xingavam. – Gavin soltou uma gargalhada. Emily parou antes de tomar a estrada e perguntou: – Como você conseguiu que consertassem a janela com tanta rapidez?

– O dinheiro tem as suas vantagens, docinho. – Ele sorriu, pousando a mão em sua nuca. – Agora encha o seu senhorio de tesão e mostre do que você é capaz, demônio da velocidade.

Emily sorriu como o Gato de Cheshire e entrou na estrada.

Gavin observou-lhe as pernas torneadas, que pertenciam a ele, se moverem por baixo do vestido leve de seda a cada vez que Emily pisava na embreagem. Os dedos delicados se curvavam em torno do câmbio da marcha. Os cabelos castanho-avermelhados caíam em cachos e o faziam se remexer no assento. Porra, estava ficando excitado. O calor lhe varava o estômago. Mas, caramba, se ela não estava dirigindo igual à avó dele!

Ele pigarreou e apertou alguns botões na tela para ligar o rádio via satélite.

– Você pode dirigir um pouco mais rápido.

Emily o encarou com um olhar questionador.

– Estou dirigindo no limite.

– Pensei que você gostasse de correr.

Gavin ergueu uma das sobrancelhas, confuso.

– Eu disse isso para você me deixar dirigir, considerando a velocidade com a qual dirigiu ontem. – Ela deu de ombros. – Eu nunca corro.

Um sorriso malicioso retorceu a boca de Gavin. Ele se inclinou, descansou a mão sobre sua coxa direita e a apertou. Para acrescentar um pouco de combustível ao fogo, acariciou-lhe a carne com movimentos lentos e circulares. Agora a tinha sob controle. O carro acelerou, dando um solavanco para a frente e ultrapassando os outros veículos.

– Estou me sentindo como em *Conduzindo Miss Daisy*. Você tinha que mostrar a este senhorio do que é capaz e, até agora, não fez nada.

– Gavin – disse Emily, ofegante, com os olhos arregalados, tentando ignorar o toque de sua mão. – Você acabou de me pedir para não matar a gente e agora quer que eu corra? – Emily pisou mais fundo no acelerador, como se tivesse que se autoafirmar. – Então está bem. Aqui vamos nós em direção à morte certa.

Enquanto os Lumineers cantavam no rádio, uma inconfundível expressão de satisfação cruzou o rosto de Gavin ao olhar o velocímetro. Com a mão ainda sobre a coxa dela, apoiou os pés no painel do carro e apertou o botão que abria a janela. Uma rajada de ar quente entrou no carro. Ele aumentou o volume do rádio. Batucando no joelho, olhou para Emily, o sorriso sexy mais largo do que ela já vira um dia.

Emily deu uma risadinha e começou a batucar no volante em sincronia.

– Espere! Encoste aqui.

Gavin baixou as pernas. Pousou a mão na de Emily e passou o carro para o ponto morto. Segurando o volante, puxou-o para a direita e o carro se dirigiu para o acostamento, triturando o cascalho, e parou com um guincho.

Emily ficou confusa.

– O que houve?

Olhando fixamente em seus olhos, com a expressão séria, Gavin não respondeu.

Em vez disso, inclinou o corpo e roçou os lábios contra os dela suavemente. Emily fechou os olhos e tentou respirar. Gavin tomou seu rosto entre as mãos.

– Saia do carro – disse ele com a voz baixa.

Com os olhos ainda fechados, Emily suspirou ao sentir a mão e os lábios dele deixarem seu rosto. Etta James agora cantava e ela viu, sem fôlego, Gavin deixando o assento. Tentou recuperar a compostura enquanto seguia seu exemplo e saltava do carro. Deu a volta até onde ele se encontrava. Gavin se aproximou e tomou a mão dela. No calor do sol de fim de tarde, Emily quase congelou.

Gavin deslizou o braço em torno de sua cintura e aninhou a mão dela de encontro ao próprio peito.

– O que estamos fazendo? – perguntou ela, quase sem fôlego.

Gavin inclinou a cabeça e roçou os lábios nos dela, atormentando-a. Nem de longe chegaram a satisfazer sua necessidade. Os nervos de Emily se inflamaram, selvagens e elétricos.

– Um ajuste – respondeu ele, baixinho, embalando o corpo dos dois para a frente e para trás. Ele mordiscou o lábio dela, a mão livre agarrando-lhe a cintura. – Foi aqui que a gente brigou ontem. Quero um ajuste de forma que, quando você pensar nesta estrada, se lembre disto. Eu a abraçando... você me olhando nos olhos... nós dois nos beijando.

Como se quisesse enlouquecê-la, brincou com os lábios dela outra vez, sorvendo-lhe mais um pouco. Enfiou a língua lenta e profundamente. Emily gemeu, todos os sentidos voltados para a sensação da mão de Gavin descendo até seu quadril.

– Você sabe que música é essa? – perguntou ele, os olhos grudados nos dela enquanto balançavam devagar ao som da canção. – Melhor ainda, você sabe quem está cantando?

Acima do sangue que rugia em seus ouvidos e dos carros que passavam em disparada, Emily registrou a voz sensual de Etta James, ronronando pelos alto-falantes das portas abertas do carro.

– “At Last”, da Etta James.

– Muito bem, Srta. Cooper – sussurrou ele em seu ouvido. – Você tem estudado jazz?

Emily engoliu em seco e balançou a cabeça.

– Minha... Minha avó costumava...

Gavin cobriu sua boca com a dele. Entreabriu seus lábios e deslizou a língua para dentro, grunhindo enquanto tomava-lhe o rosto entre as mãos. Tomou controle do beijo, a língua mergulhando, acariciando e dançando sobre a dela. Gavin a explorava, voraz, como se não houvesse o bastante dela para satisfazê-lo.

Emily perdeu o ar. O útero se contraiu. Sentindo-se como uma delicada flor encostada no peito dele, ficou lânguida. O corpo se

derreteu no dele. O amor e a devoção dele a cercaram com um carinho e uma paixão que iam além das palavras.

– Eu te amo – sussurrou Gavin, interrompendo o beijo aos poucos. Ainda com o rosto dela entre as mãos, baixou a cabeça e encostou a testa contra a dela. – Quero quebrar as regras. Beijar você apaixonadamente todos os dias. Fazer você sorrir quando estiver prestes a chorar. Não quero arrependimento nenhum entre a gente. Quero que a gente ria junto até doer a barriga, até perder o fôlego. Nenhum homem nunca vai te amar como eu, Emily. Você é tudo. Minha última. Minha eterna.

Emily sentiu um nó na garganta.

– Não sei o que dizer – sussurrou ela, as lágrimas nublando seus olhos. – Você me enche de vida e eu te amo de mais maneiras do que pensava ser capaz, mas você é muito mais do que sinto que mereço.

– Não, eu sou o que você merece. – Gavin beijou-a novamente. – Você merece um homem que lembre que sua avó ouvia jazz enquanto cozinhava.

– Você se lembra disso?

– Eu me lembro de tudo o que você já me disse. – Ele passou as mãos por seus cabelos. – Vou quebrar você em pedacinhos, Emily Cooper, e reconstruí-la devagarinho. Segundo a segundo, peça por peça, lembrança por lembrança, vou fazer você perceber que merece o que eu vou dar. Se eu tiver que abrir um dicionário todos os dias para fazer você olhar para a palavra “merecimento”, é o que vou fazer. – Gavin a puxou para mais perto e riu. – Vou até colar uma foto minha ao lado da palavra.

Emily fungou e deu uma risadinha.

– Uma foto sua, é?

– É. Uma foto minha. – Gavin a abraçou com ainda mais força, aproximando-se do seu ouvido. Roçou os lábios em sua orelha. – Pode ser uma foto minha nu, se você realmente insistir.

Descansando a face contra seu peito, Emily sorriu.

– O que vou fazer com você?

Com a expressão mais suave, Gavin a olhou, inquisitivo.

– More comigo.

Emily respirou fundo e mencionou falar, mas hesitou. Foi tomada pela ansiedade e o pulso acelerou. Tocou o queixo dele, fitando-o com seus grandes olhos verdes.

– Como?

Ele colocou a mão sobre a dela.

– Você me ouviu. Eu quero que você vá morar comigo. Eu sei que é...

– Loucura.

As mãos de Gavin encontraram a curva de seu pescoço.

– É. É louco e rápido demais. É perigoso, imprudente e inebriante. – Gavin fez uma pausa, puxando o rosto dela para mais perto. – Mas é o que nos torna únicos. É o que nos fez únicos desde o instante em que nos conhecemos. More comigo, Emily. Venha ser louca, perigosa, imprudente e inebriante comigo. Basta vir e acordar ao meu lado todas as manhãs.

Emily encarou o chão e mordiscou a unha do polegar. A ideia era mais do que intoxicante. Meu Deus, tudo o que dizia respeito a Gavin a despia de qualquer pensamento negativo. No entanto, a incerteza sobre se conseguiria ou não fazê-lo feliz ficava martelando a sua cabeça. Já era o bastante que ele a tivesse aceitado de volta, confiando-lhe o coração outra vez, mas algo dentro dela gritava que nunca conseguiria satisfazê-lo.

– Eu não sei – respondeu Emily, olhando para ele. – Vamos ver como ficam as coisas quando a gente voltar para Nova York. Dar tempo ao tempo, talvez.

Um sorriso lento se abriu no rosto de Gavin e, sem aviso, ele tirou Emily do chão, jogando seu corpo delicado por cima do ombro como se fosse um saco de batatas.

– Emily Cooper, está pedindo que eu espere mais do que já esperei?

– Gavin Blake, você está louco? – indagou ela, arfante, agarrando as costas da camiseta dele.

– Quem faz as perguntas aqui sou eu.

Rindo, Gavin caminhou até o carro e colocou Emily em cima do capô. Ela ofegou e saltou.

– O que foi? – perguntou ele.

Com os olhos arregalados, Emily afastou os cabelos do rosto. Ela franziu a testa.

– O capô queimou a minha bunda.

Gavin sorriu e puxou a camiseta por cima da cabeça. Abriu-a em cima do capô, ergueu Emily mais uma vez e a colocou em cima.

– E eu achando que a sua bunda não tinha como ficar mais quente.

Emily o olhava como se ele tivesse dez cabeças, mas, ainda assim, Gavin manteve um sorriso afetado enquanto se postava entre as suas pernas. Inclinando-se para a frente, beijou-a suavemente.

– Está melhor assim? Se não estiver, eu posso tirar a bermuda para deixar a superfície mais macia para esse traseiro gostoso.

Ele começou a desafivelar o cinto.

– Você é louco. – Emily deteve as suas mãos, examinando seu abdômen bronzeado. – Louco de carteirinha.

Gavin ergueu uma única sobrancelha e assentiu.

– Louco de paixão – concordou, beijando-a outra vez. Passando o braço ao redor de sua cintura, ele a puxou para mais perto. – Enganche.

– O quê?

Emily inclinou a cabeça automaticamente enquanto ele percorria seu queixo com a boca.

– As pernas – respondeu ele, passando os braços dela por cima dos próprios ombros. – Engancha as suas pernas em torno da minha cintura.

Emily corou.

– A gente está no acostamento de uma autoestrada, Gavin.

– Eu sei. Exótico, não é?

Com um largo sorriso, ele não esperou que ela lhe obedecesse. Tomou as providências necessárias agarrando as suas panturrilhas e passando-as em torno da própria cintura.

– Ahh, é assim que se faz.

Visivelmente constrangida, Emily mordeu o lábio, fitando a autoestrada, onde os carros passavam em alta velocidade. Gavin riu

diante de seus olhos arregalados quando um carro passou por eles buzinando, um dos passageiros assoviando pela janela.

Gavin colocou um dedo sob seu queixo, trazendo a atenção de Emily de volta para ele. Os olhos percorreram os exuberantes lábios avermelhados, o pulso automaticamente acelerado.

– More comigo, Emily. Ora, a gente se apaixonou desse jeito... Então vamos em frente.

Olhando para aquele mar que eram os olhos azuis dele, Emily engoliu em seco e apertou seus ombros nus.

Gavin chegou mais perto, roçando os lábios.

– Eu não posso prometer que as coisas vão ser sempre doces e ternas, porque, quando a gente briga, é para valer. Mas estou certo de que também não vai ser um show de horrores, porque a gente ama com ainda mais vontade. O que posso prometer é que você vai sempre significar mais para mim do que a minha próxima respiração e que sempre vai ser você na minha vida. Mais ninguém.

Naquele momento, tudo o que Emily temera desmoronou, sumiu, sendo silenciado com todos os sons que os cercavam, exceto a respiração dela e de Gavin. Seu coração, tão vazio havia poucos dias, parecia prestes a explodir. Puxando-o para mais perto, ela fez que sim, o sorriso se abrindo ao mesmo tempo que as lágrimas caíam.

– Está bem, Sr. Blake. Vamos em frente.

Uma ligeira surpresa brilhou nos olhos de Gavin quando ele pressionou seus lábios nos dela.

– Sério?

– É. – Emily riu com os lábios encostados nos dele. – Sério. Vamos com essa porra até o fim.

Com seu sorriso infame, Gavin arrancou Emily de cima do capô. Ela soltou um gritinho agudo e sacudiu os pés.

– Isso foi muito fácil. Achei que você ia resistir um pouco mais. Foi o meu striptease, acertei?

– Foi, Gavin – respondeu ela, embora o divertimento em seus olhos fosse tangível. – O striptease acabou comigo. Senhor, me ajude.

Gavin e Emily se beijaram e foi ali, naquele longo trecho de estrada no México, que ele soube de todo o coração que ajustariam.

Confissões e promessas quebradas

Emily olhou para o relógio de parede.

– Falta um minuto.

Correndo de seus assentos para formar uma fila confusa, quinze alunos de primeira série penduraram as mochilas nos ombros, tropeçando uns nos outros para ser o primeiro a chegar à porta.

– Srta. Cooper, você vai estar aqui amanhã?

Emily foi até a menina de olhos arregalados, o sorriso de covinhas esperando pacientemente pela resposta da professora. Ajoelhou-se na frente da criança.

– Pode ter certeza. A Sra. Nelson só vai voltar semana que vem. – O sorriso da menina se abriu ainda mais enquanto ela afastava as mechas louras que tinham saído da trança apertada. O sino soou e a correria começou. – Não se esqueçam de trazer a autorização para o passeio do mês que vem.

Emily observou as crianças passarem por ela. Os OKs delas soaram em meio ao burburinho de conversas que já se iniciavam, a animação iluminando cada rostinho.

Com um suspiro, Emily se levantou e foi até a mesa, juntando os papéis que precisava corrigir. Depois de colocá-los dentro da bolsa de lona, pegou um romance que tinha começado a ler na hora

do almoço. Caminhou até a porta, olhou para a sala de aula uma última vez e saiu, dando de cara com Laura Fitzgerald, outra professora substituta que começara algumas semanas antes. Como ela era nova-iorquina e o que Emily chamaria de “clubólotra”, dava para prever o que estava prestes a dizer.

– Exatamente a pessoa que eu estava procurando. A gente vai sair mais tarde. – A morena alta de pernas longas sorriu, os olhos castanhos arregalados de animação. – O Webster Hall vai ter uma noite só para mulheres hoje. Quer ir? A Brooke, a Cary, a Stephanie, a Angie e a Melinda vão. Sei que é quinta-feira, mas... a gente só vive uma vez, certo? A gente tira uma soneca amanhã quando eles estiverem na biblioteca.

Emily sorriu e continuou seu caminho, passando pela secretaria.

– Não posso. Vou sair para jantar com o meu namorado. – Emily colocou o casaco. – Semana que vem?

Laura franziu a testa, até que compreendeu. Ergueu uma sobancelha pinçada à perfeição e um sorriso curioso lhe invadiu os lábios.

– O namorado novo?

Emily assentiu e olhou o relógio com grande cerimônia. Queria comprar alguma coisa para vestir aquela noite; tinha planejado caminhar alguns quarteirões até uma pequena boutique que Olivia lhe mostrara quando haviam chegado a Nova York. Como ainda precisava passar no correio para deixar um formulário de mudança de endereço, sabia que teria pouco tempo para se arrumar.

– Quem sabe você não dá uma passada depois do jantar? – perguntou Laura, esperançosa, mantendo o ritmo de Emily enquanto ela cruzava as portas da frente.

– É. Talvez. Te mando uma mensagem mais tarde. – Ao saírem para o ar gelado de meados de dezembro, Emily enrolou o cachecol no pescoço. – Tenho uns deveres para corrigir. Se conseguir terminar cedo, vou encontrar vocês.

– Merda! – exclamou Laura, voltando-se para o prédio. – Esqueci as minhas chaves. Combinado, então. A gente vai estar lá depois das dez.

Emily acenou e viu Laura desaparecer escola adentro. Após calçar as luvas, começou a descer as escadas. O estacionamento estava quase vazio; os ônibus escolares tinham partido. Uma brisa de inverno levantou a bainha de sua saia-lápis enquanto vasculhava a bolsa em busca dos formulários que precisava entregar no correio. O coração se acelerou quando fitou o endereço de Gavin. Ainda temendo estarem avançando rápido demais, Emily ficou inebriada ao se lembrar de Gavin encarando-a, seus olhos percorrendo-lhe o rosto como se quisessem memorizar cada linha e curva. Com um amor e determinação que ela nunca tinha experimentado, ele a conduziu com facilidade pelo emaranhado de conflitos. Ao longo de conversas difíceis, a amparara, como se a impedisse de despencar de um precipício. Ele a acalmava, a amava e admirava cada falha dela. E, acima de tudo, nunca havia desistido dela. Eram dois ímãs, colados um ao outro desde o início; até mesmo quando ela ameaçara separá-los, fora Gavin quem os mantivera juntos. Emily cimentara o destino dos dois ao aparecer no México. Uma viagem da qual nunca haveria de se arrepender.

Suspirou diante daquele futuro cheio de incógnitas, mas que, ela tinha certeza, os levaria até onde os dois precisariam chegar. Então, seu estômago deu uma cambalhota quando ela ouviu a voz de Dillon. Os batimentos se aceleraram, ressoando em seus ouvidos. Arquejou e arregalou os olhos. Sua vista escureceu apesar do sol brilhante de fim de tarde. Estremeceu e se voltou para a voz. Dillon estava do outro lado da rua, de braços cruzados, recostado no carro, os olhos cravados nos dela. Sem pensar duas vezes, Emily sacou o telefone da bolsa.

– O que você vai fazer, Em? Vai ligar para a polícia? – gritou ele, a voz ferroando-a como um enxame de abelhas furiosas. – Eu estou a mais de 30 metros de você e não estou nos limites da escola.

Emily não olhou para cima nem lhe respondeu. Abriu o telefone, os dedos trêmulos ao digitar 911. Quando a despachante entrou na linha, Emily ouviu Dillon rir.

– Qual é a natureza da sua emergência?

– Preciso de um policial na esquina das avenidas Hamilton e Stone – gaguejou Emily. Seus olhos passaram de Dillon para o estacionamento, já meio vazio.

Dillon balançou a cabeça, com um sorriso malicioso, enquanto atravessava a rua com as mãos enfiadas nos bolsos das calças.

O terror acorrentava Emily ao chão. O pânico se espalhou por seu estômago.

– Estou no estacionamento da Brody Elementary School. Tenho uma ordem de restrição contra o meu ex e ele está aqui.

– Qual é o seu nome? – indagou a atendente. Seu tom de voz era tão insanamente calmo que aquilo a assustou.

Olhando para Dillon, Emily engoliu em seco, as palavras presas na garganta.

– Senhorita? Ainda está aí? Preciso do seu nome.

A cada respiração irregular, vinham à tona as ameaças sussurradas por Dillon, pulsando em seus pensamentos: *Serei obrigado a machucar vocês dois.*

Vocês dois...

Seu instinto natural de fugir se transformou. Fechando o telefone, Emily deixou para trás o pavor e o medo borbulhou até virar raiva. Tinha pureza, franqueza e bondade ao lado de Gavin e, assim, compreendia ainda melhor a maldade de Dillon. Agora tinha uma felicidade além da compreensão e odiava a infelicidade completa a que se permitira um dia. Agora tinha prazer e já não precisava tolerar a dor. Apesar da sensação de não poder respirar e do nervosismo que arrepia suas entranhas, foi tomada pelo desejo de não mais permanecer sua prisioneira ou de deixar que ele machucasse Gavin. Deu um passo à frente, as pernas trêmulas levando-a direto até Dillon.

Parado um pouco depois do alambrado que cercava a escola, Dillon inclinou a cabeça para o lado. Abriu um sorriso de tubarão, com todos os dentes expostos.

– Vou repetir para ver se você entende desta vez. Eu não estou nos limites da escola. Estou na calçada. Posso não ter uma trena comigo, mas sou bom de matemática. Ainda estou a mais de 30 metros de distância.

– A polícia está a caminho, Dillon. – A intenção era que as palavras soassem firmes, mas não foi muito bem-sucedida.

– Eu a amava e você conseguiu me fazer odiá-la – rosnou ele, os olhos injetados de veneno. – Como pôde fazer isso comigo? Eu cuidei de você para ser envergonhado daquele jeito, porra?

– Você acha que cuidou de mim? – Chocada, Emily continuou, o tom ainda mais áspero: – Sabe de uma coisa? Eu retiro o que disse. Por um tempo, você tinha me convencido de que estava tomando conta de mim, mas você me enganou. Você sabia o que eu tinha passado na infância. O que tinha visto. Você prometeu que nunca iria se transformar em um daqueles homens, mas se transformou. Eu só não percebi logo. Você usou a morte da minha mãe contra mim. Sabia que eu estava vulnerável e se aproveitou disso. Isso não é amor. É doentio, deturpado. Ah, um pouquinho de sabedoria para você, Dillon: amar não é ficar envergonhado com o que aconteceu. Amar é ficar com o coração partido pela forma como as coisas terminaram entre a gente.

– Você acha que eu não estou magoado, caralho? – Ele mencionou dar um passo à frente, mas se deteve.

– Não. Eu não acho que você esteja magoado. Acho que o seu *ego* está ferido. Você nunca me amou. Nunca.

Com os punhos cerrados ao lado do corpo, ele trincou os dentes.

– Eu te amei, sim, mas você deu para o meu amigo!

Emily sentiu aquele pavor tão familiar se infiltrando outra vez. Lutou contra ele, ainda encarando o homem que significara tudo para ela antes de arruinar seu relacionamento.

– E, para seu governo – acrescentou ele –, eu não usei a morte da sua mãe contra você. Você desmoronou e eu não soube lidar com aquilo. Fiz o melhor que pude.

– E você achou que eu não ia desmoronar? – Emily sufocou um soluço. – Ela era minha mãe, Dillon! Minha mãe!

Dillon deu de ombros e soltou uma risada perversa.

– Seu relacionamento com ela já era tenso. Dá um tempo!

Os olhos de Emily se arregalaram, o pulso acelerando, descontrolado.

– O que isso tem a ver? Tensa ou não, era a única relação que eu conhecia. – Emily parou, incapaz de acreditar no monstro que ele tinha conseguido ocultar por tanto tempo debaixo de uma camuflagem de bondade. – Você é falso. Um camaleão. Onde, nesse seu coração de pedra, você conseguiu evocar a capacidade de fazer o que fez por ela antes de morrer? Me diga. Porque eu não consigo sequer imaginar.

– Nem eu. – Deu de ombros outra vez. Os olhos obscurecidos olhavam dentro dos dela. – Maluca do jeito que ela era, não merecia a minha ajuda. Não admira que você tenha desistido logo antes de ela morrer. Até você sabia o desastre que ela era. Não pôde nem ajudá-la. Ou será que eu devia dizer que você não *quis* ajudá-la?

Mesmo sabendo que ele estava fazendo aquilo só para tirá-la do sério, o mundo de Emily parou e a raiva ferveu em suas veias.

– Vá para o inferno – sibilou ela. – Você foi mesmo talhado da carne cruel da sua mãe. Pelo visto, gostou da cadeia, porque é para lá que vai voltar. Desta vez, vai ser por mais do que alguns dias. Eu só queria que a arrastassem com você por ter dado à luz alguém tão babaca.

– Vá se foder, piranha! – rosnou ele. – Eu não vou para a cadeia. Conheço os meus direitos e limites. – Balançou sobre os calcanhares muito calmamente. – Mais uma vez, eu estou na calçada e não há porra nenhuma que você possa fazer a respeito, Emily. Porra nenhuma. – Ele olhou para um grupo de adolescentes que atravessava a rua e voltou a encará-la, a malícia em seu olhar cravando-a como um alvo. – Isto é... a menos que você queira ligar para o Gavin e contar que eu estou aqui. – Fazendo uma pausa, ele balançou a cabeça e riu. – Isso, sim, seria divertido. Eu volto para a cadeia e desfruto de cada segundo sabendo que você teve de me ver enchê-lo de porrada aqui nesta calçada. Isso valeria algumas noites da minha liberdade.

Como se um interruptor tivesse sido ligado em sua cabeça, algo dentro dela mudou, algo que palavras não poderiam descrever. Segurou a bolsa de lona com força, fingindo estar impassível.

– Isso mesmo, Dillon, faça ameaças vazias. É uma coisa na qual você sempre foi bom. – Ela ergueu uma das sobrancelhas, fingindo desinteresse. – Você mal consegue fazer alguém sangrar. Eu, melhor do que qualquer um, saberia disso. Não é mesmo? – Emily esfregou o ponto do lábio onde ele a atingira. – Só para você saber, mal pinicou. Meus alunos da primeira série são bem melhores de soco.

– Sua vagabunda cretina! – vociferou ele, as palavras cuspidas como ácido. Tomando cuidado de permanecer na calçada, inclinou a cabeça e cuspiu de verdade nela.

A saliva não a alcançou, mas Emily tampouco se esquivou. Permaneceu imóvel como uma pedra. A respiração estava irregular, o coração batendo a toda. Uma voz masculina chamou-lhe a atenção. Recuando, viu um policial saltar de uma viatura; a descontração de seu caminhar era irritante.

Com as mãos nos quadris e vincos profundos no rosto, perguntou:

– O que está acontecendo aqui?

Emily enfiou a mão na bolsa, retirando os documentos.

– Eu tenho uma ordem de restrição...

– Nada – respondeu Dillon. – Ela está desperdiçando o seu tempo. – Ele fuzilou Emily com os olhos e puxou a carteira do bolso traseiro. – Tome o meu cartão do sindicato. – Passou-o pela cerca. – Meu tio é detetive da Narcóticos no norte do Brooklyn, em Bed-Stuy, há vinte anos.

O oficial examinou o cartão. Assentiu e abriu um sorriso.

– Olhe só para isso. – Deslizou o cartão do sindicato policial. – Aposto que ele conhece Anthony Armenio.

– Eu cresci com o Anthony Jr. e com a Anna. – Dillon olhou fundo nos olhos de Emily, a expressão gélida, enquanto enfiava o cartão na carteira. – Meu tio costumava me trazer até...

– Com licença – interrompeu Emily, colocando os documentos na mão do policial. – Detesto interromper essa simpática conversa, mas ele violou uma ordem de restrição do tribunal.

– Não violei *coisa nenhuma* – rebateu Dillon, com um sorriso presunçoso.

Impaciente, Emily virou a cabeça de súbito em direção a Dillon.

– Violou, sim! Não é para você estar aqui, porra!

– Ei, ei – disse o policial, encarando Emily com severidade. – Calma.

– Não vou me acalmar – devolveu Emily, olhando de relance para seu distintivo. – É a sua função mantê-lo longe de mim, *oficial McManus*. – Ela deu um passo atrás e cruzou os braços. – Faça-me o favor de cumprir a função exigida pelos impostos que eu pago e olhe a ordem judicial.

Arqueando a sobrelance, o policial coçou o queixo. A irritação perpassou as suas feições, mas ele desviou o olhar de Emily. Folheou os documentos sem a menor pressa.

– Ele não violou esta ordem, Srta. Cooper. – Devolveu os papéis a ela. – Até onde me diz respeito, no entanto, a *senhorita* talvez a tenha violado.

– O quê? – questionou Emily, com os olhos arregalados. – Como foi que *eu* violei a ordem? Ele apareceu no meu local de trabalho.

– Não, ele não fez isso – corrigiu o policial, sacando um bloquinho e rabiscando nele. Emily olhou para Dillon, que sorriu, satisfeito. – Aqui diz que o Sr. Parker não pode pisar nos limites da Brody Elementary School – continuou o oficial, os cabelos brancos esvoaçando no ar gelado. Ele rasgou o papel e lhe entregou. – Até onde posso ver, não foi o que ele fez. Está além dos limites da propriedade, numa calçada pública. Mas o que estou querendo saber é por que a senhorita está tão perto do alambrado. A menos que o Sr. Parker tenha algum tipo de poder mágico que a fez atravessar o estacionamento flutuando, foi você quem se aproximou dele, de livre e espontânea vontade. – Emily abriu a boca, mas o policial a cortou: – Esse papel que está segurando é um aviso. Mais um desses e sua ordem de restrição será revogada. – O policial se dirigiu à viatura, onde se acomodou, baixou a janela e sorriu. – Sr. Parker, vou ficar aqui até o senhor sair, mas estou morrendo de fome, então seja rápido.

Sorrindo, Dillon assentiu e se voltou para Emily. Enfiou as mãos nos bolsos e foi recuando, lentamente.

– Eu nunca faço ameaças vazias, Emily – sussurrou. – Lembre-se disso.

Enquanto Dillon dava meia-volta, atravessando a rua e entrando em seu Mercedes, o medo do qual Emily vinha tentando se livrar pinicou sua pele. Enraizou-se dentro dela, ainda mais fundo do que antes. Apertando o papel que ela tão facilmente imaginara significar sua proteção, Emily observou Dillon e a viatura se afastarem. O casulo do seu passado se rompeu bem diante de seus olhos. No entanto, nenhuma linda borboleta surgiu. Em vez disso, uma mulher abalada emocionalmente se viu sozinha naquele estacionamento, a ideia delirante de que ficaria bem transformada num borrão distante. Nunca se livraria do caos imposto por Dillon. Uma máquina tinha substituído seu coração em algum lugar ao longo do caminho e ela soube, naquele exato momento, que nunca estaria completamente a salvo dele.



– Ei, você não pode entrar aqui desse jeito. – Olivia se levantou do sofá e colocou as mãos na cintura, abrindo um sorriso brincalhão. – Você não é mais residente e eu acabei de fazer sexo bem no meio da sala.

– Eu me mudei há três dias – Emily a encarou com uma das sobrelhas erguidas – e você está fazendo sexo sozinha, completamente vestida?

Olivia encolheu os ombros.

– Eu dou o meu jeito.

Emily jogou os pertences sobre a mesa do hall de entrada. Despiu o casaco, entrou na cozinha e pegou uma lata de refrigerante da geladeira.

– Você nem imagina o que me aconteceu – disse, sentando-se à mesa.

Olivia estreitou os olhos e a examinou por um momento.

– Certo, eu já vi essa expressão. Faça-me o favor de não me dizer que você e o Gavin já estão tendo problemas. – Ela se deixou cair numa cadeira na frente de Emily. – Se for isso, eu juro que desisto dos dois. Além do mais, vocês já combinaram de passar o Natal na casa da sua irmã. Não vai ferrar com as festas de fim de ano, vai?

– Nós estamos bem. – Emily balançou a cabeça e seus nervos voltaram a ficar à flor da pele. – O Dillon passou pela escola hoje.

– Você ligou para a polícia, né? – perguntou Olivia, impaciente. – Ele voltou para a cadeia?

– Não, não voltou. Eu liguei, sim, para a polícia, e o babaca que deu as caras disse que *eu* estava errada, não o Dillon.

Pela primeira vez na vida, Olivia pareceu ficar quase sem fala.

– Como assim? Como você podia estar errada? Isso não faz o menor sentido, caralho. A ordem judicial deve proteger você, não ele.

Emily suspirou.

– Eu fui até onde ele estava parado, atrás do alambrado.

Olivia arregalou os olhos.

– Por que você se aproximou dele? Você sabe do que ele é capaz. Se o canalha apareceu na escola, quem sabe o que estava planejando?

– Talvez tenha sido exatamente isso, Olivia. Talvez, por um segundo, eu não quisesse ter medo dele, do que ele poderia fazer comigo.

Olivia bufou e cruzou os braços. Recostando-se, olhou pela janela da cozinha e enfiou uma mecha de cabelos louros atrás da orelha.

– Você tem que contar para o Gavin.

– Eu sei. – O estômago de Emily deu uma cambalhota, mas esconder a verdade de Gavin já não era uma opção. – Tínhamos combinado de sair para jantar esta noite, mas mandei uma mensagem de texto dizendo que não estava me sentindo bem. Vou contar para ele quando chegar em casa.

Com um sorriso cansado, Olivia tomou a mão de Emily.

– Acho que seria bom você comprar umas garrafas de vinho no caminho. Talvez ajude a acalmar os ânimos.

Exasperada, Emily se levantou.

– Ah, claro, vai melhorar muito a situação se o Gavin ficar bêbado.

– Eu não estava falando dele, estava falando de você. – Olivia ficou de pé e deu de ombros. – Você é que vai precisar de umas taças. Ele vai pirar, mas tenho certeza de que você sabe disso.

Emily sabia. A ansiedade tinha tomado conta dela, mas, antes que pudesse pensar demais a respeito do que estava prestes a enfrentar, um movimento rápido no corredor chamou sua atenção.

– A Tina está aqui?

Olivia mordeu o lábio e balançou a cabeça.

– O Trevor?

Permanecendo em silêncio, Olivia mais uma vez negou e sorriu.

Emily franziu a testa mais ou menos ao mesmo tempo que um homem alto e magro entrou na sala vestindo pouco mais do que a toalha rosa de altíssima qualidade de Olivia.

– Ih, merda. Não sabia que tinha alguém aqui – disse o visitante sem nome, passando a mão rude pelos cabelos castanho-claros e úmidos.

O homem fez menção de se virar, mas Olivia se aproximou dele rapidamente. Ficou nas pontas dos pés, deu um beijo longo e gostoso em seus lábios e entrelaçou o braço no dele.

Arrastando o Sr. Toalha Rosa Felpuda até a cozinha, Olivia sorriu.

– Emily, este é o Jude. Jude, essa é a minha melhor amiga, a Emily.

Emily apertou a mão de Jude.

– É... Oi. Prazer em conhecê-lo – disse Emily, tentando evitar que o cumprimento soasse como uma pergunta.

Com um sorriso que realçava os dentes muito brancos e os olhos verde-claros, Jude enfiou o polegar entre a toalha e o corpo, tentando apertá-la mais na cintura.

– É, você também. Desculpe, imaginei que, na primeira vez que a gente se visse, eu estaria vestido.

– Por quê? – perguntou Olivia, enfiando-se embaixo do braço dele. Correu a mão pelo abdômen definido de Jude. – Eu gosto de exibir isto aqui.

Jude sorriu, puxando Olivia para perto e lhe dando um beijo longo e caprichado.

– Tenho umas coisas para fazer – comentou Emily, o desespero de sair dali aumentando a cada segundo. – Foi bom conhecer você, Jude. Tenho certeza de que a gente vai se ver por aí.

– Beleza. Sem dúvida – respondeu ele, interrompendo o beijo. Ele desceu o corredor, deixando Emily e Olivia sozinhas.

– Beeem, o que você achou? Agora eu também tenho o meu colírio, não é?

Emily vestiu o casaco e pendurou a bolsa no ombro.

– Onde você o encontrou e o que aconteceu com a Tina?

Olivia deu de ombros.

– Ela era calada demais para mim e a família dela não era exatamente fã dessa parada de menina com menina. – Ela acompanhou Emily até a porta, com os olhos brilhantes. – O Jude foi à galeria atrás de uma obra e, de alguma forma, eu o convenci a me deixar pintá-lo... nu.

Emily riu, cobrindo a boca.

– Você pintou um retrato dele pelado?

– Não, amiga. – Olivia atirou o braço sobre o ombro de Emily, o sorriso tão perverso quanto o do próprio demônio. – Eu pinte o corpo dele enquanto ele estava nu.

– Você acaba comigo, sabia? – Emily a puxou para um abraço. – É sério, eu adoro você.

– Gosto mais de como o Jude acaba comigo. – Olivia soltou Emily e lhe deu uma cotovelada nas costelas. – Entendeu?

– Sim, é claro que entendi, maluca.

Olivia deu um sorriso satisfeito. Abrindo a porta, ficou séria.

– Me ligue esta noite e me conte como foram as coisas, está bem?

Emily assentiu, voltando à realidade.

– Pode deixar.

Fitou Olivia por um instante antes de contemplar seu primeiro lar em Nova York.

– Eu te amo, Liv.

– Eu também te amo.

Ao entrar no corredor, deixando o passado para trás, Emily se sentiu invadida por uma onda de insegurança quanto ao futuro. Mas, ainda assim, sabia que tinha de enfrentá-lo. Não mais se escondendo e começando a mudar aos poucos. Nada a acorrentaria a si... a não ser ela mesma.

E isso... isso ela não permitiria.



Emily abriu a porta da cobertura. O aroma de pão de alho enchia o ar. Gavin entrou em seu campo de visão e o nervosismo percorreu seus braços, mas desapareceu quando ele andou em sua direção, o sorriso lento e deliciosamente sexy.

Ele a olhou preguiçosamente enquanto a puxava para os próprios braços.

– Você está se sentindo melhor ou vai precisar que eu brinque de médico esta noite? – Ele desceu as mãos até sua cintura. – Embora isso possa ser *muito* gratificante para nós dois, eu prefiro que você esteja bem.

Emily sentiu borboletas no estômago.

– Estou certa de que seria *mais* do que gratificante – atçou ela, os olhos concentrados na boca que desejava tão desesperadamente.

Ficou nas pontas dos pés e cedeu à tentação. Concentrou-se no presente enquanto os lábios dele derretiam.

– Humm, pelo visto você está, sim, se sentindo melhor – falou ele, empurrando-a para a sala de estar. Com os lábios ainda grudados aos dela, tirou a bolsa do ombro e a atirou sobre uma caixa de papelão que estava atrás do sofá. – Mas não pense que vai se safar com tanta facilidade. Tenho todo o equipamento necessário

para um médico no meu armário, inclusive um estetoscópio e meias três-quartos brancas para essas pernocas lindas.

Emily atirou a cabeça para trás, a curiosidade invadindo seus olhos.

– Sério?

– Não, mas posso dar um pulo correndo na Kiki de Montparnasse, aquela sex shop da Greene Street, para escolher algo bem sacaninha, se você insistir.

– Você acabou de falar francês?

– Sim... Na verdade, falo francês fluentemente. Eu tenho uma língua *muito* talentosa. – Ele roçou os lábios, provocando-a. – Mas isso não é algo que você já não saiba. Adoro a ideia de você com meias três-quartos brancas, embora tenha de admitir que prefiro você de preto.

– E eu aqui pensando que você me preferia nua... – Mais uma risadinha e Gavin grunhiu. Emily inclinou a cabeça enquanto ele passava os lábios pelo pescoço dela e notou que a água na panela já borbulhava. – Está fervendo – disse com a voz rouca.

A sensação da boca de Gavin acariciando sua clavícula lhe dava ondas de prazer.

– Tenho certeza de que está. Eu sempre tive esse efeito sobre você. – A voz dele vibrava sobre a pele de Emily enquanto ele começava a desabotoar sua blusa. – Lembre que eu faço coisas com o seu corpo que ninguém mais consegue fazer.

Embora estivesse completamente excitada, Emily não pôde deixar de cair na gargalhada. Gavin se mostrou adoravelmente confuso, mas, naquele momento, todo o nervosismo a invadiu de uma só vez e ela não conseguiu parar.

Gavin a encarou com uma expressão inquisitiva e se afastou enquanto ela continuava a crise de histeria.

– O que foi? – Sua boca se curvou num meio sorriso. – Não sou nenhum comediante, mas bem que achei as minhas falas divertidas.

Emily pôs a mão no seu peito.

– Eu estava falando da água no fogo. Você acha mesmo que eu usaria a palavra *fervendo* para descrever o que você faz com o meu

corpo?

Gavin piscou, aturdido.

– Está tentando fazer com que eu me sinta melhor? Se estiver, fracassou miseravelmente.

Brincalhona, Emily fez beicinho, passando os dedos pelos cabelos dele.

– Ora, será que eu feri o ego do meu homem?

– De diversas maneiras – admitiu ele. Como fogo, a voracidade em suas feições a devorou. Ele se aproximou do seu ouvido e sussurrou: – Mas não se preocupe: minha vingança será a sua *maravilhosa* ruína.

A promessa deslizou por Emily como seda. Um calafrio a arrepiou enquanto ele passava a boca, suave como uma pluma, por seu queixo, os músculos rijos de desejo. Passando a mão por sua nuca, Gavin a beijou avidamente. Deixando-a quase sem fôlego, enredou os dedos em seus cabelos e se afastou com a mesma rapidez. Enquanto tentava se recuperar do delicioso ataque mais do que especializado, Emily o ouviu sufocar uma risada. Ele entrou na cozinha. Um tanto atordoada, ela se deixou cair no sofá de couro, tirou os sapatos e os largou no chão de mármore.

– Emily! – chamou Gavin.

Ainda tonta, ela engoliu em seco e respirou fundo.

– Gavin.

– Eu acabo de fazer o seu corpo *ferver*, doçura – frisou ele, erguendo uma das sobrancelhas e sorrindo maliciosamente. – Acha que seria seguro afirmar que vou conseguir os mesmos resultados quando o seu corpo nu estiver preso debaixo do meu esta noite?

Sabendo que Gavin não era menos do que fascinante, estimulante, poderoso e passível de consumi-la por inteiro, Emily se viu simplesmente assentindo. As palavras dele a deixaram muda. Ele deu aquele sorriso sexy que a pegara de surpresa desde o primeiro dia e se dirigiu à cozinha.

Abriu um pacote de macarrão e jogou-o na panela cheia d'água. O vapor subiu e espiralou à sua volta. Ele acendeu outra boca, passou um filete de azeite em uma panela e colocou dentro pedaços de peito de frango cobertos com farinha. Depois de lavar

as mãos, pegou dois pratos no armário. Recostando-se, Emily observou a facilidade com que ele se movia na cozinha. Sabia exatamente o que estava fazendo. Um verdadeiro chef, além de gostoso e sarado. Considerando que passava o dia todo atrás de uma mesa, não havia outra forma de aquele corpo se manter tão magnificamente em forma. Os olhos percorreram os jeans desbotados pendendo perfeitamente da cintura delgada. Observou como os músculos se flexionavam por baixo da camiseta preta a cada movimento. Agia de maneira casual apesar de emanar tanto poder. Perguntou-se se ele estaria ciente disso.

Como todo o seu conhecimento culinário não passava de um macarrão instantâneo, Emily sabia que precisaria tirar o atraso no departamento gastronômico. Considerando que Gavin tinha um chef particular para preparar a maior parte das refeições, achava divertido que ele soubesse tudo aquilo. No entanto, aquela não era a primeira vez que se admirava de algo que Gavin fazia ou dizia. Uma cálida sensação de conforto se espalhou por ela. Dillon nunca tinha cozinhado para eles. Sempre saíam para jantar. Não que Emily não gostasse de ser mimada até certo ponto, mas amava os pequenos gestos de Gavin. De alguma forma, enquanto o observava retirar uma garrafa de vinho branco da geladeira e servir uma taça para cada um, sabia que ele ia preencher sua vida com inúmeras pequenas coisas que equivaleriam a mais do que qualquer outro homem jamais poderia lhe dar. Por um breve segundo, ela sorriu. Em seguida, a realidade do que a noite reservava voltou a atacar seus nervos. Emily se encolheu, lamentando ter mentido para ele. Engoliu em seco, respirou fundo e ficou de pé.

Passou à cozinha e se postou atrás de Gavin, no fogão. Abraçou-o, ficou na ponta dos pés e pousou o queixo em seu ombro.

– Eu não sabia que você cozinhava. Você fica cada vez mais e mais sexy.

Ele riu.

– Espere aí. Eu pensei que fosse *shmexy*.

Ele espetou um macarrão da panela com um garfo e se virou para dá-lo a Emily, que o aceitou.

– *Shmexy?* – perguntou ela, mastigando, claramente confusa. – É essa a sua versão da palavra?

Virando-se, Gavin arqueou uma das sobrancelhas, o olhar divertido.

– Não, boneca. É a sua versão quando você bebe demais. – Ele lhe sapecou um beijo no topo da cabeça. – E eu acho isso muito *shmexy*.

Ela o encarou, sorrindo.

– Não tenho a menor ideia do que você está falando, mas vou concordar.

– Mulher esperta. Vá se sentar, *shmexy*. Deve estar tudo pronto daqui a um minuto.

– *Shmexy*. – Emily riu. – Bem, no que posso ajudá-lo, Sr. Shmexy?

– Coloque isto na mesa.

Gavin pegou um cesto de pão de alho da bancada.

– Só isso? – Ela obedeceu. – Não há nada mais que eu possa fazer por você?

Sorrindo, Gavin se encostou na bancada e cruzou os braços.

– Como é que você consegue fazer uma pergunta tão simples e inocente soar tão sexy?

Com seu sorriso peculiar, Emily pôs as mãos nos quadris.

– Talvez seja um dom. Um presente para você.

Gavin mordeu o lábio e foi até ela, sussurrando em seu ouvido:

– Se é um presente, posso desembulhar, então?

Emily respirou, trêmula, ao sentir sua voz suave tão próxima.

– A gente tem que comer primeiro.

– Viu só? Você acaba de fazer a mesma coisa, Srta. Cooper. – Ele massageou sua cabeça, os olhos vidrados com um desejo inconfundível. – Você sabe como eu adoro... *sobremesa*.

O calor se irradiou pelo corpo de Emily, indo se aninhar no seu estômago. Céus, ele era irresistível. Soltando o ar que vinha prendendo, ela balançou a cabeça.

– O senhor precisa aprender a se controlar.

Tentando ela mesma exercer o autocontrole, porém mais preocupada com a guinada dramática que a conversa estava

prestes a dar, Emily se afastou e se acomodou na cadeira.

Meio chocado, Gavin a observou por um segundo e, em seguida, se voltou para o fogão.

– Você me priva de qualquer controle que eu já tive um dia. – Ele escorreu a massa e espalhou um pouco de molho de tomate sobre ela. – Mas você já sabe disso.

A verdade. Lá estava ela, esfregada bem em sua cara. Emily sabia que ele não conseguia se controlar quando ela estava por perto e, embora se sentisse da mesma forma, naquele momento, não foi capaz de suportar o fato de que Gavin a desejava. Não conseguia suportar a si mesma. A pergunta açoitou o ar antes mesmo que ela pensasse duas vezes:

– Por quê, Gavin? – Ela ergueu os olhos da mesa. – Por que você me escolheu? Você pode ter a mulher que quiser. Por que eu?

Virando-se, Gavin franziu a testa.

– Por que eu não iria querer você, Emily?

Ela deu de ombros de maneira casual.

– Porque não há absolutamente nada de especial em mim. Eu sou fraca de tantas maneiras e você... você é forte. – Emily se remexeu na cadeira. – Nada em mim se encaixa no que você precisa ou merece.

Gavin ficou perfeitamente imóvel, o olhar inabalável.

– Por que está dizendo tudo isso?

– Eu consigo listar mais razões pelas quais você não deveria me querer.

Ela deu de ombros.

– Não quero que você liste mais nenhuma razão idiota pela qual *acha* que eu não devia querer você. – Ele se aproximou, sem saber de onde estava vindo aquilo tudo. Pegando a mão de Emily, gentilmente a levantou da cadeira. Seus olhos dançaram pelo rosto dela. – Você quer que eu diga *por que* eu preciso de você, Emily? Porque é isso que você é para mim. Você é uma necessidade. Não um querer. – Com os olhos marejados e os lábios trêmulos, Emily balançou a cabeça e mencionou falar, mas Gavin tomou o seu rosto entre as mãos e puxou-o para mais perto. – Não tenho certeza se algum dia você vai entender, mas eu já disse que preciso de você

mais do que da minha próxima respiração. Desde o dia em que nos conhecemos, do segundo em que pus os olhos em você, nunca mais houve ninguém que merecesse ocupar um centímetro de espaço na minha mente. – Ele acariciou os lábios dela com os polegares, beijando-a na testa. – Deus me criou para amar você. Me deixe curar as feridas do seu coração. Eu sei que esta mulher machucada não existia antes do Dillon. Eu me recuso a acreditar nisso.

O amor vencendo as mentiras. A confiança vencendo a desconfiança. Com o coração se desfazendo, Emily respirou fundo.

– Eu menti para você – confessou ela, com a voz falha, enxugando as lágrimas.

Não deixando transparecer o desconforto, Gavin afastou lentamente as mãos do rosto de Emily.

– Espere aí... Mentiu sobre o quê?

Seus olhos fuzilaram Emily, fazendo-a recuar. Sem conseguir respirar, a mente num turbilhão, ela foi atingida pela náusea com a força de um soco. Cobrindo a boca com a mão, saiu correndo em direção ao banheiro, quase tropeçando nas caixas de sua mudança, espalhadas por toda a cobertura.

– Emily! – chamou Gavin, indo atrás dela.

Ela bateu a porta e a trancou. Debruçada sobre a privada, sentia as ânsias de vômito indo e vindo. Estava há horas com o estômago vazio, então nada saía.

– Emily, me deixe entrar.

Mais uma vez, a ânsia deu uma guinada violenta em seu estômago. Ela balançou a cabeça e olhou dentro do vaso.

– Eu... Eu preciso de um segundo, Gavin.

– Não, Emily – retrucou ele, sacudindo a maçaneta. – Abra a porta. Agora!

Mesmo detectando a preocupação em sua voz, ela também percebeu o tom de autoridade e não achou impossível que Gavin colocasse a porta abaixo se ela não obedecesse. Levantou-se. Com tantas emoções invadindo-a ao mesmo tempo, sentia-se completamente perdida. Escancarou a porta com os olhos vidrados. As palavras jorraram antes mesmo que Gavin pudesse dizer qualquer coisa:

– Sabia que uma em cada três mulheres acaba num relacionamento mental ou fisicamente abusivo?

Gavin a fitou em silêncio. Seus músculos enrijeceram imediatamente enquanto a adrenalina corria por suas veias.

– Mas a parte engraçada é que as coisas não começam assim. Tudo começa maravilhoso, bem sólido. Aí, pouco a pouco, a relação muda e você se pergunta se está ficando louca. Você questiona a própria sanidade. Num minuto, a pessoa que você ama é gentil e atenciosa e, no seguinte, pira. Nas primeiras vezes que isso acontece, você deixa pra lá, achando que a pessoa teve um dia ruim, mas depois aquilo se transforma num padrão de comportamento. A vítima de abuso não está alheia a ele, mas passa a se culpar.

Com o corpo todo em estado de alerta, Gavin tensionou o maxilar e roçou os dedos pelas faces dela, olhando fundo em seus olhos.

– O Dillon bateu em você? – sussurrou ele, controlando o tom de voz.

Tremendo, Emily engoliu em seco.

– Você sabia que o abuso mental pode provocar depressão, ansiedade, desamparo, baixa autoestima e desespero? Mas isso não importa, porque os seus sentimentos não contam e você não percebe que nunca vão contar. Às vezes, o autor do abuso faz você pensar que contam. Então, você mais uma vez acredita que quem devia estar num manicômio é você, não ele. Mas normalmente as suas necessidades e os seus sentimentos... se você tiver coragem de expressá-los, e a maioria das mulheres não tem... são ignorados, ridicularizados, minimizados e desconsiderados. Dizem que você é exigente demais ou que há algo errado com você. Basicamente, negam o seu direito de sentir... qualquer coisa.

Chorando histericamente, Emily andou até a sala e foi seguida por Gavin. Sentou-se no sofá e o encarou.

– Às vezes você se afasta dos amigos e das pessoas que ama. Às vezes nem permitem que você tenha amigos. Apesar de você ter dado à outra pessoa o seu coração e a sua alma, o comportamento dela se torna tão errático que você tem a sensação de caminhar

num campo minado. Mas você continua a amá-la porque ela não era assim quando você a conheceu, então fica óbvio que a culpa é sua. Então... e eis aqui a parte mais histórica, e é incrível como tudo se torna confuso... você começa a inventar desculpas para os comportamentos imperdoáveis do outro na tentativa de se convencer de que é normal. Num esforço real e insano de se convencer de que foi você que a transformou no monstro que ela se tornou.

Com o coração aos saltos, Gavin se ajoelhou na frente dela. Uma eletricidade carregada de raiva se irradiou por seus nervos quando tomou as mãos de Emily, entrelaçando os dedos.

– Pelo amor de Deus, Emily, me conte o que ele fez com você.

Em prantos, Emily começou a rir.

– Espere, Gavin, escute só a melhor parte. Duas mulheres de uma organização de combate à violência doméstica me disseram que eu permiti que isso acontecesse porque sou “um produto do meu ambiente”. Sério, dava para ser mais clichê? Eu já contei para você sobre os meus pais? Já disse que, depois que o meu pai nos deixou, minha mãe continuou a correr atrás de babacas?

Querendo arrancar a resposta de dentro dela, Gavin negou. Emily nunca tinha se aberto daquela forma e ele sabia que precisava deixá-la falar. Apertou as suas mãos enquanto o peito se comprimia a cada respiração irregular dela.

– Pois era o que ela fazia. Arrumava um atrás do outro como se o mundo fosse acabar no dia seguinte. Eu entendo que ser mãe solteira era difícil para ela. Entendo mesmo. Mas ela definitivamente tinha um talento especial para pegar o bêbado da vizinhança no bar mais próximo para ajudá-la a pagar o aluguel do mês seguinte. Eles ajudavam por um tempo até darem no pé como o meu pai fez, mas isso nunca acontecia sem um preço. Ela os deixava esbofeteá-la se o jantar não estivesse pronto na hora que eles chegassem ou se a casa não estivesse limpa até eles tirarem as botas imundas. Cada um tinha uma cara, mas todos vinham do mesmo molde. Cada um deles foi talhado do mesmo pedaço de cera abusivo.

Emily apertou as mãos de Gavin.

– Então, essas mulheres me disseram que testemunhar a fraqueza da minha mãe levou à minha própria fraqueza, assim como o fato de ela assistir ao meu avô bater na minha avó foi o que levou à dela. Falaram que eu fui criada para achar que era certo um homem fazer isso com uma mulher. Que a autoestima vinha de se submeter às necessidades de um homem a qualquer custo. Mesmo que isso significasse ter que me rebaixar vez após outra.

Ela fez uma pausa e prosseguiu:

– Mas acontece que nem sempre os filhos puxam aos pais. Cinquenta por cento das crianças que crescem assistindo a uma situação dessas não seguirão os passos dos pais, quer seja um menino que veja o pai bater na mãe ou uma menina que veja a mãe apanhar. Só que eu puxei à minha mãe, Gavin. Segui o mesmo caminho. – Emily olhou para as mãos entrelaçadas com as de Gavin. Os dois se encararam, os olhos igualmente doloridos, e ela teve imensa dificuldade em pronunciar as palavras. – Elas também disseram isso porque eu briguei com o Dillon no dia do nosso casamento; eu enfim rompi o ciclo.

E lá estava a pergunta respondida. A pergunta cuja resposta Gavin já sabia. Seu estômago mergulhou num poço sem fundo. Pálido, ele se levantou devagar, lâminas de ira dilacerando o seu peito. Sangue. Queria o sangue de Dillon e o queria naquele instante.

Emily se pôs de pé, as pernas trêmulas.

– Não. Por favor, não – sussurrou, olhando os olhos cheios de veneno. Levando as mãos até o seu rosto, ela tremia junto com ele. – Eu estou aqui com você, Gavin, e estou bem. – O silêncio se tornou sufocante enquanto Gavin tentava ficar inexpressivo. Mas não estava funcionando. Dava para perceber que ele estava prestes a explodir. – Eu não lhe contei porque não queria que você se machucasse. Não queria que você se metesse em alguma enrascada ou que passasse por mais nada além do que já passou. Por favor, não me odeie por ter mentido para você. Por favor, não.

Gavin soubera que ela estava mentindo naquela noite. Algo muito profundo em suas entranhas lhe dissera isso. No entanto,

outra parte o enganara, fazendo-o acreditar nela. Gavin a olhou, confuso, uma carranca maculando seu rosto.

– Eu nunca poderia odiar você, Emily. Acredita em mim?

Emily assentiu, as lágrimas escorrendo.

– E você está preocupada *comigo*?

– Estou – admitiu ela debilmente. – Preciso proteger você. Fui eu que causei tudo isso.

– Me proteger depois do que ele fez com você? – questionou ele, a exasperação cortando o ar. Gavin levou as mãos ao seu rosto, perfurando-a com os olhos. – Meu Deus, Emily, você não causou nada disso, mas não pode me pedir para não fazer nada com ele.

– Por favor!

Rangendo os dentes, Gavin se virou.

– Não.

Emily ficou apavorada ao vê-lo pegar as chaves na bancada. Indo até ele, a mente assaltada por imagens do que ele estava prestes a fazer, irrompeu numa crise histérica da qual jamais se achara capaz. Chorara muitas vezes ao longo da vida, mas nada chegava perto da quantidade de lágrimas que aquele corpo diminuto estava produzindo. Não conseguia respirar, não conseguia pensar. Ela mal pôde atravessar a cobertura; as pernas pareciam se deslocar através da lama. Emily agarrou o braço de Gavin quando ele estava prestes a abrir a porta da frente.

Gavin se virou, a expressão feroz, o olhar percorrendo-a por inteiro.

– Você está me pedindo para não ser homem, Emily, e eu não posso fazer uma porra dessas. Não posso. Você é minha e, se eu não tivesse ido embora, isso não teria acontecido. Não me peça para não consertar essa situação da única forma que eu sou capaz.

Com a respiração suspensa e o coração desintegrado diante da ideia de que ele se culpava, Emily hesitou por um instante antes de levar a mão ao seu rosto. Acariciando-lhe o queixo, balançou a cabeça, a voz um suave sussurro.

– Gavin Blake, você é mais homem do que qualquer um que eu já conheci. Você é bondoso. Você é gentil. Você é forte e espirituoso. Você é atraente e simpático e, apenas com as palavras

mais simples, consegue reduzir a maioria das mulheres a coisas abobalhadas.

Afastando os dedos do seu queixo, ela os arrastou até seu peito.

– Você é de uma sensibilidade impressionante e não poderia fazer mais nada para eu me apaixonar ainda mais por você. Nem uma coisinha. – Colocando-se na ponta dos pés, teve uma crise de nervos ao entrelaçar as mãos em sua nuca, trazendo seu rosto para mais perto. – E nada disso é culpa sua.

Lutando contra a fúria, Gavin encostou a testa na dela.

– Não, Emily. Se eu não tivesse ido embora...

– E se eu não o tivesse aceitado de volta.

– Ele não deveria ter tocado a porra de um dedo em você – rebateu ele, tentando conter a raiva. – Não é a mesma coisa.

– Eu sei que não é. Mas você quer saber o que é?

Gavin colocou a mão em seu quadril, enfiando os dedos, enquanto desviava o olhar. Emily tocou seu rosto, fazendo-o encará-la, e continuou:

– Se você sair por aquela porta para ir atrás dele, não vai ser diferente de qualquer homem que eu já conheci. Por favor, não tire esse homem de mim, Gavin. Por favor.

Mas que inferno. A expressão naqueles olhos verdes, combinada com seu apelo suave, deu a Gavin a sensação de estar encostado na parede. A cabeça estava confusa, completamente dominada por suas palavras. Dividido entre a necessidade de socar Dillon até deixá-lo à beira da morte e de não querer fazer Emily sofrer ainda mais, a tensão torturava Gavin.

Emily abrira todas as feridas para ele, até sangrar, toda a dor e todas as lembranças sofridas. Antes disso, ela parecera inacessível, mas, naquele dia, afogara cada medo num mar de confiança que Gavin sabia que só ele possuía. Mas, puta merda, não seria capaz de escapar à própria hostilidade se permitisse que Dillon se safasse. O instinto masculino de Gavin clamava pela destruição do homem que machucara a mulher que ele amava. Sua mulher. Estava mesmo ferrado.

Imerso em seus pensamentos, Gavin trincou os dentes até doer. Olhando fixamente nos olhos da mulher sem a qual sabia que não conseguia viver, tomou uma decisão que esperava não assombrá-lo durante cada minuto que passasse acordado, pelo resto da vida.

– Não vou atrás dele. – O próprio Gavin se retraiu quando as palavras deixaram sua boca. – Prometo. Mas você vai me dizer onde ele bateu. Está me entendendo? Eu preciso saber.

Embora Emily enxergasse a relutância em seus olhos, seu tom de voz era sincero. Suspirou e fez um curto meneio de cabeça.

– Está bem.

O peito de Gavin se contorceu devido à dor contida em sua voz. Segurando-lhe a mão suavemente, ele a conduziu até a cozinha e desligou o fogo; o frango já tinha torrado. Emily apertou a mão de Gavin com ainda mais força enquanto se dirigiam ao quarto. Olhando-se, permaneceram em silêncio como se não soubessem o que dizer.

Tentando extirpar qualquer vestígio de raiva de seu rosto, Gavin enlaçou sua cintura e a puxou com força para si mesmo. Dali a segundos, ela amoleceu em seus braços, as lágrimas caindo insistentes. Aninhou o nariz nos cabelos dela, respirando o doce perfume de xampu enquanto Emily tentava se preparar para o que estava prestes a lhe dizer. O cérebro de Gavin não conseguia compreender como alguém podia machucá-la. Ela era frágil. Carinhosa. Vulnerável. Gavin sabia que o toque dela era a única coisa que possuía que era verdadeiro e puro. Dillon tirara sua pele metodicamente, camada por camada, expondo partes que nenhuma mulher deveria ter de expor. Gavin temeu quebrar a promessa de não ir atrás daquele idiota doentio. A cada segundo que Emily desmoronava em seus braços, Gavin chegava perigosamente perto de perder qualquer aparência de controle.

Quando o pranto de Emily diminuiu a ponto de se transformar num murmúrio suave e sua respiração retornou ao ritmo normal, Gavin inclinou o queixo dela para cima com suavidade. Um lampejo de compreensão luziu em seus olhos.

– Você está bem?

Emily limpou o nariz.

– Eu estou. E você?

Não, não estava. Nem perto disso. Sentia-se fora do prumo. Mas como queria mantê-la o mais calma possível, assentiu.

– Meu Deus, você ainda nem comeu. – Deixando escapar um suspiro exausto, passou a mão pelos cabelos de Emily. – Está com fome?

– Não – sussurrou ela.

Não estava. Como ainda tinha a sensação de que poderia vomitar, comida era a última coisa em que iria pensar.

– Está bem. Vou jogar uma água no rosto. – Beijou-a suavemente. – Já volto.

Emily o observou desaparecer banheiro adentro. Depois que ele fechou a porta, ela respirou fundo, tentando diminuir a tensão do corpo. Não funcionou. Não queria dar detalhes sobre aquela manhã para Gavin. Reviver aquilo tudo podia ser o último golpe devastador em sua sanidade. Percebia que ele lutava contra o instinto de ir atrás de Dillon e isso já era ruim o suficiente. Aquilo tudo poderia enervá-lo além do seu limite.

Ela arrancou os maus pensamentos da cabeça e foi remexer em algumas caixas de mudança que ainda continham seus pertences. Procurando pijamas, deparou com uma foto da mãe e da irmã tirada numa viagem a Santa Cruz, muitos anos antes, abrindo sorrisos forçados. Aqueles pequenos momentos de relaxamento haviam sido uma ilha de bondade em meio ao mar de caos. Apenas um fragmento de algo inconstante. Emily engoliu as lágrimas, pois sabia que estava prestes a chorar o bastante por uma noite. Enfiou a lembrança debaixo de uma pilha de suéteres.

Gavin ressurgiu do banheiro quando ela já tinha trocado de roupa e havia colocado calças de moletom e uma camiseta. Ele vestia apenas uma cueca samba-canção e o rosto exibia ainda mais raiva. Emily o observou se sentar na beirada da cama. Algo em sua postura a alarmou. Foi como se os poucos minutos que tivera para si o tivessem transformado numa bola incendiária. Emily engoliu em seco e subiu na cama. Meu Deus, tudo o que queria era amenizar seu conflito interno. Chegando por trás dele, colocou as mãos em

seus ombros e se pôs a massageá-los, tentando remover a tensão que emanava dele em ondas de calor.

– Gavin – começou Emily, a voz suave, escolhendo as palavras com cuidado –, por que a gente não dorme? Estamos mentalmente exaustos. Podemos falar sobre isso amanhã.

Gavin balançou a cabeça. Depois de girar o pescoço para alongá-lo, encostou-se nos travesseiros apoiados contra a cabeceira.

De joelhos, Emily se virou e olhou para Gavin. Sombras da mais fria hostilidade perpassavam seu rosto e ela se sentiu culpada por não permitir que ele fizesse aquilo pelo qual ansiava tão desesperadamente. Desviou os olhos, incapaz de testemunhar sua dor por mais tempo.

– Olhe para mim, Emily – ordenou ele com um sussurro atormentado.

Emily obedeceu. Gavin sentiu seu nervosismo, sua hesitação e aquilo mexeu com seus pensamentos.

– Venha aqui – pediu ele, estendendo a mão.

Emily a tomou e ele a guiou até seu lado. Aninhando-se de encontro a Gavin, descansou a cabeça em seu peito. Embora a tensão emanasse do próprio corpo, o aroma sedutor de sua colônia e o batimento constante e forte do coração a acalmaram e levaram sua mente até um lugar onde ela se sentia segura. A mão que subia e descia por suas costas a levava ainda mais fundo para dentro de um reduto de euforia que só Gavin podia proporcionar.

– Onde foi que ele bateu em você?

Sabia que ele ia fazer a pergunta, mas, ainda assim, ela provocou um arrepio que a chocou até os ossos, arrancando-a imediatamente dos poucos segundos de tranquilidade. Enroscada, grudada nele, Emily levantou a cabeça e olhou fundo naqueles olhos azuis inquisitivos. Apontou para o supercílio. Para a mancha sobre a qual ela mentira ao homem que amava. O homem que Emily precisava que confiasse nela. Seu corpo se enrijeceu de tensão. Uma raiva infernal queimou nos olhos dele e a mandíbula estremeceu. Exceto pela respiração acelerada de Gavin, o silêncio pairava no ar, pesando sobre o coração de Emily.

– Eu estou bem, Gavin – sussurrou ela, fingindo segurança.

Gavin fumegava. A necessidade de apagar Dillon da face da Terra se enraizava em cada uma de suas células, tendões e músculos. No entanto, ele sentia a necessidade de confortar Emily, de manter a compostura. Com todo o cuidado, colocou-a montada em si. Podia senti-la tremer e aquilo mexeu com sua cabeça. Acabou com ele.

Olhando a pequena cicatriz, deslizou o polegar por ela. Era pouco perceptível, mas o simples fato de saber como surgira consumia Gavin. Como podia um homem, um homem de verdade, fazer uma coisa dessas com uma mulher? Era algo que Gavin não conseguia nem mesmo começar a assimilar. Passou o braço ao redor da cintura dela enquanto pousava a mão em sua nuca e aproximava-lhe o rosto. Por um segundo, olhou nos olhos dela antes de roçar os lábios na cicatriz que para sempre marcaria seu lindo rosto. Uma marca deixada ali por um filho da puta que jamais a merecera.

– Onde mais ele bateu em você, Emily?

Gavin sabia que estava abrindo espaço para mais sofrimento, mas uma parte dele precisava passar por aquilo. Emily tinha sofrido muito mais do que ele. Ou não. Aquela era uma pergunta que definitivamente não podia responder por ser uma situação que nunca tivera de suportar.

– Na minha boca – respondeu Emily, baixinho, vendo Gavin se encher de fúria. Ela gelou.

Gavin se retraiu, lutando contra a compulsão de sair correndo de dentro de casa.

– Na sua boca – repetiu, calmamente, mais uma vez tentando controlar o tom. – Ele bateu na sua boca, porra?

Hesitante, Emily assentiu. Olhando seus lindos lábios tremerem, Gavin sentiu um pouquinho do seu perfume. Naquele instante, a única coisa que lhe passava pela cabeça era colocar outra marca naqueles lábios. Ele a puxou com firmeza.

Emily soltou um suave gemido quando as línguas se encontraram, quentes e molhadas. O beijo foi desesperado, urgente e devorador. Apesar da demonstração de posse tê-la pegado de

surpresa, ela sabia que ele estava demarcando território. Mas não se importava, porque era o que ela queria. Precisava disso e sabia que ele precisava marcá-la. Enredou os dedos em seus cabelos, puxando com força.

– Não consigo acreditar que ele tenha machucado você, amor. A única coisa que eu vou fazer é venerar estes lábios. Venerar este corpo. – Agarrando-a pela nuca com mais força ainda, Gavin tornou seu beijo ainda mais profundo. – Quando olho para você, tenho a sensação de olhar para a outra metade de mim mesmo. Você preencheu o vazio da minha alma, por isso é uma deusa para mim. E é assim que eu sempre vou tratar você. Pelo resto da sua vida. Isso eu prometo.

Emily o beijou com ainda mais intensidade. As palavras dele se gravaram em seu coração. Agora, ela só queria respirá-lo.

Enquanto puxava a camiseta de Emily pela cabeça, Gavin sabia que essas promessas seriam fáceis de cumprir. Preferia arder nas profundezas do inferno a voltar atrás em sua palavra porque ela era mesmo uma deusa em sua vida. Sua amante. Sua amiga. Sua, para sempre.

Mas malditas fossem aquelas mesmas labaredas infernais, pois, ao deixar a própria marca em sua amada, percebeu que havia uma promessa que não seria capaz de cumprir, porque haveria de protegê-la até a morte.

O mais absurdo de tudo, e que Deus o ajudasse...

É que estava ansioso por quebrá-la.

Que se foda!

– Gavin, você poderia responder à pergunta do Sr. Rosendale sobre a nossa abordagem?

Sem aviso, a voz profunda de Colton se intrometeu nos pensamentos de Gavin, pensamentos perversos que o consumiam ao longo das últimas dezesseis horas, desde que Emily explicara o que Dillon tinha feito com ela. Cercado por executivos que representavam um dos principais gigantes farmacêuticos do país – que necessitava de uma maciça campanha publicitária –, Gavin sabia que devia estar prestando atenção. Mas não conseguia. Seu mundo acabava de ser virado do avesso e seu coração fora rasgado. Não havia palavras adequadas para expressar seu estado mental naquele final de manhã de sexta-feira.

Seu estado mental privado de sono.

Na escuridão, Gavin fitara o teto enquanto abraçava Emily. Escutando sua respiração suave, perfeitamente acordado, com a adrenalina bombeando em suas veias, Gavin tentou apagar as imagens de Dillon machucando Emily. Em vão. Sua mente brincava com ele. O burburinho insistente do desejo de sentir o sangue de Dillon nas mãos gritava alto em seus ouvidos. Ferveu de raiva até o sol nascer. Gavin nunca teria imaginado que o corpo macio de Emily enroscado ao seu não fosse capaz de afastá-lo do penhasco de

destruição assassina de onde desejava tão ansiosamente saltar. A noite anterior lhe provara que, muito embora abraçá-la diminuísse parte da raiva que fervia em sua pele, Emily não conseguia extinguir a chama que a alimentava.

Colton repetiu o que lhe havia pedido, trazendo Gavin violentamente de volta ao presente. Ergueu a cabeça pesada e cravou os olhos no irmão. Colton o encarou com uma expressão confusa. Gavin vasculhou a papelada à sua frente. Quando ouviu um dos quatro cavalheiros sentados do outro lado da mesa pigarrear, rompeu o silêncio:

– Não. Eu não posso responder à pergunta dele. – Espalhou os papéis sobre a mesa de reunião. – Por que você mesmo não dá a informação, Colton?

Não se tratava de um pedido educado e, sim, de um “chega pra lá”. O rosto do cliente ficou cinzento, parecido com a cor dos cabelos. Mais uma vez, o silêncio envolveu a sala.

Irritado, Colton se concentrou nos executivos impacientes.

– Eu lhes peço desculpas, senhores. Parece que o meu irmão acordou com o pé esquerdo esta manhã. – Colton deu de ombros displicentemente, dando um sorriso afetado. Olhou para Gavin de soslaio, o humor substituindo a irritação. – Parece que não comeu ninguém ontem à noite.

Dali a segundos, a mesa inteira, exceto Gavin, irrompeu numa sinfonia de risos. Mesmo querendo dar um tapa na cara do irmão pela observação cretina, não pôde deixar de se impressionar com a reação rápida e espirituosa do filho da mãe. Colton sempre tivera um talento especial para situações embaraçosas e Gavin teve de admitir que diminuiu a tensão no escritório. Gavin imitou o sorriso idiota do irmão e se recostou na cadeira, esfregando a mão no queixo. Passou a atenção para o relógio de parede, ignorando a lenga-lenga enganosa que Colton tecia sobre o grupo na tentativa de conseguir uma das maiores contas que a Blake Industries poderia adquirir. O dinheiro pouco importava para Gavin naquele momento. Onze e quinze. Pouco mais de uma hora até o encontro com Emily. Antes de adormecer na noite anterior, ela havia sugerido docemente um almoço tranquilo em um pequeno café do Battery

Park, pois sairia do trabalho mais cedo. Gavin sabia que ela estava tentando acalmá-lo. Essa era uma das muitas coisas que amava nela: a forma como o deixava equilibrado. Meu Deus, como ele a amava. Abriria mão de qualquer coisa por ela. Atravessaria o mundo a qualquer instante se ela insistisse. Não havia limite ao qual ele não chegaria ou fronteira que não ultrapassaria para fazê-la feliz. Agora, só precisava convencê-la de que ela valia cada bocadinho de esforço.

Um momento depois, os pensamentos de Gavin foram interrompidos novamente quando os homens se levantaram ostentando sorrisos de satisfação. Gavin se ergueu e avaliou Colton, que o fitava com um sorriso maroto. Sempre fazia isso ao conseguir a conta sem sua ajuda e Gavin estava certo de que o irmão vomitaria seu descontentamento assim que todos saíssem. Estava pouco se lixando.

– Parece-me um bom plano – comentou o Sr. Executivo Grisalho, apertando a mão de Colton. – Mandaremos os contratos até o fim de segunda-feira.

Colton exibiu seu sorriso triunfante.

– Excelente. Estamos ansiosos por fazer isso funcionar. Fizeram a escolha certa.

– Vamos torcer para o seu irmão aqui ter uma vida sexual ativa enquanto estiverem elaborando a campanha – disse o homem secamente, apertando a mão de Gavin. Mais uma vez, a sala explodiu em gargalhadas. Mais uma vez, Gavin não se juntou a elas. – Tenho contatos na cidade, se precisar de ajuda nesse departamento. Elas não são baratas, mas com certeza valem cada centavo.

Gavin deu um aperto mais forte do que o normal, mostrando não ter gostado do comentário idiota. Sabia lidar com tipos como esse sem ser ofensivo demais. Ou não. Mais uma vez, não estava dando a mínima. Gavin abriu um sorriso astuto.

– Estou certo disso e agradeço a oferta, mas eu nunca tive que pagar por esse tipo de serviço. Elas costumam se oferecer a mim de livre e espontânea vontade. Mas cada um faz o que pode, não é mesmo?

O sorriso do homem desapareceu e ele franziu a testa, mas Gavin não lhe deu oportunidade de falar:

– Estamos ansiosos por receber esses contratos, Sr. Rosendale.
– Gavin se dirigiu à porta do escritório e a manteve aberta para o grupo de ricos polidos que o encarava. – Meu irmão tem razão. Vocês fizeram a escolha certa. A Blake Industries vai fazer a sua campanha. Vamos mantê-los todos muito ricos. Com martinis secos e garotas de programa caras aos borbotões.

Ele deu um sorriso lento e convencido, não mais enrugando a testa.

– Tenho fé de que você e seu irmão farão o melhor por nós, Sr. Blake. Mas, só para você saber, garoto, não gosto de martini seco. Prefiro uísque. Um Dalmore 1962, Single Malt Highland Scotch, para ser mais exato.

– Excelente escolha – comentou Gavin, desabotoando o paletó azul Ermenegildo Zegna de 22 mil dólares.

Sabia que o cara estava sendo escroto, tentando esfregar uma garrafa de uísque de 58 mil dólares na sua cara. Gavin sorriu com toda a intenção de ser igualmente escroto.

– Vou mandar a nossa secretária lhe enviar duas caixas, assim o senhor ficará devidamente abastecido. Está bem assim?

O homem hesitou por um instante, o olhar ainda mais aguçado.

– Ótimo. Nos vemos de novo em março.

Ele assentiu para Colton e deixou o escritório com a equipe de filhos da mãe igualmente arrogantes.

Gavin atravessou o escritório e riu quando Colton bateu a porta.

– Que porra foi essa? – disparou Colton. – Como se não bastasse você passar a reunião toda em transe, quase mata o maldito contrato do seu estilo típico.

Gavin se virou, estreitando os olhos.

– Que porra está querendo dizer com isso?

– Quer que eu solete para você, rapazinho?

– É, talvez queira, sim – replicou Gavin, seco.

Cruzando os braços, sentou-se na beirada da mesa, à espera da resposta do irmão. Com a cabeça inclinada, Colton enfiou as

mãos nos bolsos.

– Sério, a gente passou meses trabalhando naquela proposta. Onde você estava com a cabeça, caralho? – questionou ele, perdendo a paciência.

Embora Gavin estivesse tendo um dia ruim, a culpa o invadiu. Droga. Colton tinha razão. Haviam trabalhado horas intermináveis para obter aquela conta. Que sacanagem a dele: o irmão passara noites longe de Melanie e dos filhos para ter certeza de que tudo estivesse pronto para a reunião.

O rosto de Gavin se suavizou.

– Desculpe, está bem?

Colton suspirou.

– O que está acontecendo com você, cara? – perguntou, o tom mais calmo. – Notei que alguma coisa o incomodava desde que você chegou esta manhã.

Gavin consultou o relógio. Tinha pouco tempo para explicar o que havia acontecido. Encarando Colton, sentiu o sangue correr mais rápido pelo corpo.

– O Dillon bateu na Emily na manhã do casamento deles.

O queixo de Colton caiu.

– O quê?

– É. Ele bateu nela, porra, e apareceu no trabalho dela ontem.

Levantando-se, Gavin passou as mãos pelos cabelos, recordando a conversa que ele e Emily haviam tido depois de fazerem amor na noite anterior. Ela conseguira tirar seu mundo ainda mais do eixo ao lhe contar que Dillon fora à sua escola. Mesmo querendo que ela deixasse o emprego naquele mesmo segundo, não seria possível. Lecionar significava muito para Emily, ela amava os alunos. Mas estava tudo bem. Sem o conhecimento dela, Gavin dera um telefonema naquela manhã se certificando de que Emily seria seguida por toda parte. Com um pouco de dinheiro e um velho amigo que acabava de cumprir uma pena de sete anos numa prisão no interior, Dillon teria uma sombra pelo resto da sua maldita vida.

– Você sabia que ele tinha batido nela?

Colton arregalou os olhos.

– Por que diabos eu saberia uma coisa dessas? Claro que eu não sabia.

– Eu achei que soubesse porque, pelo visto, o Trevor sabia e não me contou.

Gavin percorreu o escritório atrás das chaves, remoendo o segundo round da conversa da noite anterior. Antes de adormecer, Emily contara tudo. Gavin tentou se livrar do turbilhão de emoções que invadira sua cabeça depois da confissão. Mesmo sabendo que Trevor é que insistira para que Emily revelasse tudo a Gavin se eles voltassem, ele não estava nada satisfeito com aquilo. Tinha visto Trevor no dia em que ela se mudara para o apartamento dele. Na verdade, o filho da puta havia agido como se tudo estivesse às mil maravilhas. Mal sabia Gavin que sua vida estava prestes a se tornar mais complicada do que nunca.

– Ele sabia e não disse nada? – questionou Colton, sentando-se à mesa. – E eu quero deixar uma coisa bem clara: sou seu irmão e nunca esconderia uma coisa dessas de você. Entendeu?

– É, eu entendi. Mas ele é como um irmão para mim – murmurou Gavin, olhando o relógio. Sem dúvida o motorista já havia pegado Emily no trabalho. Precisava sair já para atravessar a cidade a tempo de encontrá-la. – Ainda não falei com ele, mas estou planejando fazer isso em breve.

– Entendo. Estou certo de que lidar com o Dillon está no topo da sua lista de prioridades. – Colton girou o pescoço e estalou os nós dos dedos, um sorriso perverso se formando nos lábios. – Eu sou um pouco mais velho e não tão forte quanto você, mas, se precisar de ajuda, estou mais que disposto a dar uns murros no canalha.

Gavin hesitou por um momento antes de se virar em direção à porta.

– Olha, eu tenho que dar uma saída. Vou almoçar com a Emily daqui a 45 minutos.

– Espere – Colton deixou escapar, ficando de pé. – Não me diga que não vai dar uns sopapos naquele babaca. Eu o conheço melhor do que pensa. O que é que está acontecendo?

Com um suspiro, Gavin se deteve um pouco antes de chegar à porta.

– A Emily me fez prometer que eu não iria atrás dele.

Colton franziu a testa e riu.

– Gavin, você está lidando com uma mulher que também fez prometer não comprar um carro para ela porque acha desnecessário em Manhattan.

Gavin não pôde deixar de rir.

– Pois é. E daí que é Manhattan? Ela não sabe, mas eu já encomendei um.

– Exatamente. – Colton voltou a se sentar. Outra vez sério, uniu as pontas dos dedos debaixo do queixo. – Agora vá e chute o traseiro do Dillon. O que a Emily não sabe não irá machucá-la. – Colton fez uma pausa, encarando Gavin. – Mas, se você não fizer nada, isso vai te matar.

Colton disse essas quatro últimas palavras com toda a simplicidade, mas a verdade delas atravessou a sala como uma bala. Lutando para se manter fiel à promessa feita a Emily, por mais que pudesse sentir o sabor do sangue de Dillon na boca, Gavin deixou o escritório.



Não importava se era o meio da manhã, o início ou o fim da tarde: o trânsito de Manhattan era sempre uma merda. Uma merda. Gavin começava a achar que Emily tinha razão ao não querer um carro. Mas dirigir era um vício irresistível. É claro que podia mandar o motorista levá-lo de um lado para outro na limusine como o ricaço babaca que algumas pessoas achavam que era, mas Gavin não conseguia abrir mão da sensação de controle que sentia quando estava ao volante. Adorava aquilo. Com as janelas fechadas e o som estéreo aos berros, mesmo que o trânsito desse um nó, tratava-se de um dos poucos momentos só seu, que de fato lhe acalmavam os nervos e deixavam os pensamentos leves.

Entretanto, enquanto serpenteava em meio à enxurrada de carros que entupia as ruas, não sentia-se nem um pouco calmo. Não. Nem de perto. A cabeça estava agitada. A cada segundo, os pensamentos ficavam mais confusos. Embora “The Red”, da Chevelle, estourasse nas caixas, a única coisa que Gavin conseguia ouvir eram as palavras de Colton reverberando em sua cabeça: *Mas, se você não fizer nada, isso vai te matar.*

Não fazer nada o mataria com certeza. Ele sabia disso. Também sabia que, se ficasse de mãos atadas, iria se transformar num homem amargo. Embora não fosse algo que achasse possível no momento, tinha medo de se ressentir de Emily com o passar dos anos. Avistando o café onde devia encontrá-la, Gavin a imaginou sentada à mesa à sua espera. Mais algumas centenas de metros e estaria lá. Mais alguns minutos e seria capaz de manter a promessa feita a ela. Pelo menos por aquele dia.

Mas, se você não fizer nada, isso vai te matar.

Te matar...

Te matar...

Te...

Matar...

– Ah, que se foda! – cuspiu Gavin.

Antes que a mente pudesse compreender o que o corpo estava fazendo, Gavin deu uma guinada para a direita quando o sinal ficou verde. Houve uma sinfonia de buzinas e diversos motoristas novaiorquinos putos exibiram o dedo médio para ele, mas ele não via nem ouvia nada. Seu novo destino? O escritório de Dillon no distrito financeiro. Passando as marchas com violência, Gavin conseguiu avançar pelas ruas apinhadas sem matar ninguém. O que não queria dizer que não tivesse chegado perto. Avançou um sinal vermelho ao atravessar a Church Street, quase batendo na traseira de um ônibus aberto de dois andares cheio de turistas. Mais uma explosão de buzinas. Mais uma vez, Gavin não pôde ouvi-las. Também não enxergava os pedestres saltarem para o meio-fio, desviando de sua Ferrari FF, porque a visão estava vermelho-sangue.

Segurando o volante com força com uma das mãos, usou a outra para arrancar a gravata do pescoço. Entrando na garagem subterrânea do prédio de Dillon, tirou o paletó, pagou o estacionamento e enfiou o carro numa vaga. Depois de fechar a porta com violência, encaminhou-se ao elevador e apertou o botão do andar de Dillon.

Gavin já não travava uma batalha confusa dentro da cabeça. Arregaçou as mangas e submergiu num sinistro mar de tranquilidade. Estava alimentando o corpo com aquilo que desejava, portanto sentia-se inebriado. Enquanto subia ao décimo quinto andar, o rosto de Emily ondulava em seus pensamentos. Seu coração afundou no peito ao consultar o relógio. A ideia de que ela estivesse sentada num café à sua espera, ignorando por completo o que ele estava prestes a fazer, o incomodava. No entanto, não podia se impedir.

Gavin irrompeu de dentro do elevador logo que as portas se abriram, embrenhando-se numa confusão. Era algo que estava acostumado a ver. Usando ternos ordinários comprados pelo eBay e gravatas dadas pelas avós quando atingiram a maioridade, jovens profissionais iniciantes e ávidos por dinheiro andavam de um lado para outro diante de seus cubículos. Utilizando receptores Bluetooth, falavam rápido com ricos, na tentativa de arrancar um naco de carne de um portfólio que continha mais dinheiro do que eles ganhariam em toda a vida. Enquanto Gavin se movia com facilidade em meio ao caos, alguns assentiam à guisa de cumprimento. Nenhum deles interromperia a conversa com a potencial pilha de dinheiro que tentava obter. Considerando que só havia compartilhado uma ou duas cervejas com eles nos anos em que Dillon o chamara para sair, Gavin pouco se lixava para isso. Estava completamente concentrado na porta que ficava no canto esquerdo. Atrás dela, encontrava-se o pedaço de carne que ele estava prestes a despedaçar. Gavin sentia a ânsia devorar seu estômago.

– Oi, Gavin – ronronou uma conhecida voz feminina.

Ele desviou o olhar da porta que ocultava seu almoço, embora os pés não parassem de se deslocar.

– Oi, Kimberly. Ele está na sala?

A loura peituda assentiu.

– Com certeza.

– Ótimo – comentou ele, curto e grosso, dando a volta na mesa dela.

Aproximando-se da porta, Gavin abaixou-se um pouco na tentativa de enxergar através das persianas que cobriam metade da vidraça do escritório. Dillon estava de costas, diante da mesa, com os braços cruzados. Num mesmo movimento, Gavin abriu e fechou a porta. Depois, trancou-a, isolando-os de qualquer pessoa.

Que comecem os jogos.

Sem se virar, Dillon bufou, irritado.

– Kimberly, nos últimos meses, quantas vezes eu disse que não vou mais comer você aqui dentro? Volte para a sua mesa que eu chamo mais tarde se estiver a fim.

– Não é a Kimberly, babaca – rosnou Gavin, fuzilando Dillon com os olhos. – Eu avisei que iria matá-lo se você tocasse nela de novo.

Estreitando os olhos, Dillon abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Gavin o atacou, atirando-o sobre a mesa. Apesar de ser uma peça sólida de cerejeira, ela rangeu sob o peso dos dois homens. Gavin prendeu-o debaixo de si, estrangulando-o, e mal notou o soco que Dillon lhe desferiu na boca. O sangue do lábio aberto pingou no rosto do rival, escorrendo por sua face. Enquanto Gavin fitava os olhos sem alma do homem que considerara um amigo em algum momento da vida, vislumbres de Emily sendo brutalizada faziam a adrenalina correr por suas veias. A raiva fervia lentamente e Gavin não tinha a menor intenção de impedi-la de entrar em erupção.

Segurando o pescoço de Dillon, Gavin ergueu a cabeça dele e a esmurrou de encontro à mesa, provocando um baque surdo. Gavin teve certeza de ter lhe rachado o crânio.

– Seu covarde filho da puta! – disparou Gavin, o corpo inteiro tremendo. – Eu avisei que ia matar você se a machucasse!

– Fodam-se você e ela! – exclamou Dillon, engasgando, se contorcendo sob o peso de Gavin.

Gavin apertou mais, as mãos se fechando com tanta força que sentia os batimentos de Dillon nos polegares. Dillon ergueu os braços e segurou os braços do outro numa tentativa deplorável de se livrar. Isso só deixou Gavin ainda mais puto. Voltou a bater a cabeça de Dillon na mesa. Depois do segundo golpe, que poderia ter lhe rachado o crânio, Dillon sorveu o ar com sofreguidão e conseguiu soltar um dos braços do rival. Tentou socá-lo de novo, só que dessa vez o golpe não foi rápido e Gavin desviou com facilidade, sentindo-o perder a força, desfalecer. Observou os vasos sanguíneos de Dillon saltarem, dando ao seu rosto um leve tom de azul.

E foi então que Emily veio a sua mente: *Gavin Blake, você é mais homem do que qualquer um que eu já conheci. Você é de uma sensibilidade impressionante e não poderia fazer mais nada para eu me apaixonar ainda mais por você. Nem uma coisinha.*

Gavin se viu travando uma batalha completamente diferente. Algo dentro dele se retorceu enquanto ele decidia se deveria ou não parar. Aquele doente filho da mãe talvez dominasse seus sentimentos naquele exato momento, mas a mulher pela qual ele se dispunha a matar seria dona de seu coração para sempre. Optando pelo amor acima do ódio, Gavin respirou fundo para se fortalecer e soltou o pescoço de Dillon, afastando-se da mesa.

Passando os punhos fechados pelos cabelos, Gavin caminhou de um lado para outro, observando o corpo quase sem vida de Dillon escorregar até o chão, arrastando junto pilhas de papel, canetas e um telefone. Sufocando, Dillon virou de lado e ficou de quatro, arfante. Um arrepio percorreu Gavin enquanto observava Dillon tentar ficar de pé. Não adiantava. Não conseguia. Gavin arrancara dele toda e qualquer energia. Desviou a atenção de Dillon e concentrou-se nos berros e nos murros do outro lado da porta. Não fazia ideia se tentavam entrar desde o início ou se haviam começado naquele momento. Enquanto a vida de Dillon escorria por entre os dedos, o tempo parecia voar.

Engolindo em seco, Gavin caminhou até ele e o agarrou pelos cabelos.

Ajoelhando-se ao lado, Gavin puxou o rosto de Dillon com violência para que ficasse a centímetros do seu.

– Eu acho bom você ouvir cada palavra que eu vou dizer, caralho – falou, trêmulo; seu hálito era um sussurro perverso.

– Vá se foder, babaca! – esbravejou Dillon, olhando nos olhos de Gavin e ainda respirando com dificuldade. – Você vai ser preso por isso, filho da puta! Gavin deu uma cotovelada na boca de Dillon. Tentando se afastar, ele se retraiu. Agora, Gavin já não era o único com o lábio partido. Segurou os cabelos de Dillon com mais força, um sorriso perverso retorcendo-lhe os lábios.

– Se você der parte, eu devo ir preso. Você tem sorte de eu não ter matado você. Mas saiba de uma coisa – Gavin fez uma pausa, tentando controlar a súbita ânsia de estrangular Dillon quase até a morte –, eu vou sair um dia. Pode apostar. E, quando eu sair... *nada* vai me impedir de matar você. Nem mesmo o amor insano que eu sinto pela mulher que você jogou fora vai me impedir de acabar com a sua vida. Assim, pense bem nisso antes de correr para a polícia. Se você me conhece, nem que seja um pouco, sabe que não se trata de uma ameaça vazia de um covarde que gosta de dar porrada em mulher. Isso está vindo de um homem que vai rir a caminho da câmara de gás enquanto a sua mãe chora a caminho da porra da sepultura. Está me entendendo?

Com a respiração pesada, Dillon encarou Gavin em silêncio. Uma resolução simples para uma pergunta sem resposta. Mais uma cotovelada na boca.

– Você está me entendendo, caralho? – rosnou Gavin, o rosto tomado pela raiva.

– Estou! – respondeu Dillon, por entre dentes cerrados e sangrentos.

– Ótimo – respondeu Gavin suavemente, pondo-se de pé. Antes de destrancar a porta, virou-se com os olhos semicerrados. – E, se eu descobrir que você deu as caras no trabalho dela outra vez, vou me certificar de que seja um funeral de caixão fechado.

Gavin abriu a porta e passou pelo aglomerado de pessoas. Sem olhar para trás, ouviu a comoção que se formava na sala de Dillon. Não, nada disso. Na verdade, ouviu Dillon berrar para que todo

mundo saísse da sua sala. Dava para notar o constrangimento em sua voz.

Enquanto descia de elevador, Gavin consultou o relógio: tinha menos de cinco minutos para atravessar a cidade. Sacou o celular do bolso e mandou uma mensagem de texto para avisar a Emily que se atrasaria. Ao chegar ao carro, ela já havia respondido: *Estou esperando. Por favor, tenha cuidado. Nada de correr! Te amo.*

Gavin saiu do estacionamento. Enquanto se arrastava pelo trânsito, não parava de olhar o celular. Releu a mensagem de Emily diversas vezes. Com as emoções à flor da pele, estava ciente de que teria que entrar no café passando alguma ilusão de normalidade. Só não estava certo de que conseguiria. Trinta minutos mais tarde, estava prestes a ser posto à prova.

Depois de encontrar uma vaga, Gavin saltou do carro, passou as mãos pelos cabelos e entrou. Não dera nem três passos quando avistou Emily. A respiração falhou, como sempre acontecia, ao vê-la sentada a uma mesa lendo um livro. Foi então que Gavin se deu conta de que estava estritamente conectado a ela. Sabia que não havia uma única coisa da qual não abriria mão por ela. Diabos, enquanto respirasse a seu lado, todos os dias lhe pareceriam completos. Por ela, abriria mão da liberdade. Até mesmo da própria vida. Emily corria em seu sangue e ele não se importava de passar os próximos vinte anos atrás das grades. Gavin só esperava conseguir remover as correntes do coração dela, porque, por mais que pudesse encher Dillon de porrada, nada disso a livraria das cicatrizes deixadas por ele. Gavin sabia que sempre secaria suas lágrimas, mas queria desesperadamente poder apagar seu passado doloroso.

Como se sentisse sua presença, Emily ergueu a cabeça e abriu um lindo sorriso. Podia ser clichê dizer isto, mas a verdade era que o sorriso dela iluminava o salão como uma bola de fogo num céu escuro. Os chavões haviam sido criados para ela. Fim de papo. Mais uma vez, o ar pareceu ser arrancado dos pulmões de Gavin. Observou o sorriso de Emily sumir, o rosto ganhando uma expressão preocupada enquanto ela se levantava. Droga. Gavin olhou para as próprias roupas. Imerso em pensamentos durante o caminho, ele se

esquecera de se arrumar. Sabia que estava completamente amarfanhado: sem o paletó e com a camisa para fora da calça. Sem falar da gravata ausente ou dos respingos de sangue na frente da camisa branca bem engomada.

Enquanto Gavin se aproximava dela, emanando poder, Emily reprimiu a sensação ruim que penetrava seu estômago. Foi encontrá-lo no meio do café apinhado de gente, a centímetros de distância um do outro. As vozes que a cercavam ficaram abafadas e os corpos tornaram-se indistintos. O rosto dele a cegou para qualquer outra coisa. Sua respiração era a única coisa que conseguia escutar. Embora Gavin usasse uma máscara de impassibilidade, os olhos azuis revelavam mais do que deviam. Falavam incessantemente, inspirando dor no coração de Emily. Compreendeu o que ele havia feito. Não precisou perguntar.

Emily baixou os olhos dos lábios inchados salpicados de sangue e fitou sua camisa. Erguendo a vista, encontrou um olhar firme e percebeu que ele esperava alguma coisa dela. Aprovação, possivelmente, palavras que lhe assegurassem que não havia problema no que ele tinha feito. Sem saber o que falar, Emily enlaçou-lhe o pescoço e puxou sua boca para si.

Gavin agarrou-lhe a cintura e pressionou o corpo contra o dela.

– Eu tive que fazer isso, Emily – sussurrou Gavin, beijando-a suavemente. – Não conseguiria viver comigo mesmo se não fizesse.

Enfiando os dedos nos cabelos dele, Emily conteve um soluço.

– Eu sei que não. Sinto muito por ter feito você prometer aquilo.

Antes que Gavin pudesse falar, Emily o beijou com intensidade, consumida pela culpa. Sentiu gosto de sangue; era um sabor deliciosamente intoxicante porque ela conhecia sua origem. Sabia que ele fora ferido para defendê-la. Por um breve momento, estivera certa de que Gavin não podia fazer nada para que ela o amasse ainda mais. E percebeu que se enganara completamente, de pé ali, no meio de um café apinhado em Manhattan, beijando o homem que mudara seu mundo para sempre. Sua vida. O homem que ela amava um milhão de vezes mais do que alguns minutos antes. Cega para qualquer mal futuro e para a possibilidade de

voltar a chorar um dia, Emily se apaixonou ainda mais por Gavin do que achara ser humanamente possível.

Que comecem as batalhas dos homens das cavernas

– Estou quase certo de que, se você apertar a minha mão só mais um pouco, eu perco a circulação.

Gavin olhou para a mão suada de Emily, entrelaçada à sua. Ela parecia estar numa montanha-russa, segurando-se a ele como se isso pudesse lhe salvar a vida. Sabia que Emily tinha medo de voar, mas, caramba, que força era aquela! Ela só tinha metade do seu tamanho...

– Do que eu ia servir para você se perdesse a mão? Sou extremamente talentoso, mas ter só uma das mãos iria dificultar as preliminares.

Emily engoliu em seco, tentando se concentrar no sorriso de Gavin.

– É verdade, uma mão só não é legal. – Ela inspirou, tentando clarear a mente. Soltou-a um pouco e fechou os olhos com força. – Mais quanto tempo até a gente aterrissar?

Erguendo a mão direita, que, por acaso, não era a que Emily estava tentando destruir, Gavin passou os nós dos dedos pelo queixo dela.

– Dez minutos.

– Dez minutos – repetiu ela, a voz trêmula. – Está bem. Dez minutos. Eu aguento.

Gavin riu.

– Tenho fé de que aguenta. Mas, sério, eu me ofereci para mantê-la ocupada na cabine e você se recusou. Você sabe que eu conseguiria durar um voo de quatro horas *e mais um pouco*.

Sorrindo, Emily abriu os olhos, as sobrancelhas arqueadas.

– Gavin Blake...

– Emily Cooper... – troçou ele. – Eu estava apenas tentando acalmá-la com um ritual apropriado de iniciação ao sexo a bordo. A única coisa da qual você talvez tivesse que ter medo era que eu não conseguisse parar uma vez que a gente aterrissasse. O jato ficaria chocalhando na pista. – Ele chegou para a frente e roçou o nariz no dela, as palavras saindo lentas e roucas: – Ah, como ficaria...

– Você é doente.

Ela riu, mordiscando o lábio dele.

– Doente de amor, meu anjo.

Quando o avião começou a descer, Emily voltou a apertar a mão dele, o corpo mais uma vez tenso. Ela se recostou e soltou o ar. A aterrissagem era a parte mais aterrorizante.

– Ai... meu... Deus.

– Que tesão – disse Gavin de brincadeira, mas não muito. – Eu já disse isso antes: você tem a capacidade de fazer a frase mais simples parecer sexy. Eu acabo de ter a visão mais doce de você, sentada num confessionário, falando com um padre.

– Gavin! – sussurrou ela, lutando contra o sorriso que se espalhava por seu rosto.

Gavin aproximou o corpo, mordendo o lábio inferior e fitando seus olhos verdes, arregalados.

– Marias-chiquinhas. Minissaia. Pernas levemente abertas. Calcinha de renda preta. Humm, que filho da mãe sortudo. – Emily tentava respirar enquanto ele arrastava a mão por sua perna nua. Ela sentiu um arrepio. – Você está confessando todas as coisas sacaninhas que eu faço e que sempre deixam você com sabor de “quero mais”. – Ele enfiou os dedos debaixo da saia dela, forçando-

a, com todo o cuidado, a afastar as pernas. – O jeito que eu faço você gemer quando chupo esses peitinhos bonitos. O jeito que, um pouco antes de você gozar, eu faço você se segurar e começo tudo de novo enquanto enfio a língua nessa boceta deliciosa. Sua calcinha está encharcada. Sua respiração está pesada. Seu corpo está... *fervendo* por mim, como agora.

Puxando o lábio inferior dela com os dentes, Gavin fazia círculos com os dedos pela beirada de sua calcinha.

– Adivinhe só? – sussurrou ele, o olhar intenso.

Emily mal conseguia falar. Diabos, ela mal conseguia pensar.

– O quê? – sussurrou ela, bem concentrada no que a outra mão dele fazia, a que se libertara do seu toque mortal, pairando perto de seu seio.

– Já aterrissamos, docinho.

Ele deslizou a língua para dentro da boca de Emily e a beijou por um milissegundo. Levantou-se com o sorriso de megawatts brilhando de orelha a orelha.

Esparramada em seu assento, com a calcinha seriamente molhada, Emily o observou arrancar a bagagem de mão do compartimento superior, o rosto impassível.

– Você é mau. – Emily ficou de pé, os lábios franzidos em sinal de desapontamento. – Isso foi maldade pura.

Tomando-lhe a mão, Gavin riu.

– Eu sou mau?

Emily assentiu e pendurou a bolsa no ombro.

– É. – Entrelaçou os dedos nos dele enquanto se dirigia à parte frontal do jato. – Não se faça de inocente, Blake. Você é mau e sabe muito bem disso.

– Eu? Eu fui coroinha quando era criança. Você é que me faz ter pensamentos impuros, perversos, dignos de me mandarem para o inferno. Minha pobre mãe ficaria arrasada.

Emily riu e o seguiu. Deixaram o jato e saíram para o ar puro e ensolarado de San Diego. Emily respirou fundo, curtindo o calor.

Gavin inclinou a cabeça para trás com um sorriso maroto.

– Srta. Cooper, pelo visto eu sou a vítima aqui. Você, sua megerinha, deveria usar chifres cravejados de diamante.

Emily bufou.

– E eu aposto que você acharia isso sexy.

– De uma forma inexplicável – respondeu Gavin, entregando as malas dos dois para o chofer. Puxou Emily para seus braços, o sorriso largo. – Eu não ligaria se esse fosse o meu presente de Natal amanhã: você pelada com um laçarote vermelho e chifres de diamante.

Emily ergueu uma das sobrancelhas.

– Você esqueceu dos saltos agulha vermelhos de 15 centímetros – disse, a voz rouca – e do meu cabelo preso no alto, deixando os ombros nus, e da garrafa de champanhe. Meu umbigo podia servir de taça para você.

Os olhos de Gavin se iluminaram com um desejo instantâneo e primitivo.

– Entre nessa limusine.

Ele abriu a porta.

– Isso é uma ameaça? – perguntou Emily, como quem não quer nada, tentando provocá-lo. Deslizou pelo couro frio do banco e olhou Gavin entrar atrás dela. – Porque, se é, eu achei meio... fraquinha.

Sem hesitar um só momento, Gavin arrastou o corpo dela por cima do seu, colocando-a montada sobre si, e apertou o botão que fazia subir o painel que lhes daria alguma privacidade, isolando-os dos olhos do motorista. O corpo de Emily se aqueceu de prazer enquanto Gavin passava as mãos por seus cabelos. Deu-lhe um beijo de língua com voracidade. Meu Deus, que delicioso o sabor dele. Uma mistura do bourbon que tinha bebido durante o voo e chiclete de menta. Aquilo a deixava zonza. *Ele* a deixava zonza. Seu cheiro, toque e sabor provocavam sensações que ela nunca havia experimentado. Não conseguiu controlar um gemido. Ele percorreu seu pescoço com a mão, descendo pela curva arqueada de sua coluna e parando em sua cintura. O beijo se tornou desesperado. O coração dela se acelerou como nunca.

– Gavin – suspirou Emily –, a casa da minha irmã fica a menos de cinco minutos.

Ainda beijando-a, ele enfiou a mão embaixo de sua blusa.

– Eu mando o motorista ficar rodando até a gente terminar – replicou ele, a voz estrangulada de desejo intenso.

Emily afastou o rosto com uma careta de desaprovação. Ela consultou o relógio.

– Não dá. Já são quatro horas. O jantar é às quatro e quinze. Minha irmã é obsessiva e vai entrar em pânico se a gente se atrasar.

Suspirando, Gavin esfregou as duas mãos no rosto. Olhando fixamente para Emily, balançou a cabeça.

– Você sabe que eu vou inalar cada centímetro do seu corpo depois que todo mundo for dormir, não sabe?

Emily sorriu.

– Eu espero mesmo que sim.

– Pois pretendo fazer exatamente isso. – Descansando as mãos sobre os quadris dela, perscrutou seu rosto. – Está bem. Vamos brincar do jogo das vinte perguntas.

Emily pareceu confusa.

– Ahn... está bem.

– Emily, o meu pau está tão duro neste instante que não deve descer tão cedo. Também tenho certeza de que não vai pegar muito bem ficar visível na frente da sua irmã e do seu cunhado. Preciso de alguma coisa para desviar minha atenção do que estava planejando fazer com você no caminho. Entende aonde quero chegar?

Cobrindo a boca, Emily abafou uma risada.

– Entendo. Está bem. Vinte perguntas. Você começa.

Gavin se remexeu por baixo de Emily, tentando ignorar a necessidade que sentia de lhe arrancar as roupas.

– Meu motorista quer saber aonde a gente está indo, mas eu me esqueci do nome da cidade.

– La Jolla.

– Balneário? – perguntou Gavin, passando uma das mãos pelos cabelos.

Emily assentiu, notando claramente que ele ainda sofria.

– Bem na praia – respondeu ela às pressas.

Gavin pigarreou.

– Ótimo. O que o seu cunhado faz da vida?

- É engenheiro de computação.
- Ah, um *geek*. Bacana.
- Isso mesmo. Um *geek* de carteirinha.
- E a sua irmã?
- Também é engenheira de computação.

Gavin arqueou uma das sobrancelhas.

- Dois *geeks*. O sexo deve ser bem sem graça.

Emily enrugou a testa.

- O que isso tem a ver? Eu sou professora. Isso é meio nerd.

– Humm, não, é *sexy*. Lembra-se daquela música “Hot for Teacher”? Até o David Lee Roth sentia tesão pela professorinha.

Emily soltou uma gargalhada. Sabendo que não devia, ainda assim lhe deu um beijo suave.

– Estou começando a pensar seriamente que você precisa de terapia.

Segurando-a pela cintura, Gavin fitou a boca de Emily.

- Vou precisar de um banho frio se você fizer isso outra vez.

Ou, então, eu podia mandar o chofer dar voltas enquanto você me dá o meu presente de Natal adiantado agora. Não diga que eu não avisei.

- Combinado. – Emily sorriu. – Obrigada – sussurrou.

Ele ficou confuso.

- Pelo quê?

– Por ter vindo passar o Natal comigo aqui. Apesar de a comemoração com ela ser mais cedo, sei que é difícil para você ficar longe da sua família neste período. Especialmente dos seus sobrinhos.

Emily estava certa. Aquela era a primeira vez que Gavin não passaria o Natal cercado pela família, mas era o primeiro Natal dela sem a mãe. Sabia que Emily deveria ficar ao lado da irmã. Acariciou o braço dela. Esperava que passar o Natal junto diminuísse um pouco da dor que, ele sabia, ambos sentiriam.

– Não me agradeça. A única coisa que eu quero é amar e cuidar de você, Emily. Sei que você precisa da sua família neste momento. Nunca deixaria que algo a impedisse de estar aqui com a Lisa.

As palavras de Gavin aqueceram o coração de Emily, ancorando-se fundo na sua alma, um local ao qual ninguém mais ganharia acesso. Ninguém. Fitando a perfeição, tanto interna quando externa, Emily o beijou, não querendo nada além de pôr cada partícula do seu amor naquele beijo. Emily se sentiu viva, completa como nunca tinha se sentido até então. Ao mesmo tempo, a tristeza tomou conta dela. Quase perdera aquele homem. O destino tinha uma forma esquisita de nos trazer de volta aos caminhos que deveríamos ter percorrido antes. Isso era algo em que Emily sempre acreditara e que sabia ter acontecido com ela e com Gavin. Agora, não havia nada que ela não faria para se certificar de que os seus caminhos nunca mais voltassem a se separar.

– Gostei desse beijo – sussurrou Gavin quando Emily se afastou. – Mas você sabe o que esse beijo provocou, certo?

Emily riu.

– Sei. Estou sentada em cima de você, então consigo *sentir* o que ele provocou.

– Muito bem. Contanto que você se lembre de que eu vou inalar você mais tarde, tudo bem. – Gavin se remexeu no assento, tentando encontrar uma posição confortável enquanto o corpo reclamava. – E eu não quero nem saber se a sua irmã e o Michael puderem nos ouvir.

Sorrindo, ela balançou a cabeça e contemplou a paisagem. As praias arenosas e a costa rochosa começavam a entrar em seu campo de visão à medida que a limusine adentrava o bairro montanhoso à beira-mar da irmã. La Jolla era um oásis, um refúgio glorioso da doce insanidade de Nova York. O sol começava a se pôr e tudo cintilava com vibrantes luzinhas de Natal das casas. Emily deixou escapar um suspiro: amava aquela época do ano.

Conforme Emily suspeitara, Lisa já os esperava ansiosa e sorridente quando pararam diante da casa. Ela estava tão animada quanto a irmã e soltou um gritinho de felicidade. Emily riu e, após dar um beijo rápido no rosto de Gavin, saiu do seu colo, abriu a porta e correu em direção a Lisa. Deu um abraço apertado nela, sentindo-se confortada por sua presença. Embora fizesse pouco

menos de um mês desde que a vira pela última vez, parecia uma eternidade, considerando tudo o que havia acontecido.

– Oooh, uma *limusine* – disse Lisa, alongando bem cada sílaba enquanto fitava Gavin, que deixava o veículo. – Belo toque!

Emily olhou para Gavin e sorriu.

– É, ele sabe mesmo dar um toque todo especial. – Afastando a atenção do homem que nem podia imaginar como estava melhorando o Natal dela, Emily pousou as mãos nos ombros de Lisa. – Eu estou morta de fome. O jantar já está pronto? E, por favor, me diga que você fez o assado da mamãe.

– Está pronto e eu fiz, sim. Mas, antes da gente entrar, eu tenho que lhe contar uma coisa.

Emily encarou a irmã, que assumiu uma súbita expressão de angústia.

– O que foi?

– O Phil está aqui – sussurrou Lisa.

– O quê? – perguntou Emily, exasperada. Mantendo a voz baixa, aproximou-se um pouco mais: – Lisa, por que você não me disse que ele ia estar aqui?

– Eu não sabia que ele vinha. Parou aqui a caminho da casa dos pais, em Laguna Beach. Ele ligou cinco minutos antes de aparecer.

Emily suspirou e balançou a cabeça.

– É, eu sei... Muito sem noção. – Lisa franziu a testa. – Mas ele não vai dormir.

– Graças a Deus.

– Graças a Deus pelo quê? – perguntou Gavin, aproximando-se das duas, trazendo a bagagem dele e a de Emily.

Mordendo o lábio, Emily ficou sem saber se devia ou não lhe falar sobre Phil. Não que pudesse esconder a presença dele; a verdadeira pergunta era se devia ou não contar quem ele era exatamente. Emily pigarreou e decidiu se jogar de cabeça.

– É... é que alguém com quem eu costumava sair está aqui.

– Ah – fez Gavin. Olhando para uma e outra, ele abriu um sorriso cretino. – Devemos esperar que o Dillon também venha jantar?

Emily ficou de boca aberta e Lisa soltou uma gargalhada sonora.

– Não, Gavin. – Lisa o puxou para um abraço. – É bom ver você outra vez. E de modo algum o Dillon vai comparecer esta noite.

– Também é bom ver você. E é maravilhoso ouvir que não vou ter que comer com... desculpe a minha boca suja... o maior filho da puta que eu, infelizmente, já tive a desonra de conhecer. – Lisa assentiu em concordância enquanto Gavin passava a mão ao redor da cintura de Emily. Chegando mais perto dela, sussurrou: – Foi muito sério o namoro com o cavaleiro sem nome que se encontra na casa da sua irmã? Você dormiu com ele?

Emily arregalou os olhos.

– Não, Homem das Cavernas, eu não dormi com ele. Ele ficou meio... obcecado querendo me namorar.

– Obcecado?

– O Phil é um cara bacana, Gavin – interveio Lisa. – Um cara meio estranho, mas decente. Fiz faculdade com ele e nos tornamos melhores amigos. Ele saiu com a minha irmã algumas vezes. Foi só isso. Mas digamos apenas que, quando o interesse da minha irmã acabou, ele não desistiu tão fácil.

Gavin deu um daqueles sorrisos maravilhosos e sexy, conhecidos por fazer as mulheres se apressarem a tirar a roupa. Os olhos azuis se iluminaram de puro humor.

– Ora, e quem sou eu para culpá-lo? Sua irmã faz qualquer criatura de sangue quente querer brigar por ela. Contanto que ele não tenha desenvolvido nenhuma tendência a *stalker*, já que eu sou o único homem das cavernas que pode fazer isso com a Emily, vejo uma noite muito agradável diante de nós.

Mais uma vez, Lisa riu e Emily suspirou.

Gavin deu uma piscadela para Emily, os lábios roçando a sua orelha enquanto seguiam Lisa até a casa.

– Você sabe que eu vou me divertir às custas do sujeito se ele fizer o que não deve, não sabe?

– Você? – indagou Emily, brincalhona, enquanto entravam no hall. Fechou a porta e tomou o rosto de Gavin entre as mãos. – Você não é só conhecido por suas tendências a *stalker*. Eu hoje o

reconheço como um dos maiores espertinhos que já tive o prazer de amar. Só não pega muito pesado com ele, está bem?

Depois de largar a bagagem dos dois, Gavin a beijou.

– Vou tentar. Mas não prometo nada.

Ela revirou os olhos e deu o braço para ele, conduzindo-o até a cozinha, onde se encontrava Phil, encostado na bancada. O cunhado de Emily estava ajudando Lisa a pôr a mesa na sala de jantar. Quando Phil viu Emily, seu rosto se iluminou, o sorriso mais do que demonstrando que estava feliz em revê-la. Emily olhou de relance para Gavin, que abriu um sorriso, mais do que demonstrando que, definitivamente, iria se divertir.

Phil começou a andar até ela.

– Olha você aqui, menina. Eu não tinha a menor ideia de que viria até a Lisa me contar.

Antes que ele a alcançasse, Gavin sussurrou no ouvido de Emily:

– Menina? Você por acaso tem 12 anos? Já estou com vontade de dar um tapa na nuca desse cara. Me diga, por favor, que eu tenho a sua permissão. Vou ser rápido. Juro por Deus que vou.

– Ele é nove anos mais velho que eu – sussurrou, dando uma cotovelada nas costelas dele. O sorriso de Emily se escancarou quando ela ouviu Gavin soltar um audível “uff”. Olhando para ele, piscou. – *Seja bonzinho.*

Esfregando a costela, Gavin fingiu sentir uma dor intensa por um segundo.

– Como quiser... *menina.*

– Oi, Phil – cumprimentou Emily quando ele se aproximou. – Pois é, foi meio que uma viagem de última hora.

– A mulher que escapou de mim. Já faz muito tempo. Você está simplesmente linda. Na verdade, está estonteante. – Olhou para Gavin. – E quem é esse aqui?

– Este aqui é o namorado dessa mulher estonteante. – Gavin estendeu a mão. Phil deu um aperto fraco. É, esse vai ser fácil demais de sacanear. – Gavin. É um prazer conhecê-lo, Phil. Emily já me falou um bocado a seu respeito. É sempre bom dar um rosto para os homens dos quais ela conseguiu fugir.

Dando um passo atrás, Phil esfregou o queixo, analisando Gavin cuidadosamente.

– Que esquisito, ela não mencionou o seu nome na última vez que falei com ela.

– Isso já tem mais de um ano e meio – retrucou Emily na mesma hora, fitando Gavin, que encarava Phil com os olhos semicerrados. – Eu não estava namorando ninguém na época.

– Certo. Certo – concordou Phil, os olhos cravados nos de Gavin. – Isso faz sentido, eu acho.

Gavin estava longe de ser idiota. Deu para perceber que o cara o alfinetava. Era chegada a hora de entortar o alfinete.

– Você parece um homem inteligente, Phil – disse Gavin calmamente, enlaçando Emily. – Consigo identificar um a quilômetros de distância.

– É um dom?

Gavin arqueou uma das sobrancelhas.

– Um dos muitos. Pergunte só à Emily. Ela parece feliz com os meus... talentos. Com certeza vou impedir que ela escape de mim.

Ai, meu Deus. Se Emily tivesse uma faca, conseguiria cortar a tensão palpável de macho alfa.

– Ei, ei, ei! – exclamou Michael, aproximando-se do grupo. Sua voz jovial era música para os ouvidos de Emily.

Enquanto a tensão se esvaziava como um balão, Emily abraçou o cunhado na esperança de que ele desse algum equilíbrio à situação um tanto acalorada. Ela deu um suspiro profundo.

– Ei, irmãozão.

– Ei, irmãzinha. – Michael riu, soltando Emily de seu abraço de urso. – Você está bonita, hein?

– Você também quebra um galho.

Michael bateu na barriga.

– Gostou da almofadinha extra?

Emily deu uma risadinha.

– Adorei.

Com um sorriso orgulhoso, Michael se virou para Gavin.

– Ei, amigão. Bom ver você de novo.

Os dois trocaram um aperto de mão.

– Você também, cara. Como vão as coisas?

– Ah, você sabe. O mesmo de sempre. Mas tenha cuidado com essa daí. – Apontou com o queixo na direção de Emily. – Se ela aprender a cozinhar algum dia e você ficar com ela tempo o bastante, é possível que o transforme num gordo preguiçoso como a irmã fez comigo.

Gavin riu.

– Eu aceito o que ela me der. Até mesmo artérias entupidas.

– Muito bem. – Michael deu um tapinha no ombro de Gavin. – Vamos dar início às festividades. Quem está pronto para encarar uma comida espetacular?

Sentindo o estômago roncar, Emily agarrou a mão de Gavin e o arrastou para a sala de jantar.

– Eu estou. – Ela pegou um cesto de pãezinhos da bancada e olhou para trás, para Gavin. – Você está pronto para comer, não está?

– Depende do que eu vou comer – sussurrou ele em seu ouvido, o tom sedutor. Passando a mão por sua cintura, pressionou o corpo contra a bunda dela. – A não ser que a minha suposição sobre você não se livrar de mim esteja errada, gostaria de curtir a minha sobremesa em alguma parte do seu corpo esta noite.

Respirando fundo e com arrepios tomando conta de cada centímetro do seu ser, Emily se deteve e observou Michael e Phil passarem à sala. Os olhos de Phil permaneceram grudados nos dela até ele sumir de vista ao fazer a curva.

Emily se virou de súbito, fitando o mais sexy olhar azul-bebê de um homem.

– Gavin Blake, escute o que vou dizer.

Os olhos dela desceram até os lábios deliciosos que formavam um sorriso maroto. Ela mordeu o próprio lábio tentando causar uma dor que talvez a distraísse. Não deu certo. Gavin chegou mais perto e o cheiro da colônia dele acabou com seus planos por completo. Como ela o desejava... Seu coração subiu até a garganta quando Gavin enfiava o nariz em seus cabelos. Emily tentou respirar.

– Você não está me escutando.

– Sou todo ouvidos, docinho – disse ele, a voz grave. – Fale comigo.

– Você está tornando as coisas difíceis – sussurrou ela.

E estava mesmo, porque agora massageava a nuca de Emily, seus olhos perfurando os dela.

– Eu estou fazendo com que seja difícil você falar?

– Está, seu filho da mãe. Está, sim.

Gavin riu.

– Meu Deus, como eu adoro quando você fica safada. Não tem a menor ideia de quanto me deixa com tesão.

Emily olhou para a sala. Todos já estavam sentados à espera deles. Virou-se para ele, a voz acalorada:

– Gavin, quer que eu implore para você parar?

Gavin pestanejou.

– Quer que eu transe com você aqui mesmo, na cozinha?

Balançando a cabeça e prestes a deixar que ele fizesse exatamente aquilo, Emily riu e tomou-lhe a mão, puxando-o adiante. A fuga rumo à sala de jantar foi breve mas cômica, pois Gavin soltou um suspiro de desalento. Emily sentiu-se mal, porém, considerando que ele dominava qualquer aposento pelo simples fato de estar dentro, era bom saber que tinha poder sobre ele.

– Então, como ela se portou durante o voo, Gavin? – perguntou Michael. – Você teve que dopá-la?

Emily revirou os olhos enquanto Gavin puxava a cadeira para ela se sentar.

– Não, ele não precisou.

Refestelado na cadeira ao lado, Gavin deslizou a mão por debaixo da mesa e a pousou sobre a coxa de Emily. Fazendo pequenos círculos na saia de seda que ela usava, sorriu quando a sentiu remexer-se.

– Consegui acalmar os ânimos dela. Foi mais fácil do que pensei.

– Que bom – comentou Michael, despejando um monte de vagens no próprio prato.

– Imagino que o fato de estarem num jato particular tenha ajudado um pouco – observou Lisa, pegando uma tigela de purê de

batatas. Depois de tirar uma colherada, entregou-a para Emily. – Esses 747 me metem um medo do cacete.

– Jato particular? – Phil os encarou, chocado, do outro lado da mesa. – Ganhou na loteria?

Gavin se virou para Emily com um sorriso preguiçoso. Ela inclinou o corpo para a frente e beijou-o na bochecha.

– De mais de uma maneira – sussurrou ela, e Gavin apertou sua coxa.

Emily colocou um bocado de purê no prato. Apenas com o olhar, perguntou-lhe se iria querer. Gavin assentiu e ela pôs uma porção generosa em seu prato.

– Phil, o jato é do Gavin – explicou Emily. – E, Lisa, você tem razão. É melhor do que voar num 747. Mas, de qualquer forma, você continua no ar, um lugar que *não* é próprio do ser humano. Detesto isso.

Gavin e Michael riram.

– Merda – reclamou Lisa, ficando de pé. – O que vocês dois querem beber? – indagou ela, olhando para Emily e Gavin.

– Vinho tinto – respondeu Emily.

– Obrigado – agradeceu Gavin. – Aceito uma cerveja se você tiver.

Lisa meneou a cabeça e foi para a cozinha. Recostando-se na cadeira, Phil cruzou os braços.

– Um homem que tem um jato bebe uma simples cerveja? Achava que alguém que pode pagar por um luxo desses preferisse algo mais refinado. As aparências enganam.

Os olhos de Emily foram de Gavin – que tensionava o maxilar – para Michael, que detivera o garfo a meio caminho da boca. Ela engoliu em seco, pousando a mão sobre a de Gavin, na própria coxa.

Gavin também se recostou e cruzou os braços, divertindo-se com a frase do babaca.

– Não sabia que existiam regras referentes ao que uma pessoa deve beber, seja ela rica, pobre ou qualquer coisa, Phil. No entanto, seria interessante saber como você formou uma opinião dessas.

Lisa surgiu da cozinha e entregou as bebidas. Gavin abriu a garrafa e deu um beijo exuberante em Emily enquanto colocava a tampinha em sua mão. Deixando-a sem fôlego, voltou as atenções para Phil e continuou:

– Qual é a sua fonte de informação? *Reader's Digest*? *Newsday*? Quem sabe alguma revista feminina? – Antes que Phil respondesse à enxurrada de perguntas, Gavin inclinou o corpo mais uma vez em direção a Emily e sussurrou: – Venho devendo a você uma tampinha de todas as últimas vezes que eu bebi. Esqueci de lhe dar uma. Desculpe.

Emily olhou fundo nos olhos dele.

– Eu te amo. E amo as suas tampinhas mais do que você possa imaginar.

Gavin levantou uma das sobrancelhas.

– É? Mesmo eu tendo dinheiro pra caralho, você gosta é das minhas tampinhas? Será que elas deveriam ser mais... refinadas?

– Não, são perfeitas.

– Tem certeza? – sussurrou ele, perscrutando o rosto dela. – Porque o Phil e a calvície dele talvez discordem.

– O Phil é um babaca e você é perfeito – sussurrou ela, enlaçando-lhe o pescoço e puxando-o para mais um beijo.

Dando pouca importância ao fato de que todos à mesa os observavam, Emily aproveitou os lábios dele por mais alguns segundos antes de se afastar. Gavin articulou a palavra *Respire* e, mais uma vez, fuzilou Phil.

– Desculpe, é que, quando se trata de Emily, tenho dificuldade em me controlar. Estou certo de que você entende. Ah, espere aí, você não poderia entender: ela é a tal que *escapou* de você. – Gavin lhe deu uma piscadela e ergueu o garfo. – Mas, voltando à minha pergunta: qual seria a sua fonte de informação para essa suposição bizarra?

Phil se remexeu na cadeira e pigarreou.

– Não tenho nenhuma. Acho que foi só uma suposição.

Lisa arregalou os olhos, claramente confusa com a conversa. Sorrindo para a irmã, Emily balançou a cabeça, tentando controlar uma crise de riso.

– Foi o que imaginei – disse Gavin, tomando um gole de sua nada refinada garrafa de Budweiser. – E então, como você ganha a vida, Phil?

Phil ajeitou a gravata, visivelmente desconfortável.

– Sou dono de uma incorporadora imobiliária.

Sentado à direita de Emily, à cabeceira da mesa, Michael falou em voz baixa:

– O Phil é um imbecil. Sempre foi e sempre vai ser. Mas eu o engulo porque amo a sua irmã. – Emily assentiu, admirando-o por sempre colocar os sentimentos de Lisa em primeiro lugar. – O Gavin é fodão. Gosto dele.

Com um pequeno sorriso, Emily olhou de relance para Gavin, que parecia prestar atenção nos detalhes do início da empresa de Phil, embora ela soubesse que a conversa o estava deixando de saco cheio. Olhou de volta para Michael.

– É, ele é, sim. Obrigada, fico feliz por você aprovar.

– E como não iria aprovar? – Michael deu um pequeno cutucão no braço dela. – Lisa me contou que Gavin deu uns tabefes no Dillon pelo que ele fez com você. Além disso, você está resplandecente e eu respeito o cara por fazê-la feliz. Desejo toda a sorte a vocês dois.

– Obrigada, Michael. – Emily sapecou um beijo na sua bochecha. – Fico feliz.

– Sem problema.

Enquanto comiam, quer fosse porque Gavin lhe dera um fora ou, simplesmente, por ter desistido, Phil não agiu como um imbecil e Emily adorou. A tensão havia desaparecido, dando lugar ao riso.

Animados pela música natalina e empanturrados com uma boa comida caseira, todos conversavam tranquilamente. Depois de limparem a mesa e de enfim se despedirem de Phil, Emily ajudou Lisa a arrumar a cozinha enquanto Gavin e Michael discutiam quem ganharia a partida de basquete do dia seguinte. Fiel às raízes nova-iorquinas, Gavin provocava Michael, dizendo que os Knicks iam esfregar o chão com os Lakers.

Desnecessário dizer que os dois concordaram em *discordar*.

Quando o sono começou a bater, Emily decidiu tomar um banho antes de se deitar. Deixou os dois homens e riu sozinha ao ouvir Gavin mencionar algo sobre os seus amados Yankees terem batido os Birds dela. Arrastou a bagagem até o quarto de hóspedes, fechou a porta e balançou a cabeça, certa de que ele nunca a deixaria esquecer aquilo. Levando a mala até a cama, perguntou-se quantas vezes ele a sacanearia no decorrer da próxima temporada de beisebol. Estava certa de que seriam inúmeras. Só esperava que os seus Birds tivessem um retorno triunfal, amenizando a zoação.

Depois de curtir uma chuva longa e quente, secou os cabelos com a toalha e vestiu um short macio de algodão e uma camiseta sem manga. Ao deixar o banheiro, não só encontrou as roupas de Gavin atiradas na cama como também a porta da varanda escancarada. Uma brisa soprou pelo quarto, provocando um calafrio em Emily. Embora fosse o sul da Califórnia, as noites normalmente tinham temperaturas mais baixas. Envolveu-se com uma manta de chenile que pegou na cama *queen-size* e se dirigiu à varanda.

Sentado numa cadeira de tábuas, com os pés descalços sobre o parapeito de ferro, vestindo short e camiseta, Gavin bebericava uma cerveja enquanto observava as ondas quebrarem a distância. Mais um calafrio, que nada tinha a ver com o vento, percorreu o corpo de Emily quando Gavin se virou. Seus olhos azuis lhe faziam um convite. Sua expressão irradiava desejo.

Estranho, ela já não sentia frio.

Gavin pousou o copo de cerveja, fazendo o vidro tilintar no concreto, e baixou as pernas do parapeito, abrindo-as. Seu sorriso era deliciosamente sexy. Emily subiu em seu colo. Descansou as costas em seu peito musculoso e os cobriu com a manta, imediatamente absorvendo o calor que emanava dele.

Gavin afastou os cabelos dela do ombro e começou a sugar devagarinho a curva do seu pescoço, o hálito quente.

– Estava esperando você – sussurrou ele.

Seu tom rouco dizia a Emily o que ela já sabia: estava prestes a ser devorada. Deslizou as mãos por debaixo da camiseta dela, por sua barriga, e segurou seus seios.

– Você gosta de me deixar na expectativa, não gosta?

Só por seu tom de voz, já dava para imaginar um grande sorriso estampado no rosto. Emily sentia borboletas no estômago, o corpo estremecendo sob o toque dele.

– É o único controle que tenho sobre você – sussurrou ela, a voz trêmula.

Dava para sentir muito bem a ereção crescente contra a sua bunda. Com os polegares, Gavin acariciava lentamente os seus seios.

– Quer que eu continue?

Com os mamilos duros como pérolas, Emily arqueou as costas de encontro ao peito dele. Mordeu os lábios enquanto ele mordiscava o seu ombro.

– A gente vai ficar aqui fora? – perguntou Emily, olhando para a praia lá embaixo, onde um grupo de adolescentes barulhentos e aparentemente bêbados fazia uma fogueira. – Talvez eles vejam a gente, Gavin.

– Está escuro demais aqui em cima. Não vão ver nada – sussurrou ele, a voz grave vibrando em sua pele.

Beliscando seus mamilos de leve, lambeu atrás de sua orelha e puxou a camiseta dela pela cabeça, jogando-a de lado.

O ar fresco da noite dançou pelo peito nu de Emily. Ela tentou respirar, tentou pensar. As palavras fugiram de sua mente por completo.

– Agora, responda à minha pergunta – sussurrou ele, correndo a língua por seu pescoço. – Quer que eu continue a tocar você?

Ela queria. Queria desesperadamente. Mesmo a cada toque leve como uma pluma, sentia o seu âmago se contrair, latejar, implorando para ter qualquer parte dele dentro dela. Gavin beliscou os seus mamilos outra vez e Emily deixou escapar um gemido. O desejo venceu a batalha da vergonha de serem pegos em flagrante, despedaçando qualquer pensamento que impedisse aquilo de acontecer. De súbito hiperconsciente do próprio corpo, ruborizou.

– Quero – sussurrou ela. – Quero que você continue a me tocar.

– Me diga onde você quer que eu a toque, Emily – comandou ele, a voz acariciando o nome dela.

– Na minha boceta – ela conseguiu balbuciar.

– Como? Não ouvi. Pode repetir? – perguntou ele com um rosnado grave, roçando-lhe as costelas.

Meu Deus. As pontas dos dedos dele queimando-lhe a pele e todo o seu interior.

– Na minha boceta – repetiu ela, tentando ocultar o tom de súplica da voz.

– Você quer que eu toque essa bocetinha gostosa? – Ele enganchou os polegares no short dela, o tom áspero transbordando desejo carnal. – É o que você quer?

– É – gemeu ela, erguendo um pouco a bunda, enquanto ele tirava seu short e sua calcinha.

Com os dedos dos pés, Emily terminou de tirá-los e a manta saiu junto. Não havia mais como não implorar. Ela já havia passado desse ponto. Faria qualquer coisa que ele lhe pedisse.

– Meu Deus, Gavin, por favor. Toque lá, por favor.

Suas palavras tinham gosto de morango coberto com chocolate, doces e deliciosas. Com uma das mãos pousada na barriga dela e a outra forçando as pernas a se abrirem, Gavin não pôde deixar de sentir prazer com os gemidos de Emily antes mesmo de tocá-la. Caralho, ela o levava à loucura, o partia em pedaços. Queria que ela se abrisse toda para ele.

– Coloque os pés na beirada da cadeira.

Com os batimentos acelerados e já molhada, Emily obedeceu. Com todo cuidado, ele enfiou dois dedos e ela jogou a cabeça e os braços para atrás, arqueando-se. Ficou tensa, lutando contra o medo de ser descoberta. Gemendo baixinho, entrelaçou os dedos nos seus cabelos, intensificando a força à medida que se movimentava em sincronia com as investidas dele. Embalada pelo som da maré em meio ao ar fresco da noite, Emily se movia com cada vez mais força e menos inibição, a respiração de ambos se acelerando. Os músculos se apertaram, puxando-os ainda mais fundo. Percorrendo o ombro dela com os lábios, Gavin subiu a mão livre pela exuberante curva dos seios, parando-a ao redor do pescoço. Investiu ainda mais fundo naquele calor que era só dela. Emily prendeu o fôlego quando ele usou o polegar para contornar

rapidamente o clitóris úmido, os gemidos baixos e a boca árida devorando a sua carne, deixando-a ainda mais excitada.

Puxando-a para trás pelo pescoço, com os dedos entrando e saindo lentamente, Gavin virou sua cabeça para um lado e lhe deu um beijo avassalador.

– Tire as mãos dos meus cabelos e aperte esses peitinhos lindos para mim – ordenou ele, lambendo a sua boca.

Aquela voz tão carnal, tão cheia de tesão fez o corpo dela estremecer. Com as palavras de Gavin rodopiando em sua mente, Emily desemaranhou os dedos e, mais uma vez, lhe obedeceu. Apalpou os seios por um segundo antes de puxar os mamilos. A tensão aumentou, crescendo ferozmente no meio de suas pernas. Cavalgou cada onda de desejo que ele provocava dentro dela. Os espasmos avançaram pelo corpo, levando-a às alturas. Embora estivesse muito, muito perto de gozar, precisava dele dentro dela. Naquele instante. Não ia conseguir esperar.

Como se pressentindo o que Emily queria, Gavin tirou os dedos de dentro dela, deixando um rastro quente e molhado. Já ia protestar, mas ele a ergueu, posicionando uma das mãos debaixo da sua bunda enquanto a outra puxava o próprio short e a cueca só o suficiente. Em pouco tempo, ele a sentara sobre o pau. Emily sorveu o ar com dificuldade ao sentir a cabeça abrir sua carne inchada, a prazerosa queimação quase a levando ao orgasmo. Ela arregalou os olhos. Apesar de ainda estar chocada com o local onde estavam, os rosnados e a respiração pesada dele faziam o risco de serem pegos valer a pena. Acalorado e duro, ele era o verdadeiro macho alfa: primal, feroz e guloso. Ele a preencheu, reclamou-a para si, rompeu-a e a fez sua. Ele a fez percorrer o caminho todo da mulher que havia sido um dia à mulher na qual estava se transformando. A mulher que devia ser ao seu lado.

– Caralho – disse Gavin, tenso.

Enterrando os dedos nos quadris dela, a pressão e a necessidade que haviam acumulado durante o dia quase explodiu quando Emily desceu o corpo com força em direção ao pau sensível. Os músculos saltaram e repuxaram. Ele levou à boca de Emily os dedos que enterrara dentro dela.

– Sinta o seu gosto em mim. Quero que você lamba a sua doçura dos meus dedos.

E foi o que ela fez. Chupou cada um deles com uma intensidade que nunca havia mostrado a ele. De tão hipnotizado, Gavin ficou até meio zozzo quando Emily segurou-lhe o pulso, lambendo seus dedos.

– Minha boceta é gostosa, Gavin? – A perguntar explodiu dos lábios de Emily quando ela deu impulso à frente para colocar as mãos sobre os joelhos dele e se equilibrar. Subia e descia, a uma velocidade crescente. – Me diga.

Putá merda. Gavin jurava que estava prestes a perder o controle ali mesmo. Segurando os cabelos de Emily com uma das mãos, agarrou a cintura dela com a outra, conduzindo seu corpo em golpes violentos.

– Você parece o paraíso em volta de mim. A porra do paraíso.

E parecia mesmo. Um veludo macio em volta do aço duro. O calor escorregadio dela, tão apertadinho, estava fazendo o saco de Gavin subir em direção à barriga. Despejaria cada centímetro dele dentro dela. Mas ia esperar.

Sempre querendo fazê-la gozar primeiro, tirou a mão dos cabelos dela e esfregou o clitóris com força e rapidez. Porra. Emily arfou e os músculos se enrijeceram, contraindo e apertando seu membro com tanta ferocidade que Gavin não sabia se ia conseguir se segurar. Ela salvou os dois ao arquear as costas de encontro ao peito dele com movimentos sensuais. No entanto, aquilo foi ainda mais devastador para os sentidos já aguçados de Gavin, porque, agora, podia senti-la por inteiro, cada balançar dos quadris, rebolando sobre seu pau.

– Cacete – gemeu ele, passando a mão da cintura dela para o seio, apertando-o. Com a outra, ele mantinha uma pressão constante sobre o seu clitóris, massageando e provocando a florescência intumescida. – É isso mesmo, gata. Me foda devagarinho. Bem devagarinho. Deixe eu sentir cada bocadinho de você.

Morta de tesão, Emily respirou fundo, completamente tomada pelas sensações.

– Por favor, não pare – sussurrou ela, erguendo os braços e enroscando os dedos nos cabelos dele.

A boca se fechava em seu ombro, uma das mãos brincava com seu peito, a outra passeava por seu clitóris: Emily estava quase no limite. Umedecendo os lábios, implorou:

– Por favor, Gavin.

Implacável, impiedoso e ininterrupto, Gavin projetou os quadris para a frente, preenchendo Emily por completo. Já sem respirar, sem pensar ou se preocupar em quem poderia estar assistindo, sentiu um prazer doloroso percorrer seu corpo. Ele explodiu, desfraldando uma libertação tão intensa e perversa em sua potência que Emily achou que perderia a cabeça. Gritou o nome dele, a voz mais alta do que esperava, mas não conseguiu se controlar. Aquilo era a mais pura das bênçãos. *Ele* era a mais pura das bênçãos.

Espasmos rasgaram cada um de seus músculos enquanto Gavin deslizava a mão sobre a sua boca. Sentiu o orgasmo dele, o sêmen quente e sedoso se despejar dentro dela. O corpo de Gavin se enrijeceu, estremecendo violentamente, a respiração dele áspera e rápida nos ouvidos de Emily. Possuída por ondas de choque, com o corpo inerte, perdida numa neblina de paixão, ela foi respirando mais devagar. Virou a cabeça para o lado e os dois se beijaram profundamente enquanto Gavin apalpava seus seios.

Exausto e saciado, ele pegou a manta e cobriu o corpo nu de Emily. Afastando os cabelos longos e úmidos dos ombros dela, passou os lábios com suavidade por seu pescoço.

– Eu te amo, Emily, e preciso que você saiba que não existe nenhum outro lugar no mundo onde eu preferiria estar a aqui com você.

Emily o olhou nos olhos. Continham tanta paixão e devotamento que o seu coração dilatou. Com uma intensidade beirando a obsessão, beijou-o, agradecida por seus caminhos terem se cruzado mais uma vez. Ele lhe dava forças que ela jamais soubera possuir. Florescia quando ele estava por perto, confiava a própria vida às suas mãos. Gavin era o combustível para a chama que havia dentro dela, esperando ser acesa. Interrompendo o beijo

aos poucos, Emily se virou e se enroscou no calor dos braços dele. Seu olhar passou do céu claro cheio de estrelas para as ondas escuras salpicadas de prata pelo luar. Emily deixou escapar um suspiro satisfeito, a alma acalentada por um amor que não encontraria com mais ninguém. Sabia que o dia seguinte seria difícil, mas, de alguma forma, também sabia que aquele seria um dos natais mais doces que teria. Enquanto Gavin a puxava mais para perto, pensava que isso era quase certo.

Um desvio na estrada

Emily acordou quando os raios de sol que passavam pelas persianas bateram no seu rosto, o calor não tão bem-vindo, considerando que ela e Gavin foram dormir tarde da noite. Usando o peito dele como travesseiro, ouvia a respiração tranquila de Gavin, que a acalmava. Mas isso não durou muito. Os pensamentos de Emily entraram em ação, tão pouco agradáveis quanto o despertar precoce. Flashes do Natal anterior a atingiram, um dia passado no hospital ao lado da mãe moribunda, e praticamente arrancaram o ar de seus pulmões. Dillon também entrou em sua mente, queimando-lhe o estômago.

Erguendo a cabeça, olhou para o lindo rosto de Gavin e sentiu-se muito mais do que grata a ele. Embora estivesse mais feliz do que poderia se lembrar, seu astral foi mudando à medida que um vazio se ancorava fundo nas entranhas. Não queria olhar para trás, mas os fantasmas do passado não permitiam que ela seguisse em frente. A dor que sentia pela mãe pairava como uma tempestade, trazendo uma nuvem escura de tristeza.

Tentando escapar do desespero que tomava conta dela, Emily levantou da cama. A saudade da mãe a seguia a cada passo silencioso no chão frio de madeira. Estremeceu ao pousar a mão na maçaneta, tomando cuidado para não acordar Gavin ao abrir e

fechar a porta. Como não eram nem oito horas, a casa ainda não havia ganhado vida. A ausência de qualquer som ou movimento deixou Emily a sós com os seus pensamentos.

Com um suspiro, foi até a árvore de Natal. Os olhos pousaram sobre diversos enfeites que ela e Lisa tinham feito para a mãe na infância: renas de purpurina prata, vermelha e dourada realçando o nome de cada uma e anjos de papel colados sobre pregadores de roupa invadiram a sua memória. Emily correu as pontas dos dedos pelas lembranças do passado com os olhos marejados. Engoliu em seco, o corpo de súbito trêmulo, o coração instantaneamente apertado. Já estava sem a mãe havia mais de um ano? A mãe que lhe proporcionara amor e insanidade na mesma dose? A voz dela ressoava em seus ouvidos enquanto Emily tentava se recompor.

Emily não ouviu Gavin entrar, mas tampouco precisava. Sua presença tranquilizadora preencheu o ar. Ele a abraçou por trás enquanto ela enxugava uma lágrima errante que deslizava pelo rosto. Ainda fitando os enfeites, Emily balançou a cabeça e respirou fundo.

– Como eu faço para deixar que ela parta?

Gavin deu um beijo suave no topo de sua cabeça e, sem dizer uma palavra, tomou-lhe a mão e a conduziu de volta ao quarto. Confusa, observou-o colocar a mala em cima da cama. Depois de abrir o zíper e de sacar uma caixinha de veludo preto, ele se sentou, fazendo sinal para que Emily se aproximasse. Gavin olhou em seus olhos, cheio de carinho e preocupação. Mais uma vez, buscou sua mão e a colocou no próprio colo, encostada ao seu peito nu, afastando os cabelos dela do ombro.

– Você não a deixa partir, meu amor – sussurrou Gavin, prendendo um medalhão oval, de platina, cravejado de brilhantes, ao redor de seu pescoço. – Você a agarra com tudo o que tem. Você a carrega por todos os momentos de alegria que vai ter no seu lindo futuro. Por suas realizações. Quando vir os olhos de seus filhos pela primeira vez. Você almeja as estrelas pensando nela. Sua mãe vai estar lá, observando. Você a perdoa pelos erros que ela cometeu e, durante os maus momentos que precisar enfrentar,

você se apega a qualquer palavra de sabedoria que ela tiver dito. Mas você nunca a deixa partir. Nunca. Ela não ia querer isso.

Ao abrir o medalhão, Emily perdeu o fôlego: era a foto da mãe adolescente. O sol brilhava sobre os cabelos escuros e o sorriso realçava o brilho afetuoso e despreocupado em seu olhar, próprio da juventude. Emily não pôde deixar de pensar que era a imagem mais feliz que já havia visto da mãe. Fungou e mais lágrimas rolaram. No entanto, aquelas estavam sendo provocadas por um homem que não podia sequer imaginar o espaço vazio de seu coração que por tantas vezes preencheria.

Virando-se, Emily se enganchou em sua cintura e o fitou com intensidade. As emoções que emanavam deles a atordoaram. Estava estupefata pelo fato de ele ser dela.

– Meu Deus, você é de verdade? – sussurrou ela.

Gavin abriu um sorriso triste.

– Acho que sim.

– Você me dá a sensação de estar num sonho – confessou Emily, enlaçando-lhe o pescoço. – Como se eu fosse sonâmbula e nem soubesse. – Absorvendo o homem sincero e altruísta à sua frente, Emily se perdeu no fato de que ele *era* real. – Eu consigo fechar os olhos e simplesmente... confiar em você. Você é a cor na minha tela vazia, a luz na minha escuridão, o ar nos meus pulmões e eu quase o deixei escapar. Quase apaguei o nosso relacionamento. Não posso imaginar ficar sem você. Por favor, me diga que você sabe quanto eu te amo, Gavin. Eu preciso ouvir agora. Por favor.

Gavin engoliu em seco, a cabeça girando. Ela o possuía: mente, corpo e alma. Palavras... Meu Deus, ele não tinha palavras suficientes para lhe dizer quanto Emily o amava. Sabia quanto ela se arriscara mudando toda a sua vida por ele. Palavras não eram adequadas para aquele momento. Beijou-a suavemente, da maneira que ela deveria ter sido beijada na primeira vez que um homem teve permissão de sentir o seu corpo. Gavin a beijou na esperança de conseguir banir todos os resquícios de tristeza que haviam ocupado qualquer mísero espaço em seu coração. Querendo eliminar cada momento doentio e lembrança deturpada que os

olhos dela tivessem testemunhado, puxou-a para mais perto, tentando protegê-la dos demônios contra os quais Emily estava lutando.

Em meio ao silêncio, apenas se ouvia o som dos corações batendo. Emily se afastou lentamente e o peso em seu peito diminuiu, já não sufocante, já não estafante.

Gavin correu as mãos pelos cabelos ondulados dela, o sorriso tranquilo.

– Feliz *primeiro* Natal.

– Feliz *primeiro* Natal – sussurrou Emily, dando-lhe mais um beijo.

Depois de um momento, afastou-o. Pôs-se de pé com um salto, atravessou o quarto e vasculhou a mala. Sacando uma bolsa branca, ergueu uma sobancelha marota.

– Agora é a minha vez de dar presentes, mas devo avisar que você precisa começar a usá-los hoje mesmo.

Gavin passou uma das mãos pelos cabelos desalinhados e se encostou na cabeceira, com um largo sorriso.

– Esses presentes, por acaso, incluiriam um conjunto em renda preta a ser usado por você, pilhas AA e as suas pernas *shmexy* tremendo descontroladamente ao redor da minha cabeça?

Com os olhos arregalados, Emily soltou uma gargalhada. Ele estava delicioso, à espera dela e sem camisa ainda por cima. Engoliu em seco, já ciente de quanto sua região entre as pernas latejava. Séria, engatinhou pela cama lentamente. Segurando a bolsa, desceu um pouco as calças de moletom dele. Encheu seu corpo de beijos, seguindo a gloriosa tatuagem em direção às costelas esquerdas. Suspirando de puro contentamento, passou os lábios outra vez pelo abdômen musculoso. Sentiu Gavin enrijecer o corpo, os músculos tensos. Ele enterrou as mãos nos cabelos de Emily, que deslizava a língua pelos contornos das asas da besta de aparência maligna. Apesar de toda a malevolência, era como algodão-doce.

Emily ergueu a vista encarando-o, e seu organismo entrou em choque diante daquela intensidade sexual azul-clara. Ela sorriu.

– Então... você nunca me contou por que fez *esta* tatuagem em especial.

Gavin pestanejou, então bufou.

– Jura que vai me perguntar isso depois dessas lambidas ardentes?

– O quê? – Emily riu, enganchando-se em sua cintura, e franziu a testa. – Eu quero saber. Você me disse por que fez a tatuagem aí, mas não disse por que escolheu um dragão.

Fitando os lábios dela, Gavin deu um sorriso cretino.

– Eu fiz o dragão porque sabia que as mulheres nunca... nunca... nunca conseguiriam resistir ao desejo de lambê-lo.

Emily deu um tapinha brincalhão no braço dele.

– Seu filho da mãe. Está dizendo que não sou a primeira a lambê-lo, é? – Com um movimento rápido, Gavin a agarrou e a atirou sobre as costas. Emily arfou, o coração quase parando quando ele se colocou acima dela, roçando a boca de leve na sua. – Ai, meu Deus – sussurrou ela. – Eu estava certa: você é louco.

– E você está tentando me matar com as suas perguntas – replicou Gavin, mordiscando o lábio inferior dela, algo que ele adorava fazer. – Você não pode mais usar o verbo “lamber” na minha presença. Está entendido, Srta. Cooper?

A exigência dele a percorreu como uma carícia, mas Emily estava prestes a lhe desobedecer. Ergueu uma das sobrancelhas, a boca encrespada num sorriso divertido:

– *Lamber... lamber... lamber...* Homem das Cavernas.

Gavin arregalou os olhos mais ou menos no mesmo instante em que enfiou as mãos por baixo da camiseta dela. Emily soltou um gritinho agudo, se contorcendo para se livrar, e tirou a mão dele de cima do seio.

– Gavin! Não, eu quero que você abra os seus presentes.

– Feito – respondeu ele, com um gemido desesperado. – Estou convencido de que você está tentando me matar, de verdade. Achei que estava indo muito bem com o meu jogo. Onde foi que eu errei?

Emily deu uma risadinha.

– Você nunca poderia fazer nada de errado e eu juro que encontro uma forma de me redimir mais tarde.

Gavin balançou a cabeça e suspirou.

Depois de beijar sua bochecha, Emily saiu de debaixo de Gavin, que se sentou de pernas cruzadas. Ela ficou no colo dele e pegou a bolsa, que havia se perdido no emaranhado de cobertas. Sorrindo, retirou um pequeno envelope.

– Tome. Isto aqui você vai ter que usar pelo resto da vida.

Gavin olhou para o envelope, onde estava escrito com a letra de Emily:

Corra atrás de seus sonhos enquanto há tempo.

Com um sorrisinho, Gavin retirou um pequeno cartão: Emily lhe havia comprado uma assinatura vitalícia da *Architectural Digest*. Deu-se conta, então, de que ela também se lembrava das coisas que ele lhe dizia. Abraçando-a, Gavin beijou-a de leve.

– Você seria feliz ao meu lado se eu fosse arquiteto?

– Eu seria feliz se recolher lixo dos acostamentos fosse o que fizesse você feliz.

– Seria?

Sabia que Emily não estava com ele por causa do dinheiro, mas a resposta o espantou. A maioria das mulheres que conhecera, senão todas, o teria mandado enfiar os sonhos no rabo se ele não estivesse ganhando os milhões na Blake Industries. Embora uma carreira no ramo do saneamento público jamais fosse ser uma escolha sua, sentiu o coração se aquecer. Encontrara uma mulher que o aceitaria em qualquer circunstância.

– É claro que seria – garantiu Emily, enlaçando-lhe o pescoço. Um sorriso provocador se esboçou em seus lábios. – Você ficaria um tesão com o uniforme de gari.

– Ah, sempre com segundas intenções. – Gavin a beijou na testa. Ela sorriu e ele a encarou, sério. – Obrigado. Eu adorei.

– Não, eu é que agradeço – sussurrou ela, com os lábios encostados nos dele. Soltando um dos braços, tirou uma pequena caixa da bolsa. – Tenho mais presentes para você. Este meio que coincide com a assinatura, de uma forma meio esquisita.

Gavin sorriu e começou a desembulhá-lo. Depois de se livrar do papel de presente vermelho, encontrou uma caixa preta com o nome *Patek Philippe Calatrava* gravado. Como conhecia relógios tão bem quanto carros, sabia que aquela era uma peça muito cara. Adornada em ouro, era impressionante, algo que Gavin facilmente podia se ver usando. Correu os dedos pela pulseira de couro preto macio, absorvendo o design suíço contemporâneo. Embora seu Breguet atual tivesse feito um estrago de 260 mil dólares na conta bancária, aquele Patek Philippe Calatrava devia ter custado a Emily mais de 25 mil.

Emily sorriu e lhe entregou um segundo cartão com os dizeres:

**Não deixe que o tempo passe sem
fazer o que você quer de verdade.**

Foi então que compreendeu como os dois presentes se conectavam. Gavin tomou o rosto dela entre as mãos e a beijou com todo o carinho.

– Obrigado – sussurrou, acariciando-lhe os cabelos. Emily sorriu, mas Gavin não pôde deixar de se perguntar como ela fora capaz de pagar pelo relógio. – Você usou o dinheiro que eu coloquei na sua conta? – Gavin perscrutou o rosto de Emily. Gastar o dinheiro com ele era a última coisa que queria que ela fizesse. – Eu disse para não comprar nada para mim com ele.

Emily revirou os olhos.

– Você gostou?

– É claro que gostei. Eu adorei. Mas não quero que você gaste esse monte de dinheiro comigo, Emily.

Suspirando, ela revirou os olhos outra vez. Aproximando o rosto, ficou completamente séria.

– Gavin, em primeiro lugar, eu não usei o dinheiro que você me deu. Eu tenho dinheiro guardado e usei uma parte para comprar isso.

– Emily, apesar de você ganhar um extra como garçonne, sinceramente duvido que o salário de professora substituta permita que você gaste tanta grana num relógio.

Emily chegou o corpo para trás, erguendo a sobrancelha.

– Obrigada pelo elogio.

Gavin a puxou para mais perto, enfiando uma mecha de cabelo por trás da sua orelha.

– Não foi isso que eu quis dizer, meu anjo. Mas, poxa, eu tenho uma boa ideia de quanto isto custou. Se você não usou o que eu dei, como conseguiu comprar isto?

– O Dillon...

Gavin se afastou, chocado.

– O quê?

– Vai me deixar terminar, Homem das Cavernas?

Gavin assentiu e respondeu devagar:

– Está bem, estou ouvindo.

– Obrigada. – Emily passou as mãos pelos cabelos dele, tentando acalmá-lo. – O Dillon pegou o dinheiro que eu recebi do seguro de vida da minha mãe e investiu em planos de previdência privada, fundos de investimento e vários CDBs. Depois que eu desmarquei o casamento, fui olhar as minhas finanças. Tirei o meu nome de vários cartões de crédito que tínhamos em conjunto, assim como as minhas contas do controle dele. Eu as transferei para um corretor indicado pelo Trevor. O Dillon pelo menos sabe fazer uma conta bancária crescer. Ela praticamente triplicou no último ano. Fiz um pequeno empréstimo usando uma das contas como garantia e comprei o seu relógio. Então, como eu disse, usei o meu dinheiro. Não o que você me deu. Satisfeito?

– Satisfeito? – repetiu Gavin como um papagaio. – Estou satisfeito com o fato de a mulher que eu amo ter sido esperta o suficiente para arrancar o dinheiro do cretino do ex. – Percorrendo

as costas de Emily com as mãos, Gavin roçou os lábios por seu queixo. – Mas não fico satisfeito com o fato de ela ter gastado parte dele com o namorado atual, encantadoramente sexy, depois de um pedido para que ela não gastasse muito com ele.

Emily riu.

– Ah, agora, do nada, você ficou encantadoramente sexy?

– Pode ter certeza. – Gavin sorriu, piscando para ela. Depois de substituir o relógio que estava usando pelo que Emily lhe dera, a expressão de Gavin se suavizou. – É sério, Emily. Essa é a última vez que você faz alguma extravagância por mim, está bem? Tenho tudo de que preciso sentadinho bem aqui no meu colo.

Emily suspirou e tirou o último presente da sacola.

– Veremos. Agora, tome. Este é o que eu *insisto* que você comece a usar hoje.

Gavin a olhou com uma expressão de suspeita e tirou o laço vermelho do que parecia ser uma caixa contendo peças de roupa.

– Algo na sua expressão me diz que isto é algum tipo de “presente vingativo”.

– Meu doce, doce Sr. Blake, você me conhece tão bem... – ronronou ela.

Balançando a cabeça, Gavin rasgou, muito lentamente, o papel de presente verde. Hesitou, encarando Emily. Percebeu sua impaciência e riu quando ela arrancou o resto do embrulho e tirou a tampa. Antes que ele pudesse ver o que havia dentro, Emily sacou uma peça de roupa amarelo-vivo. No entanto, manteve-a embolada no colo.

Ah, e como ela ria! Gargalhava.

– O que é? – perguntou Gavin, incapaz de afastar o humor da voz.

Emily parou de rir, pigarreou e fez o possível para ficar séria.

– Eu espero mesmo que você goste. – Ela piscava de modo teatral, colocando sobre o peito um blusão com capuz dos Los Angeles Lakers. – Eu sei que o Michael vai *adorar* ver você usando isso durante o jogo hoje.

Gavin balançou a cabeça.

– Não. Sem chance.

– Sim, com chance.

– Ah, não.

Emily fez uma careta.

– Ah, sim.

– Não. Eu te amo, mas não vou usar isso na frente do Michael. Além do mais, eu sou um nova-iorquino doente. Trouxe o meu suéter dos Knicks.

Emily franziu mais a testa. Ela já sabia como convencê-lo.

– Sabe, eu tive muitos motivos para escolher esse presente.

– Tenho certeza disso – disse Gavin, abraçando-a. – Minha humilhação é um deles.

Emily riu.

– Não, não foi comprado unicamente para a sua humilhação. Mas poderia ser, considerando que você me fez andar de um lado para outro vestindo aquele suéter *horroroso* dos Yankees.

– Os Yankees não têm nada de horrorosos – retrucou ele, sorrindo. – E lembre que isso aconteceu na privacidade do meu lar, sem que ninguém visse você.

– É, isso é verdade. Mas é só que... é que eu tenho um fraco por homens de amarelo. – Emily enlaçou-lhe o pescoço e se certificou de pressionar os quadris contra os dele. Ah, sim, ele estava ficando de pau duro. – Algo na cor me deixa toda... *molhada*.

Gavin mordeu o lábio, examinando o rosto de Emily.

– Você é tão mentirosa...

– Ah, não, Sr. Blake, não sou, não. Depois que eu vir você usando isso, sofrendo um pouco, garanto uma boa recompensa pelo esforço.

Deslizando a mão pelas costas de Emily, Gavin embrenhou os dedos nos cabelos dela, puxando-os só um pouco. Com uma visão nítida do lindo pescoço a centímetros de sua boca, Gavin aproveitou o momento para se deliciar, arrastando os lábios pela clavícula dela enquanto puxava os cabelos com ainda mais força.

– Eu criei uma mulher que acha que me ganha com sexo.

Inebriada de prazer com as mordidas no ombro e os chupões no pescoço, Emily não sabia direito quem achava estar enganando.

Ficara encurralada e não tinha a menor intenção de sair dali.

– Está funcionando? – A pergunta saiu em forma de gemido.

– É possível – respondeu ele, tirando lentamente a camiseta dela.

Atirou-a sobre a mesa e voltou a enfiar uma das mãos em seus cabelos macios. A outra tomou seu seio. Com os olhos cravados nela, lambeu o mamilo. Mais um gemido escapou da garganta de Emily e Gavin adorou saber que estava vencendo no jogo que ela inventara.

– Está disposta a ralar para me fazer usar essa roupa hoje, Srta. Cooper?

É. Ela estava mesmo encurralada. Perdera a batalha. Mas não completamente, pois até a manhã chegar ao fim, não só se sentiu rejuvenescida pelos *múltiplos* presentes do namorado como ansiosa por vê-lo vestir aquele amarelo horroroso pelo resto do dia.



Brenda Lee mandava ver com “Rocking around the Christmas Tree”, que retumbava nas caixas de som da sala, onde Michael e Gavin se preparavam para assistir ao jogo de basquete. Emily riu quando Lisa começou a bater o quadril de encontro ao dela no ritmo da música enquanto as duas terminavam de enrolar o último bocado de massa de biscoito. Emily colocou a bolota de chocolate num tabuleiro e o enfiou no forno preaquecido.

– Lembra como a mamãe adorava essa música? – perguntou alegremente Lisa ao abrir a geladeira atrás de uma massa de torta que acabaria por conter um recheio caseiro de maçã. – Era tão divertido ficar olhando ela dançar pela casa! Ela adorava o Natal.

Diante da lembrança agridoce, Emily deu um sorriso discreto. Abriu a torneira e colocou as mãos debaixo da água quente.

– É, ela adorava mesmo o Natal.

Lisa colocou a massa de torta sobre a bancada, mais uma vez batendo o quadril de encontro ao de Emily no ritmo da música.

Emily suspirou, curtindo o alto astral da irmã. Não que aquilo a espantasse. De certa maneira, Lisa havia substituído a mãe muito antes de ela falecer e sempre se certificara de que Emily estivesse recebendo a atenção adequada. Desde ajudá-la com os deveres de casa até lhe ensinar a se maquiar quando tinha idade suficiente, Lisa assumiu de bom grado o papel que caíra em seu colo depois que o pai se fora. E nunca se ressentira, jogando as responsabilidades na cara de Emily. Durante os longos dias e noites sem a mãe – quer fosse por ela trabalhar até tarde como *barwoman* para colocar comida na mesa ou por ela estar na rua com um dos namorados –, Lisa dava estabilidade à vida de Emily. Dava-lhe calma. Uma inabalável sensação de paz.

Parada com um pano de prato nas mãos, Emily sentiu uma ligeira hostilidade com relação à mãe brotar em suas entranhas. Começou a se perguntar por que permitira que as palavras da mãe a prendessem a Dillon. Era verdade que a mãe não vivera para ver aquilo no que ele se tornara. Patricia Cooper deixara o mundo achando que a filha mais nova fora conquistada por um verdadeiro príncipe encantado. Emily estava bastante certa de que, se a mãe tivesse testemunhado a transformação, teria lhe falado para se livrar dele. Ainda assim, Lisa era a figura materna em sua vida e, no decorrer de longas conversas, sempre dissera que, se ele não a estivesse tratando bem, Emily devia cair fora.

Os sinais tinham estado presentes. Bandeiras haviam sido tremuladas de todas as direções pela maioria das pessoas que a cercavam. No entanto, ela as ignorara. Depois que Emily deixara Dillon, nas sessões de terapia, ela descobrira que devia ter se apoiado nele após a morte da mãe por ser parte de uma coisa que já não existia. Por ter sido testemunha de uma alma que nenhum outro homem em sua vida jamais conheceria. De certa forma, apegar-se a ele era apegar-se à mãe. Era apegar-se ao seu passado. Embora tivesse fragmentos de tristeza, esse passado lhe era familiar, compreensível. Era frio, porém a aquecia; escuro, mas repleto de uma luz brilhante que ela nunca voltaria a ver. Era algo que se fora... para sempre.

Enquanto Emily secava as mãos, as palavras pronunciadas por Gavin naquela manhã penetraram seus pensamentos. Ela não só precisava perdoar a mãe pelos erros que havia cometido como precisava perdoar a si mesma. E foi exatamente o que fez na cozinha da irmã naquele fim de tarde de Natal. Mesmo sabendo que nem começaria a entender o jeito da mãe ou o modo como havia seguido seus passos, Emily se livrou do último fragmento de negatividade direcionado a si mesma e à mãe.

– Ei, perdi você por alguns instantes. – Com uma voz suave, Lisa chamou Emily de volta ao presente. Colocando a mão no rosto da irmã, deu um sorriso débil. – Você está bem?

Sem responder, Emily puxou Lisa para um abraço. Como se pressentindo o que a irmã estava passando, Lisa apertou-a com força. Como sempre, o gesto reconfortante encheu Emily de amor.

– Xi, interrompemos um momento entre irmãs. – Michael riu ao entrar na cozinha com Gavin. – Somos dois babacas, cara.

Olhando para a sua joia, Gavin sorriu e se encostou no arco da entrada. Observou Emily se afastar da irmã e o amor pegou-o de jeito quando seus olhares se cruzaram. Mesmo de calça e casaco de moletom, era tão absurdamente linda que lhe tirava o fôlego. Com um sorriso no rosto que o preenchia por completo, ela foi até ele. Um calor se irradiou pelo corpo de Gavin quando Emily o enlaçou pelo pescoço, os cabelos castanho-avermelhados macios descendo-lhe pelas costas. Por seu olhar, podia ver que ela estava genuinamente feliz.

– Eu já disse que você fica *maravilindo* de amarelo?

Emily riu, aninhando-se contra o peito dele.

Michael riu, roubando uma azeitona de uma travessa de frios.

– Claro, claro. Está parecendo o Garibaldi doidão de crack.

Lisa lhe deu um tapinha no braço e tirou os biscoitos do forno.

– Isso doeu, amor. – Michael fingiu sentir dor e esfregou o braço.

Gavin balançou a cabeça.

– Talvez você tenha razão, Michael, mas se você tivesse recebido os... *presentes* que eu recebi como recompensa por usar

isto aqui talvez você se visse doidão de crack desfilando com um moletom dos Knicks.

Emily corou e riu.

– Sem chance, amigão – replicou Michael, atirando a azeitona dentro da boca. – Não importa o que a minha cunhada tenha lhe dado, considerando que esse seu corpinho esquisitão parece ter se exposto a uma tempestade solar, acho que você precisa segurar o seu último presente e dá-lo para mim. Caramba, eu viro sua namorada e uso um moletom dos Knicks. *Mim amar* você faz muito tempo, Gavin.

– Michael! – exclamou Lisa, arfante, dando outro tapa no braço dele.

Michael riu e Emily olhou para Gavin com expressão confusa.

– Último presente? Achei que a gente tivesse terminado a troca.

– Ah. Isso foi o que eu fiz você acreditar, meu doce. Para ser bastante sincero, eu sou cheio de surpresas que vão mantê-la... constantemente. pirada – Ele a puxou para mais perto, os lábios roçando sua orelha. – E eu não estou só falando de quando essas pernas lindas e trêmulas estão enroscadas ao redor da minha cabeça enquanto você geme o meu nome.

Alarmada, Emily olhou por cima do ombro para Michael e para Lisa. Por sorte, não estavam prestando atenção. Puxou Gavin para um beijo de parar o coração e, então, sussurrou em seu ouvido:

– Obrigada por fazer as minhas pernas tremerem como você costuma fazer.

Gavin sorriu, os olhos cheios de considerável apreciação masculina.

– O prazer é *sempre* meu. – Emily sorriu e Gavin olhou para Michael. – Ei, perdedor do Lakers.

Michael se virou, parando de dar atenção à profusão de comida empilhada sobre a bancada.

– O que foi, Sr. Ninguém dos Knicks que não tem uma mísera chance nem em sonho?

Gavin jogou a cabeça para trás e riu.

– Diga o que quiser.

– É. Vamos ver. – Michael pegou uma cerveja da geladeira. – Posso ajudar com alguma coisa?

– É que eu esqueci de pegar, ahn... – Gavin olhou para Emily e voltou a encarar Michael – sabe, aquelas coisas com você ontem à noite...

Encostado na bancada, o cunhado tomou um longo gole da cerveja e deu de ombros.

– Não sei do que você está falando.

Pela terceira vez em menos de cinco minutos, Lisa lhe deu um tapa no braço.

– Michael, você sabe o que ele está pedindo. Deixe de ser cretino.

– Pô, amor, é Natal.

Lisa revirou os olhos. Michael bufou e enfiou a mão no bolso.

Gavin virou Emily e passou os braços ao redor da sua cintura. Caminhando atrás dela, conduziu-a até Michael e arrancou um objeto da mão dele que Emily não pôde ver.

– O que vocês estão aprontando?

Emily olhou para a irmã, cujo rosto parecia prestes a se rasgar de tanta alegria.

– Ela está de tênis? – perguntou Lisa, batendo palmas com entusiasmo enquanto Emily e Gavin entravam numa salinha nos fundos da casa.

– Não – respondeu Gavin. – Que tamanho você calça, Lisa?

– Trinta e cinco.

– Senta – ordenou Gavin, apontando para um banco ao mesmo tempo que soltava a cintura de Emily.

Curiosa, Emily obedeceu.

– Por acaso eu sou um cachorro?

– Humm, aposto que, se fosse, teria um latido sexy.

Gavin se ajoelhou e avaliou uma fileira de sapatos que se encontravam debaixo do banco. Pegou o que parecia ser um Nike feminino de corrida, número 35, e calçou-o em Emily, amarrando o cadarço.

– Confortável?

Emily cruzou os braços.

– O que você está fazendo?
– Você não respondeu. Estão confortáveis?
– Estão.
– Ótimo. – Gavin entrelaçou os dedos nos dela enquanto se levantava, puxando-a do banco. – Está pronta?

Emily tirou o casaco de moletom.

– Para dar uma corrida? Claro. Por que não? Estou precisando queimar as calorias de hoje de qualquer maneira.

– Primeiro: eu ajudo você a queimar essas calorias mais tarde. Eu sou a melhor sessão de ginástica que você poderia ter. – Emily revirou os olhos e riu. – Segundo: a gente vai correr, e muito. Mas não com os pés.

Gavin parou diante da porta da garagem.

– Ok, agora você está me assustando.

Gavin pousou a mão em sua nuca e a olhou fundo nos olhos.

– Emily Cooper, a única coisa que você tem a temer é quanto eu vou te amar pelo resto da vida. E... quantas vezes vou fazer essas pernas tremerem. Mas isso não vem ao caso. Nunca tenha medo de mim, docinho. Entendeu?

Com um sorriso brincalhão, Emily ergueu a mão em continência.

– Sim, Sr. Blake. Entendo perfeitamente, senhor.

Divertindo-se, um tanto excitado, Gavin escancarou a porta da garagem escura.

Antes de acender a luz, Emily viu-o sorrir e não pôde deixar de suspirar de alegria. Meu Deus, como adorava a energia carismática que ele emanava. Era algo que lhe saía pelos poros, dera para perceber no instante em que o conhecera, e aquilo a encantava, a dominava, a atraía, se enraizava em seu coração.

Um clique...

Suspense...

Luzes...

Quando os olhos de Emily se acostumaram, seus batimentos se aceleraram e ela perdeu o fôlego. Ali estava o veículo mais elegante que já tinha visto na vida. Branco, arrojado, com um

enorme laçarote vermelho, tinha um design sofisticado que associava a estrelas de Hollywood.

– Ah, meu Deus, Gavin. Você não fez uma coisa dessas – sussurrou ela, descendo os degraus em transe, olhando dele para o carro.

Gavin a abraçou por trás e descansou o queixo em seu ombro.

– Fiz, sim. Gostou?

– Se eu gostei? Eu amei. – Deslizando a mão pelo magnífico capô, deu a volta naquela máquina extraordinária, o coração ribombando. – O que é?

– Isto seria um carro, Emily.

Ela se virou, inclinou a cabeça e riu.

– Eu sei que é um carro. Quero dizer, qual é o modelo? Nunca vi um desses.

Gavin tirou o capuz da cabeça dela e lhe deu um beijo.

– Eu tinha entendido. – Ele deu uma piscadela. – É um Maserati GranTurismo S e a gente está prestes a correr com ele pelas ruas como dois malucos apaixonados. Eu insisto que a gente corra. Entendeu?

Dando um passo atrás, atirou as chaves para Emily, que as pegou com um sorriso de orelha a orelha.

Emily ficou na pontinha dos pés e os dois se beijaram com ardor.

– Entendi. Entendi, sim. Mas você não precisava fazer isso. Eu disse que não precisava. A gente vai nele até Nova York?

– Não, vou mandar uma empresa de transportes colocá-lo num trailer e atravessar o país com ele. Tarde demais para dizer que não queria. Vamos. – Tomando-a pela mão, conduziu-a até o lado do motorista e abriu a porta. – O câmbio é automático. Achei que era melhor para você, já que esse corpinho sexy vai estar na cidade. Ainda assim, esconde mais de 400 cavalos debaixo desse capô. Não estou brincando quando digo que você vai botar pra foder. Vamos ver o que ela consegue fazer.

Emily soltou um gritinho de prazer, deu um beijo na bochecha dele e se enfiou atrás do volante. Passando a mão pelo interior de couro vermelho macio, observou Gavin apertar o controle da porta

da garagem que ficava na parede. Tirou o laçarote do carro e o contornou até o lado do carona.

Emily encarou Gavin, já sentado ao seu lado.

– Eu aperto o botão?

Com um sorriso, Gavin assentiu.

– Está ficando boa nisso.

– Espertinho. – Ela atirou as chaves para ele. – Muito bem, vamos arrebentar. Velocidade, aqui vamos nós.

Emily apertou o botão e o motor ganhou vida com um ronronar baixíssimo. Ficava a léguas dos carros que já tivera, que faziam um estrondo quando ela dava partida. Saindo de ré da garagem para o sol brilhante de final de tarde, Gavin sincronizou o celular com o carro, ligando o som em níveis ensurdecedores.

– Quem é? – gritou ela acima da voz suave e sensual de um homem que cantava sobre uma menina que era o seu anjo. O ritmo lento era sinistro e sexy. Ela verificou os retrovisores antes de sair para a rua. – Gostei.

– Massive Attack. O nome da música é “Angel” – respondeu Gavin, umedecendo os lábios, os olhos fixos nela. – Quando você não estava comigo, eu com frequência... *pensava* em você ouvindo isso, entre outras coisas.

Emily o encarou, o sentidos aguçados pelo tom sensual de Gavin.

– Sério? – Ela pigarreou, desviando os olhos dele enquanto acelerava mais do que era a sua intenção. O carro deu um salto para a frente e ela fez uma curva rápida para a direita, saindo do condomínio. – E que outras coisas você já fez escutando essa música e pensando em mim?

Gavin deu um sorriso travesso e respondeu em voz baixa, massageando a nuca de Emily:

– Normalmente eu estou no chuveiro com a água quente caindo pelo meu corpo.

Emily prendeu a respiração enquanto ele descia a mão do pescoço para seu ombro, roçando na curva do seu seio.

– E então? – sussurrou ela, tentando se concentrar na rampa que levava à San Diego Freeway. Baixou a janela, deixando que o

ar fresco penetrasse o pequeno espaço que se tornara sufocante de tão quente. – Por favor, me conte o que você faz consigo mesmo.

Gavin tinha criado um monstro sexual e adorava cada bocadinho daquilo. Desviou os olhos azuis para o velocímetro. Sem se dar conta, seu anjo beirava os 130 quilômetros por hora, costurando por entre outros veículos, os cabelos brilhantes chicoteando o ar em torno do rosto em formato de coração. Ajustou o assento um pouco para trás, ainda deslizando a mão pelo corpo dela, em direção ao cóc das calças de moletom. Acesso bom e fácil.

Provocou a pele da barriga dela com os dedos, pairando por ali antes de mergulhar por baixo do tecido. Sentiu Emily enrijecer o corpo, o carro dando um solavanco para a frente, ainda mais rápido enquanto ele descia a mão um pouco mais. Puta merda, ela não estava usando calcinha. Com o pau duro como pedra, Gavin não pôde conter um gemido. Gavin se sentiu mais do que satisfeito com a playlist: o Nine Inch Nails agora ribombava no carro, berrando sobre trepar como animais. Emily abriu as pernas e Gavin deslizou a mão pela carne macia e exposta da sua boceta, os dedos instantaneamente escorregadios. Emily gemeu e segurou o volante com mais força. Ele enfiava e tirava os dedos no ritmo constante que pulsava pelas caixas. Mais rápido, o veículo saltou para a frente, chegando perto dos 180 quilômetros por hora, e Emily levou o pé esquerdo até a beirada do assento. Atirou a cabeça para trás, os olhos se fechando, enquanto ele empurrava mais fundo, com mais força.

– Mantenha os olhos na estrada, Emily, senão eu paro – ordenou Gavin, a respiração entrecortada quando ela se remexeu de encontro aos dedos dele.

Emily jogou a cabeça para a frente, gemendo.

Ao ver aquele lindo rosto se contorcer de prazer, Gavin cochichou em seu ouvido:

– Eu pego o meu pau e brinco com ele, devagarinho, enquanto penso em você.

– Continue, por favor – implorou ela, despidorada, a concentração falhando mais a cada segundo. Sabia que tudo aquilo era perigoso, mas não conseguia parar. Estava completamente

enlevada, à beira do êxtase, e não queria nada além de saltar. – No que mais você pensa?

– Penso em como a gente trepa até os nossos corpos pingarem de suor e a gente não aguentar mais. – Gavin gemeu, inebriado com a umidade que lhe cobria os dedos. – Penso em como é gostosa a sua bocetinha quente em volta de mim quando você implora para eu te foder com mais força. Penso que o seu corpo treme como uma folha ao vento quando você goza.

– Ah, meu Deus... – gemeu Emily, a necessidade de parar o carro e devorá-lo aumentando a cada estocada.

Ele fazia círculos sobre o seu clitóris, intensificando a necessidade para além de qualquer controle que ainda possuía. Decidida, Emily foi tirando o pé do acelerador. Antes de conseguir encontrar um lugar, qualquer lugar, captou ardentes luzes vermelhas e azuis de um carro da patrulha rodoviária se aproximando de sua traseira.

– Gavin! – gritou, os nervos em frangalhos e o corpo na mais completa confusão. – A polícia vai parar a gente!

Gavin deu uma gargalhada e tirou a mão de suas calças.

– Ponto para a minha megerinha veloz – disse ele, como se a situação não o afetasse nem um pouco. Lambeu os dedos, ajeitou o assento e sorriu. – Não se preocupe, eu conto para eles o que estava fazendo com você. Tenho certeza de que vão entender.

Boquiaberta, Emily sacudiu a cabeça, numa tentativa vã de acalmar o corpo em chamas. Conduziu o carro até o acostamento, tremendo incontrolavelmente. É claro que aquilo, em parte, tinha a ver com os dois patrulheiros estaduais grandalhões que ladeavam o veículo, embora a maior parte estivesse relacionada a seu doloroso desejo de liberação. De olhos arregalados, o corpo pulsando com o que ela acreditava ser pura tortura, Emily buscou a bolsa – mas ela nunca a carregava.

– Puta merda! Não trouxe a carteira de motorista!

– Emily, acalme-se. – Gavin ergueu o traseiro do assento e sacou a carteira do bolso dos jeans. – Relaxe, amor, sério.

– Você está me mandando relaxar? – questionou ela rispidamente. – Eu estava a mais de 140 e estou sem carteira. Vão

me arrastar para a cadeia.

Gavin sorriu com malícia, sacando a identidade.

– Primeiro, você estava a 180, para ser mais preciso. Segundo, não vão arrastar você para lugar nenhum. Terceiro, eu acabo de visualizar a coisa mais sexy: você vestida num macacão de presidiário, preto e branco, usando até aquele bonezinho. Humm, simplesmente linda.

– Você precisa de terapia – sussurrou Emily enquanto os dois policiais se aproximavam, as mãos sobre as pistolas enfiadas nos coldres.

Ela engoliu em seco, forçou um sorriso e ergueu os olhos para o policial do seu lado do carro.

– Bom dia, senhor.

Com os olhos protegidos por óculos escuros, o homem mais velho pressionou os lábios antes de falar:

– Carteira, registro e seguro.

Com o sorriso mais brilhante que ela já havia testemunhado, Gavin pegou os documentos necessários no porta-luvas. Entregando-os a Emily, deu-lhe uma piscadela.

Ela revirou os olhos e encarou o policial que aguardava.

– Ahn, estou sem a minha carteira. Vim de Nova York visitar minha irmã e a gente deixou a casa dela às pressas. Me esqueci de trazer a bolsa.

Depois de examinar os documentos, ele tirou os óculos.

– Existe alguma razão para a senhorita achar que podia dirigir a 180 quilômetros por hora na estrada?

– A culpa foi minha – interveio Gavin, inclinando o corpo em direção à janela do motorista. – Eu disse a ela que estava sentindo uma dor excruciante e que precisava ser examinado por uma enfermeira. – Gavin pigarreou. – Quer dizer, por um médico. Mas, felizmente, já estou me sentindo melhor.

Desconfiado, o guarda olhou feio para Gavin por um longo segundo, depois encarou Emily.

– Preciso do número de seguro social para procurar a sua carteira de motorista no sistema.

Ela forneceu o número e ficou olhando pelo retrovisor, nervosa, enquanto ele voltava à viatura. Ainda do lado do carona, o policial mais jovem enfiou o rosto pela janela.

– Então você é torcedora dos Yankees? – perguntou ele, os olhos grudados em Emily. – Eu sou do Bronx. Não existe nada como um jogo dos Yanks em casa.

– Eu não sou torcedora dos Yankees, mas o meu namorado é – respondeu ela, remexendo-se no assento. Aquela conversa fiada acalmou um pouco seus nervos.

O policial franziu a testa.

– Não é? Não é o que diz a sua placa.

Dessa vez, quem franziu a testa foi Emily, encarando o namorado.

– E o que diz a minha placa, Gavin?

Com um sorriso largo, Gavin pousou a mão em sua nuca.

– Ah. Você não deve ter notado quando a gente estava na garagem. – Ele riu, passando os dedos pelos cabelos dela. – É a abreviação de “New York Yankees Lover”. Com o escudo do time e tudo. Tenho de admitir que ficou muito bacana.

Apoiando o rosto nas mãos, Emily olhou para baixo e riu.

– Você é mesmo o espertinho em pessoa.

– Você esqueceu de dizer que sou *shmexy* – lembrou Gavin.

Antes que Emily pudesse fazer qualquer comentário sarcástico, o policial mais velho voltou.

– Muito bem, a sua carteira de motorista de Nova York confere. No entanto, vou ter que lhe aplicar uma advertência por você não estar com ela. É só levar a multa e a carteira a qualquer delegacia da região de San Diego que ela deverá ser dispensada. Assine o seu nome ao lado do X.

Ele lhe entregou a papeleta branca. Depois de rabiscar o nome, devolveu-o. O policial arrancou a cópia-carbono amarela, estendendo-lhe o original.

– Considerando que você parece ser uma boa moça e que eu não estou a fim de preencher a papelada, não vou prendê-la. Eu deveria fazer isso, levando em conta a velocidade a que estava dirigindo. Mas vai ganhar uma multa por estar dirigindo acima do

permitido. Poderia lhe custar até mil dólares e a suspensão da carteira por trinta dias. – O policial fez uma pausa, se abaixou e olhou para dentro do carro. Embora a cara feia fosse direcionada a Gavin, falava com Emily: – E sugiro que repense a sua velocidade da próxima vez que o cavalheiro disser que está *passando mal*.

Emily assentiu, contendo um suspiro de alívio.

– Vou repensar. Obrigada, senhor.

Ele deu um breve meneio de cabeça. Depois que os policiais se afastaram, Gavin caiu na gargalhada, dando tapas no próprio joelho.

Emily voltou à estrada, preocupada com a velocidade.

– Não acredito que você esteja rindo – reclamou, tentando se controlar para não fazer o mesmo.

Passando a mão pelos cabelos, Gavin deu um sorriso.

– Sua cara estava impagável.

– Aposto que queria estar com uma câmera.

– Docinho, você *não* tem ideia do que eu teria feito para estar com uma.

Mais uma vez, Emily revirou os olhos. Levaram o dobro do tempo para voltarem à casa da irmã, porque ela estava dirigindo, como diria Gavin, “igual à minha avó”. Dessa vez, chegaram menos... *acalorados* do que no início do passeio. Saltando do carro, Emily foi olhar a placa. E de fato Gavin mandara colocar as letras *NYYLVR*.

Ao entrar no vestíbulo, depois de cobrir de beijos o seu amante dos Yankees, Emily ouviu Michael gritar que os Knicks estavam ferrados na mão dos Lakers. Foi a vez de ela cair na gargalhada. Gavin lhe deu uma palmadinha na bunda e se dirigiu à sala. Emily foi para a cozinha. Lisa estava tirando um presunto assado no mel de dentro do forno. No instante em que o saboroso aroma chegou ao nariz de Emily, um ataque de náusea a atingiu, fazendo-a estacar. Com os olhos vidrados, ela se dobrou, cobrindo a boca com a mão.

– Você está bem? – perguntou Lisa, colocando o presunto para esfriar. – Não está com uma cara muito boa.

Mais uma cheiradinha e Emily não aguentou. Girando sobre os calcanhares, atravessou a cozinha, quase tropeçando num banco ao lado da bancada. Mal conseguiu chegar ao banheiro do primeiro andar e não teve tempo sequer de fechar a porta. Ajoelhou na frente da privada. Com outra ânsia que lhe retorceu as entranhas, segurou os cabelos para trás e seu corpo se livrou violentamente do café da manhã reforçado e do almoço que comera mais cedo. A garganta queimava com a bile. Arfou, engasgando ao vomitar.

– Meu Deus, Emily!

Lisa correu para dentro do banheiro, ajudando Emily a segurar os cabelos.

– A porta – grunhiu Emily. – Feche a porta.

Lisa obedeceu e Emily se levantou, os nervos abalados com a súbita reação do corpo. Curvada sobre a pia, abriu a água fria e colocou as mãos debaixo.

– Que diabos foi aquilo? – perguntou Lisa, com os olhos arregalados.

Emily balançou a cabeça e sorveu a água das mãos, que melhorou a queimação na garganta.

– Não tenho a menor ideia – sussurrou. – Eu cheguei e o cheiro do presunto me deixou enjoada.

Lisa se recostou na parede, os braços cruzados.

– Não é a primeira vez que você vomita nos últimos tempos.

Emily secou o rosto com uma toalha.

– Verdade. Tenho andado muito estressada, Lisa. – Ela atirou a toalha na bancada e abriu o pequeno armário acima da pia. – Você tem uma escova de dentes nova?

– Aí dentro, não. Debaixo da pia.

Abaixando-se, Emily abriu o outro armário. Depois de vasculhar uma cestinha, encontrou o pacote. Abrindo-o, ficou de pé e passou pasta de dente. Escovou os dentes energicamente, querendo se livrar do gosto ruim.

– Eu sei que você anda muito estressada, Emily, mas já pensou

– Lisa fez uma pausa, colocando uma das mãos no ombro de Emily

– que você pode estar grávida?

Encarando o reflexo da irmã, Emily parou a escovação imediatamente e se virou.

– Não. Por que isso passaria pela minha cabeça? Eu tomo pílula.

– Você tem tomado direito?

Com um suspiro, Emily enxaguou a boca.

– Acho que sim.

– Você *acha* que sim? – zombou Lisa. – A pílula só funciona quando a gente toma todos os dias. Quando foi a última vez que você menstruou?

– Caramba, são os meus nervos! – explodiu ela. – Aquilo tudo que aconteceu entre mim e o Dillon, sem falar na história toda com o Gavin. Eu não estou grávida.

Os olhos verdes de Lisa se suavizaram, preocupados.

– Responda à pergunta, Emily: quando foi a última vez que você ficou menstruada?

Tentando se lembrar de sua última menstruação, Emily passou a mão pelos cabelos.

– Não tenho certeza... Talvez na segunda semana de outubro.

– Certo. Na segunda semana de outubro. – Lisa abriu o armário acima da pia e lhe entregou uma caixa. – O Michael e eu ainda estamos tentando. Tem dois exames aí dentro. Pode ir fazendo xixi.

Emily abriu a caixa e tirou os dois exames.

– Não estou acreditando.

– No que é que você não está acreditando? – Colocando as mãos nos quadris, Lisa olhou para ela, incrédula. – Você não menstrua desde meados de outubro. Todas as vezes que falei com você desde que saí de Nova York, você disse que estava lutando contra algum tipo de náusea. Você culpou o nervosismo. Eu compreendo. Mas está tudo bem agora. Então, não tem motivo para andar tão tensa. Se a questão for tão simples quanto nervosismo, sente-se e faça o exame. Não tem com que se preocupar.

Emily baixou a calça e se sentou na privada. Esperando a ação da Mãe Natureza, rasgou a embalagem dos dois exames.

– Dava para você parar de me encarar? Parece que sou uma criança aprendendo a ir ao banheiro sozinha.

– Ah, dá um tempo. – Lisa revirou os olhos e brincou com os cabelos enquanto se olhava no espelho. Fazendo um coque desalinhado, olhou para Emily de soslaio. – Fui eu que ensinei você a ir ao banheiro sozinha. Não vamos esquecer que sou dez anos mais velha. Limpei a sua bunda vezes demais para o bem de qualquer uma das duas.

Emily não ousou continuar aquela conversa; já era demais para a sua cabeça. Mas tudo bem, pois a Mãe Natureza enfim deu o ar da graça. Emily segurou os dois exames sob o fluxo de urina, certificando-se de que ambos ficassem encharcados. Depois, depositou-os sobre o papel higiênico que Lisa colocara cuidadosamente sobre a bancada.

Emily lavou as mãos. Começou a ficar tonta enquanto observava os palitinhos que, naquele momento, a deixavam assustada pra cacete. Apesar de ter tratado as náuseas das últimas semanas como uma crise de nervos, subitamente, aquilo já não lhe parecia plausível. As palavras *negação*, *medo* e *estupidez* lhe passaram pela cabeça. O suor já se acumulava acima do lábio. Pegou a caixinha vazia do teste de gravidez e virou-a para ver que cara teriam um positivo e um negativo. Observando que uma linha representava um futuro sem fraldas e que duas linhas a mergulhavam de cabeça na maternidade, Emily começou a mordiscar a unha do polegar.

– Quanto tempo isso demora?

Mal acabara de fazer a pergunta quando, em um dos exames, uma única linha se tornou rosa-clara. Emily abriu um pequeno sorriso, prestes a suspirar de alívio. No entanto, o sorriso desapareceu no momento em que outra linha clamou por um pouco de atenção, ficando rosada. Os olhos de Emily passaram para o outro exame, que já mostrava duas linhas vermelhas brilhantes.

Fitando os dois palitinhos que significavam que a sua vida estava prestes a mudar mais do que ela poderia compreender, Emily tentou respirar.

Respire...

Números.

Datas.

Horários.

Cálculos de todos os tipos martelaram sua cabeça. Um calendário mental, cruel como ele só, lampejou na mente de Emily. A primeira vez que fizera amor com Gavin, na noite da festa beneficente da mãe dele, fora poucos dias antes de ela terminar com Dillon. Poucos dias após ela e Dillon terem feito amor.

Respire...

Dias.

Horas.

Minutos.

Lembranças de todos os tipos atravessaram o seu coração como uma flecha. Teve a sensação de que lhe arrancavam cada segundo que ela e Gavin tinham passado juntos no decorrer das últimas semanas, remendando lentamente o que quase se rompera. Não havia como negar que a criança que carregava na barriga podia não ser dele. As chances eram de escassas a nulas. Nas duas noites gloriosas que tinham compartilhado, dormira com Gavin um punhado de vezes. Nas semanas que levaram àquela noite e as que se seguiram, estivera com Dillon *diversas* vezes. De braços abertos, perdoando cada decisão confusa que ela tomara, Gavin a aceitara de volta, mas nunca havia esperado ter que lidar com uma situação como aquela. Pai substituto do filho de um homem que odiava. Um homem que detestava com cada fibra do ser. Isso certamente poderia acabar com eles. Aquilo que ainda iriam se tornar não seria mais do que um sonho... nunca chegaria a ser. Apenas uma miragem.

A possibilidade de perder Gavin para sempre rasgou o peito de Emily enquanto ela se curvava e abraçava a barriga que logo floresceria com vida. Uma linda vida que compartilhava o seu sangue, mas que talvez não compartilhasse o sangue sem o qual não podia viver.

Respire...

– Emily. – A voz suave de Lisa mal conseguiu interromper seus pensamentos... seu pesadelo. Emily sentiu o toque carinhoso da

irmã no pescoço. – Emily, olhe para mim.

Com os olhos marejados, Emily cobriu a boca e balançou a cabeça.

– Talvez não seja do Gavin – choramingou, tentando manter a voz baixa. – Ah, meu Deus, Lisa, talvez não seja dele.

Lisa abraçou Emily da maneira que a mãe fazia quando ela se machucava.

– Eu sei, meu anjo. Eu sei. – No limite da insanidade, Emily tremia, os soluços abafados contra o peito de Lisa, que acrescentou: – Me escute, está bem? Quero que você se deite. Eu digo ao Gavin que você estava cansada e que foi tirar um cochilo. Isso deve satisfazê-lo até a gente acabar de jantar. Assim você tem tempo para pensar no que vai dizer a ele. Está bem?

Com os lábios trêmulos, Emily assentiu. Pegou um lenço de papel e examinou o próprio reflexo. Seus olhos, inchados e escurecidos pelo rímel borrado, logo encarariam o homem que ela amava tão desesperadamente. Que talvez viesse a perder. Depois de esfregar o rosto com água e sabão, abraçou Lisa e se dirigiu ao quarto de hóspedes. Seu coração despencou ao ouvir Gavin gargalhar com as alfinetadas de Michael sobre a derrota dos Knicks.

Fechou a porta e seus pensamentos rodopiaram sem controle. Estavam prestes a fazê-la desmoronar. Como dar a notícia que iria mudá-los para sempre? Palavras... Sua mente se via privada das palavras certas. Será que ele a abandonaria na Califórnia? Imagens do rosto dele no segundo em que soubesse de tudo invadiram a cabeça de Emily. Queimando como chuva ácida, a bile subiu por sua garganta. Envolta numa névoa muito escura, não só de medo como de solidão, ela afundou outra vez na cama, dobrando as pernas contra o peito. Tentou pensar no que diria e como diria. Mas, à medida que os minutos passavam, logo se deu conta de que nenhuma palavra tornaria qualquer parte daquilo simples. A vida estava prestes a mudar. Não precisou ficar deitada por muito mais tempo, rezando para que Gavin ficasse ao seu lado, porque, um instante depois, a porta abriu com um rangido e entrou o homem que iria roubar o ar dos seus pulmões para sempre. O homem que,

independentemente da decisão que tomasse nos minutos seguintes, seria o dono de seu coração para sempre.

Emily engoliu em seco e se sentou.

– Já terminaram de comer? – perguntou, tentando não transparecer desespero.

Ele tirou o horroroso casaco dos Lakers, ficando só de camiseta branca e jeans Dolce & Gabbana que batiam logo abaixo do glorioso V que desenhava os seus músculos abdominais. Passou a mão pelos cabelos negros revoltos e se alongou. Abriu um sorriso contagiante, lembrando-lhe o que poderia perder.

Afundando na cama, tomou-a nos braços e a recostou no peito enquanto encostava na cabeceira.

– O Michael tinha razão. Embora a gente vá embora daqui a dois dias, ficar nesta casa poderia me engordar miseravelmente. – Rindo, ele beijou-a na testa. – Eu já estava cheio com os 5 quilos de batatas fritas e molho quando a sua irmã avisou que o jantar estava pronto. Então, decidi pular o jantar. Além do mais, quando soube que você estava aqui sozinha, não consegui resistir.

Emily deu um sorriso débil, absorvendo aquela covinha, afogando-se em cada centímetro de barba por fazer. Seus olhos seguiram o contorno daquele lindo rosto, que havia sequestrado seu coração e o mantido refém desde o instante em que o vira. Um rosto que talvez, em breve, não fosse mais do que uma lembrança que tocara sua vida pelo mais breve instante.

– Ei – disse Gavin, buscando o olhar dela –, o que foi que aconteceu?

E lá estava a pergunta que conduziria os dois por um caminho que poderia despedaçá-los. Seus destroços se espalhariam por uma estrada que era garantia de esperança. De amor e promessas.

Respire...

– Preciso lhe contar uma coisa – sussurrou Emily, o corpo entorpecido como quando Gavin se fora.

Gavin foi invadido pela preocupação. Passando as pernas de Emily ao redor da própria cintura, tomou o rosto dela entre as mãos, olhando em seus olhos.

– Fale comigo, boneca. O que foi?

– Eu... eu... – As palavras, certas ou erradas, ficaram presas na garganta enquanto ela tentava puxar o ar para dentro. Tentava fazê-las sair. Era chegado o momento. *Respire...* – Gavin, eu estou grávida.

O alívio, como uma onda que se quebrando, percorreu-o por inteiro. A mulher que ele havia amado desde o minuto em que entrara em sua vida, com quem estava certo de que formaria uma família, acabava de lhe dizer que seria pai. *Pai*. Gavin sentiu-se orgulhoso com aquela palavra e se lembrou do próprio pai. Aquilo não era uma má notícia. Com certeza Emily estava assustada, assim como Gavin, mas não havia motivo para isso. Ele faria tudo que estivesse ao seu alcance para se certificar de que ela e o filho fossem amados além de qualquer medida. Com uma alegria diferente de qualquer coisa que já tivesse experimentado, Gavin beijou Emily intensamente e uma cascata de momentos por vir preencheu sua alma.

No entanto, quando ela se afastou de imediato, toda a animação se esvaiu. A expressão vazia de seu olhar gritava algo que não lhe passara pela cabeça. Sentindo-se sufocado, esperou que Emily dissesse alguma coisa. Qualquer coisa. Apenas rezava para que não fosse o que ele achava que era. Por mais que a amasse – e, por Deus, como a amava –, jamais permitiria que Emily se livrasse de algo que era uma parte deles.

– Gavin – sussurrou Emily, o coração acelerado. Nos poucos segundos em que ele a beijara, havia sentido um amor muito profundo e soube que ele não entendia o que estavam prestes a enfrentar. – Talvez não seja seu.

Fez uma pausa, o corpo trêmulo, e fitou os olhos dele, subitamente vazios de emoção. Vazios das centelhas pelas quais ela se apaixonara. Ouviu-o engolir em seco, ouviu sua respiração se acelerar e teve um calafrio antes de ir em frente:

– Minha última menstruação foi alguns dias antes de você e eu ficarmos juntos pela primeira vez. Só tenho uma vaga ideia do tempo de gestação, mas...

– É mais provável que você esteja carregando o filho do Dillon – completou Gavin, a voz falha.

Sem suportar aquilo, desceu da cama e se pôs a andar de um lado para outro; sua mente agora era um emaranhado de emoções com as quais não conseguiria lidar naquele momento. Sentia raiva da situação que fora atirada em cima dele e da mulher que preenchia a sua vida de forma indescritível. Vestiu o casaco e olhou para Emily, que o encarava, confusa.

– Tenho que ir.

– O quê? – sussurrou Emily, colocando-se de pé. – Aonde você vai?

Sentiu-se péssimo ao ver o pânico em seu olhar, mas não tinha como ficar ali. Tentando atenuar a confusão que sabia estar estampada no próprio rosto, aproximou-se dela e passou a mão pela delicada curva de seu queixo. Ela o encarava com os lábios trêmulos; os olhos eram poças verdes profundas implorando-lhe que não se fosse. Merda. A dor lhe rasgava os músculos enquanto ele lutava para ficar. Conversar com ela. Tentar descobrir o que iriam fazer. Que Deus o ajudasse. Embora quisesse, não podia. Precisava escapar, e agora.

Em silêncio, Gavin se virou e deixou o quarto, levando junto o coração de Emily, coberto de cicatrizes. A constatação de que ele talvez não fosse capaz de lidar com aquela pressão toda passou como um rolo compressor pela cabeça dela, deixando-a sem fala e aos pedaços. Uma lágrima solitária rolou enquanto ela sorvia o ar, trêmula. Mais uma vez a sós com os seus pensamentos, Emily tentou se recompor ao apagar a luz que ficava ao lado da cama.

Na escuridão, afundou no colchão, observando as sombras que dançavam no teto. Deslizou a mão pela barriga, dando-se conta da enormidade da tortura que estava por vir. Sem dúvida ficaria destruída com os dias que passaria sem saber de quem era o filho. Emily se viu numa estrada que não imaginara percorrer tão cedo na vida. Definitivamente, não sob aquelas circunstâncias. No entanto, precisava acreditar que havia um motivo para aquilo estar acontecendo. Ainda chorando, lutou para descobrir que motivo era esse, mas não conseguiu. À medida que os segundos se transformavam em minutos, e os minutos em horas, sua única certeza era que precisava encontrar o pedaço faltante do coração,

que deixara aquele quarto com um homem destroçado. Sem pensar duas vezes, tirou uma jaqueta leve da mala e saiu apressada para o corredor. Enxugando as lágrimas, deu de cara com a irmã. Lisa segurou Emily pelos ombros.

– Meu Deus, você está bem? Eu ia ver como você estava. Achei melhor dar um tempo.

Em frenesi, Emily balançou a cabeça e correu para a cozinha. Lisa a seguiu. Supondo que Gavin tivesse saído com o carro que lhe dera de presente, Emily pegou as chaves de Lisa de um gancho na parede, ao lado da geladeira.

– Aonde você está indo? – perguntou Lisa.

– Preciso encontrá-lo – respondeu Emily, indo em direção à garagem.

– Ele não foi embora.

As palavras de Lisa detiveram Emily, que se virou bruscamente.

– Como assim?

– Ele não saiu de carro. Acho que foi até o píer.

O coração de Emily parou por um momento enquanto recolocava as chaves no gancho. Aproximou-se das portas francesas da saleta. Nadando num mar de dor, ela as escancarou e saiu para o ar fresco da noite. Tremendo com a brisa marítima, Emily vestiu a jaqueta e começou a subir o morro que ficava logo além da casa da irmã e que conduzia a uma escada de madeira já gasta.

Não demorou muito para encontrar Gavin. Como Lisa imaginara, ele estava sentado num banco, perto do píer, o feixe da luz do cais brilhando sobre o seu corpo. Parecia um anjo, mas Emily sabia que ele estava no inferno. Minúsculas gotas de suor se formaram em sua testa enquanto contemplava o oceano e o homem que amava. Com os cabelos esvoaçantes, Emily levou as mãos à boca e inspirou fundo, tentando encontrar coragem para ir até ele. Em algum lugar entre a lembrança do que haviam sido juntos e o que sempre lhes reservara o destino, Emily achou coragem. Até aquele momento, Gavin talvez tivesse representado apenas uma pequena parte de seu passado, mas Emily precisava que ele preenchesse cada segundo, minuto e hora de seu futuro e

não estava disposta a deixá-lo escapar por nada. Não podia. Recusava-se a fazê-lo.

Segurando com toda a força o corrimão de metal enferrujado, começou a descer as escadas lentamente, o coração palpitando a cada passo. Quando chegou à areia, Gavin se levantou e a encarou. Emily estacou, a respiração falhando. Enquanto as ondas se agitavam mais, chocando-se contra o píer, Gavin caminhou em sua direção. Enfiou as mãos nos bolsos e cravou os olhos nos dela, parando a poucos metros. Mesmo a distância, Emily podia sentir o coração dele arder, podia sentir a inegável ligação existente entre os dois.

– Eu te amo, Emily Cooper. – Ele olhou para o chão e, então, de volta para ela. – Acho que te amo desde antes de saber que você existia. – Sua voz era tão suave que Emily mal conseguia ouvi-lo. Ele chegou mais perto e levou a mão à sua face, o gesto tão gentil quanto o seu olhar. – Tenho quase certeza de que você fazia parte dos meus sonhos antes mesmo de entrar na minha vida. Senti isso na primeira vez em que a vi. Você me puxou na sua direção. Assumi o controle do meu coração e nunca mais soltou. E, mesmo se tivesse, eu não teria deixado. Eu não teria sido capaz. Alguma coisa em você... me era familiar e aquilo me assustou pra cacete, embora eu soubesse que, de alguma forma, a gente precisava um do outro. Eu nunca fui homem de acreditar em qualquer tipo de destino. Achava que era uma bobajada melosa que as mulheres liam em romances, mas, sentado aqui pelas últimas duas horas, comecei a pensar em você e em mim. No nosso romance. – Mais uma vez, ele se deteve, a cabeça inclinada enquanto enxugava uma lágrima que escorria. – Você sabia que era para eu ter ido naquela viagem a Ohio com o Trevor quando você estava na faculdade?

– Sabia – sussurrou ela. Apesar dos nervos começarem a se acalmar, não sabia ao certo se aquilo era o adeus dele. – A Olivia me contou.

– Certo. – Chegando ainda mais perto, Gavin a abraçou e roçou os lábios nos dela. – Nunca foi para você estar com o Dillon. Você tinha que acabar comigo, mas o destino atrasou nosso relacionamento. Este bebê pode não ser meu, mas é parte de uma

necessidade na minha vida. Algo que vai merecer a minha atenção mesmo depois que eu tiver partido. Eu não estava brincando quando falei sobre o bom, o ruim e tudo o que há entre um e outro. Isto é o que está no meio. – Emily deu um gritinho e, por Deus, o coração de Gavin derreteu. – De pé aqui, esta noite, eu lhe dou a minha palavra como homem, amigo e amante, de que, se esse bebê não for meu, não vou amá-lo menos do que amo o anjo que o carrega. Não posso afirmar que não estou com medo porque seria mentira e eu prometi que nunca mentiria para você. Estou morto de medo e sei que você também. Assim, Srta. Cooper, se você me perdoar por ter agido como um babaca, deixando-a sozinha enquanto colocava a cabeça em ordem, você e eu vamos passar os próximos meses juntos nos borrando de medo. Não importa o que aconteça, a gente vê o que faz. Combinado?

Emily assentiu e o puxou para um beijo. Deixara a casa da irmã nadando num mar de dor e de incerteza. Mas agora, ao se ver naquela linda noite de Natal beijando o homem que ficaria ao seu lado em qualquer situação, afogava-se num mar de alívio tão amplo que as palavras jamais poderiam descrevê-lo.

Mudança a caminho

O Ano-Novo chegara e se fora, trazendo com ele uma montanha de emoções para Emily. Sentada no consultório médico, segurando a mão de Gavin, ela não pôde deixar de pensar em como teria sido para sua mãe descobrir que estava grávida dela. Considerando que o pai havia começado a agredir a esposa mais para o fim do casamento, a mãe nunca escondera que Emily não fora planejada. Sua intenção tinha sido deixar o marido um pouco antes de descobrir que teria outro bebê. Ainda assim, sempre dissera a Emily que ela era a melhor surpresa de sua vida. Essa afirmação ressoava na cabeça de Emily quando a recepcionista a chamou até o guichê para preencher formulários.

– Quer que eu vá com você? – perguntou Gavin enquanto ela se levantava da cadeira.

Emily fez que não, tentando ignorar a bexiga cheia que gritava de dor.

– Não, estou bem. É só um segundo.

Gavin assentiu.

Emily pegou a bolsa e se dirigiu ao guichê. Esperando a moça loura de cabelos chanel terminar a ligação que acabara de atender, olhou ao redor, para os casais que aguardavam ser atendidos. Emily se perguntou se algum deles estaria na mesma situação dele e de

Gavin. Pelos sorrisos, duvidava muito. Com um suspiro, vasculhou a bolsa e sacou o cartão do seguro e a carteira de motorista.

– Desculpe, era o meu namorado – disse a recepcionista, com uma voz aguda, entregando uma prancheta. – Se nada tiver mudado, é só assinar ao pé da página que o Dr. Richards já vai atendê-la.

– Estou com um plano de saúde novo e o meu endereço de casa mudou.

Emily lhe deu o cartão e a carteira. Depois de estalar o chiclete, a garota revirou os olhos, atirou os cabelos para o lado e se virou para tirar cópias. Emily balançou a cabeça diante da óbvia falta de profissionalismo. Quando a moça enfim voltou, devolveu os documentos com um formulário e Emily preencheu as lacunas necessárias. Então, sentou-se ao lado de Gavin com a sensação de que estava prestes a explodir.

– Você não está com uma cara muito boa – sussurrou Gavin. – Preciso dar um escândalo aqui dentro se não deixarem você fazer xixi nos próximos dois minutos? Você sabe que eu posso.

Tentando não rir porque sabia que isso seria o fim da sua bexiga, Emily entrelaçou os dedos nos dele.

– Ah, eu sei que pode. – Ela o beijou na bochecha. – Mas eu estou bem. Pelo menos por mais alguns minutos.

Gavin sorriu e roçou o polegar no dorso da mão dela.

– Você está precisando desesperadamente do meu jogo de vinte perguntas. – Emily o encarou como se ele tivesse criado uma segunda cabeça. – Estou falando sério. Vai ajudar você a desviar os pensamentos dessa história toda de não poder urinar. Eu começo.

Emily franziu a testa, cutucando o braço dele.

– Você sempre começa.

– Porque eu inventei o jogo, docinho. – Sorrindo, Gavin olhou em seus olhos. – Seda ou renda?

Emily arqueou uma das sobrancelhas.

– Essa é uma pergunta que *eu* deveria fazer para você.

– Não. – Gavin roçou os lábios em sua orelha. – Meu jogo. Minhas regras. Agora, responda à pergunta: seda... ou... renda?

Emily respirou fundo, o tom de voz rouco dele instantaneamente fazendo-a esquecer o problema da bexiga.

– Eu... gosto... de seda.

– Boa resposta. Impossível resistir a Emily Cooper de seda. – Recostou-se, passando o braço pelo ombro dela. – Pedra ou tijolo?

– Ei. – Emily cutucou o braço dele mais uma vez. – É a minha vez. E como é que você vai de seda ou renda para pedra ou tijolo?

– Meu jogo. Minhas regras. Decidi mudar as regras e perguntar de novo. – Emily fez beicinho e Gavin mordiscou seu lóbulo, segurando-o entre os dentes. Adorou a maneira como a sentiu estremecer. – Não se preocupe com minhas mudanças de assunto. Basta responder à pergunta: pedra... ou... tijolo?

Emily bufou, convencida de que ele passara anos estudando a arte de levar as mulheres a perder a razão em público. A bexiga cheia já era uma lembrança distante e Emily o encarou, sentindo uma falta desesperadora de seus dentes na orelha.

– Pedra – respondeu ela lentamente. Agora, faria o jogo dele, sabendo que podia levá-lo à loucura da mesma forma. – Eu gosto de qualquer coisa... *dura*.

Gavin olhou fixamente para seus lábios, então ela os franziu, sentindo-se extasiada enquanto observava as pupilas dele dilatarem de tesão. Ah, sim, ela o fisgara.

– Não que tijolo não seja... *duro*, mas, se não me engano... e é possível que eu esteja enganada, então me perdoe se estiver... mas a pedra não é... mais *dura*... *muito mais*... *dura* que o tijolo?

Gavin agora a olhava nos olhos, com um sorriso maroto.

– Eu sei o que você está fazendo.

– Ah, sabe? – brincou Emily, olhando para as unhas, tentando mostrar desinteresse. – E estou indo bem?

– Muito – sussurrou Gavin, chegando mais perto. – Se continuar assim, quando a gente sair, vou lhe mostrar como *eu* jogo bem. Mas não vou ser bonzinho, Srta. Cooper. Vou ser implacável e só vou parar quando você implorar.

Emily sorriu e franziu os lábios novamente.

– Você gosta quando eu imploro, é?

– Essa é a sua pergunta para o jogo? – O olhar de Gavin para os lábios de Emily. Cacete, ela estava mesmo ficando boa naquilo. – Você só tem uma. Escolha com sabedoria.

– Sim, essa é a minha pergunta. – Emily suspirou e cruzou as pernas. – Agora, responda à pergunta, Sr. Blake: você gosta quando eu imploro?

Já estava com a resposta na ponta da língua, que ele desejava que estivesse deslizando pelo corpo dela, mas a recepcionista abriu a porta e chamou o nome de Emily.

Emily riu ao ver Gavin se levantar e ajeitar as calças. Sem conseguir se conter, foi rindo até o consultório.

Depois de ligar o aparelho de ultrassonografia, apagar as luzes e jogar um lençol por cima de uma mesa de aparência nada confortável, a Atiradora de Cabelos Nada Profissional se virou para Emily:

– Preciso que você baixe os jeans até logo abaixo do osso púbico e se deite aqui para mim.

Sentando-se ao lado da mesa, Gavin arqueou uma das sobrancelhas enquanto observava Emily obedecer.

– Isso pode vir a ser um pouco mais divertido do que eu esperava. Minha *pedra* está muito *dura* agora.

Emily olhou para a menina, que corava num tom profundo de carmim. Remexendo-se na tentativa de encontrar alguma posição confortável na mesa, Emily olhou para Gavin e soltou uma gargalhada.

– Só você mesmo para continuar a fazer insinuações sexuais num consultório até depois de *perder* no próprio jogo.

Gavin deu de ombros.

– O jogo será retomado assim que a gente sair, e eu nunca afirmei ter limites quando se trata de mulheres que gostam mais de pedra do que de tijolo.

Com os olhos arregalados fixos Gavin, a loura sem nome pigarreou.

– O Dr. Richards já vem.

Ela saiu apressada do consultório escuro. Sorrindo, Emily balançou a cabeça.

– Você a assustou.

Gavin apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Eu a deixei com tesão.

– Ai, meu Deus, dava para você ser um pouco mais convencido?

Um displicente dar de ombros.

– Eu chamo de autoconfiança.

Emily revirou os olhos.

– Você também disse que não era um *stalker*, e olhe só para nós.

– Você me deixou sem palavras e isso não acontece com muita frequência. – Gavin riu. – Eu não conseguiria bolar uma boa resposta nem se quisesse.

Emily sorriu e, um momento depois, o médico entrou e postou-se ao lado dela. Com uma prancheta na mão, empurrou os óculos nariz acima e a fitou, sorridente, ressaltando as rugas junto aos olhos.

– É bom ver você de novo, Srta. Cooper.

– Oi, Dr. Richards.

– Vejo que fez dois testes de gravidez que deram positivo, mas não sabe ao certo quando foi a sua última menstruação.

Emily assentiu. Ele colocou a prancheta sobre uma bancada, lavou as mãos e calçou um par de luvas. Pegando um pequeno frasco branco, deu uma boa sacudida nele.

– É um pouco frio – alertou, espalhando uma bolota de gel turquesa na barriga de Emily.

Ela estremeceu quando a substância tocou-lhe a pele. Olhando para Gavin, começou a passar um aparelho que se assemelhava a um microfone.

– Você é o pai?

Com um sorriso débil, Gavin desviou os olhos para Emily. Seu coração se apertou um pouco ao ver o desconforto dela. Tomando-lhe a mão, puxou a cadeira para mais perto.

– Ele talvez seja o pai. A gente queria falar com o senhor sobre isso – começou Emily, olhando para Gavin. Ela se remexeu outra vez, não só pelo desconforto da situação como pela pressão que o

médico colocava em seu baixo-ventre. – Eu... não sei ao certo quem é o pai. Fiz uma pesquisa rápida na internet sobre amniocentese, mas li que existe algum risco.

O médico pigarreou.

– Compreendo. Sim, existe algum risco na amniocentese, no entanto, se feita corretamente, os benefícios podem superar os riscos em alguns casos, em especial numa situação como a sua.

Enquanto o Dr. Richards falava, Gavin ouvia um som estranho.

– Que barulho é esse? – perguntou, olhando do médico para o monitor preto e branco.

– Essa é a batida do coração do seu... do bebê. – O médico girou alguns botões na máquina e apontou para a tela. – E aquele pontinho bem ali é o bebê.

Gavin engoliu em seco, o coração esmurrando a caixa torácica com tanta rapidez quanto o da criança que podia ser sua. *Meu filho...* Emily apertou sua mão e ele sentiu o suor se acumular em meio às sobrancelhas. Olhando fixamente para a tela, quase perdeu o fôlego. Ficou observando a minúscula vida se remexer em seu pequeno casulo. Caramba, era tão pequenininho que ele jurava que, se Emily espirrasse, o machucaria. Nas últimas duas semanas desde que haviam retornado da Califórnia, rezara sem parar para que o filho fosse seu, e agora precisava acreditar nisso. Imaginou-se ensinando um garotinho de olhos azuis a jogar beisebol no quintal da casa que ele próprio construiria. Imagens de uma garotinha de tutu rosa, cantando e dançando para ele e Emily, alimentaram ainda mais seus anseios.

Gavin soltou a mão de Emily e passou os dedos pelos cabelos dela. Olhando em seus olhos, engoliu em seco outra vez.

– Você consegue... sentir o bebê se mexendo aí dentro?

– Não – sussurrou.

– Ainda é muito cedo para ela sentir qualquer movimento. Isso acontece por volta das quinze semanas. – Depois de mexer mais na máquina, caminhou até a parede, acendendo a luz. Apanhou um círculo de papelão de cima da bancada e a examinou por um momento. – Com base no tamanho do bebê, você está mais ou menos na décima semana de gestação. A concepção ocorreu na

última semana de outubro. Estimo a data do nascimento para 21 de julho. Meu consultório não está equipado com a tecnologia mais recente, então vou pedir à recepcionista que marque uma ultrassonografia transvaginal para você. Posso estar perto de me aposentar e um pouco desatualizado, mas tenho quase certeza disso. Comecei nisto antes de vocês dois serem um brilho nos olhos dos seus pais. – Ele entregou uma toalha de papel a Emily e apontou para a sua barriga. – Use isto para limpar o gel e sintá-se à vontade para ir ao banheiro. Quando terminar, me encontre no consultório. Segunda porta à esquerda. Falaremos sobre os prós e os contras da amniocentese.

Enquanto o médico saía, Emily limpou o gel. A única informação em que conseguia se concentrar remotamente era a data da concepção. A última semana de outubro. Ela só estivera com Gavin algumas vezes naquela semana, mas isso ainda o mantinha na disputa. Mesmo que por alguns dias, isso era tudo o que importava para Emily. Suspirando, saiu da mesa e foi às pressas para o banheiro. Depois de esvaziar a bexiga, saiu e viu que Gavin a observava. Percebeu que ele estava profundamente imerso em pensamentos e isso lhe partiu o coração.

– Você está bem? – sussurrou ela, aproximando-se enquanto abotoava o jeans que começava a ficar justo.

Pondo-se de pé, ele passou os braços pela cintura dela.

– Eu estou, e você?

Emily assentiu, aconchegando-se contra seu peito. No entanto, ela não estava bem. Longe disso. A dor que assolava Gavin a estava matando. Inalando seu cheiro e mergulhando no som das batidas de seu coração, lutou contra as lágrimas.

Gavin beijou o topo de sua cabeça.

– Não sabia que você tinha pesquisado aquela amnio... sei lá o quê.

– É. Pesquisei outro dia, no trabalho.

– Você mencionou riscos. – Ele lhe entregou a bolsa. – Quais são os riscos e como eles fazem o exame?

Passando a alça pelo ombro, Emily recordou o procedimento. Um arrepio involuntário percorreu seu corpo.

– Eles espetam uma agulha na minha barriga e...

Chocado, Gavin a interrompeu:

– Uma agulha? Na sua barriga?

– É.

– Emily, eu preferiria que uma agulha *não* chegasse perto da sua barriga.

– Humm, Gavin, *eu* também preferiria que uma agulha não espetasse a minha barriga. Quer dizer, pode causar uma infecção.

Os olhos de Gavin se arregalaram.

– Que tipo de infecção?

Emily sorriu diante de sua confusão e preocupação.

– Amniótica. É o saco de líquido que envolve o bebê. Ele pode ser... infectado.

– E então o que acontece? – perguntou ele, passando a mão pelos cabelos.

– Pode levar a um aborto espontâneo.

Gavin engoliu em seco.

– Está falando sério? – Emily assentiu e ele acrescentou: – De jeito nenhum. Você não vai fazer esse exame. – Entrelaçando os dedos nos dela, foi caminhando para a porta. – Meu Deus, Emily, por que você pensaria em fazer o bebê ou você mesma passar por uma coisa dessas?

Eles seguiram na direção oposta ao consultório do médico. Emily parou de andar.

– Fiz a pesquisa porque dá para ver quanto você está sofrendo. Foi o único exame que eu encontrei que poderia dizer quem é o pai neste momento... Já é o bastante que você tenha me aceitado de volta. Agora ainda vai ter que lidar com isso?

Gavin tomou o seu rosto nas mãos.

– É o bastante eu ter aceitado você de volta? – Emily fez que sim, os olhos marejados. Com os polegares, ele enxugou carinhosamente as lágrimas. – Apesar de toda a dor e toda a mágoa que eu passei perdendo você só por aquele tempinho, Emily, eu não mudaria nada. Nada. Eu aceitaria você de volta mais um milhão de vezes. Com a dor e tudo o mais. *Nós* estamos enfrentando isso. Não só eu. *Nós*. Se é para colocar alguém em

perigo, eu prefiro não saber. Nunca seria capaz de viver comigo mesmo se alguma coisa acontecesse com qualquer um dos dois.

Apoiando-se em seu calor inebriante, Emily descansou a cabeça no seu peito.

– Tem certeza?

Ele deslizou as mãos pelos cabelos dela, puxando-a para mais perto.

– Tanta certeza quanto de que a gente vai envelhecer junto. Eu já posso ver a cena: sentados em duas cadeiras de balanço na varanda, olhando os nossos netos fazerem uma bagunça do cacete no quintal. Mas tudo bem, a gente vai entupi-los de açúcar e mandá-los de volta para os pais em retaliação. – Emily riu e ele continuou: – Embora você possa ter que me alimentar com papinha porque estes dentes brancos e brilhantes já vão ter ido embora. Você está presa a mim.

– Papinha, é?

Gavin deu de ombros.

– É. Também gosto de pudim.

Colocando-se na ponta dos pés, Emily tascou-lhe um beijo no nariz.

– Combinado. Papinha, pudim e netos correndo à solta, doidões de tanto açúcar em retaliação. – Gavin sorriu e Emily tomou sua mão. – Tudo bem. Mas eu ainda preciso agendar o ultrassom transvaginal antes da gente ir embora.

Gavin pigarreou enquanto se aproximavam do guichê onde a lourinha tagarelava ao telefone.

– Certo. Essa coisa transvaginal... Não gosto dessa palavra.

Emily revirou os olhos.

– O que foi agora?

– Bem, eu não sou médico, então isto é só uma suposição, mas imagino que algum velho tarado vá ter uma vista central da sua...

Emily lhe cobriu a boca rapidamente, os olhos arregalados como pires.

– Gavin! – Ela podia sentir os lábios dele se abrirem num sorriso, os olhos azuis brilhando bem-humorados. – O senhor vai ter que se acostumar com isso.

– Nada disso – retrucou ele, as palavras abafadas sob a mão dela.

Virou-se, liberando a boca que Emily mantinha refém, e tocou a campainha para interromper a conversa da lourinha. Com os olhos arregalados, ela desligou o telefone.

– Precisamos marcar uma amniocentese transvaginal para a minha namorada, mas gostaria que fosse feita por uma mulher. – Emily soltou uma risada e Gavin a olhou, com um largo sorriso. – O que foi?

– O nome não é amniocentese transvaginal, Homem das Cavernas psicopata.

O sorriso de Gavin vacilou e ele pareceu um pouco envergonhado. Ainda assim, estava adoravelmente sexy.

– O nome é ultrassonografia transvaginal – informou a lourinha, mostrando-se constrangida com a conversa. – O Dr. Richards enviou a papelada. Duas e meia da próxima terça-feira no edifício Freeman está bom para vocês?

– É uma mulher que vai fazer o exame? – questionou Gavin, não mais parecendo embaraçado ou confuso. Agora, ele apenas se mostrava cem por cento preocupado e Emily não pôde deixar de rir de novo.

– Eu posso fazer um pedido, mas não tenho como *garantir*.

– Está bem assim. – Emily estendeu a mão para Gavin, conduzindo-o rapidamente até a saída. – Duas e meia, na próxima terça-feira, no edifício Freeman. Eu estarei lá. Obrigada.

– Uma mulher! – gritou Gavin enquanto Emily o puxava em direção ao hall. – Queremos uma mulher!

* * *

Emily saiu para o ar da noite gélida, com o vento de meados de janeiro alfinetan-lhe o rosto, esperando Gavin dar a volta até a frente do prédio. Com as mãos enluvadas enfiadas nos bolsos do casaco de marinheiro, tremia, observando os motoristas passarem

voados. Viu, então, a Ferrari de Gavin fazer a curva da garagem subterrânea. Aliviada, soltou ar condensado e se encaminhou até o meio-fio. Quando ele parou, abriu a porta e entrou, o corpo quase congelado dos poucos segundos passados do lado de fora.

Gavin franziu a testa, perplexo.

– Eu ia sair para abrir a porta.

Ela pressionou alguns botões no painel, intensificando o calor.

– Você é muito gen-gentil – gaguejou ela, puxando o cinto de segurança. – Mas eu não podia esperar: está frio como o inferno lá fora.

– O inferno não é frio, meu doce. – Ele acariciou sua nuca com os nós dos dedos enquanto entrava no trânsito. – Mas você está gelada... Por que não esperou na portaria?

– Acho que sou masoquista.

Ela tirou o celular da bolsa e discou o número de Olivia. Após alguns toques sem resposta, enviou uma mensagem de texto.

Gavin parou no sinal. Deslizando o braço pelo encosto do banco dela, ergueu uma sobrancelha.

– De fato, você abriu mão de uma noite romântica com o seu homem assistindo a reprises de *Honeymooners*. Talvez mereça alguma punição, masoquista.

– Você só está dizendo isso porque vamos encontrar o pessoal na Pacha.

– Certo. Uma boate agitada que não é lugar para você, considerando que está grávida.

Emily suspirou, divertindo-se. Conseguira convencê-lo a ir, mas ele não estava muito a fim.

– Gavin Blake?

– Srta. Emily Cooper.

– Pare de ser chato.

Gavin riu.

– Chato?

Quando o sinal ficou verde, ele baixou o braço para colocar o carro em marcha.

– Isso mesmo, um chato. A gente já teve essa discussão. É uma boate, não uma roda punk. A gente não sai com todo mundo

há um tempão e, em poucos meses, não vou mais poder sair. – Ela lhe deu um beijo na bochecha, colocando a mão sobre a sua enquanto ele passava a marcha. – Então, sugiro que você fique quieto, Homem das Cavernas, e exiba a sua namorada gostosa antes que seja tarde demais.

– É a segunda vez hoje.

– Segunda vez do quê? – indagou Emily, olhando-se no espelhinho do carro. – Que eu chamo você de Homem das Cavernas?

– É. Mas também é a segunda vez que você me deixa sem fala.

Gavin tentava manter os olhos na estrada, mas era quase impossível. O perfume de baunilha que Emily usava se espalhava pelo carro, deixando-o tonto. Remexendo-se no assento, olhou na direção dela, concentrando-se em seus doces lábios franzidos.

– Estou começando a gostar disso mais do que devia. – Ela sorriu, verificando a maquiagem no espelho. – De qualquer maneira, este homem das cavernas vai manter a namorada bem pertinho enquanto a gente estiver lá. – Ele desviou os olhos de seu belo sorriso e voltou a atenção para a estrada. – Providencio a sua punição depois, *Mulher das Cavernas*.

Quando conseguiram achar uma vaga, Gavin tinha explicado, em detalhes, as muitas maneiras com que planejava castigá-la na volta para casa. Desnecessário dizer que Emily começava a se arrepender de terem saído. A prazerosa tortura brincava com seus sentidos, só aumentando seu arrependimento. Depois de uma caminhada curta, mas gelada, em volta do quarteirão até a boate, passaram pela fila VIP. Gavin encostou a mão na base da sua coluna, guiando Emily escada acima até o mezanino, onde Olivia rebojava de encontro à pélvis do Sr. Toalha Rosa Felpuda. Mesmo com a música estrondosa, Emily conseguiu ouvir o gritinho de Olivia a poucos metros de distância. Ela praticamente correu na direção de Emily e de Gavin.

– Minha amiga! – Depois de uma colisão quase fatal com uma barra de metal e algumas mesas, Olivia abraçou Emily. – Você ganhou a batalha contra o homem! Estou tão feliz que não tenha

deixado ele vencer eee eu estou chapada. Eba! Esta vai ser uma daquelas noites!

Emily riu, tirando o casaco.

– É, eu ganhei a batalha. – Ela sorriu para Gavin, que pegou seu casaco. – E, realmente, você está no bagaço.

– Estou planejando manter este barato a noite toda. – Olivia sorriu e tomou a mão de Emily, arrastando-a para a sacada que dava para a pista de dança. – Olha só, Emily! – gritou ela, abrindo bem os braços – Este é o meu mundo!

– Puta merda, Olivia! – berrou Emily, segurando-a para que ela não despencasse para a morte. Conduziu-a de volta para Jude e Gavin.

Olivia franziu a testa, mas a preocupação de Emily não a impediu de arrancar uma dose de bebida vermelho-fogo de uma garçonete enquanto Jude sacava a carteira para pagar o drinque. Ela o entornou e entregou o copo à garçonete, tascando um beijo molhado no rosto de Jude.

– Você se lembra de minha tela humana, não lembra?

– E como poderia me esquecer? – perguntou Emily.

– Legal ver você de novo! – gritou Jude, mais alto do que a música. – Pelo menos desta vez eu estou vestido.

Emily sorriu, sem ideia de como responder a isso.

A declaração despertou a curiosidade de Gavin. Só um pouco. Depois de colocar os casacos dele e de Emily sobre um sofá de camurça, caminhou de volta para o grupo, os olhos grudados em Jude.

– Eu sou o Gavin e fico feliz em ver que você está vestido. Você é...?

– E aí, meu irmão? – cumprimentou Jude, com um sorriso simpático. Estendeu a mão e Gavin a apertou. – Eu sou o Jude, ou você pode me chamar de Tela Humana. Tanto faz. Tranquilo.

Gavin assentiu e se inclinou para o ouvido de Emily.

– Ele acabou de mencionar que está vestido desta vez e agora está se chamando de Tela Humana. Eu fico com a sensação de que você, de alguma forma, o viu nu e que, possivelmente, pincéis

estavam envolvidos nessa história. Eu teria deixado você me pintar, se estava precisando disso.

Enlaçando o pescoço dele, Emily arqueou uma das sobrancelhas e sorriu.

– Você me deixaria pintar um arco-íris bem bonito na sua barriga?

– Humm, eu deixaria você pintar qualquer merda, onde diabos quisesse pintar. – Mordiscou o lábio dela e a puxou para mais perto.

– Não esqueça que eu não tenho limite sexual nenhum com você. Mas não quero você por aí pintando qualquer corpo masculino além do meu.

Emily soltou uma risada, roçando a boca no ouvido dele.

– Eu nunca pinte o corpo de um homem, mas é o que estou planejando fazer quando chegar em casa. Ah, e eu só o vi seminu. Ele tem um corpo legal, mas não é tão firme e tesudo como o seu, então nem se preocupe. E, como eu já disse, foi só uma visão parcial.

– Estava indo tudo muito bem até você falar do corpo dele, mas vou deixar pra lá. – Olhando fixamente para ela, passou a língua pelo lábio inferior. – As lojas de tinta ficam abertas até tão tarde?

– Ei! – cantarolou Olivia, puxando Gavin para longe de Emily. Chocando-se com ele, passou a mão pelos cabelos louros e sorriu. – Nem ganhei um abraço seu, Blake, e ela já está até prenha. Que eu saiba, não dá para engravidá-la duas vezes. Chega para trás, meu irmão. A coisa aí estava ficando meio quente por um instante.

Depois de suportar o chocalhante abraço de urso de Olivia, Gavin balançou a cabeça.

– Estou cercado por mulheres que me deixaram sem palavras hoje.

Com um largo sorriso, Olivia passou o braço ao redor do pescoço de Emily e encarou Gavin.

– Vá se acostumando, amigo. Nós chegamos para ficar. – Ela soltou um arrote, consultando o relógio. – Porra, o meu irmão e a Fallon, hein? Espero que ele não esteja por algum canto a

emprenhando também. Ele disse que estariam aqui à meia-noite e já é meia-noite e quinze.

Emily franziu o nariz, dando um passo para trás.

– Credo, Olivia.

– O quê? – Tentando se firmar, agarrou o braço de Jude, que não foi de grande ajuda, porque ele cambaleou para trás. – Exagerei com essa história toda de prenha, né? *Mim* desculpe. Mas é sério. Ai, meu Deus, Emily, você vai ter um bebê! Temos que sair para comprar roupinhas de criança. Bem, de criança, não, porque ele não vai ser uma criança quando sair daí, mas vai ser minúsculo. Minúsculo como uma borrachinha na ponta de um lápis. – Olivia deu um tapa na própria testa. – A gente precisa de um *mone*. Quer dizer, de um nome. Um *mone*. Um *mone*. Ah, já sei: Olivia! Menino ou menina, bota o *mone* de Olivia, em minha homenagem.

Completamente aturdida diante do espetáculo etílico de Olivia, Emily sentiu um desejo súbito de arrancar uma dose da garçonete, que vinha servindo outra rodada.

– Olivia, eu não estava falando do bebê. Estava falando do arrote que você soltou na minha cara.

Olivia tocou na boca.

– Eu arrotei?

Nesse instante, Fallon e Trevor se aproximaram do grupo de mãos dadas. Guinchando de prazer, Olivia se atirou em cima dos dois com um abraço bêbado demais, apertado demais. Depois de responder a várias perguntas sobre a possibilidade de ter “emprenhado” Fallon, Trevor mandou Olivia e Jude para a pista de dança para queimarem um pouco do álcool.

Lutando contra um sentimento torturante que lhe dizia para não fazer isto, Gavin permitiu que Emily se juntasse ao grupo. Fallon estava com ela e não planejava beber por causa de uma reunião que ocorreria bem cedo, portanto Gavin se sentiu um pouco melhor. Ainda assim, não ficou bem com aquilo. Com as mãos entrelaçadas, apoiou as costas no parapeito do segundo andar. Ficou observando como um falcão enquanto Emily se dirigia à pista de dança apinhada de gente.

– Eu soube o que aconteceu entre você e o Dillon – começou a falar Trevor, que também observava as meninas com grande atenção. Gavin percebeu a hesitação em sua voz. – Dois caras do escritório me ligaram para contar.

Com os olhos fixos em Emily, Gavin não se deu o trabalho de se virar para fitá-lo.

– Porra, você escondeu de mim o que ele fez com ela.

– Não escondi nada – respondeu ele, ajeitando os óculos. – Eu conversei com a Emily e ela me prometeu que contaria se vocês voltassem. – Ele colocou a mão sobre o ombro de Gavin. – Achei que você soubesse.

Afastando-se com violência, Gavin se desvencilhou e fuzilou Trevor com um olhar que lhe dizia que pretendia atirá-lo por cima do parapeito.

– Caralho, você achou que eu soubesse? Que porra há de errado com você? Você foi à minha casa um dia depois de ela ir morar comigo. Foi a primeira vez que eu vi ou falei com você depois que voltamos do México. Não acha que eu teria mencionado alguma coisa se soubesse?

– Cara, o que você esperava que eu fizesse? Ela me prometeu que contaria o que tinha acontecido se vocês dois voltassem. Pensei que ela tivesse contado. Eu estava errado. Só isso.

Quanto mais Trevor falava, mais interessante parecia a ideia de atirá-lo por cima do parapeito.

– É. Foi a porra de um erro. O que eu esperava que você fizesse? Que você pegasse um avião para Playa del Carmen no dia em que aconteceu, porra. É o que eu esperava de um amigo que eu conheço metade da vida. Alguém que considero um irmão. – Gavin lançou-lhe um olhar de raiva e, em seguida, voltou a atenção para Emily. Olhando a mulher que ele havia salvado de uma vida cheia dor e de mágoa, cerrou os dentes, tentando se acalmar. – Eu a amo mais do que qualquer coisa. Teria voltado no mesmo dia se tivesse sabido. Você devia ter feito alguma coisa. Fim de papo, caralho.

Mesmo com a música ensurdecidora, Gavin pôde ouvir o suspiro resignado de Trevor. De qualquer maneira, ele não tinha certeza se a amizade podia ser salva. Diabos, naquele momento

não estava certo de que valia a pena salvá-la. Gavin se sentia traído.

Antes que pudesse pensar demais sobre a amizade rompida, observou Emily e as meninas deixarem a pista de dança. Subiram os degraus até o lounge onde os dois estavam, com o Tela Humana a reboque. Gavin olhou para Trevor uma última vez, sabendo que sua expressão impassível era pura exibição. Gavin percebia os pensamentos que se moviam por trás dos seus olhos, mas não deu a mínima. Emily o abraçou, tirando-o do impasse com o ex-melhor amigo.

Gavin roçou os dedos pelos cabelos suados de Emily. Ela sorriu e aquilo quase acabou com ele. Meu Deus, em meio aos hormônios masculinos que corriam, furiosos, por seu corpo e o suor que brilhava sobre a pele dela, poderia tê-la devorado ali mesmo. Faminto em diversos sentidos, Gavin a beijou com intensidade, querendo se afogar em tudo o que era ela, o corpo em busca de libertação. O gemido dela vibrou por sua língua e aquilo o levou à loucura.

– Você se divertiu?

– Sim, muito.

O corpo de Emily formigava. A pele. O pulso. Cada pelo seu se arrepiou. Uma dor escaldante e insistente começou a se intensificar no meio de suas pernas quando ela fitou o delicioso pomo de adão atrás da gola da camisa branca. Com um suspiro, passou as mãos pelo impecável suéter cinza de gola V, os dedos ardendo de desejo ao tocar o peito nu. Ela engoliu em seco.

– Tenho que ir ao banheiro rapidinho. Já volto.

Ainda com ela nos braços, observou Gavin erguer uma das sobrancelhas, os olhos azuis devorando-a lentamente. Ele indicou a saída com o queixo.

– Eu gostaria de dar o fora daqui assim que você voltasse.

Seu tom íntimo lhe disse tudo o que ela precisava saber, envolveu-a, derrubando-a como uma onda. Com as pernas bambas e o corpo fraco, Emily assentiu.

– Não precisa pedir duas vezes, Sr. Blake.

– Boa menina. – O tom triunfal a dominou ainda mais, suavizando sua submissão ao pedido. – Vejo a senhorita daqui a pouco.

Emily partiu para o banheiro, mas foi detida por Olivia a alguns metros dali. Mais bêbada do que antes, ela sorriu e Emily não pôde deixar de rir. Agarrando a mão de Olivia, arrastou-a em direção ao banheiro, mas novamente foi impedida por Fallon. Presa entre as duas, Emily deu os braços a elas e, enfim, chegou ao banheiro. Depois de uma espera de vinte minutos, numa longa fila que serpenteava por boa parte do segundo andar, entraram e fizeram o que tinham de fazer.

– Caipirinha – cantarolou Fallon, e sacou o rímel da bolsa, passando-o nos cílios. – O Gavin falou sobre a discussão que ele e o Trevor acabaram de ter por sua causa?

Emily parou de vasculhar a bolsa atrás do batom e inclinou a cabeça, confusa.

– Não. O que aconteceu?

– O Gavin está puto por ele não ter contado o que o Dillon fez com você.

Emily suspirou.

– Eu falei para o Gavin que a culpa foi minha. Vou conversar com ele.

– Espero que sim. – Fallon atirou o rímel de volta na bolsa. Afofou os cabelos, o carmim fofoso vibrante sob a luz que brilhava de cima. – Ele não devia tomar esporro por uma coisa que *you* tinha que ter feito. Você precisa consertar isso.

– Eu sei que ele não devia tomar esporro por causa de mim, Fallon. Acabei de dizer que tinha explicado ao Gavin que a culpa era minha. Também disse que o Trevor tinha me feito prometer que contaria a ele se a gente voltasse, e eu não contei. O que você quer que eu fale? Vou conversar com ele outra vez, está bem?

Fallon soltou o ar de forma ruidosa e assentiu.

– Tudo bem. Me desculpe. Fui arrogante, mas é que eu amo o Trevor e ele está muito chateado.

– O Trevor está sempre chateado com alguma coisa – deixou escapar Olivia, abrindo o cubículo onde se encontrava.

Desembaraçando um colar que parecia estar saindo do meio da cabeleira, revirou os olhos e o arrancou. Por um instante, exibiu uma expressão de dor, mas logo sorriu.

– Graças a Deus. Esse troço estava me matando. E não me pergunte como foi parar no meu cabelo. Acho que foi quando eu me abaixei para me limpar. Ah, e eu tenho quase certeza de que fiz xixi nos sapatos.

Com os braços cruzados, Fallon se recostou na pia.

– O Trevor não está sempre chateado, Liv.

– Pff. Até parece – zombou Olivia, e começou a lavar as mãos.

– Ele é uma garotinha histérica. Até o meu pai diz que era para eu ter sido o menino na família. Se ele não tivesse um pau, eu o chamaria de mocinha.

Emily cobriu a boca, tentando conter uma risada.

Um sorriso foi se formando aos poucos nos lábios de Fallon.

– Bem, garanto que ele tem um pau e que sabe usá-lo muito bem.

Olivia secou as mãos com uma toalha de papel, fez uma bolinha e a atirou na testa de Fallon, atingindo o alvo em cheio.

– E garanto que, se você não enfiar os 5 centímetros que ele tem num saquinho, vai acabar grávida igual à nossa amiga aqui, mas o seu filho não vai ser tão bonitinho e vai ser reclamão igual ao pai. Rá, rá.

– Chega das piadas sobre gravidez, Liv – pediu Emily.

Olivia deu de ombros.

– Ora, mas é verdade. Seu filho com certeza vai ser mais bonitinho. – Olivia pressionou os lábios, formando uma linha rígida e apertou os olhos. – Espere aí. Retiro o que disse. Se ele for cria do Senhor dos Babacas, você está ferrada. Vai ser mesmo um bebê feio.

Fallon ficou boquiaberta e Emily arquejou.

– Olivia! Como pode dizer uma coisa dessas?

– Emily, eu falo a verdade. Especialmente quando estou bêbada. Está tudo ótimo para você se for do Gavin, mas se o Babacoide for pai do bebê, eu o deixava para adoção. Essa história toda já virou uma briga para ver quem faz o maior dramalhão.

Sério, eu te amo. Mas, sinceramente, me dá arrepios só de pensar na cara que ele vai ter.

Emily pegou a bolsa da bancada e passou por Olivia como um raio.

Olivia agarrou o braço dela.

– Espere! Emily, desculpe. Em defesa do Dillbosta... e você sabe que eu nunca o defendo... continuo achando errado que você e o Gavin não contem a ele sobre a gravidez. Não é segredo nenhum que eu não sou fã dele, mas é possível que Dillon seja o pai. A longo prazo, se você não contar e for ele, pode ficar ruim para você.

Emily inspirou fundo, tentando acalmar os nervos.

– Sabe de uma coisa, Olivia? Você está bêbada. Nos últimos segundos, você disse que o meu filho vai ser a cria do capeta, que vai ser feio e sugeriu adoção. Além disso, está me dando a sua opinião *indesejada* sobre contar ou não ao Dillon. Se você não estivesse tão bêbada, se lembraria dos motivos do Gavin para não querer contar. Também se lembraria dos meus motivos para concordar. Agora, se você me dá licença, *amiga*, estou indo embora. Se quiser, me ligue amanhã depois que tiver curado a ressaca horrível que você vai ter.

Emily deixou o banheiro magoada, confusa e, também, traída por não ter tido uma noite divertida com amigos tão próximos. A mudança estava se transformando na norma. Emily só esperava que isso não a separasse ou separasse Gavin das pessoas de quem gostavam.

Das pessoas que, esperava, ainda gostavam deles.

Fôlego roubado

Segurando um exemplar do *New York Times* e uma garrafa de água, Gavin teve seus pensamentos subitamente interrompidos pelo toque da campainha. Colocou a água na mesa de canto, levantou-se do sofá e consultou o relógio. Não estava esperando ninguém e tinha quase certeza de que Emily também não. Ao abrir a porta, se espantou ao ver Trevor no hall de entrada.

– Oi, meu irmão. – Trevor passou uma das mãos pelos cabelos.
– Você tem uns minutos para conversar?

Gavin deu de ombros com certa má vontade e se virou para a cozinha. Ouviu Trevor fechar a porta e se sentou.

Esfregando a nuca, Trevor rodeou a bancada.

– Cheguei em má hora? Parece que você vai sair.

– Emily e eu vamos jantar na casa dos meus pais – respondeu ele, com uma dureza e uma frieza que não estava disposto a esconder.

– Ah. – Trevor olhou ao redor. Suspirando fundo, voltou a encarar Gavin, seu constrangimento palpável. – Mande um alô para eles.

Gavin cruzou os braços e assentiu, perguntando-se quando Trevor chegaria ao assunto.

– Me desculpe, cara. Você estava certo. Eu deveria ter ido atrás de você. Fiz um monte de merda nessa história toda. Essa foi só a última numa longa lista de coisas que eu deveria ter feito de maneira diferente. – Seu timbre grave e cavernoso soava áspero, denotando exaustão e resignação. – Eu deveria ter ficado do seu lado desde o começo, desde o momento em que você disse que precisava da Emily até o segundo em que assisti àquele babaca dar um soco em você. Não sei mais o que dizer, exceto que, se você nunca mais falar comigo, vou entender.

Vendo o amigo suar frio ao tentar fazer as pazes com ele, Gavin pensou na conversa que tivera com Emily antes de irem dormir, na noite anterior. Ela o encurralara, lembrando que, na Califórnia, ele a fizera perdoar a mãe por seus erros. Para Emily, Trevor deveria ser tratado da mesma forma. “Perdoe logo e esqueça ainda mais depressa” haviam sido suas palavras exatas. Mesmo achando que Trevor tinha piorado uma situação já ruim, mesmo ainda tendo dificuldade para lidar com o sentimento de traição, sabia que guardar mágoa não seria bom para ninguém. O amigo estava acenando com uma bandeira branca e Gavin precisava levar isso em consideração. A ameaça de Emily de lhe dar umas boas palmadas também foi um empurrãozinho. Tentando ocultar o ressentimento que ainda sentia, Gavin encarou Trevor por um instante antes de lhe estender a mão num gesto de aceitação.

Ainda trêmulo, Trevor respirou fundo e soltou o ar enquanto apertava a mão de Gavin com firmeza.

– Obrigado, meu irmão. – Ele engoliu, tentando não engasgar.
– Eu agradeço muito por você não desistir da nossa amizade. Significa muito para mim.

Gavin revirou os olhos, abrindo um sorriso torto.

– Já chega dessa merda sentimental. Se continuar com isso, compro uma calcinha para você.

Trevor riu. Depois de um instante, o sorriso sumiu e a expressão ficou séria.

– E aí, como é que vocês estão se virando? Parece meio barra-pesada para vocês dois.

– É. Nem eu nem a Emily estávamos esperando uma coisa dessas, mas a gente se vira.

Gavin desceu do banco e pegou uma garrafa de uísque do bar. Ergueu-a, mostrando para Trevor, que assentiu. Gavin serviu uma dose para os dois.

– Eu a amo e é só isso que importa.

– E o que os seus pais acham disso?

– Só o meu pai sabe – respondeu Gavin, virando a bebida.

Girando o gelo no copo, fitou Trevor por um segundo e pensou na reação da mãe quando lhe contassem aquela noite.

– Por isso o jantar – completou.

Trevor nem chegou a arregalar os olhos, mas Gavin percebeu o choque que ele não conseguiu esconder.

– O que acha que ela vai dizer? – perguntou Trevor.

Gavin deu de ombros. Não que não se importasse com o que a mãe pensava: só Deus sabia que ela significava tudo para ele. Mas Gavin estava concentrado principalmente em Emily e em livrá-la de qualquer preocupação nos meses seguintes. A situação já era difícil o bastante para ela. A última coisa que queria era que Emily sofresse qualquer efeito colateral do estresse. Estava rezando para que a mãe não contribuísse rejeitando Emily.

– Não sei ao certo. Vamos ver, né?

– Gavin, você viu por aí os meus sapatos pretos de salto? – ecoou a voz de Emily, vindo do corredor.

Ela surgiu na sala olhando para baixo enquanto prendia uma pulseira. Percebendo que a namorada não fazia a menor ideia de que tinham visita, Gavin pigarreou. Certificou-se de que fosse alto o bastante para chamar sua atenção.

Emily ergueu a cabeça bruscamente e sufocou um grito, agarrando a toalha que mal cobria o corpo recém-saído do banho.

– Merda! Eu não sabia que ele estava aqui. – Gavin e Trevor riram. Dando meia-volta, ela disparou pelo corredor, os pés descalços batendo no mármore. – Oi, Trevor. Tchau, Trevor!

Trevor virou o resto da bebida e sorriu.

– Oi, Emily. Tchau, Emily.

Depois de colocar o copo na pia, caminhou até Gavin. Os dois amigos se cumprimentaram com um aperto de mão.

– Você é um cara bom, meu irmão. Ela sempre mereceu alguém como você. Espero que dê tudo certo. Vamos ter muito o que comemorar, se for o caso.

Gavin meneou a cabeça, engolindo o instinto perverso que lhe dizia que o oposto era mais provável. Depois de levar Trevor até a porta, foi ver como estava a mulher que Gavin esperava estar carregando o filho *dele*. Bateu à porta com os nós dos dedos antes de enfiar a cabeça no quarto, hesitante. Ao entrar, sentiu o perfume de jasmim de Emily, que o engolfou, instigando seu instinto masculino.

Estava travando uma difícil batalha com que não contava. Ao voltarem para casa da boate, na noite anterior, ele começara a devorar Emily e, já dentro dela, teve um estalo. Seus arquejos o deixavam ainda mais louco, mas ele fora golpeado pela constatação de que poderia machucá-la ou machucar o bebê. A possibilidade o deixara desnortado. No meio da transa com a mulher que era a dona de seu coração, ele havia parado. Morrendo de vergonha, mentira, dizendo que não estava passando bem. Quando ela lhe aplicara uma tranquilizadora massagem para que dormisse, sentira-se o maior dos babacas.

Sentada na cama e calçando os sapatos de salto, Emily ergueu os olhos para ele e sorriu. Como sempre, Gavin quis se afogar naquele sorriso. Mordendo o lábio, sorveu o que lhe pertencia.

– Oi para você – ronronou ela.

Levantando-se, Emily andou até ele, a pele alva e macia vibrante sob a blusa de seda preta de decote canoa. Gavin olhou fixamente para seus quadris mexendo-se com graciosidade por baixo da saia cinza de sarja que lhe batia nos joelhos. Com um brilho sedutor nos olhos, ela lhe enlaçou o pescoço.

– Você está tão comível...

– Não tão comível quanto você – retrucou Gavin, tentando fazer com que o pau duro descesse.

– Bem – sussurrou ela, coquete, levando os lábios ao ouvido dele –, a gente pode comer a sobremesa um pouco mais cedo e

terminar o que não conseguiu completar ontem à noite. Se não me engano, tem chantilly na geladeira. Minha maquiagem já está pronta. É só eu prender os cabelos e tomar outro banho se você não conseguir... *lamber* tudo do meu corpo.

E começa a batalha. Gavin pigarreou e deu um passo atrás. Nervoso, passou a mão pelos cabelos e abriu a porta do armário.

– A gente tem que ir logo – disse ele, numa voz rouca e forçada, a mentira amarga em sua língua.

Levemente surpresa, considerando que ele tinha acabado de olhá-la como se estivesse prestes a jogá-la na cama, Emily suspirou. Consultando o relógio, fez beicinho.

– A gente ainda tem duas horas e meia até o horário combinado, Gavin. Dá mais do que tempo. Podemos pular o chantilly e ir direto ao assunto. Estou precisando queimar um pouco da ansiedade causada por esta noite.

Merda. Ele já tinha brincado de “vamos ver se a gente consegue cobrir cada centímetro do corpo de Emily com chantilly”. Só de pensar nisso, sentiu uma pressão insuportável nas partes íntimas. Uma Emily ansiosa em cima dele, querendo se livrar do estresse, colocava no chinelo vinte mulheres lindas e nuas numa boate de strippers.

Pense, filho da puta, pense.

– Minha mãe ligou e disse que o jantar vai ser servido mais cedo. A gente tem que sair... agora. Pegue o casaco; encontro você na porta.

Gavin pegou um par de sapatos sociais e se sentou na cama, envergonhado, enquanto o beicinho de Emily só fazia crescer. Após revirar os belos olhos verdes e cruzar os braços por cima dos deliciosos seios, ela se virou e saiu do quarto. O peito de Gavin doía com um desejo profundo, o coração ficando mais e mais pesado a cada segundo. Calçou os sapatos e ficou de pé, caminhando até o espelho. Ajeitando a gravata e sentindo-se enjoado, encarou o próprio reflexo.

– Você é um merda – murmurou.

Com um suspiro, tirou as chaves do bolso, esperando que a viagem de carro não fosse tão desconfortável como seria a noite.



Uma hora e uma viagem não tão desconfortável mais tarde, Gavin embicou na estrada de acesso de seu oásis de infância. Localizada logo na saída da cidade, a grandiosa casa em estilo Tudor ficava à beira do lago Sheldrake, nos luxuriantes morros de Croton-on-Hudson, Nova York. Era um dos poucos lugares onde Gavin sempre se sentia em paz. No entanto, enquanto o brilho carmim do céu começava a desaparecer lentamente, transformando-se em escuridão, Gavin não estava muito certo de que a noite lhe traria muita paz. Quando Emily saiu do carro e tomou sua mão, percebeu que o astral dela havia mudado. O coração afundou como uma pedra no momento em que a envolveu nos braços, embalando-a de forma protetora de encontro ao peito. O corpo dela estremeceu com aquele medo que, infelizmente, Gavin já passara a reconhecer com facilidade.

– Juro que tudo vai ficar bem, meu amor – sussurrou ele, beijando-lhe a cabeça. A promessa saiu de modo tão instintivo quanto o amor que sentia por ela.

– Espero que sim – respondeu Emily debilmente, com lágrimas nos olhos. – Vou ficar arrasada se o relacionamento com a sua mãe for prejudicado por isso.

– Não quero que você se preocupe – disse ele, traçando oitos na base da coluna dela. – Vai ficar tudo bem com a minha mãe. Meu pai sabe dobrá-la: já são mais de trinta anos de casamento, né?

Emily assentiu sem muita convicção, tentando acreditar no que ele dizia. Respirou fundo e entrelaçou os dedos nos dele ao começarem a subir os degraus de pedra que conduziam à porta da frente.

Gavin parou, percebendo que ela ainda estava mal.

– Jogo das vinte perguntas.

– Agora? – perguntou Emily, confusa.

– É, agora. Você está precisando. – Gavin puxou-a para perto.

– Quando você terminar, não vai estar pensando em mais nada

relacionado à minha mãe.

Emily balançou a cabeça e deu uma risadinha.

– Ah, não tenho a menor dúvida de que você vai me fazer pensar em outra coisa. Vá em frente. Sei que é você quem começa.

Gavin já sabia a resposta para a sua primeira pergunta, pois Emily sempre estava com o rosto enfiado em um.

– Livros ou filmes?

Emily revirou os olhos.

– O que acha?

– Não tenho a menor ideia. – Gavin deu de ombros, fazendo-se de idiota para sua rata de biblioteca sexy. – É por isso que estou perguntando.

– Livros. – Emily suspirou. – Você não é tão observador quanto eu achava.

Gavin riu.

– Tudo depende do *que* eu estou observando. – Gavin gostava de vê-la um tanto irritada. Ele definitivamente afastara sua atenção da situação com a mãe. – Sua vez.

– Bond ou Bourne?

– Está se referindo a James e a Jason?

– Você é rápido.

– Ninguém é mais rápido que eu, meu doce. – Gavin roçou os lábios nos dela. – É claro que eu sou um admirador de James Bond. Lembra-se daquela vez na varanda?

– Não tenho a menor ideia do que você está falando – respondeu Emily, franzindo a testa.

– Pelo visto *você* não é tão observadora quanto *eu* pensava. – Emily ficou olhando para ele com uma expressão perdida e Gavin aproveitou a oportunidade para revirar os olhos de maneira dramática. – Na noite em que a gente brincou de atirar tampinhas de cerveja na minha varanda. Você saiu e eu a assustei. Eu disse: “Gavin. Gavin Blake.”

– Ai, meu Deus. – Emily riu e o abraçou. – Só que o James Bond fala o sobrenome primeiro. – Emily impostou a voz, acrescentando um sotaque inglês: – “Bond. James Bond.”

Sua rata de biblioteca sexy tinha razão.

– Está certo. Você venceu. Mas, ainda assim, foi meio 007.

Ainda mantendo o sotaque inglês, Emily concordou:

– Foi, foi, sim. Mais ou menos. Vá em frente, Blake, Gavin Blake. É a sua vez.

Sorrindo, ele balançou a cabeça.

– Granito ou mármore?

– Humm... Granito?

– Por que a sua resposta mais pareceu uma pergunta?

– Não sei. – Emily deu de ombros. Ultimamente, ele vinha demonstrando uma estranha fascinação com esse tipo de pergunta. Imaginou que apenas estivesse animado com as revistas de arquitetura. – Não costumo ficar pensando em coisas desse tipo.

Gavin a beijou e Emily estremeceu, mas não por causa dele: estava ficando com frio.

– E nem eu esperaria que pensasse. Vamos. Vamos entrar agora.

Ela assentiu.

Confiante de que Emily não estava mais preocupada com a mãe dele, Gavin girou a maçaneta e encontrou a porta trancada, então tocou a campainha.

Com um sorriso genuíno e afetuoso, o pai de Gavin abriu a porta. Apertou a mão de Gavin e puxou Emily para um abraço. Olhando de relance para o relógio, Chad fechou a porta.

– Vocês chegaram cedo. Sua mãe ainda está no mercado comprando umas coisas para o jantar.

Gavin olhou para Emily, que estava confusa e se dava conta de que ele aprontava alguma. Ela examinava o seu rosto atentamente enquanto buscava respostas que ele não estava pronto para lhe dar. Voltou a encarar o pai, sentindo-se idiota por ter sido pego na mentira. Ajudou Emily a tirar o casaco e explicou:

– Quando falei com ela, mais cedo, eu podia jurar que ela tinha dito cinco.

– Não: sete e quinze. – Chad pegou os casacos de Emily e Gavin e os pendurou no armário do foyer. – Audição ruim na sua idade é sinal de excesso de trabalho. Você e o seu irmão estão precisando de férias.

Gavin cruzou os braços.

– Paizão, acabei de voltar de férias. Estou bem. Sério.

Chad deu de ombros e respondeu com um tom despreocupado:

– Ora, mais férias não podem fazer mal. Você é jovem. Divirta-se. – Conduzindo-os ao escritório, deu um tapinha nas costas de Gavin e soltou uma sonora gargalhada. – Só não fale para a sua mãe que eu disse isso.

Gavin sorriu, despencando no sofá de chenile com Emily.

– Ela proibiria você de assistir *CSI* se soubesse que está querendo que eu perca trabalho.

– Ela faria coisa pior, mas prefiro não entrar em detalhes. – Ele juntou as mãos e olhou para Emily. – Eu sei que você não pode beber nada alcoólico, mas eu posso lhe oferecer outra coisa? Temos chá gelado com framboesa, água e alguns sucos.

– Eu fico com a água, Sr. Blake. Obrigada.

Com um afetuoso brilho nos olhos, ele sorriu.

– Agora você faz parte da nossa família, então eu insisto que *não* me chame de Sr. Blake. Meus filhos, e inclusive a minha nora, costumam me chamar de “paizão”. Você não é diferente. Está bem?

Diante da aceitação, Emily sentiu um calor se espalhar por seu peito. Naquele momento, percebeu a quem Gavin puxara os modos encantadores e o carisma natos.

– Tudo bem. Eu fico com a água, paizão. – A palavra provocou uma sensação estranha ao deixar os seus lábios.

Ele piscou e foi para a cozinha.

– Muito bem, vou começar a preparar os petiscos. Filho, uma garrafa de Sam Adams gelada?

– Claro. Está ótimo – respondeu Gavin enquanto o pai desaparecia de vista. Deslizando a mão de Emily para cima do colo, afastou os cabelos dela do pescoço e se aproximou do seu ouvido. – Você está linda.

Encarando-a, ela ergueu uma das sobrancelhas.

– Ah, estou mesmo? Eu não imaginava isso, considerando que você não quis nada comigo mais cedo. – Ele mordeu o lábio inferior, os vibrantes olhos azuis revelando mais do que deviam. Por um segundo, o coração dela despencou, as palavras jorrando mais

rápidas do que ela própria conseguia compreender. – Marquei hora numa academia perto de casa com um instrutor que ajuda mulheres grávidas a ficarem em forma. Não vou engordar muito.

Gavin recuou.

– Você acha que tem a ver com o seu peso?

– Eu já engordei uns quilinhos. O que mais você quer que eu pense? Você nunca recusou sexo comigo, Gavin. Meus hormônios estão enfurecidos neste momento e os seus... bem, os seus não costumam ser muito melhores do que os de um adolescente. Você disse que estava passando mal ontem à noite e, antes disso, simplesmente... não queria transar. Admita que está me achando brochante. – Emily baixou os olhos. – Ah, e parabéns por inventar que a gente tinha que chegar aqui mais cedo.

Gavin tomou o rosto dela entre as mãos, fitando os seus olhos preocupados.

– Meu Deus, eu nunca poderia achar você brochante, Emily. Eu estou tendo que me controlar para *não* levantar sua saia e me enfiar tão fundo dentro de você que nenhum dos dois ia saber onde um começa e o outro termina. Sexo com você é uma droga e eu sou um viciado. Mas, puta merda, se você não é o vício mais doce que uma pessoa pode ter.

– Então o que é?

Tentou afastar a imagem que ele evocara. Estava prestes a levantar a saia e deixar que ela a invadisse. Fechou os olhos com força. O fato de Gavin estar segurando o rosto dela tão próximo do dele não ajudava em nada a situação hormonal. Nem. Um. Pouquinho.

Gavin hesitou, mas acrescentou em voz baixa:

– Eu tenho... medo de machucar você e o bebê.

Emily abriu os olhos.

– O quê? A gente transou nas últimas duas semanas. Você não estava preocupado.

– Eu sei. Mas ver o bebê ontem, no ultrassom, de alguma forma tornou tudo mais... real. – Suspirando, ele se recostou no sofá. – Vou acabar machucando você. É impossível, considerando a forma que nós transamos. Somos animais.

Emily segurou o queixo dele, fazendo-o encará-la.

– Em primeiro lugar, eu gosto quando você me machuca – sussurrou ela, arqueando as sobrancelhas. – E, sinceramente, você espera que eu acredite que um homem com o seu grau de instrução possa ser tão ingênuo com relação ao corpo de uma mulher, estando ela grávida ou não? Você não pode me machucar nem machucar o bebê. Casais vêm transando há bilhões de anos durante a gravidez.

Gavin deu um sorriso afetado, passando a mão pelos cabelos.

– Quando é permitido, é claro que eu gosto de... *prazerosamente* machucar você. É verdade, você pode esperar que eu seja um pouco ingênuo com relação ao corpo de uma mulher grávida. A palavra-chave aqui é *grávida*. Para encerrar esta conversa, Srta. Cooper, devo acrescentar – ele se aproximou do ouvido dela – que nunca, em um bilhão de anos, casal algum *trepou* igual a nós. Nós quebramos recordes. Logo, tenho medo de machucar você.

Com o corpo em chamas, Emily deu um suspiro profundo e umedeceu os lábios. A língua formigava de desejo de percorrer a parte inferior do abdômen de Gavin.

– Gavin...

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, a porta da frente se escancarou. Equilibrando três sacolas de papel cheias, Lillian Blake fechou a porta com o pé. Sacudiu a cabeça, tentando livrar os cabelos castanho-avermelhados dos flocos de neve.

Gavin se colocou de pé com um salto, quase tropeçando na mesa de centro ao correr em direção à mãe, que estava prestes a deixar as sacolas caírem no chão de ladrilhos. Tomando as sacolas dos braços dela, tascou um beijo em sua bochecha.

– Oi, mãe. Começou a nevar?

Radiante, ela passou a mão pelos cabelos dele.

– Começou. E forte. – Com um suspiro, fitou Gavin, os olhos cheios de um amor do qual só uma mãe era capaz. – Meu bebê, eu estava com saudades. Da próxima vez que decidir tirar férias de duas semanas, será que podia pensar em ligar para a mulher que o colocou no mundo?

Rindo, Gavin balançou a cabeça.

– Mãe, eu tenho 28 anos, sou dono de um negócio muito bem-sucedido e a minha namorada está sentada no sofá. Você está fazendo o meu fator-desmaio despencar a cada segundo.

Emily andou até eles. Também passando as mãos pelos cabelos dele, ergueu uma das sobrancelhas, a expressão divertida.

– Ah, mas essa afirmação não poderia estar mais distante da verdade.

– O quê? – questionou Gavin, incrédulo, com um brilho predador no olhar. – Como assim?

– Porque qualquer garota ajuizada sabe que um homem ganha pontos dignos de desmaio por amar a mãe – respondeu Lillian com um sorriso reluzente. – Não é verdade, Emily?

– Foi exatamente o que eu quis dizer – concordou Emily.

Gavin inclinou a cabeça para o lado.

– Bem, se esse é o caso, só para você saber, Emily, eu pedi a minha querida mãe em casamento uma vez.

– É verdade, quando ele tinha 3 anos – gorjeou Lillian, tirando a bolsa do ombro. Colocando-a sobre uma mesa de vidro na entrada da casa, deu um sorriso cativante para Gavin e segurou o seu rosto. – Eu lembro como se fosse ontem. Ele ganhou um anel de noivado de plástico de uma daquelas máquinas de chiclete, e ali mesmo, no supermercado, se ajoelhou e me pediu em casamento.

Emily riu, olhando-o ganhar o mais lindo tom de carmesim.

– É. Meu fator-desmaio acaba de despencar algumas centenas de pontos – confirmou ele, dando o seu sorriso travesso de menino enquanto se dirigia à cozinha. – Estou indo embora, senhoritas.

Lillian soltou uma gargalhada e puxou Emily para um carinhoso abraço.

– Então, como tem passado? – Ela desenrolou seu cachecol creme e o deixou cair sobre a mesa. Depois de despir um pesado casaco de pele e de pendurá-lo no armário, virou-se para Emily. – Já faz tempo e muita coisa aconteceu. Espero que você esteja bem.

Sem saber ao certo quanto Lillian sabia do que havia acontecido entre ela, Gavin e Dillon, Emily apenas assentiu.

– Eu estou bem melhor, obrigada. Como a senhora está?

– Bem. Tenho ficado ocupada com o desenvolvimento da organização. Estamos tentando entrar em Nova Jersey. E parece que vai ser possível, aliás – disse ela, animada, passando o braço pelo de Emily e a conduzindo até a cozinha. – Vamos ver se os nossos homens estão tentando incendiar a casa.

Mais uma vez sentindo uma torrente de carinho e acolhimento, Emily percebeu como a criação dela e a de Gavin haviam sido diferentes. Enquanto ela fora privada de uma figura paterna, Gavin fora criado por um homem forte que confiava que o bem prevaleceria sobre qualquer situação ruim. Apesar de a mãe de Emily ter sido o mais presente possível, Lillian ficara em casa com os meninos até entrarem para o ensino médio. É claro que a situação de Lillian era diferente, pois se casara com um homem honesto e carinhoso, porém, mesmo nos momentos mais duros, travando a sua batalha contra o câncer de mama, sempre tentara manter certo grau de normalidade em sua casa. Duas luzes coloridas muito diferentes em lados opostos do espectro da vida. Agora, tudo de que Emily precisava era acreditar era que ela e Gavin tinham sido unidos por um motivo, que esperava ser o foco principal da conversa do jantar.

Tão logo entraram na cozinha, elas ficaram satisfeitas ao ver que ninguém estava prestes a incendiar a casa. Pai e filho haviam guardado as compras e começado a misturar, grelhar e assar algo de aroma delicioso.

– Jamais os deixe pensar que não é possível treiná-los – sussurrou Lillian, o sorriso tão contagiante quanto o de Gavin. – Na verdade, é muito fácil.

– Eu vou manter isso em mente – disse Emily, incapaz de conter uma risadinha.

Virando-se com uma frigideira na mão, Gavin encarou Emily. Sorridente, fez um movimento de pulso, fazendo saltar algo que parecia ser massa da maneira que um chef treinado faria.

– Sou muito talentoso, né? – perguntou ele, pegando a garrafa de cerveja gelada da bancada.

Depois de dar um gole, tentou se exhibir novamente, mas deixou cair metade do macarrão no chão. A cozinha ficou coberta

de molho *marinara* de uma ponta a outra.

Gavin revirou os olhos, meio rindo, meio grunhindo. Desnecessário dizer que era o único que grunhia, pois os pais e Emily já gargalhavam. Depois de várias toalhas de papel úmidas, produtos de limpeza e um esfregão, a tentativa fracassada do Sr. Exibidinho ficou no passado. Dali a meia hora, Lillian tinha tudo sob controle.

Os quatro se sentaram na sala de jantar para uma saudável refeição caseira de salada, berinjela à parmegiana, pão italiano e, graças a Gavin, uma minúscula porção de macarrão. Emily relaxou um pouco, apreciando a conversa enquanto podia. Sabia que a notícia que tinham para dar logo poria fim à tranquilidade.

Descobriu que Chad e Lillian haviam se conhecido na faculdade de direito de Harvard. Não fora bem uma história típica de "amor à primeira vista", mas Emily soube de onde Gavin tinha tirado a tendência a perseguir implacavelmente o que desejava. Chad perseguira Lillian durante dois semestres, insistindo ser o homem ideal, até ela enfim concordar em sair com ele. Emily riu por dentro, pensando em como o filho se parecia com o pai. Para surpresa dos dois, Lillian descobriu que estava grávida de Colton no ano seguinte. Concordaram que ela se afastaria da faculdade por um tempo, para ficar em casa e criá-lo. Em meio a um casamento celebrado às pressas, outro bebê, uma hipoteca, um cachorro e treinos da liga infantil de beisebol, Lillian nunca mais voltou aos estudos. No entanto, enquanto Emily ouvia a história de vida dos dois, não detectou um pingote de arrependimento. Em vez disso, toda uma vida de amor e lembranças transparecia em cada palavra, sorriso e gargalhada.

Depois de tirarem o que restara do jantar, os pais foram pegar a sobremesa. Enquanto esperava, Gavin não pôde deixar de ouvir o calcanhar de Emily batendo no chão de madeira com pancadas implacáveis. O som ecoou como gotas de chuva numa janela de vidro. Meu Deus, ele odiava vê-la tão nervosa. Aquilo machucava seu coração.

Antes que pudesse acalmá-la, seu pai trouxe um bule de café recém-passado, acompanhado pela esposa, que carregava uma

torta de maçã caseira. Lillian cortou a sobremesa saída do forno e serviu uma fatia para cada um. Olhando para o pai do outro lado da mesa, Gavin percebeu que ele também estava nervoso: a palidez e a inquietação diziam tudo. Gavin não conseguiu nem mesmo fingir um sorriso ao virar o resto da cerveja com um longo gole. Seus nervos estavam à flor de pele, mas ele sabia que era preciso dar início à maldita conversa. A voz, no entanto, se embarçou em seus pensamentos agitados, as palavras grudando na língua como melado.

O pai o encarou mais uma vez, assentindo, e pigarreou.

– Lillian, o Gavin e a Emily têm uma... notícia que desejam compartilhar. – Ele fitou o filho com tal solenidade que Gavin desejou ir embora e levar Emily o mais longe possível, para um lugar onde ninguém jamais os encontraria. – Vá em frente, filho. Conte à sua mãe o que está acontecendo.

Tomando a mão de Emily, Gavin se virou para ela e deu um beijo suave em seus lábios trêmulos.

– Eu te amo. – Ele se afastou, perscrutando o rosto dela.

– Eu também te amo – disse ela, em voz baixa.

– O que está acontecendo, Gavin? – perguntou Lillian, com a testa franzida de uma mãe questionadora.

Após um momento de hesitação, a confissão:

– Mãe, a Emily está grávida e... o bebê pode não ser meu.

O rosto de Lillian exibiu a mais pura expressão de choque. Ela empalideceu e ficou de queixo caído. Seus olhos verde-vivos foram sombreados como por um manto. Ela encarou Emily, desconfiada.

– Você está com o meu filho, mas talvez vá ter um filho de outra pessoa? – Afastando o prato, ela se recostou na cadeira, levando a mão ao peito. – Creio que minha impressão a seu respeito tenha estado incorreta, Emily. Confundi você com uma mulher que seria fiel ao meu filho.

Emily abriu a boca, mas não conseguiu escolher as palavras dentre os milhares que voavam por sua mente dispersa.

– Ora, Lillian, espere aí. Ela tem sido fiel ao Gavin. Há mais nessa história do que você imagina – afirmou Chad, balançando a cabeça. – Ouça o que eles têm a dizer um instante.

Lillian inspirou fundo, indignada, fuzilando o marido com os olhos.

– Você sabia e não me contou? – Ela fitou Gavin. – Por que me deixaram no escuro?

Gavin apoiou o cotovelo na mesa.

– Porque imaginei que você fosse ter exatamente esse tipo de reação. Você vai deixar a gente explicar? Senão, a gente vai embora neste instante.

Um silêncio tenso tomou conta do aposento antes de Lillian piscar os cílios pesadamente pintados com rímel e assentir. Como se pudesse se transformar numa estátua caso encarasse Emily, ela se concentrou exclusivamente em Gavin.

– O que foi que aconteceu? – indagou ela, a voz mais branda, arqueando as sobrancelhas.

Emily a fitava, atingida pela profundidade da raiva e da tristeza que nublava seu rosto. Sentiu-se mal e, naquele momento, jurava que não chegaria ao final da conversa sem vomitar. Com a boca entreaberta, ergueu os olhos marejados para Gavin, esperando que ele respondesse.

– Emily e eu transamos depois que ela e o Dillon terminaram da primeira vez.

– Esse é o mesmo Dillon de quem você é amigo? – interrompeu Lillian. – Seu corretor?

– O mesmo homem de quem eu *era* amigo. Ele não é mais meu corretor.

– Bem, como é que uma coisa dessas pôde acontecer, Gavin? Me parece que nada disso terminou muito bem. – Lillian olhou para Chad, mortificada. – Criamos os nossos filhos para roubarem as namoradas dos amigos?

Chad ergueu uma das sobrancelhas e respondeu, com um tom decidido:

– Não. Mas também não os criamos para desistirem de algo no qual acreditam.

– A que custo, Chad? – perguntou ela, parecendo perplexa. – Desde quando roubar a namorada de um amigo se tornou normal?

– Ele não me roubou – Emily se pronunciou, baixinho.

Olhou para as próprias mãos, entrelaçadas com as de Gavin sobre o colo. Enquanto as lembranças a atiravam de volta ao primeiro segundo em que vira Gavin, não foi capaz de esconder um esboço de sorriso. Então, fitou o namorado com um olhar carinhoso.

– Bem, ele realmente roubou o meu coração. Mas, quando isso aconteceu... o seu filho nem estava ciente de que o tinha feito.

Com um discreto sorriso que combinava com o dela, Gavin pousou a mão sobre a face de Emily, o coração afundando ainda mais no peito. Ainda não conseguia acreditar que ela era sua. Depois de um momento, baixou a mão, respirou fundo e olhou para a mãe. Ela lhe pareceu mais confusa do que antes.

– A verdade é que o nosso amor não tem mais volta. Chega a ser assustador. Nós só tínhamos alguns detalhes para ajustar. Não, na opinião de algumas pessoas, a forma como começamos a namorar não foi correta, mas eu não me importo. E tenho certeza de que a mulher sentada ao meu lado também não. Estamos apaixonados. É um amor profundo e doentio, do tipo que aparece nos filmes. Encaramos o medo e o mandamos dar o fora. Talvez esse bebê não seja meu, mas, mesmo que não seja... é, sim. É um pedaço da Emily, mãe, e não existe um pedaço do seu filho que seria capaz de não amá-lo. Não existe um pedaço do seu filho que não conseguiria amá-la.

Enquanto as lágrimas encharcavam os cílios de Emily, ela notou uma lágrima deslizar pelo rosto de Lillian e cair sobre a toalha de mesa de linho branca. Engolindo em seco, viu Lillian ficar de pé, os olhos amendoados passando dela para Gavin.

– Não creio que possa apoiar esse relacionamento – disse ela, engasgando, a testa franzida. – Eu simplesmente...

Lillian passou os dedos longos e delicados pelo pescoço. Olhou para Chad, que deixou escapar um suspiro pesado de derrota, estendendo a mão para apertar a dela. Lillian se virou e deixou a sala, os soluços ecoando pela casa até se transformarem em sussurros ininteligíveis com o fechar de uma porta.

Incapaz de testemunhar a dor que levara àquela família, outrora sólida, Emily se levantou da cadeira de maneira desajeitada, o coração se partindo um milhão de vezes enquanto

continha um soluço. Ela se dirigiu à porta da frente, mas Gavin lhe segurou o braço e afastou os cabelos do rosto dela.

– Espere! Emily, me ouça...

– Não, me ouça *você*, Gavin. – Ela tomou o rosto dele nas mãos, respirando com sofreguidão. – Você me disse que quase pegou o telefone para me ligar quando eu o deixei, não foi?

Com o olhar confuso e preocupado, Gavin examinou o rosto dela.

– Foi. Mas o que isso tem a ver?

– Eu me odiei porque, a cada vez que olhava para o meu telefone, queria desesperadamente ligar para você, para dizer quanto eu sentia por não acreditar em você, só que eu não conseguia. Alguma coisa me impedia. Você também me falou que quase entrou no carro e foi até o meu apartamento, mas não foi. Eu fiz o mesmo. Peguei um táxi e mandei que ele me levasse ao seu prédio. Fiquei do lado de fora, olhando para cima, me perguntando o que você estaria fazendo, com medo de você estar com alguém. Eu queria muito ver você. Meu coração estava partido, aos pedaços, Gavin. Durante a nossa separação, eu sentia dor. Não acreditava que esse tipo de dor existisse. Foi completamente diferente do que eu senti quando perdi a minha mãe. Doía ainda mais fundo. Mas eu não conseguia entrar naquele elevador e ir até você, apesar de não querer o Dillon. Eu queria *você*.

– Emily, pare. – Gavin a segurou com força pela cintura, puxando-a de encontro ao peito. – Por que está falando tudo isso?

– Porque dizem que o fôlego é roubado durante um beijo apaixonado. Isso não é verdade, Gavin, porque eu literalmente não consigo respirar antes de os seus lábios tocarem os meus. Eu tento, mas não é possível. Não consigo raciocinar quando você olha para mim. Você deixa a minha mente vazia. É lindo e me consome. É mágico e tudo o que uma mulher deve sentir. Dizem que você está apaixonado de verdade se sua pele formiga com o toque da outra pessoa. A minha formiga no momento em que ouço a sua voz; não é necessário que você me toque. Eu o sinto quando você não está perto de mim. Sinto você nos meus sonhos. Até quando estava a 2 mil quilômetros de distância.

Ela fez uma pausa e prosseguiu:

– Você me assustou no momento em que eu o vi pela primeira vez e acho que foi porque eu soube, eu simplesmente soube, que ia me apaixonar por você. Eu não sabia que nossos mundos já estavam entrelaçados, mas o meu coração, de alguma forma, soube que pertencia a você desde o início. Eu não acreditava que pudesse sentir uma dor tão profunda enquanto estávamos separados, mas também não acreditava que um amor como o nosso existisse. Você me mostrou que existe. Você me mostrou o bom quando havia o ruim. Você me deu um prazer maior do que toda a minha dor. Você me deu vida quando eu pensei que estava morta.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Emily. Ela continuou:

– Também dizem que, se você ama alguém, mas só lhe causa dor, deve deixar a pessoa ser livre. E foi só isso que eu causei, Gavin. Desde o momento em que a gente se conheceu, virei o seu mundo de cabeça para baixo. E, agora, isso. Não vou tolerar que você pare de falar com a sua mãe por minha causa. Eu o amo o bastante para deixá-lo livre, para que ela continue a amar você.

Gavin se contraiu. Abalado, sentiu um lampejo de dor atravessar o peito. Ele engoliu em seco, respirando fundo, mas de maneira irregular enquanto olhava nos olhos dela.

– Você não pode me abandonar – disse ele, a voz trêmula de desespero.

– Eu preciso – replicou ela, engasgada, aflita, vendo o medo estampado no rosto dele. – Não posso desfazer a sua família.

– Você não vai desfazer. – A voz suave de Lillian rompeu o ar com uma certeza tranquilizadora. Emily se virou para encará-la, piscando os olhos úmidos, surpresa. Sua cabeça rodava, o corpo tremia. Enxugou as lágrimas que banhavam o rosto. – Você não vai ser o motivo desta família se desfazer porque eu não permitiria que uma mulher que ama o meu filho tanto quanto você saísse da vida dele. – Chegando mais perto, Lillian pousou uma mão hesitante no ombro de Emily, os olhos marejados. – Eu não permitiria que você saísse da *nossa* vida. Você estava prestes a abrir mão de tudo, embora fosse magoar o meu filho, num ato completamente

altruísta. Há muito tempo, eu conheci uma menina que amava tanto um homem que também sentiu um medo assim. – Lillian fez uma pausa, fitando Chad, e abriu um sorriso discreto e triste enquanto ele se aproximava. Encarando Emily, Lillian balançou a cabeça. – Eu teria me matado se tivesse que abrir mão daquele ar roubado antes de cada beijo. Não importa se a criança é ou não meu neto: eu ficaria honrada de chamar você de filha.

Quando Lillian a puxou para um longo abraço, Emily ficou sem fôlego, o coração batendo com tanta força que podia ouvi-lo. Chorou no ombro da mulher que dera vida ao homem que amava tão desesperadamente. Não só Emily se sentia agradecida por não ter que abrir mão do fôlego roubado, como se sentia agradecida, naquela noite fria e nevoenta, no ano em que sua vida mudaria de tantas maneiras, por ter ganhado uma mãe.

Algo de malévolo vem chegando

Emily fechou a porta da cobertura e sorriu quando Gavin se levantou do sofá segurando uma caixa de bombons do Dia de São Valentim. Tirou o casaco e o cachecol e os atirou no sofá enquanto ia até ele, cruzando a sala de estar.

– Você sabe que isso já tem quase duas semanas, né? – Ela sorriu e enlaçou o pescoço dele. – Por acaso, alguma vez na vida você come *qualquer coisa* saudável?

Com um sorriso achocolatado, ele a beijou.

– Sim, eu sei que esses bombons têm quase duas semanas. E não: quanto menos saudável, melhor.

Emily saboreou o chocolate que ele lhe havia passado com os lábios. Era surpreendente que Gavin vivesse à base de açúcar e, ainda assim, tivesse dentes que qualquer dentista teria orgulho de dizer que havia tratado. Para ele, quanto mais doce, melhor. Nos últimos dois meses, Emily descobrira outras pequenas coisas sobre Gavin que o faziam ser quem era. E a pessoa pela qual ela continuava a se apaixonar. Duas vezes ao dia, sem falta, ele passava pelo menos trinta minutos, às vezes mais, no chuveiro, enchendo o banheiro de vapor quente, ouvindo Breaking Benjamin aos berros no som surround embutido nas paredes. Para a surpresa dela, mas sem dúvida para o seu prazer, Gavin tinha a maravilhosa

mania de dormir nu. Ela era uma menina de sorte que acordava todas as manhãs ao lado de nada menos que um macho alfa pelado, com um membro e duro como pedra.

Não que Gavin também não tivesse hábitos esquisitos. Emily achava que seu comportamento beirava o TOC e que ele precisava de um terapeuta. Tinha uma grave mania de limpeza. Merda, se ele encontrasse uma mísera migalha de um sanduíche, não levava nem meio segundo para pegar toalhas de papel e um produto de limpeza. Emily ria, confusa, pois Gavin tinha uma faxineira que vinha limpar a casa quatro vezes por semana. Era como se a cobertura precisasse estar brilhando antes de a mulher chegar para trabalhar.

Desnecessário dizer que Emily tentava livrá-lo dessa esquisitice e convencê-lo de que não havia problema em deixar roupa suja empilhada num canto. No entanto, ela costumava perder essa batalha. De qualquer forma, considerava cada uma de suas idiossincrasias encantadoramente fofas. Não conseguia deixar de amar as muitas camadas de Gavin.

Com um sorriso, ela deixou cair a bolsa e uma enorme pilha de correspondência sobre a bancada da cozinha. Gavin a seguiu e se atirou numa cadeira, observando Emily abrir a geladeira. Passando em revista a exuberante pilha de convites para bailes beneficentes locais, Gavin pegou seu primeiro exemplar de assinante da *Architectural Digest*.

– Tem uma carta aqui para você – informou-lhe Gavin, deslizando o envelope por cima da bancada de granito. Abrindo a revista, contemplou uma luxuosa *villa* italiana em Agropoli, empoleirada sobre o mar Tirreno. – Paguei o seu cartão. Se for esconder as suas faturas num esforço tenebroso de me dissuadir de pagar as suas contas, sugiro que você encontre um lugar mais inteligente do que a sua caixinha de joias. – Exibindo um sorrisinho cretino, ele deu de ombros displicentemente. – E tem uma surpresa para você no compartimento inferior. Agora eu também estou sendo furtivo.

Comprimindo os lábios, Emily ergueu as sobrancelhas em sinal de culpa, mas concordando que deveria encontrar um esconderijo

melhor. Pegou o envelope da bancada e beijou a têmpora do furtivo namorado.

– O que você comprou para mim?

Com os olhos grudados na revista, falou com um tom de voz tão suave quanto uma brisa de outono.

– Vou me abster de responder e deixar que você descubra sozinha. – Acenando com a cabeça na direção do quarto, ele sorriu, os olhos azul-bebê ainda grudados na revista. – Vai lá.

Com um suspiro e um sorriso, Emily partiu para o quarto. Enfiou o dedo debaixo da aba do envelope para abri-lo e acabou cortando o dedo. Chupou o machucado, tentando aliviar a dor. Enquanto a ardência diminuía, segurou o envelope com a mão boa e o virou. Seu coração quase parou quando reconheceu a caligrafia.

Apesar de não haver remetente, o garrancho de Dillon era inconfundível. Ela engoliu em seco e tirou o papel de dentro, desdobrando-o depressa. Com o coração saltando loucamente, deu de cara com a fotocópia de uma explicação dos benefícios do seu antigo plano de saúde. Tratava-se de um detalhamento da sua visita ao médico algumas semanas antes. Ficou confusa, pois se lembrava de ter dado à recepcionista o número novo do seguro e o novo endereço; não entendia como a papelada tinha ido parar nas mãos de Dillon. Com um marca-texto vermelho-sangue, ele circulara “Ultrassonografia fetal do primeiro trimestre”. No pé da página, escreveu:

Três meses antes do dia da consulta, você e eu estávamos... noivos e felizes. Acho que você tem alguma coisa para me dizer!!!! Se não me ligar no instante em que abrir isto, vou ligar para a porra de um advogado.

Passando a mão trêmula pelos cabelos, Emily deu meia-volta e retornou à cozinha devagar. Gavin insistira que não contassem a Dillon. Acreditava piamente que ele não merecia saber que Emily estava grávida até terem uma resposta definitiva sobre quem era o pai. Sem querer ir contra a decisão dele, embora tivesse as suas reservas sobre a omissão, Emily concordara, relutante.

As palavras ditas por Olivia na boate, havia algumas semanas, dispararam como sirenes na cabeça de Emily. Aquilo *realmente* podia ficar ruim para ela. Sem dúvida Dillon entraria na justiça se fosse o pai. O pensamento a fez gelar até os ossos; imagens de Dillon tentando tirar o filho dela cravaram adagas em seu coração.

Colocando o papel diante de Gavin, respirou fundo, esperando a sua reação. Observou sua expressão passar de ligeiramente confusa a impassível, e raivosa por fim. Os olhos se acenderam como carvões em brasa, a ira ardendo. Mais um arrepio percorreu o corpo de Emily enquanto ele se colocava de pé bruscamente, atirando a revista sobre a bancada.

– Como ele ficou sabendo?

– Eu não tenho ideia – sussurrou ela, ainda em estado de choque.

– Você tinha um plano de saúde com ele?

Emily assentiu.

– Quando eu me mudei para Nova York, ele pagou uma apólice particular porque não podia me acrescentar à que tinha pelo trabalho sem a gente ser casado. Ele sabia que eu não teria direito ao plano de imediato, assim que começasse a lecionar. Mas atualizei os dados com a recepcionista no dia em que a gente foi fazer o exame. Não entendo o que aconteceu. – Remexendo nervosamente no medalhão que Gavin lhe dera de Natal, Emily já respirava com sofreguidão. – Ele vai me processar e vai tentar tirar o bebê de mim por não ter contado nada. Preciso de um advogado. Eu não posso, eu não posso passar por uma coisa dessas.

Ela conteve um soluço, o corpo curvado para a frente. Apoiando o braço na bancada de granito frio, sentiu a mão de Gavin em sua nuca.

– Eu não permitiria que ele tirasse o bebê de você – afirmou Gavin, resolutamente. Tentando recuperar o fôlego, ela balançou a cabeça. – Emily, olhe para mim – ordenou ele, com um sussurro suave. Com o corpo trêmulo, ela se endireitou, os olhos marejados. – Se eu tiver que contratar todos os advogados desta porra de cidade, eu vou contratar. Eu nunca permitiria que ele a machucasse dessa maneira. Você está me entendendo?

Emily queria acreditar em Gavin, mas não conseguia. Seus pensamentos, cuidadosamente treinados, não permitiam. Dillon se fora, mas a sua influência não estava longe. Aquela seria a sua vingança. Meu Deus, aquilo seria mais do que vingança. Ela podia sentir. Tudo de manipulador e de horrível no qual ele havia se transformado certamente teria o seu momento no palco durante uma grandiosa batalha travada diante de um tribunal que poderia puni-la por esconder aquilo tudo. Ela sabia que, naquele momento, ele estava fervendo de raiva, esperando a ligação dela.

– Tenho que ligar para ele – afirmou ela, dirigindo-se ao escritório.

Gavin a segurou pelo cotovelo.

– A gente não vai ligar para ele, Emily.

Com os olhos arregalados, ela se desvencilhou.

– Se você pensa, nem que seja por um minuto, que vou seguir o joguinho dele, está enganado. Nosso glorioso plano de não deixar que ele soubesse acabou de sair pela culatra e eu não estou disposta a perder o meu direito à guarda.

Um mau pressentimento provocou um calafrio em Gavin e fodeu com a sua cabeça.

– Então você está partindo do pressuposto de que o filho é dele.

– Nada disso! – retrucou ela, com incontestável veemência.

Entrou no escritório e, tirando o fone do gancho, começou a discar o número de Dillon, mas a mão firme de Gavin o tirou do seu alcance.

– O que é que você está fazendo? – questionou ela, com um arquejo. – Eu vou ligar para ele.

Gavin roçou o polegar carinhosamente pelos lábios trêmulos dela; seu rosto era uma máscara de angústia.

– Emily Cooper, você vai se acalmar – disse com um tom suave.
– Adoro uma boa briga com você, boneca, fico cheio de tesão, mas nem a pau vou brigar com você por causa desse babaca outra vez.

– Mas...

– Sente-se.

Ela botou a mão na cintura.

– Você não pode me dizer o que fazer!

– Continue. – Com um sorriso perverso, Gavin cruzou os braços.
– Meu pau está ficando mais duro a cada berro que você dá.

E de fato estava. Pressionando a calça de moletom. Não havia como negar que aquilo o deixava morto de tesão.

Emily mordeu o lábio e se atirou na poltrona de couro à frente da escrivaninha. Inclinando a cabeça para o lado, estreitou os olhos.

– Não me surpreende que esteja ficando duro. Já faz algumas semanas que não transamos. Você não só tem me deixado louca de desejo como, pelo visto, tem feito o mesmo consigo mesmo.

Gavin riu, divertindo-se com a facilidade com a qual ela havia começado a fazer piada dele. É, ele estava transformando a sua garota na tigresa que sempre soube que ela era.

– Não estamos aqui para discutir sexo.

Emily revirou os olhos.

– Ou a falta dele.

Inclinando-se, Gavin apoiou as mãos nas laterais da poltrona, o nariz roçando o dela de leve.

– Agora que você já se acalmou um pouco, está pronta para conversar comigo?

Aquele timbre grave e sexy a fez se arrepiar. Maldito. Ela se sentia como uma colegial sendo repreendida por um professor, com quem só queria trepar. Respirando lentamente, fingiu desinteresse.

– Tudo bem. Vamos conversar.

– Obrigado – sussurrou Gavin, afastando-se.

Ele foi para trás da escrivaninha e se acomodou na cadeira. Unindo as pontas dos dedos debaixo do queixo, fitou Emily e buscou

palavras que pudessem expressar o que lhe passava pela cabeça.

– Primeiro: mulher que eu amo mais do que bombons de Dia dos Namorados, mulher pela qual eu daria a vida me jogando na frente de um trem-bala, você precisa compreender que as chances de ele tirar esse bebê de você vão de baixas a nulas. Ele a agrediu. A justiça tem isso registrado.

Emily fez menção de falar, mas Gavin ergueu um dedo para calá-la. Ela suspirou e ele foi em frente:

– Segundo: o que você disse antes... me incomodou. Eu ouvi a suposição na sua voz. Ninguém aqui é idiota. Sabemos que o número de vezes – Gavin se retraiu diante da ideia – que você transou com ele naquela semana nem se compara ao número de vezes que nós transamos. Mas estou contando com o fato de o meu esperma ser muito mais poderoso. O Dillon é um homem fraco, então ele tem um... exército fraco, por assim dizer. Isso me coloca no mesmo páreo do babaca. Para mim, tem um moleque de olhos azuis e cabelos pretos nessa barriga linda.

Gavin piscou para ela, curtindo o queixo caído da namorada.

– Terceiro: não, eu não posso lhe dizer o que fazer. Ele estendeu a mão em direção ao telefone. – Mas posso afirmar que, se você ligar para Dillon neste instante, ele vai bancar o covarde que sempre foi. Vai fazer exigências com as quais a gente talvez não concorde. Qualquer que seja a sua decisão, eu vou apoiar, porque você é um doce e eu a amo, mas não vou querer ouvir reclamações depois que o babaca nos confrontar com ideias delirantes.

Emily ficou de pé, deu a volta na escrivaninha e sentou-se no colo de Gavin. Ele sorriu, o olhar caloroso, enquanto ela se aconchegava em seu ombro. Desenhava círculos na camiseta preta e gasta do Linkin Park que ele usava.

– O senhor me daria permissão para falar, agora?

Ela sorriu, sentindo a vibração profunda de uma risada por seu peito.

O sol fazia brilhar o cabelo dela e Gavin ficou morrendo de vontade de tocá-lo. Cedendo à tentação, enterrou os dedos em suas mechas encaracoladas, acariciando-lhe a nuca.

– Por favor, se você acha que consegue, fale, por favor.

– Obrigada. – Ela se aconchegou ainda mais, deleitando-se com o toque. – Certo. Primeiro: alguns dias depois que o Dillon... bateu em mim... – Ela fez uma pausa, olhando para Gavin ao notar que seu corpo ficara rijo. Enroscou-se nele, levando os joelhos até o peito, enquanto ele enlaçava sua cintura. – Alguns dias depois, visitei um abrigo local para mulheres vítimas de violência. Foi a assistente da promotoria que sugeriu, então eu fui, tentando adquirir o máximo possível de insight de outras mulheres que passaram por experiências semelhantes. Várias estavam com os filhos. Não só elas temiam morrer como estavam arrasadas porque os tribunais as haviam desapontado. Não negaram a esses animais o direito de ver os filhos. Eles têm permissão para fazer visitas supervisionadas. Não importa a quantidade de dinheiro. Pode acreditar, havia mulheres diversas ali: ricas, pobres, jovens, velhas, negras, brancas etc. Algumas tinham os advogados mais bem-pagos da cidade. E não fazia diferença. Se a criança não estiver sofrendo maus-tratos, a maioria dos juizes, senão todos, concedem visitas supervisionadas.

Fazendo outra pausa, ela olhou nos olhos dele, a voz suave.

– É disso que eu tenho medo. Você é o homem mais poderoso que já conheci, em diversos sentidos. Mas, nesta situação, o seu dinheiro não é de grande valia.

Gavin fez menção de dizer alguma coisa, mas foi a vez dela de erguer o dedo para calá-lo. Ela se enganchou em seu colo, dando-lhe um beijo longo e apaixonado. Depois de um momento, quebrou a conexão, esperando remendar o pedacinho do coração dele que estava certa de ter partido.

– Segundo: sinto muito se você ouviu a suposição na minha voz. Permiti que o medo me dominasse. Mas agora sei que você está bastante certo de que o seu... exército pode vencer essa batalha e prometo que nunca mais vou pôr em dúvida essa questão. Para mim, há um moleque de olhos azuis e cabelos pretos na minha barriga, atualmente nada bonita. Menino ou menina, na minha cabeça já é um torcedor fanático dos Yankees.

Sorrindo, Gavin ergueu uma sobrelanceira em sinal de ceticismo.

– Sua barriga está perfeita, então pode acrescentar “nada bonita” à lista de coisas que eu não quero voltar a ouvir. E você vai me dar o direito de escolher o time?

– Eu lhe daria o mundo, se pudesse.

Mal sabia ela que já dera. Gavin beijou-a profundamente enquanto deslizava as mãos pela gloriosa curva de sua cintura. Acariciando a barriga linda e perfeita com os polegares, imaginou o minúsculo torcedor dos Yankees. O coração deu um salto dentro do peito, trazendo junto um anseio tão grande de que aquela criança fosse sua que achou que poderia sufocar.

Emily se afastou lentamente, os lábios avermelhados. Com um olhar suave, entortou a cabeça e sussurrou:

– Terceiro: sim, eu acho que a gente precisa ligar para o Dillon, Gavin. Agora que ele sabe, só vai complicar as coisas ainda mais se a gente não fizer isso. Não sei se estou preparada para as exigências loucas, mas prometo não reclamar depois.

Após um instante de hesitação, Gavin assentiu. Com as entranhas em chamas, estendeu a mão para o telefone.

Reposicionando-se no colo de Gavin, Emily engoliu em seco, olhando-o apertar o botão de viva-voz e, em seguida, digitar o número de Dillon. Alguns toques mais tarde, lá estava a voz que Emily imaginou nunca mais ter de voltar a ouvir.

– Ah, imaginei que receberia uma ligação hoje. – A arrogância ecoava pelo escritório como se ele estivesse presente. – Então, eu soube que nosso triozinho está grávido? Mas que teia emaranhada a gente...

– Que porra você quer, babaca? – rosnou Gavin, furioso.

O silêncio caiu sobre o escritório, tão pesado quanto um elefante sentado no peito de Emily.

– Deixe eu explicar uma coisa, Gavin – começou Dillon, o tom de escárnio ameaçadoramente grave e frio. – O jogo mudou, seu filho da puta. Você vai jogar pelas minhas regras agora. A primeira regra do jogo? Você e a *minha* linda ex estão prestes a entrar na porra do carro para me encontrar no Big Daddy’s Diner, na Park Avenue South, entre as ruas 19 e 20. Segunda regra: se você aprontar qualquer gracinha, eu ligo para a polícia e dou parte do

incidente de alguns meses atrás. Eu vou estar na lanchonete daqui a trinta minutos. Se não estiverem lá daqui a meia hora, pode dar adeus à sua liberdade.

Ele desligou e promessas mortais sussurraram na mente de Emily.

Respire...

* * *

– Lembre-se do que eu falei – disse Gavin, enlaçando a cintura de Emily com força.

Muito mais alto, ele a protegia com seu corpo dos gélidos ventos de fevereiro que uivavam pelas ruas da cidade.

– Você nem precisa falar com ele. Nem olhe para ele.

Estremecendo, Emily assentiu; os olhos já se acostumavam à vibrante placa de neon vermelha e amarela que ficava na frente da lanchonete. Gavin abriu a porta, instintivamente apertando Emily ainda mais enquanto examinava o local retrô, no estilo da década de 1960. Seus olhos passaram por vários reservados de vinil em tom pastel e se estreitaram ao avistarem Dillon, sozinho numa mesa de canto, nos fundos. O corpo de Gavin entrou de imediato em estado de alerta. Os batimentos se aceleraram, o sangue disparando pelo organismo. Lampejos da merda que ele havia feito com Emily vieram-lhe à mente com o mesmo frescor do dia em que ela lhe contara.

– Mesa para dois? – perguntou uma garçonete jovem que vestia jeans e camiseta com o logotipo da lanchonete, a voz animada combinando com o ambiente frenético.

– Não. Viemos encontrar uma pessoa, que já está sentada. – Gavin fez um gesto de cabeça em direção a Dillon. – Obrigado.

Radiante, ela se afastou, indo se sentar à bancada cromada.

Gavin tomou a mão de Emily e os dois foram em direção a Dillon.

– Lembre-se, não diga uma palavra. Deixe que eu cuido disso.

Sentiu o suor frio que revestia a pele dela e parou, olhando fundo em seus olhos nervosos. O coração de Gavin desacelerou, mas uma dor esmagadora o atingiu ao mesmo tempo. Ele baixou a cabeça e a beijou suavemente.

– Eu te amo.

Emily engoliu em seco, os nervos à flor da pele.

– Eu também te amo.

Contraíndo-se, Gavin xingava Dillon mentalmente de todos os nomes possíveis. Aproximou-se do reservado, os olhos cravados no babaca. Com um sorrisinho arrogante, ele estava encostado na parede, as pernas compridas descansando sobre o assento acolchoado. Gavin deslizou para dentro do reservado primeiro, certificando-se de que estaria bem à frente dele.

Dillon fitava as portas da frente, sem olhar para nenhum dos dois.

– Lugarzinho sensacional, não é mesmo? – A voz era de uma monotonia sinistra. – Não dá para negar que a criançada adora essas porcarias. Olha só esses logotipos de desenhos animados por todo lado. – Ele colocou os pés no chão de madeira e girou o corpo para ficar de frente para Gavin e Emily. – Todas essas caixas de cereais são *vintage*, sabia? A comida é uma das melhores da cidade. Talvez, quando o bebê crescer, a gente possa trazê-lo aqui para uma saída em família. O que você acha, Em?

Emily se sobressaltou quando Gavin esmurrou a mesa. Os talheres e os recipientes de condimentos chocalharam diante do impacto. Com o cotovelo apoiado na mesa e o dedo apontado para Dillon, ele tinha as veias do pescoço saltadas.

– Escute aqui, seu filho da puta – rosnou Gavin, os olhos brilhando com um veneno assassino. – Estou pouco me lixando para as suas regras. Vou rasgá-lo com os dentes se você se dirigir a ela outra vez.

Aparentemente impassível à ameaça de Gavin, Dillon deu um sorriso malicioso. O olhar jamais deixou Emily. Cruzando os braços, falou devagar, o tom quase um sussurro:

– Não, meu *amigo*. Todos nós vamos jogar de acordo com as minhas regras e eu vou dizer por quê. – Ele passou a encarar Gavin,

estreitando os olhos como um lobo faminto. – Eu descendo de uma longa linhagem de homens que serviram ao Departamento de Polícia de Nova York. Esses homens são muito próximos de nossos juízes locais. A sentença máxima por lesão corporal em terceiro grau é de sete anos. Posso tentar conseguir tentativa de homicídio também. Não sei quantas vezes você... *trepou* com a minha ex enquanto nós dois estávamos juntos, mas, considerando que existe uma pequena chance de você ser pai do bastardo, estou bastante certo de que você odiaria passar quase uma década, ou quem sabe mais tempo, da vida dele no interior do estado. Laranja não é a sua cor.

Um zumbido enfurecido de pânico perfurou os ouvidos de Emily. Com a boca entreaberta num arquejo silencioso e os olhos arregalados e cheios de lágrimas, ela encarou Gavin numa pilha de nervos. As sobrancelhas dele se franziram, aprofundando os sulcos já acentuados que lhe marcavam o rosto. Seus lábios se encrespavam como se ele sentisse o gosto de veneno na boca. Os olhos, sempre hipnotizantes e lindos, ganharam um tom de azul tão profundo, escuro e vingativo que ela jurou que ele estava possuído. Engoliu em seco, preparando-se para a sua fúria.

Gavin se levantou de um salto e agarrou a gola da camisa polo vermelha de Dillon, puxando-o de pé, os nós dos dedos brancos. Seus rostos agora estavam tão próximos como os de amantes prestes a compartilharem um beijo apaixonado.

– Não venha me fazer essas ameaças de merda, seu covarde – rosnou. – Eu mato você aqui mesmo nesta lanchonete.

Apoiando as palmas das mãos sobre a mesa, Dillon encarou Gavin, os olhos luzindo como fogo que se espalha pela mata. As palavras saíram como uma risada alta que mais parecia um latido.

– Ouviu, gente? – bradou ele, rindo. – Este homem disse que está prestes a me matar na frente de todos vocês. Quem vai querer assistir?

Arfante, Emily se virou depressa, contemplando o olhar dos curiosos. Todos concentrados no espetáculo. Uma mãe com os dois filhos ofegou, horrorizada e estupefata, perscrutando Emily.

Segundos antes de o gerente chegar à mesa deles, Emily segurou no cotovelo de Gavin, tentando controlar a situação.

– Gavin – disse ela, engasgando e piscando os olhos rapidamente com um pânico crescente. – Gavin, sente-se. O gerente está vindo.

– É, Gavin – falou Dillon, com a voz grave de escárnio, o rosto quase colado ao do rival. – Talvez você queira ter cuidado. É possível que ele já tenha ligado para a polícia. Quem sabe a sua estadia no interior do estado não comece esta noite?

– Com licença – interveio o gerente de meia-idade diante da mesa. Claramente pasmo com a cena, colocou as mãos na cintura, a voz firme. – Preciso pedir aos cavalheiros que se acalmem ou vou ter que expulsar os dois.

Com um olhar de pura fúria, Gavin soltou Dillon lentamente; seu corpo tremia, ansiando pelo sangue do outro. Respirou fundo e pigarreou.

– Nós somos atores. – Gavin fitou Dillon, o tom tão calmo que um tremor percorreu Emily. – Só estamos ensaiando uma cena. – Voltando a se sentar, Gavin olhou para o gerente. – Por favor, aceite o meu pedido de desculpas. O resto de nossa estada aqui será normal.

– Atores? – perguntou o gerente, cético.

– Isso. Atores – respondeu Gavin secamente, olhando Dillon se sentar outra vez.

O homem assentiu.

– Ok, *atores*, não deixem que volte a acontecer. Caso contrário, vocês dois terão que sair.

Ele se virou e se afastou.

– O que é que você quer? – perguntou Gavin com um olhar assassino, embora o tom de voz demonstrasse a mais agoniada compostura.

Dillon deu de ombros de forma displicente, um sorriso malévolo transbordando pela boca.

– Quero trânsito livre. Quero acesso a todas as consultas médicas. Também quero estar presente no nascimento. – Ele deslizou a mão pelos cabelos louro-escuros, penteados para trás

com gel, e encarou Emily. – Eu sempre quis saber como eram os gritos de uma mulher quando está sendo partida ao meio devido à dor de ter que empurrar outro ser humano de dentro dela. *Especialmente* das mulheres que merecem cada minuto dessa dor.

Gavin deu um pulo para a frente, mas Emily levou a mão ao peito dele. Voltado para Dillon, o rosto dela se contorceu de choque.

– Você só pode ter pirado de vez – sussurrou, enxugando uma lágrima que escorria pelo rosto. – Você não quer parte nenhuma deste bebê, seu filho da puta. Não é nem para você estar perto de mim.

Dillon se recostou na cadeira e cruzou os braços.

– Você tem certa razão, Em. Não, não é para eu estar perto de você. Mas não vamos nos esquecer do que o policial disse na escola. Mais uma vez, você foi uma garota perversa e desrespeitou as regras. – Ele balançou um dedo para ela, repreendendo-a. – Eu andei pesquisando. Numa situação como esta, você pode solicitar uma emenda à ordem de restrição, de forma que eu possa comparecer a todos esses alegres acontecimentos que estão por vir. E você também está correta quando diz que eu realmente não tenho o menor desejo de ter qualquer tipo de relacionamento com o merdinha. De qualquer forma, eu...

– Quanto? – indagou Gavin. A cada palavra que saía da boca do babaca, uma estadia no interior do estado lhe parecia mais e mais sedutora. – Quanto você quer para dar o fora, porra? Dar o fora e nunca mais incomodar a gente?

Dillon jogou a cabeça para trás, gargalhando.

– Sabe o que é, Gavin, eu não sou tão idiota quanto você talvez ache que eu seja. Jamais se esqueça disso. Eu sabia que você ia tentar comprar uma solução para esta situação. Conheço o seu tipinho de merda; os filhos da puta ricos que caminham sobre esta terra acham que podem comprar todo mundo à sua volta. Eu não preciso da porra do seu dinheiro. Eu tenho o meu. Não pense, nem por um segundo, que me fodeu tirando as suas contas de mim porque não fodeu. Ora, é claro que até mesmo o Trump seria louco de abrir mão de um dinheirinho a mais. Mas não existe quantia que

você possa me pagar que me proporcionaria a mesma satisfação que vou sentir em assistir a vocês dois se contorcerem sob a pressão de me terem por perto durante isso tudo. Já estou contente só de pensar. Um milhão ou dez milhões dos seus dólares imundos não poderiam comprar essa sensação. Se eu pudesse, mandava engarrafar. Estou batendo onde sei que vai doer mais em vocês dois, e não é na sua carteira. Sei que o pior é ficar sentadinho do lado de vocês, todo lindão, esta noite.

Gavin trincou os dentes e não soube o que fazer quando Dillon se levantou.

– Tenho que tirar água do joelho. Enquanto isso, acho que vocês dois têm umas coisinhas para conversar. Eu sou um cara legal, portanto vou revisar tudo antes de deixar os dois pombinhos a sós. Então, vejamos. – Franzindo a testa, Dillon cruzou os braços e coçou o queixo num arremedo de concentração. – Eu não só tenho o vídeo de segurança que mostra você me estrangulando em cima da minha mesa, como tenho testemunhas. Tenho uma multidão de testemunhas aqui, esta noite, que viu você me atacar. Além disso, um bando de parentes meus jogam golfe, bebem e fazem churrasco com juízes criminais do mais alto escalão do sistema judiciário de Manhattan. Que filho da mãe sortudo eu sou, não é mesmo? Então é bom vocês dois pensarem com muito cuidado sobre a sua decisão. Podemos tornar isso mais ou menos fácil ou superdifícil.

Dillon se virou e foi na direção dos banheiros.

Fechando os olhos com força, Emily deixou escapar um suspiro trêmulo e apoiou os cotovelos na mesa. Massageou as têmporas, tentando lutar contra uma dor de cabeça latejante, contra a sensação de que o crânio ia rachar. A tensão se alastrou por cada músculo do seu corpo.

– Nós vamos ter que deixar, Gavin. Eu vou até a procuradoria na segunda e faço qualquer mudança que tiver de fazer na ordem de restrição.

– Nem fodendo. Meu pai é advogado. Nós não vamos concordar com nada do que esse babaca quer até eu falar com ele.

Emily ergueu a cabeça, examinando cada detalhe do rosto de Gavin. Ele aparentava estar tão exausto quanto ela.

– Eu não vou esperar. – A voz dela saiu baixinha, mas firme. – Não posso correr o risco de que você seja jogado na cadeia. Você talvez seja pai deste bebê e eu preciso de você na vida dele. Por favor. Nós dois estamos exaustos disso tudo. Eu não aguento mais.

– Credo, Emily – sussurrou Gavin. – Ele quer estar na maldita sala de parto. Você tem ideia do que isso vai me custar? Vou ficar para morrer. Pense no que está dizendo. É ruim o bastante que eu tenha de ser razoável com ele e você quer que eu compartilhe o nascimento de um filho que pode ser meu com *ele*?

– Você não acha que isso vai me matar também? – questionou ela, tentando manter a voz baixa enquanto olhava nos olhos dele. – Meu coração para só de eu pensar nisso, mas a alternativa é você não estar lá. Como eu conseguiria passar pelo parto sem você? Esqueça o parto. Você pode passar anos na cadeia. – Com lágrimas escorrendo pelas faces, Emily acariciou os cabelos dele. – Você não pegaria este bebê nos braços minutos depois de ele entrar neste mundo perverso e lindo. Você não ouviria o primeiro choro nem a primeira palavra dele. Não veria os primeiros sorrisos nem os primeiros passos dele. Você perderia aniversários, recitais e primeiros dias de aula. Eu preciso que você pense no que está dizendo. E, mais do que qualquer coisa, preciso que pense em todas as primeiras coisas que nunca mais vai ter de volta.

Gavin ficou completamente vendido.

Seu coração se partiu; jurou poder ouvi-lo se quebrar. Não tinha como negar a verdade das palavras de Emily. Ele sabia que perder qualquer uma daquelas coisas o faria desejar a morte. Cada um dos motivos era um pedacinho de tudo pelo qual ansiava. Tudo pelo qual existia. Por outro lado, suas entranhas se reviravam quando ele pensava em ter que compartilhar qualquer um daqueles momentos com Dillon. A situação toda era, em si, venenosa, mas Dillon ainda acrescentaria arsênico. Naqueles segundos, enquanto Gavin observava Dillon emergir do banheiro, algo que o pai dissera anos antes passou por sua cabeça: “Filho, às vezes, ser homem significa saber quando deixar cair a espada que você vem

empunhando durante uma batalha. Se o motivo pelo qual você está lutando já estiver maculado, você precisa contabilizar as perdas e dar fim à dor sem sentido. Mesmo que você fique cabisbaixo na derrota, o resultado será favorável. Não se encontra a honra na vitória. Ela é encontrada no motivo maculado que precisou de você de início.”

Dillon era a batalha...

Emily já se encontrava maculada...

E, aqui e agora, precisava que Gavin aceitasse a derrota. Ele só rezava para que o resultado, de fato, fosse favorável. Aproximou-se ainda mais de Emily, os lábios a um sussurro de distância dos dela. Fechando os olhos, inalou o perfume de baunilha da sua pele.

– Preciso que você confie em mim neste momento, Emily. Preciso que acredite que eu nunca faria nada para prejudicar você ou o bebê. Consegue fazer isso por mim?

– Consigo – respondeu ela baixinho, e ele sentiu seu hálito morno.

– Ótimo. Preciso que, a partir deste exato instante, você não questione nada que eu fizer. Levante-se.

Emily assentiu, fitando Dillon quando ele se sentou. Ela ficou de pé e Gavin saiu do reservado, tomando-lhe a mão.

Ele encarou Dillon, que se mostrou confuso. Espalmando a mão sobre a mesa, Gavin se curvou, estreitando os olhos.

– Você pensa que ganhou, mas não é verdade, Dillon. Você não só tentou insultar a minha inteligência supondo que eu aceitaria as suas exigências psicóticas antes de buscar os conselhos de um advogado, como insultou a mulher que eu amo. Isso me deixou *realmente* puto... da... vida. Acha mesmo que eu sou o tipo de homem que deixaria você entrar na sala de parto para se deleitar em ver a Emily sentir dor? Errou de novo, cretino. Prefiro morrer na cadeia a ver você desfrutar de qualquer outro pingo de felicidade com a dor dela.

Soltando a mão de Emily, Gavin chegou ainda mais perto dele. Dillon recuou, encostando-se na parede.

– Enquanto você tirava água do joelho, eu liguei para a minha família. Eles estão dispostos a cuidar da Emily e do bebê durante o

tempo em que eu estiver ausente. E permita que eu lembre que o meu pai é advogado. Ele também passa os fins de semana jogando golfe, bebendo e fazendo churrasco com juízes criminais do mais alto escalão de Manhattan. Mas isso nem é o melhor que eu tenho reservado para você, Dillon. No meio de toda a confusão e caos dos últimos trinta minutos, a minha cabeça ficou... confusa. Quando isso acontece, às vezes eu esqueço das coisas. Acaba de me ocorrer que eu tenho informações a seu respeito que também podem virar o seu mundo de cabeça para baixo.

Dillon ergueu uma das sobrancelhas, curioso, os olhos estreitados como os de Gavin.

– Ah, sim, meu *amigo* – continuou Gavin. Um sorriso malicioso de quem diz “Agora eu peguei você, seu filho da puta” brotou lentamente em seus lábios. – Eu sei tudo sobre a sua grande sacada. Você vem produzindo uma quantidade absurda de contas em que os encargos são cobrados por transação, de maneira a ganhar mais dinheiro com as compras e vendas que faz para os seus clientes. Seu retorno sobre ativos é mais alto do que o de alguns dos traficantes mais poderosos da Colômbia. Não é à toa que você não precisa mais do meu fluxo de caixa. Eu me pergunto onde você anda colocando esse dinheiro todo. Você não vive como quem está no topo do mundo, logo estou certo de que está enterrado em algum lugar. Quando uma pessoa participa de atividades ilegais, é seguro supor que essa pessoa precise parecer... frugal em seus gastos.

– Vá se foder – sibilou Dillon. – Eu ganho dinheiro só para os meus clientes.

– Ceeerto – disse Gavin. – Essa vai ser a sua defesa quando a Comissão de Valores Mobiliários começar a vasculhar os seus arquivos? A investigação está a um telefonema de acontecer. – Gavin se sentou no reservado bem ao lado de Dillon, que se espremeu ainda mais contra a parede, se é que isso era possível, quase entrando na foto autografada de Magic Johnson. – Emily – disse Gavin, calmamente, encarando Dillon. – Vá pedir à hostess um papel e uma caneta para mim, meu doce.

– Ok – respondeu Emily, virando-se para fazer o que ele tinha pedido.

Com as narinas dilatadas e a respiração acelerada, Dillon pigarreou.

– O que é que você está fazendo, porra?

Gavin deu um sorrisinho cínico, apoiando o queixo na mão.

– Estou me livrando do veneno. Estamos prestes a chegar a uma... trégua, Dillon. Um meio-termo. Você vai assinar, com a sua melhor caligrafia, uma folha de papel declarando que não vai mais ferrar comigo nem com a Emily. Não sou idiota. Sei que pode entrar com uma petição para tentar ter acesso às consultas e ao parto. Eu me disponho a ser um cara bacana e permitir que você vá às consultas porque eu vou estar presente e porque estou mais do que certo de que você vai se comportar muito bem na frente da *minha* namorada. E esse é o meu limite.

Gavin fez uma pausa e prosseguiu:

– Você não vai estar presente durante o parto. Você não tem direito nenhum. Isso está reservado a ela e a mim, seja quem for o pai. Você também não vai me processar porque eu o enchi de porrada quando você não merecia menos do que uma morte lenta. Tente só me desafiar não assinando o papel e, na primeira hora da manhã, eu ligo para o meu advogado, um pitbull que vai arrancar cada pedacinho de você na Justiça, e para a Comissão. – O sorriso de Gavin se alargou. – Pode ser que a gente acabe junto na prisão, Dillon. E cor de laranja certamente cai melhor em mim do que em você.

Antes que Dillon tivesse a oportunidade de murmurar uma única palavra, Emily retornou com uma folha de papel em branco e uma caneta. Entregou os dois a Gavin, que se pôs a escrever tudo o que seria necessário para se proteger de Dillon. Tão logo terminou, deslizou o papel e a caneta em direção a Dillon. As covinhas de Gavin se aprofundaram com o sorriso radiante.

– Sua assinatura torna as coisas relativamente fáceis para todos nós. Sem ela, o meu telefonema de amanhã vai tornar as coisas bastante difíceis. Você não concorda?

Para Gavin, havia dois momentos na vida em que desejava parar o tempo. Segurar o ponteiro, impedindo que qualquer outro segundo se passasse. O mais importante fora a primeira vez que vira Emily. Depois, o instante atual, em que encarava o homem por quem nutria um ódio indescritível. Gavin observou Dillon baixar a cabeça, desalentado pela batalha perdida. Os ombros despencaram e o rosto não mostrava o menor sinal de triunfo. Após certa hesitação, Gavin assistiu a Dillon assinar. Levantando-se, pegou o papel. Dillon se colocou de pé subitamente e disparou porta afora.

Confusa, com os olhos mais parecendo dois pires de tão arregalados, Emily olhou para Gavin.

– O que foi que acabou de acontecer?

Gavin entrelaçou os dedos nos dela, conduzindo-a pela lanchonete.

– Eu acabei de salvar a gente do arsênico com um acordo.

Apertando a mão de Gavin com mais força, ela balançou a cabeça.

– Não entendi. Que história foi aquela sobre a CVM? Como você sabia que ele tinha feito alguma coisa de errado?

– Eu não sabia. Foi só um palpite – disse Gavin, abrindo a porta.

– Um palpite – repetiu Emily, a exasperação clara em sua voz.

Ao saírem para o ar frio, Gavin a puxou para seus braços.

– Bem, não foi só palpite.

Ela inclinou a cabeça para um lado.

– Será que dava para me esclarecer a situação, por favor?

Gavin riu.

– Ahn... Deixe-me ver. – Ele baixou a cabeça, pousando os lábios nos cabelos dela. – Durante o verão, o Trevor foi à minha casa e a gente jogou uma partida cruel de pôquer. Preciso acrescentar que ganhei dele. – Emily suspirou e Gavin sorriu. – Ele bebeu pra cacete e contou que o Dillon tinha comentado que estava pensando em se envolver com umas atividades ilegais relacionadas a anuidades. Eu estava bêbado, então não dei muita bola. Mas aí eu comecei a prestar mais atenção nos recursos que a Blake Industries tinha com ele. Nunca encontrei nada de errado com as

nossas contas, por isso deixei que ele continuasse a ganhar dinheiro para mim. Então, o que foi que eu fiz lá dentro? Um: arrisquei que, mesmo que o Trevor tivesse uma boa dose de Jägermeister correndo pelas veias, não estivesse inventando aquela porra. Dois: apostei que o seu ex teria ido em frente com o plano. Acho que a gente deu sorte.

– Também acho – disse Emily, olhando para ele. – Por que você não mencionou isso antes?

– Eu sinceramente não me lembrava do que o Trevor tinha falado até estar na metade do meu discursinho. Esperava que o fato de o meu pai ser advogado fizesse o imbecil voltar atrás sem eu ter que assassiná-lo na mesa.

– Você mataria alguém por mim? – perguntou ela, baixinho.

– Não existe nada que eu não faria por você, Emily.

Ela enlaçou o pescoço dele e ficou nas pontas dos pés para beijá-lo. A temperatura podia estar abaixo de zero, mas Emily sentiu o corpo arder enquanto a boca de Gavin cobria a sua como uma camada de mel. O calor dele a envolvia como um pesado cobertor de penas de ganso. Afastando-se lentamente, ela mordeu o lábio.

– Como a gente pode ter certeza de que ele não vai à polícia apesar de ter assinado aquele papel?

Gavin tomou a mão dela e a conduziu em direção ao carro. Abrindo a porta, gesticulou para que Emily entrasse, mas ela não obedeceu. Ficou encarando-o, os olhos nervosos aguardando uma resposta. Gavin levou a mão à sua face fria e balançou a cabeça.

– Não quero que você se preocupe com o que ele vai fazer.

Pedir uma coisa dessas a ela era o mesmo que pedir que não o amasse, que não respirasse. Emily estava morta de medo de que Dillon encontrasse furos em qualquer acordo. Mais ou menos ao mesmo tempo que o coração dela foi até a boca diante da possibilidade de Gavin ser mandado para a cadeia, sentiu algo pular na barriga. Foi um pequeno salto mortal que quase a fez cair na gargalhada. Ela colocou uma das mãos sobre a barriga levemente protuberante e sorriu com outro movimento.

– Meu Deus, Gavin – sussurrou Emily, colocando a mão dele sob a sua. – O bebê está se mexendo. Ele está se mexendo.

Gavin engoliu em seco, os olhos cravados no sorriso radiante de Emily. Sua mão tremeu, mas não foi de frio. Sentiu um medo súbito, ainda que uma explosão de animação corresse por seu sangue.

– Dá para sentir? – perguntou ela, pressionando ainda mais a mão dele. Emily riu, encostando-se no carro. – Dá?

Gavin balançou a cabeça.

– Não – sussurrou ele, sentindo-se completamente consumido pela inegável felicidade que dominava Emily.

Meu Deus, ela estava mais linda do que nunca. Seu coração ribombava e os dedos formigavam com o desejo de sentir o que ela havia sentido. Gavin percebeu que a decisão que tomara aquela noite fora a correta. Dillon queria engarrafar a satisfação que teria ao observar o desconforto dele e de Emily, mas, naquele momento, Gavin queria era engarrafar a sensação que tinha ao observar Emily.

Acrescentou um terceiro momento na sua vida em que desejou parar o tempo por completo.

Aceite apenas

– Eu ouvi direito? – Os olhos castanhos de Olivia se arregalaram, redondos como moedas. Ficou parada, segurando um punhado de batatas fritas, e inclinou a cabeça para o lado. – Ele vai a todas as consultas médicas com vocês?

Emily engoliu o hambúrguer e, depois de tomar um gole da garrafa d'água, assentiu.

– Ouviu, ouviu, sim. Por que é que você está tão chocada? Além do mais, você ainda acha que ele devia ter sabido desde o começo.

Olivia suspirou fundo e enfiou as batatas na boca.

– É. Eu acho mesmo que ele devia ter sabido – concordou ela, mastigando. – Mas eu nunca disse que o Dilleno do Pau Pequeno devia ir às suas consultas. E você sabe por que eu disse aquilo, então não vamos começar de novo. Eu te amo demais, amiga.

Emily revirou os olhos.

Fallon espetou o garfo numa folha de alface americana encharcada em molho *ranch*.

– Pelo menos o Gavin conseguiu mantê-lo longe da sala de parto. – Ela passou a língua no piercing do lábio. – Todo mundo sai ganhando. Ninguém vai preso. Nada de batalhas nos tribunais.

– É verdade – trinou Olivia, bebendo o resto de um milk-shake de baunilha. – Mas teria sido legal ver o Gavin ganhar moral.

– Ganhar moral? – repetiu Emily.

Olivia assentiu.

– Cadeia. Xadrez. Xilindró. Qualquer período de tempo passado na prisão faz a pessoa ganhar moral.

– Liv, por que o Gavin precisa ganhar moral?

Tentando conter um sorriso, Olivia ergueu uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

– Bem, ele já tem uma tatuagem deliciosa. Acrescentar tempo passado na cadeia ao histórico dele só o deixa mais gostoso. Eu estou dizendo, Em, depois que ele voltasse para casa, você ia ver só o sexo sensacional que ia ter com o rapaz. A cadeia transforma os homens em demônios.

– Até parece que eles já não são dois demônios. Para melhorar, eu me lembro de ter lido que as mulheres se transformam em bolas de hormônio ambulantes quando ficam grávidas. – Fallon fez cara de quem sabia do que estava falando ao olhar para Emily. – Aposto que você vem mantendo o Gavin ocupado nesse departamento.

Ui! Assunto delicado. Para evitar os olhares de Fallon e de Olivia, Emily pegou uma batata frita do prato e olhou ao redor, detendo-se no casal que afivelava uma criança de colo a uma cadeirinha. Frustrado pelo confinamento, o garotinho enérgico de cabelos louros guinchava e chutava a mesa. Uma risada do pai, um dedo severo da mãe e uma caixinha de suco depois, e a criança entrou num silencioso estado de beatitude.

Emily suspirou, limpou a boca e pegou a bolsa.

– Estamos prontas para ir?

Olivia estreitou os olhos, estudando Emily, a testa franzida. Emily se preparou para o comentário cretino que certamente estava por vir.

– Puta merda, Em. Você está negando sexo a ele, não está?

Lá estava. Mais uma revirada de olhos e outro suspiro.

– Não, Liv. Não estou. *Ela* é que está.

Irritada, Emily chamou a saltitante garçonete adolescente. Com um sorriso, a garota se aproximou, os cabelos castanhos presos em

duas tranças.

– Posso trazer mais alguma coisa para vocês, meninas?

– Não. A gente vai querer a conta, por favor – respondeu Emily, tirando a carteira da bolsa, já se levantando.

– Na verdade, eu queria um sundae duplo de chocolate – interveio Olivia, fitando Emily. – Com cobertura extra.

A garçonete rabiscou o pedido.

– Já volto.

– Ei, nem a pau, Em – protestou Olivia, dando um tapinha na cadeira. – Você não atira uma bomba dessas sem contar o que *não* está acontecendo na cama. – Olivia olhou para Fallon em busca de apoio. – Estou certa ou não estou?

Fallon assentiu, também dando um tapinha na cadeira.

– Completamente. Sente-se aqui e desembuche, Caipirinha.

– Vocês duas não prestam – sussurrou Emily, voltando a ocupar a cadeira. – O que é?

– O que é o quê? – repetiu Olivia, piscando, perplexa. – Como disse a Fallon... desembuche.

– Eu já contei tudo. Ele não transa comigo desde que a gente foi fazer a minha primeira ultrassonografia. – Desviando o olhar, ela deu de ombros, inflando o peito com uma respiração profunda e sexualmente frustrada. – Ele tem medo de me machucar e de machucar o bebê.

– Como assim? Ele tem uma espada no lugar do pênis? – perguntou Fallon. – A gente está no final de fevereiro e vocês dois não transam desde o começo de janeiro?

Com o queixo erguido, Olivia cruzou os braços, acentuando os seios que saltavam de dentro do suéter de caxemira rosa-choque.

– É sério? Você está falando sério?

Emily bufou.

– Não, eu estou mentindo. Me deu na telha inventar uma história ridícula hoje. – Ela soltou os cabelos do coque e os cachos se derramaram por suas costas. – Sim, estou falando sério. Ele anda... nervoso.

– Ele está sendo babaca – retrucou Olivia com veemência, aceitando o sundae das mãos da adolescente saltitante.

– Concordo. – Fallon enfiou a colher na sobremesa de Olivia. – Tem alguma coisa rolando aí. Acha que ele está traindo você? Quer dizer, eu li que uns caras ficam superesquisitos quando a mulher está grávida. Talvez ele esteja comendo alguém.

Emily arregalou os olhos. Olivia encarou Fallon.

– É a segunda vez que você menciona ter lido alguma coisa sobre gravidez. É bom que você e meu irmão não estejam com nenhuma ideia na cabeça.

– Eu gosto de me manter informada – respondeu Fallon, atacando outra bola de sorvete.

– E eu gostaria de responder à sua pergunta – disse Emily, insistente. – Não, não acho que ele esteja me traindo. – Na verdade, isso já tinha ocorrido a Emily. Maldita Fallon. Emily sacudiu a cabeça para se livrar da ideia com a mesma rapidez com a qual ela entrou. – Ele quer conversar com o médico na próxima consulta para ter todos os dados.

Fallon chupou a colher, as sobrancelhas erguidas.

– Você está tentando me dizer que Gavin Blake, magnata das finanças e um cara bastante esperto, não buscou informações na internet sobre isso?

– Ele não confia na internet – respondeu Emily com um suspiro. Empunhou a colher e mergulhou no que ainda restava do sundae. – Diz que as informações são conflitantes demais e que prefere conversar com o médico pessoalmente.

Fallon deu de ombros.

– Não estou convencida. Ou ele não sente tesão ou está encontrando alívio em outro lugar. – O queixo de Emily caiu. Fallon soltou uma gargalhada. – Estou brincando, Caipira. Mais ou menos. Mas, sério, fique de olhos abertos. Só parece... esquisito. Um homem inteligente como ele não pode simplesmente emburrecer. E se ele estivesse mesmo interessado, por que esperar? Por que não dar uma passada no consultório do seu médico e perguntar logo?

Emily fechou a boca e pensou no que Fallon dizia. Não havia parado para pensar por que Gavin não tentara ir atrás das informações por conta própria. A barriga dela ainda não parecia um balão, mas já beirava as dezesseis semanas. Emily não achava que

ele a estivesse traindo e se sentia insegura com relação ao corpo, então aceitava a suposição de que Gavin a achava brochante.

Olivia franziu a testa para Fallon.

– Você está tentando perturbá-la?

– Não. – Fallon limpou a boca e atirou o guardanapo amassado em cima da mesa. – É que nunca se sabe. Só isso.

Olivia balançou a cabeça e revirou os olhos.

– Não dê ouvidos a ela, Emily. O Gavin nunca, nem no seu pior dia, trairia você. Agora, eu acho que você tem de deixá-lo esperto. Talvez pegar uns folhetos no consultório para instruir o homem nas formas específicas de curtir uma atençãozinha individual durante a gravidez. Contanto que nada precise ser ligado na tomada, está valendo. Não é preciso que ninguém seja eletrocutado tentando dar umazinha.

Emily se levantou tentando chamar a atenção da garçonete outra vez. Depois de entregar o cartão de crédito para a menina, deixou escapar um suspiro.

– Muito bem, vocês duas. Não quero mais falar sobre isso. Ele vai conversar com o meu médico na próxima consulta. Fim de papo.

As duas mulheres assentiram e o assunto foi encerrado. Depois de pagar, elas se dirigiram à saída.

Fallon vestiu o casaco e deu um abraço em Emily.

– Eu tenho que me arrumar para trabalhar. Também te amo, fofa. Não ligue para mim: estou com TPM. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem – disse Fallon. Emily abriu um pequeno sorriso e a ajudou a envolver o pescoço com um cachecol. – Passe logo no restaurante. O Antonio está com saudades. Merda, todos nós estamos.

Emily aquiesceu, também sentindo saudades de todos. Tinha pedido demissão havia algumas semanas ao decidir que trabalhar em regime de meio expediente como professora de uma turma de primeiro ano já era mais do que o suficiente por ora.

– Eu vou, sim.

Depois de se despedir de Fallon, Emily e Olivia entraram num táxi e deram início a um dia de compras de roupas de grávida. Mais uma vez, a barriga ainda não tinha se transformado no balão

prestes a explodir que seria dali a alguns meses, mas as formas em expansão definitivamente exigiam novos trajes. Vinte minutos mais tarde, após uma das viagens mais assustadoras que já tinha feito pela cidade, graças a um motorista de cabeça quente, chegaram à Rosie Pope, uma sofisticada boutique para grávidas na Madison Avenue.

Olivia bateu a porta com força ao sair do táxi.

– Que cara psicótico! – Olivia mostrou o dedo do meio para o taxista que já saía cantando pneu em meio ao trânsito do meio-dia. – Meu Deus! Sério, deviam dar tranquilizantes para esses caras antes de começarem o trabalho. – Depois de prender os cabelos louros e fartos num coque desleixado, suspirou e abriu a porta para Emily. – Por que diabos você não veio de carro? Você tem aquele carro sensacional e novinho em folha que o Gavin deu, e mal sai com ele.

– Você mal sai com o seu. – Emily passou a boutique chique em revista, impressionada com a seleção de roupas. – Você está em Manhattan há muito mais tempo que eu e sabe como o trânsito é assustador. Não são só os motoristas de táxi. Todo mundo dirige que nem louco por aqui.

– Verdade. Eu me acostumei a pegar táxis ou o metrô. Mas eu poderia ter um orgasmo só de me sentar no seu carro. Eu não teria o menor pudor em dirigi-lo. Aquela máquina foi feita para velocidade e sexo. É tesão sobre rodas.

Emily soltou um suspiro, lembrando aquela gloriosa autoestrada da Califórnia. De fato, tinha sido feita para a... diversão.

Olivia tirou uma blusa vermelha de uma arara e a posicionou sobre o peito de Emily. Inclinando a cabeça de um lado para outro, examinou-a por um instante. Franziu o nariz em sinal de desgosto e pendurou-a de volta.

– Não é a sua cor. Ah, não estou nada feliz por você ter resolvido não dar um chá de bebê.

– Liv, não vou fazer isso de jeito nenhum. A situação não pede. Pare de falar no assunto.

Emily pegou três jeans, em tamanhos que iam do 36 ao 40, de uma pilha de calças bem dobradas.

Fitando a etiqueta de preço astronômico, quase as colocou de volta. Quando ia saindo para o trabalho naquela manhã, Gavin havia deixado o cartão de crédito e um bilhete em cima da bancada dizendo que queria que ela comprasse roupas naquela butikue em particular. Considerando que ele tinha gastado 30 mil dólares sem pestanejar num mobiliário de quarto de bebê formidável, em mogno entalhado à mão, trazido de avião da Itália, Emily não sabia ao certo por que estava chocada.

– Além de roupinhas e outras bobagens, a gente já tem tudo para o bebê. Não precisamos de um chá de bebê.

– Eu sei que vocês não *precisam* de um, mas é um rito de passagem. – Seguindo Emily até o provador, Olivia pegou umas blusas. – Se eu não tiver a oportunidade de ver você usando aquele chapeuzinho com fitas de presente, que graça terá a minha vida?

Emily riu e pegou as blusas das mãos de Olivia.

– Aqueles chapéus são horrendos. – Ela abriu a cortina e entrou no provador. – Você é malvada o bastante para querer me ver usando um troço daqueles.

– Não tenha dúvida de que sou. – Olivia tirou o batom vermelho-escuro da bolsa, passando-o nos lábios franzidos enquanto se mirava num espelho compacto. – Ora, vamos, Em, estou falando sério. Deixe-me organizar alguma coisa para você. Senão, vou ligar para a produção dos programas do Maury Povich e do Jerry Springer para me certificar de que você, Gavin e o Lorde das Trevas de Merda tenham os seus quinze minutos de fama, ao vivo, na TV.

Emily soltou uma gargalhada.

– Adoro os apelidos que você inventa para o Dillon. – Ela abriu a cortina e deixou o provador usando um jeans escuro para gestante e uma blusa preta com decote V que pendia ligeiramente do ombro. – Mas eu mato você se ligar para qualquer um desses... – A voz de Emily foi sumindo quando ela viu o próprio reflexo.

Com frequência, admirara a beleza de uma mulher que carregava um bebê na barriga. A maneira como a pele se expandia,

criando um templo para a vida que crescia, a impressionava. Mas, olhando-se no espelho, Emily não conseguiu encontrar o menor traço de beleza. Levou as mãos à barriga e a alisou em direção aos quadris que se alargavam. O fato de que ainda não chegara à metade da gravidez a fez se dar conta de que estava com metade do tamanho que teria no parto.

Pelo reflexo, Emily observou Olivia se aproximar por trás dela.

– Estou horrorosa – sussurrou Emily, completamente convencida de que esse era o motivo pelo qual Gavin a vinha privando de sexo. – Na hora de dar à luz, vou estar gorda como o Garfield.

Olivia pousou a mão no ombro de Emily.

– Você está linda, amiga. Se o Garfield fosse bonito como você, comeria muitas lasanhas para comemorar.

Emily abriu um pequeno sorriso.

– Você sabe que não teve graça, né?

Olivia deu de ombros.

– É. Eu costumo ser melhor do que isso.

O sorriso de Emily sumiu enquanto ela se olhava. Lembrou-se de uma conversa que tivera com a mãe antes de ela descobrir que estava doente, numa manhã quente de junho, na cozinha de uma casa envolta em lembranças tristes e doces. De férias da escola, Emily estava tomando café da manhã. Foi como se a mãe soubesse que algo de ruim ia acontecer. Ela começou a falar do relacionamento com a própria mãe, que falecera alguns meses antes, e Emily sentiu uma pontada no coração. Após alguns risos leves e muitas lágrimas, ela olhou para Emily, o olhar distante, e falou que, se algum dia não estivesse mais presente fisicamente, ainda assim estaria presente – a intuição materna lhe dizia que não havia muito mais tempo.

Emily não imaginou que aquela conversa faria tanto sentido quase um ano depois. E temia o impacto daquilo tudo. Estava prestes a ter o primeiro filho e, muito embora a mãe talvez estivesse assistindo, não estaria presente em carne e osso. A guardiã de todas as suas lembranças de infância, boas ou ruins, não veria o bebê de Emily. Não encheria o neto com o amor que só uma

avó consegue dar. Não estaria presente para segurar a mão de Emily e para acompanhá-la ao longo do caminho materno. Com uma lágrima rolando pelo rosto, Emily passou as mãos pelos cabelos. Olhou outra vez para o espelho, para a mãe que estava prestes a se tornar.

Sua estrada, apesar das camadas de felicidade, também era calçada por uma saudade que apenas a mãe poderia preencher.



Um granizo pesado martelava a janela do quarto como se fossem milhares de dedos tamborilando, despertando Emily de um sono profundo. Ela abriu os olhos, estreitando-os, e deu com Gavin coçando a barriga nua, umedecendo os lábios, de olhos fechados. Ela tentou desesperadamente recuperar o fôlego. Uma ânsia insistente se intensificou em meio a suas pernas, o corpo reagindo a ele da única maneira que sabia. Precisava dele.

Precisava tocá-lo, saboreá-lo, senti-lo. Dentro dela. Por cima dela. Por baixo dela. Independentemente de qualquer coisa, ela o queria e não aguentava mais esperar. O ar, perfumado com a sua colônia, entranhou-se em todos os seus sentidos. Emily se contraiu; a respiração suave de Gavin, sua cadência grave e vibrante aumentava-lhe o desejo. Ela tentou, em vão, se deter, mas quando ele se virou, o edredom escorregou do corpo, expondo aquele glorioso osso do quadril. Estava ferrada. A voracidade explodiu em sua barriga.

Emily mordeu o lábio, sentou-se e despiu a camisola e a calcinha de seda preta. Aproximou-se como uma mariposa atraída pela chama. Com dedos cuidadosos, deslizou o edredom para longe do corpo nu. Ele se mexeu um pouco, dando um gemido profundo, mas não acordou. Emily engoliu em seco, a ânsia por cada centímetro daquelas carnes duras de pele dourada preenchendo-a com um desespero próximo ao de uma louca. A pulsação e a respiração se aceleraram enquanto ela deslizava pela cama.

De joelhos à frente dos pés dele, abriu as suas pernas e se preparou para o ataque. Envolvendo o pau quase duro, levou a boca ávida até ele. Ouviu-o gemer e o esforço do corpo musculoso para se sentar só serviu de combustível para o desejo. Tentou satisfazer a sede que sentia por ele, chupando com mais força, lambendo cada centímetro do pau coberto de veias, da raiz à cabeça. Meu Deus, que delícia o sabor dele. O sabor salgado daquela seda líquida combinada ao sabor da pele faziam a cabeça de Emily subir e descer reverentemente, a mão seguindo os mesmos movimentos a cada vez que ela o enfiava na boca.

Então, Gavin acordou.

Ele arrastou o corpo em direção à cabeceira, mas isso não deteve Emily. Ela foi em frente sem largá-lo.

– Emily... – disse ele, ofegante, a voz entrecortada. – Que diabos você está fazendo?

Com as pupilas dilatadas de tesão, ela ergueu a vista enquanto chupava o pau, agora duro como pedra.

– O que acha que eu estou fazendo, Sr. Blake?

Emily mergulhou outra vez e sentiu o membro bater no fundo da sua garganta. Mais um gemido, profundo e delicioso, saiu rasgando do peito de Gavin, que agarrou os cabelos dela. Aquilo a fez se sentir entorpecida. Zonza. Deslizou a boca pela ereção pulsante, as unhas enterradas nos quadris dele. Os músculos de Gavin se tensionaram e ela adorou a sensação. Ah, sim, agora o tinha sob domínio. Ele penetrou mais fundo entre os lábios dela, segurando os seus cabelos com força enquanto a guiava para cima e para baixo, para baixo e para cima, deixando que ela o levasse ao limite.

Cada um dos sentidos de Gavin foi devorado por aquela boca faminta.

– Caralho – rosnou ele. – Você adora o meu sabor, não é?

Sim. Adorava.

O sabor acre que ele expeliu, misturado com certa doçura, a entorpeceu.

– Mmm – gemeu ela, a língua deslizando por uma gota espessa de sêmen.

Emily passou a mão pela barriga nua de Gavin, deixando marcas de unha vermelhas e profundas, ainda circulando o pênis com a língua. Um gemido inebriante se arrastou pela garganta dela quando ele beliscou um dos seus mamilos endurecidos, acariciando-o lentamente entre o polegar e o indicador. Com uma das mãos ainda enterrada em seus cabelos, começou a se mexer mais rápido.

Gavin estava prestes a explodir. Engoliu em seco com dificuldade quando Emily o chupou com mais força ainda. Ele a agarrou pelos ombros, puxando-a para cima do peito. Numa fração de segundo, colocou-a de barriga para cima, deitada por baixo dele.

Sem fôlego, Emily atirou os quadris para cima, a necessidade alucinante de tê-lo dentro dela quase levando-a à loucura. Agarrou-o pelos ombros, a boceta apertada, ardendo de tesão. Ele se deteve acima dela, apoiado nos cotovelos. Com respirações profundas e irregulares, ele a observou como se não soubesse ao certo o que fazer.

– Você vai me foder agora e eu vou amar cada segundo, Gavin. Você vai me foder e não vai machucar o bebê. Se você não me foder neste instante, eu é que vou machucar você.

Maldita. Ele ficou mais duro ainda. Ela ferrava com a cabeça dele em diversos níveis. O desejo disparou por suas veias como nunca na vida, fazendo-o reavaliar o simples fato de estar vivo. Apesar de atordoado pela franqueza dela, não pôde evitar o sorriso que se esgueirava por sua boca.

– Você me quer tanto assim?

– Quero – gemeu ela, respirando com dificuldade.

– Mas quanto?

Ele roçou o queixo no seio dela. Meu Deus, que saudade estava de senti-lo. Que saudade estava de senti-la. Fez um círculo com a língua por cima da protuberância do mamilo.

– Eu quero que me fale, com o máximo de detalhes, quanto você quer, de verdade.

Emily inspirou de forma instável.

– Já não basta você não me achar atraente? Agora ainda quer que eu descreva quanto desejo você? – Ela desviou o olhar. – Está querendo me torturar, Gavin?

Os olhos de Gavin se arregalaram, o coração esmagado no peito. É claro que sabia que ela havia ficado frustrada no decorrer das últimas semanas, mas jamais imaginara que aquilo a afetaria tão profundamente. Sabia que precisava consertar a situação.

– Olhe para mim, amor – sussurrou.

Emily obedeceu com os olhos cheios de lágrimas e o coração de Gavin se apertou ainda mais. Segurando a coxa dela, enganchou-a ao redor da cintura e roçou os lábios no queixo dela. A respiração arquejante de Emily o fez derreter.

– Eu achava seu corpo lindo antes de você engravidar – disse ele, a voz grave de encontro aos lábios trêmulos dela. – Só que, agora, ele se transformou num requinte. Na verdadeira... perfeição.

Carinhosamente, ele pegou a outra coxa, repetindo o movimento de passá-la ao redor da cintura. Sentiu as pernas dela estremecerem em antecipação. Gavin a fitou por um instante antes de se abaixar para penetrá-la. Quente, escorregadia e se fechando em torno dele com uma fúria enlouquecida, sua boceta era deliciosa. Conteve um gemido, deleitando-se com o arquejo suave de Emily.

Uma onda passageira de medo o percorreu quando a penetrou um pouco mais profundamente, mas ele o afastou. Gavin lhe deu um beijo de língua, saboreando aquela doçura, e segurou-lhe a nuca e a graciosa curva do quadril.

– Preciso dizer quanto tenho morrido de desejo por você? – Ele grunhiu, passando a língua pela pele delicada do pescoço dela. – Preciso de você mais do que da próxima batida do coração.

Correntes de êxtase se irradiaram pelos membros de Emily enquanto se contorcia por baixo dele. A voz, o timbre de um homem que pedia perdão retumbou grave em seu ouvido. Seus bíceps se flexionavam a cada estocada lenta e calculada que dava. Ela se derretia, descongelando sob seu calor. Arrastando as unhas pelos músculos das costas dele, Emily não conseguia respirar, presa entre os lábios quentes de Gavin e suas palavras de sedução. O desejo dele fazia-se evidente em cada carinho seu, em cada investida de sua língua. Com as costas arqueadas, ela mexia os

quadris mais e mais rápido, mas de repente ele parou por completo.

– Gavin, não pare – implorou ela, as coxas apertando a cintura dele com vigor. – Por favor.

– Não – replicou ele com um sussurro estrangulado. Afastou os cabelos úmidos do rosto de Emily e passou a língua sobre a dela. – Não vou foder você esta noite, Emily Cooper. Pode me matar se quiser, mas vou possuí-la lentamente, até você não aguentar mais. Meus dedos vão tracejar cada linda linha oculta do seu corpo. Meus lábios vão acariciar, nutrir e alimentar cada centímetro insaciável do seu ser. Pode ser?

– Pode – gemeu ela.

Gavin tomou a sua boca, engolindo cada gemido que se seguiu enquanto explorava as profundezas macias do calor molhado e delicioso que era só dela. Ele a encheu do mais puro, mais doce e mais belo amor que Emily já havia experimentado. As pulsações lentas e agoniantes dele e os beijos profundos e apaixonados superaram qualquer coisa que ela já tivesse sentido, saboreado ou conhecido. Alimentando o corpo de Emily com o que ansiava, Gavin tirou de vez da cabeça dela a ideia de que não a queria.

Jogou fora todas as inseguranças...

Desvendou todas as dúvidas...

E a levou embora nos ventos rodopiantes de seu amor inegável, inquestionável...

Defeitos

Emily mordeu o lábio, nervosa, e folheou uma revista sobre gravidez com certa agressividade. Tentando ignorar Dillon, que a fitava insistentemente do outro lado do consultório, cruzou as pernas e consultou o relógio: 16h15. Gavin estava quinze minutos atrasado. Ansiosa, sacou o telefone da bolsa na esperança de que houvesse ao menos um recado. Nada. Nem uma mensagem, nem uma ligação perdida. Ela o atirou no colo, perguntando-se onde ele estaria.

– É meio esquisito que o seu *amado* namorado ainda não tenha dado as caras. – Dillon riu. – Será que ele vai se atrasar para o parto? Me ligue se precisar de um substituto.

Emily virou a página e varreu com os olhos um artigo que dizia que suco de beterraba ajudava a prevenir defeitos nos tubos neurais do feto em desenvolvimento. Registrou a informação e verificou outra vez o relógio. Estava começando a ficar preocupada. Gavin costumava telefonar quando se atrasava. Foi tomada pelo medo. Então, a lourinha da consulta anterior chamou o nome de Emily. Depois de colocar a revista sobre a mesa ao seu lado, mandou uma mensagem de texto para Gavin. Enfiou o telefone na bolsa, ficou de pé e partiu em direção à porta que levava aos consultórios, no fundo. Notou que Dillon também tinha se

levantado, seguindo em seu encalço. Ela se virou subitamente e um arrepio percorreu-lhe a espinha.

– O que é que você está fazendo?

Ele estreitou os olhos.

– O que acha? Vou ver se a gente vai ter um menino ou uma menina.

Emily piscou, retraindo-se diante daquelas palavras.

– Você não vai entrar nesse consultório comigo até o Gavin chegar.

Com um sorriso zombeteiro, Dillon tirou um pedaço de papel do bolso de trás e entregou-o a Emily.

– Isto é uma cópia da emenda daquela ordem de restrição da qual você cuidou. Nada aí diz que eu preciso ficar esperando até o bonito chegar. – Ele o arrancou das mãos de Emily. – Pelo visto, você se esqueceu de acrescentar uma coisinha. – Ele o enfiou outra vez no bolso e ficou segurando a porta. – Primeiro as damas.

Emily fechou os olhos, arrependida. Com a mente em frangalhos, ela nem havia pensado em acrescentar essa cláusula à ordem. Gavin passara diversas semanas extremamente ansioso e devia estar estressado demais para notar o erro dela. Com um suspiro e uma prece para que Gavin chegasse logo, seguiu a recepcionista até um consultório vazio.

O desprazer da lourinha com Emily era evidente enquanto arrumava os artigos necessários para a consulta. Assim que Emily e Gavin descobriram que o erro do seguro fora culpa dela, Gavin ligara para o consultório a fim de dar voz ao seu desagrado. Depois de quase envolver os advogados na história, Gavin quis que Emily trocasse de consultório, mas, como o médico já estava a par da canhestra situação, Emily achou melhor deixar para lá. Ficou mais do que satisfeita com o fato de a lourinha ter sido repreendida.

– Você já conhece o esquema. Abaixei as calças até o osso púbico. – A lourinha ligou o aparelho de ultrassonografia, apagou as luzes e foi até a porta. – O Dr. Richards está terminando com outra paciente e já vem. Nesse meio-tempo, você não pode ir ao banheiro – avisou ela e saiu.

Emily se sentou na beirada da mesa de costas para Dillon. Com as mãos trêmulas, baixou um pouquinho a calça. Olhou para a porta, querendo que Gavin a abrisse naquele momento. Na sala silenciosa, o barulho da respiração de Dillon parecia um tornado. Decidida a esperar pelo médico ou por Gavin, ela se deteve.

– Você deixou que eu te comesse por mais de um ano. Agora não é hora de começar a ficar com vergonha. – Só pelo tom de voz venenoso de Dillon, dava para imaginar que ele estava sorrindo. – Não se preocupe: eu nunca sentiria tesão por você nesse seu formato atual.

– Você é um babaca – murmurou ela, o coração batendo descompassado.

Ele riu.

– E você é a vagabunda que colocou todo mundo nesta situação. O que é pior, Emily? Uma vagabunda que trepa com o amigo do namorado ou um babaca que a está fazendo pagar por isso?

Nesse instante, a porta se escancarou. Gavin e o médico entraram, vindos do corredor. Atravessando a sala rapidamente, Gavin chegou ao lado dela em um segundo, o rosto contorcido de preocupação.

– Sinto muito – sussurrou enquanto Emily lhe enlaçava o pescoço.

– O que foi que aconteceu? – Ela inalou o perfume de Gavin, automaticamente tranquilizada por sua presença. Olhou em seus olhos, tentando conter as lágrimas. – Eu mandei uma mensagem. Você não ligou de volta.

– Deixei o celular no escritório e só fui reparar quando estava no meio do caminho. Fiquei preso no trânsito. Foi um caos. – Ele encarou Emily, notando que sua preocupação não se resumia apenas a sua ausência. Havia algo mais ali. O estômago dele se revirou de raiva. Olhou de relance para Dillon, então voltou a fitar Emily. – Está tudo bem?

Emily o sentiu congelar como se tivesse sido subitamente envolto em gelo. Ela engoliu em seco, com um nó na garganta. Fez que sim, sem querer contar o que acontecera. Gavin já estava

irritado. Se soubesse que Dillon a olhara, mesmo que só com um pingo de maldade, não tinha dúvida de que haveria um derramamento de sangue naquele consultório.

– Nada aconteceu? – perguntou ele com mais insistência, olhando dela para Dillon. De uma cadeira do outro lado da sala, o rival os observava.

Emily assentiu mais uma vez e se esticou para beijá-lo. Gavin suspirou enquanto os lábios dela encontravam os seus. Tentou lutar contra a sensação de que ela estava escondendo alguma coisa. Um instante depois, ele a ajudou a subir na mesa e acariciou sua barriga. Emily o olhou e sorriu. Com o corpo novamente aquecido, Gavin puxou uma cadeira e se sentou ao seu lado. Segurando a mão de Emily, encarou Dillon. Começava a achar que iria se arrepender para sempre de permitir que ele estivesse presente. Merda. Esse filho podia ser seu e o babaca não tinha o menor direito de estar presente durante um momento tão alegre.

– Então, como tem se sentido, Srta. Cooper? – perguntou o médico, passando o prontuário dela em revista. Ele colocou a prancheta sobre a mesa e caminhou até a pia. – Vejo que ainda está tendo um pouco de náusea.

– Estou. Mas agora é só à noite.

– Experimente uma xícara de chá de camomila ou de gengibre – aconselhou ele, lavando as mãos. Depois de secá-las, atravessou o consultório, calçou um par de luvas e pegou o gel. – Minha esposa ficou viciada em bolachas de sal enquanto estava grávida dos nossos três meninos.

– Três meninos? – Dillon se inclinou para a frente, os braços apoiados nos joelhos, e abriu um minúsculo sorriso enviesado. – Espero que a gente tenha um menino.

A tensão se abateu sobre o aposento como uma bomba atômica. Sentindo a mão de Gavin apertar a sua, Emily o encarou. Ele fitava Dillon com a boca apertada numa linha rígida. Prendeu a respiração ao ver os olhos do namorado queimarem como brasas incandescentes. Emily deu um aperto na mão dele, tentando em vão atrair sua atenção. Gavin parecia estar pronto para saltar por cima da mesa, o corpo se eriçando numa ira perceptível.

– Eu te amo – sussurrou ela.

Isso interrompeu o transe dele. Fervilhando de ódio, Gavin arrastou os olhos de Dillon e se concentrou no motivo pelo qual estava ali. Ele podia fazer aquilo. Ia fazer aquilo. Só esperava, por Deus, sobreviver sem matá-lo.

O médico pigarreou.

– Bem, você está com um pouco menos do que vinte semanas. Se tivermos alguma cooperação do pequenininho, saberemos o sexo em alguns minutos.

O desconforto do momento desapareceu quando Gavin acariciou os seus cabelos. Emily se concentrou no monitor. Rezando para que metade do coração que batia como uma doce melodia pertencesse ao homem que se encontrava ao seu lado, Emily respirou fundo enquanto o médico passava o aparelho por seu abdômen.

Depois de alguns compassos e pulsações de luz, o médico riu.

– Olhem só para isto. – Ele apontou para a tela, apertando o lado direito da barriga de Emily com um pouco mais de força. – Ainda não estou certo do sexo, mas este daí é o bebê, com os dedos na boca.

Emily estreitou os olhos, tentando discernir a bolota que enchia a tela e, então, enxergou. Dedinhos minúsculos e delicados entravam e saíam de uma pequenina boca ao sabor da maré de líquido na qual ele flutuava. Com os olhos marejados, Emily se virou para Gavin, que estava tão reverente quanto ela.

O médico diminuiu a pressão do aparelho sobre a barriga de Emily.

– Se o bebê abrir as pernas só mais um pouquinho, a gente consegue saber se vai precisar de roupinhas rosa ou azuis. – Depois de deslizar o aparelho por um tempo e pressioná-lo bem, o médico abriu um sorriso afetuoso. – Meus parabéns, Srta. Cooper: você vai ter um menino.

Emily deixou escapar um grito sufocado, as lágrimas escorrendo pelas faces, e sorriu para Gavin, que engoliu em seco, com os olhos marejados, enquanto fitava a tela. Ele dissera que, contanto que o bebê fosse saudável, não se importava se seria

menino ou menina. É claro que ela sabia que isso era verdade, mas, no dia em que entrara no quartinho de bebê quase vazio e notara uma luva e uma bola de beisebol dos Yankees autografadas sobre a cômoda, soubera que Gavin queria um menininho.

Ele puxou a cadeira para mais perto, olhando nos olhos de Emily. Passou a mão pelos cabelos dela e encarou o médico.

– Um menino? O senhor tem certeza?

– Aquela partezinha bem ali me diz que sim. – Empurrando os óculos nariz acima, o Dr. Richards apontou para a tela, abrindo um sorriso largo. – Dizem para a gente não fazer isso, mas, considerando que eu já vi milhares desses no decorrer dos últimos trinta anos, diria que você pode sair e comprar charutos azuis para comemorar. – O médico pigarreou e olhou para Dillon. Com um sorriso composto, mas tenso, acrescentou com um tom que traía seu constrangimento: – Vá em frente e faça o mesmo.

Dillon ajeitou a gravata e se levantou. Os olhos castanhos brilhantes espelhavam o falso sorriso.

– É o que pretendo fazer. Minha família vai ficar muito contente em saber que é um menino.

Gavin sentiu cada pelinho da nuca se eriçar. Ele se levantou da cadeira, preparando-se para quebrar cada osso do rosto de Dillon, mas Emily agarrou o seu braço e o puxou de volta para o seu lado.

Depois de limpar o gel da barriga, Emily se sentou e umedeceu os lábios, que haviam ficado ressecados.

– Terminamos, não é mesmo? – Ela expirou, trêmula, apesar da compostura que tentava demonstrar. – Posso ir ao banheiro agora?

O médico assentiu e, com a ajuda de Gavin, Emily saiu da mesa. Olhando nos olhos dele, ergueu a mão até a sua nuca e o puxou para um longo beijo.

– Eu te amo, Gavin Blake. Obrigada por não fazer o que eu sei que você estava doido para ter feito. Você não para de me impressionar. Eu me apaixono cada vez mais por você. Meu coração, minha alma, minha vida e meu corpo... tudo isso pertence a você.

Meu Deus. Gavin nunca havia imaginado que palavras tão simples podiam fazer com que *não* se transformar num lunático valesse cada segundo. Mas aquelas simples palavras não tinham sido ditas por uma simples mulher. Eram um agradecimento do seu anjo. Sim, ela possuía uma forma de fazer cada luta que eles haviam travado valer a pena. Com um olhar de adoração, observou-a desaparecer banheiro adentro.

– Doutor, enquanto a Emily se ajeita, eu gostaria de conversar com o senhor em particular.

– Sem problema. – O médico desligou o ultrassom e acendeu as luzes. – Podemos conversar no corredor.

– De jeito nenhum, Blake. – Exalando arrogância, Dillon deu um passo à frente, estreitando os olhos. – Esse bebê é assunto meu tanto quanto seu. Nada de coisinhas em particular.

Cruzando os braços, Gavin pôs a mão no queixo. Inclinou a cabeça para o lado e, lentamente, abriu um sorriso.

– Você está certo, Dillon. Foi mal. – *Então, vamos nessa.* Ele estava prestes a foder com a cabeça de Dillon. Relaxando numa cadeira, continuou: – Doutor, a minha namorada é uma verdadeira gata. A mulher dá um novo sentido à palavra “linda”, não é mesmo?

O médico pigarreou, parecendo um pouco confuso.

– Sim, Gavin, ela é uma mulher muito bonita.

Um sorriso reverente explodiu no rosto de Gavin enquanto ele desviava a atenção para Dillon, que se mostrou igualmente confuso. Com os olhos cravados nos de Dillon, Gavin ergueu uma das sobancelhas.

– É, ela é, sim. Bem, como eu e Emily tínhamos uma vida sexual extremamente ativa e selvagem, com pelo menos quatro atos ao dia, queria saber se isso deveria mudar, agora que ela está grávida. Minha preocupação é se isso pode machucá-la ou machucar o bebê.

Gavin viu Dillon cerrar os dentes e se perguntou por que o filho da puta continuava no consultório. Imaginou que a curiosidade o mantinha no lugar.

– De forma alguma – respondeu o médico, atirando-se sobre um banco giratório. – Sexo é completamente saudável e encorajado

para os dois parceiros. O bebê fica protegido, bem fundo no útero. Não existe a menor possibilidade de você machucá-lo.

Gavin observou Dillon empalidecer. No entanto, o imbecil continuou grudado no chão, como se colado com Super Bonder, completamente imóvel. Gavin aproveitou a oportunidade para entrar nos pormenores.

Agora que ele estava fisgado, Gavin ia puxar a linha...

– Que ótimo saber – continuou Gavin, ainda encarando Dillon.
– Mas tenho que ser sincero: eu sou muito bem-dotado. A Emily disse que eu sou o maior... *homem* que ela já teve. Gostamos de fazer amor, mas, normalmente, somos bastante enérgicos. Gostamos da coisa bastante... *rústica*. Amamos todas as posições que existem. Até mesmo inventamos algumas que, com certeza, ninguém jamais imaginou. Somos bons nisso. Então, doutor, o que o senhor acha, considerando o que eu lhe disse? Basicamente, o que estou perguntando é se... a gente pode *trepar* como sempre? Porque, se for assim, eu vou levar a minha namorada para casa agora e dar o que ela quer.

Prontinho. O peixe era todo seu.

Quando o médico se preparou para responder, Dillon deixou o consultório. Gavin riu, orgulhoso de ter acertado o alvo em cheio.

– Espere, Dillon, você não quer ouvir a resposta? Quer dizer, o bebê é assunto seu tanto quanto meu. Não vamos esquecer: nada de coisinhas em particular.

O médico pode até ter tentado responder à pergunta de Gavin, mas Dillon não. Ele bateu a porta com estrondo. Gavin teve a sensação de que a consulta se saíra melhor do que o esperado.

Já dentro do elevador do prédio de Gavin, Emily se convenceu de que o namorado havia sido possuído por um demônio sexual. Em meio às olhadas famintas e às promessas de prazeres requintados por vir, ela achava que ele tinha ficado temporariamente louco.

Encostada na parede do elevador, deixou-se levar pelo beijo profundo e apaixonado enquanto subiam até o apartamento dele. Emily inclinou o pescoço, permitindo que a boca macia de Gavin reverenciasse a sua carne.

– E a quem eu devo agradecer esta súbita mudança de apetite sexual? Gostaria de mandar um presente para essa pessoa. Você tem o endereço dela?

Gavin respondeu grudando os lábios nos dela, acariciando a sua língua com lambidas vorazes, deslizando as mãos por seu corpo. As portas do elevador se abriram e, abraçados, foram até o apartamento no final do corredor. Pressionada contra a porta, ela ofegou enquanto ele se atrapalhava, tirando as chaves do bolso. Sua barba por fazer pinicou o queixo dela. Fazendo-a andar de costas para dentro da cobertura, continuou o ataque sobre os lábios de Emily, que atirou a bolsa no sofá, enlaçou o pescoço de Gavin e riu enquanto ele a pegava no colo. Com as pernas balançando, ela o beijou com mais intensidade, o corpo pulsando da cabeça aos pés em antecipação.

– Então, você vai me responder? – sussurrou ela no momento em que ele a deitava na cama enorme, tirando os sapatos de salto.
– A quem devo um agradecimento?

Sorrindo, Gavin puxou lentamente a saia dela e a atirou no chão. Com os olhos azuis cravados nos dela, mordeu os deliciosos lábios, percorrendo a linha logo abaixo do umbigo dela.

– A única coisa que você precisa saber, Srta. Cooper, é que o Dillon está extremamente, e eu quero dizer “extremamente” *mesmo*, ciente de cada coisinha que eu estou prestes a fazer com o seu lindo corpo.

Sem mais perguntas, Emily passou o resto da tarde entregue a todos os atos enlouquecedores que Dillon, ao que parecia, sabia que iam acontecer com ela.



– A venda nos olhos é mesmo necessária? – perguntou Emily enquanto Gavin a conduzia pelo corredor. – Já entendi que é surpresa, mas essa animação toda está me assustando. Você pintou de preto?

– Você não tem nenhuma fé nas minhas habilidades de decorador? – perguntou Gavin, rindo.

Abrindo a porta do quarto de bebê, ele sorriu. Não podia dizer que eram as *suas* habilidades de decorador, pois uma equipe muito bem paga havia feito todo o trabalho. Ainda assim, estava satisfeito com a orientação que lhes dera no último mês, desde que soubera que o bebê era menino.

– Sim, a venda é necessária. Mas vamos combinar uma coisa: como castigo para mim, eu deixo você vender meus olhos mais tarde.

Emily riu e tentou arrancar a venda, mas Gavin a segurou pelos punhos. Com um beicinho, ela suspirou.

– Você gosta mesmo de bancar o espertinho. Posso jurar que foi posto no meu mundo por esse motivo.

– Humm, eu nunca tinha pensado dessa forma. – Gavin enterrou o rosto na dobra do pescoço dela, a voz sedutoramente grave. – Colocado neste planeta para dar uma espertalhada no seu mundo.

– Gavin Christopher Blake, se você não me deixar tirar esta venda, vou fazer coisas com você que nenhum homem gostaria. Me entendeu?

Gavin soltou uma gargalhada sonora, os olhos arregalados.

– Você está me deixando com tesão.

– Ai, meu Deus. Você realmente...

– Eu sei. Perdi a cabeça ou enlouqueci de vez. – Gavin mordiscou o pescoço dela. – Qual dos dois, docinho?

– Os dois.

– Boa resposta. – Ele tirou a venda dos olhos dela. – Me diga: eu perdi a cabeça?

Emily perdeu o fôlego ao contemplar o quarto de bebê. Gavin transformara o cômodo no paraíso dos Yankees. Fora decorado com bom gosto, não chegando a ser exagerado, e poderia facilmente durar até a adolescência do filho. Viu uma única parede azul-marinho com enormes prateleiras embutidas brancas, onde havia uma variedade de bolas de beisebol, cartões de jogadores e chapéus autografados em receptáculos de vidro. Olhou aquilo tudo,

de camisas autografadas penduradas em ganchos de ferro fundido a um placar digital de verdade, passando por uma fileira de armários de metal dos Yankees. Uma das paredes mostrava uma cena dos primórdios do time, em preto e branco, que ia do chão ao teto. Em cima do mural, vinha escrito: "A casa que Ruth construiu". Um pouco além de uma das janelas – coberta com cortinas compridas azul-marinho –, havia uma poltrona de couro marrom macio com almofadinhas fofas no formato de bolas de beisebol. Um tapete redondo com a silhueta da cidade de Nova York cobria boa parte do espaço. Para completar, ele mandara colocar poltronas do estádio de verdade no quarto. Emily ficou sem fala.

– Eu perdi a cabeça? – sussurrou Gavin, com o queixo apoiado no ombro de Emily, e enlaçou sua barriga crescente, desejando poder ver o rosto dela. – Ou sou louco?

Mergulhando na grandiosidade de tudo o que tornava Gavin quem ele era, Emily se virou e o seu mundo girou sobre o eixo do amor que ele proporcionava. Tantos momentos roubados e pequenas coisas que Gavin dissera e fizera passaram pela mente dela enquanto fitava aqueles sorridentes olhos azuis que haviam lhe roubado o fôlego, o coração e a alma no segundo em que o vira. Tantas palavras, ditas e não ditas, ecoaram nos ouvidos de Emily. Aquele homem, seu melhor amigo e amante, que não sabia se o filho que ela trazia na barriga era dele, mantivera a promessa. Ele já amava o bebê por ser parte dela. E, se Deus quisesse, parte dele também. Levando as mãos às bochechas com covinhas, Emily o fitou por mais um instante e ficou nas pontas dos pés. Enquanto seus lábios se derretiam, ela se perguntou como tivera tanta sorte. Por que, de todas as mulheres do mundo, aquele espertinho a havia escolhido?

Lentamente interrompeu o beijo e o encarou, entorpecida.

– Eu nem sei como agradecer, Gavin. Você me aceitou com cada fraqueza e fragilidade minha, sem me amar menos do que a uma mulher sem defeitos. Uma mulher sem medos. Cada um dos seus olhares, cada um dos seus toques e beijos foi dado sem nenhum julgamento. Você curou cada ferida exposta, cicatriz antiga e bocadinho de dor que eu trouxe para este relacionamento sem

esperar nada em troca. Você me mostrou o que é um coração descompassado, me mostrou que meros pensamentos podiam ser detidos com um único beijo. Você me mostrou o que é ser amada de verdade, de todo o coração e até o fim dos tempos. Como posso lhe agradecer por tudo isso?

– Você me agradece todos os dias – respondeu Gavin baixinho, afagando os cabelos dela.

Emily fechou os olhos.

– Como? – Ela inclinou o corpo em direção ao calor do toque dele.

– Olhe para mim, Emily. – Ela abriu os olhos marejados. – Bem aqui, boneca. Você disse que cada olhar que eu lhe dirigi não teve julgamento. Bem, cada olhar que você me deu foi intocado, puro em tudo aquilo que significa aos meus olhos. Você me olha como se nunca tivesse visto um homem. Não consigo explicar essa sensação. – Ele tomou a mão dela e a levou ao coração. – Você disse que cada toque meu foi sem julgamento. Todas as vezes que você me toca, as suas mãos tremem. Você não tem ideia de como isso me faz sentir. E eu não quero dizer sexualmente. Você estremece tudo aquilo que eu sempre soube ser.

Puxando-a para mais perto, roçou os lábios nos dela.

– E cada beijo? Nossa! Nem me faça começar a falar de como você me beija. Desde o primeiro beijo que a gente deu e que você interrompeu – ele mordeu o lábio dela de leve, sorvendo-o entre os dentes – até este aqui, você me embriaga. Você faz amor comigo a cada beijo. Você confirma o que este espertinho sabia no segundo em que pôs os olhos numa garçonete linda, com comida espalhada por todo o uniforme. Detesto usar as mesmas falas, mas os seus lábios foram *mesmo* feitos para mim. O que quer dizer que cada beijo seu foi feito para mim. Cada vez que você me olha, que coloca a mão trêmula sobre o meu corpo ou que encosta os lábios macios nos meus, você me faz agradecer a Deus por ser homem. É assim que você me agradece todos os dias e é assim que eu espero que você continue a me agradecer pelo resto da vida.

Mais uma vez sem palavras, Emily passou os braços em torno do pescoço dele, puxando-o para beijá-lo. Tinha a sensação de que

Gavin ainda a deixaria sem fala muitas vezes.

– Humm. Viu só? Você acaba de fazer amor comigo com esse beijo.

Gavin sorriu, tomando a mão de Emily e a conduzindo para fora do quarto de bebê.

– Gostei dessa expressão. Eu faço *amor* com você com os meus beijos.

– Sim, madame, faz, sim. – Gavin piscou e pegou as chaves da bancada da cozinha. – Agora você me deixou com vontade de passar o dia todo em casa para fazer amor com você de novo. Estou quase cancelando esse passeiozinho.

Emily riu e pegou um casaco macio de tricô do armário. Optando por sapatos rasteiros em vez dos maravilhosos Stuart Weitzman de salto, sentou-se no sofá e olhou de relance para Gavin enquanto os calçava. A sugestão de cancelamento estava ficando mais atraente a cada segundo. Com um boné dos Yankees enfiado até as sobrancelhas, ele lhe pareceu extremamente comível com seus jeans azul-escuros, camiseta justa e um par de All Stars. Emily mordeu os lábios e foi até o seu colírio.

– Não dá para cancelar – disse ela, vestindo o casaco, decepcionada, e pegou a bolsa das mãos dele. – Temos que encontrar o Colton, a Melanie e os gêmeos ao meio-dia e já são quase onze e quinze. – Ela tomou a mão dele e o arrastou em direção à porta. Se não saíssem logo dali, não sairiam nunca mais. – A gente deixa o amor para mais tarde, Sr. Blake. – Ela sorriu e ficou esperando no hall de entrada enquanto ele grunhia, apertando o código de segurança.

Mas tudo bem: ela o manteve satisfeito “fazendo amor” com ele várias vezes no elevador.



Emily e Gavin saltaram do carro para o sol brilhante. Um vento leve de meados de abril atingiu-a em cheio, fazendo-a arrepiar. De

qualquer forma, a primavera em Nova York era linda: via-se a cidade acordando de um inverno longo e rigoroso. Não que ela não estivesse sempre desperta, mas as ruas se renovavam enquanto tudo voltava à vida. Dos proprietários das lojas, que abriam as portas para deixar o ar fresco varrer seus estabelecimentos, às árvores de cada parque florescendo com botões coloridos, o centro do mundo rugia a sua existência com a mudança de estação. Também era algo que Emily aprendera a amar.

De mãos dadas com Gavin, Emily espiou várias vitrines ao descerem a Lexington Avenue. Parando um pouco antes da Rua 74, seu olhar se deteve em um vestido justo de verão exibido num manequim. Com as mãos nos quadris, usava a roupa sobre o corpo de plástico melhor do que qualquer modelo bem-paga. Emily olhou para a barriga que não parava de crescer e deixou escapar um suspiro.

– O que foi? – perguntou Gavin, olhando para o manequim.

– Isso é lindo e eu nunca mais vou caber em nada parecido. – Ela continuou a andar em direção à Giggle, uma boutique chique para bebês que Colton e Melanie haviam sugerido que eles conhecessem. – Com muita sorte, vou conseguir caber em sacos de lixo depois do parto.

Gavin parou abruptamente. Segurando o rosto de Emily entre as mãos, abriu um largo sorriso.

– Não importa se você estiver usando um saco de lixo ou um biquíni: vai estar *shmexy* de qualquer forma. – Ele a beijou na testa. – Com 45 ou 230 quilos, eu ainda vou amar você.

– Você diz isso agora. Vamos ver quando tiver que mandar fazer roupa sob medida para caber na minha bunda. – Emily ergueu uma sobrancelha, incrédula. – Ou melhor, vamos ver se você diz a mesma coisa enquanto tenta arrancar o saco de lixo do meu corpo nu extragrande.

– Você sabe que está me deixando com tesão, né?

Emily riu e tomou a mão dele.

– Vou marcar uma hora para você com o psiquiatra quando a gente chegar em casa. – Andando pela calçada apinhada, ela avistou a boutique a algumas portas de onde estavam. – Vai ser bom

para você e a sua obsessão. Eu realmente acho que você precisa de um.

Gavin abriu a porta da butique, dando uma palmadinha na bunda de Emily enquanto ela entrava.

– E eu realmente acho que se você continuar a falar do seu corpo nu, gordo ou magro, vou precisar de um banho frio.

Emily balançou a cabeça, mas, antes que pudesse responder, viu Teresa.

Radiante, a menina correu em direção a Emily, os braços bem abertos e gritou:

– Emmy! – Emily se ajoelhou e a puxou para um abraço. – Mãe, olha! A Emmy e o tio Gaffin estão aqui!

A testa de Gavin se franziu.

– Não avisaram a eles que a gente vinha encontrar vocês?

– Ah, claro. – Melanie revirou os olhos. – Você vai aprender rapidinho: *nunca* diga alguma coisa a uma criança com antecedência. Eles teriam enchido a nossa paciência enquanto esperávamos.

Gavin pegou um Timothy igualmente animado nos braços.

– Seus pais estão escondendo as coisas de vocês dois, é?

Timothy fez beicinho, agitando um dedo acusatório em direção ao pai.

– É! Papai disse que ia levar a gente ao McDonald's, mas, aí, trouxe a gente aqui. A gente não sabia que você vinha. Você leva a gente ao McDonald's, tio Gaffin?

Gavin passou a mão pelos cabelos louros de Timothy.

– É claro que sim. O tio Gaffin tem um fraco por meninas chamadas Molly e batatas fritas gordurentas – respondeu Gavin, e Emily ficou de pé e sorriu. – E, lembre-se sempre, menino, é você quem controla a mamãe e o papai. Eles podem ser maiores, mas você tem muito mais poder do que imagina. Na verdade, eles têm medo de vocês dois. Seu pai me diz isso todos os dias.

Timothy encrespou os lábios e rugiu feito um leão na direção do irmão de Gavin.

Colton balançou a cabeça.

– Muito bem, irmão. Você é o herói do dia e expôs o pior pesadelo de todos os pais. Espere só. Você sabe o que dizem sobre a vingança.

Gavin arqueou a sobrancelha.

– Ah, bem, considere isso vingança por todos os anos de tormento pelos quais você me fez passar. – Ele entregou Timothy a Colton, rindo. – Não se preocupe, eu cuido dos Big Macs.

Colton olhou para Emily, um sorrisinho cretino cobrindo-lhe a boca.

– Tem certeza de que está pronta para passar um tempo com esse retardado? É possível que ele leve você à loucura.

– Quem, ele? – Emily indicou Gavin com o polegar. – Ah, ele me leva mesmo à loucura, mas, acredite ou não, eu é que tenho o controle da situação. Ele pode ser maior e mais poderoso, mas definitivamente tem medo de mim. Logo, logo vai estar domesticado.

Gavin riu, os olhos arregalados.

– Ah, é?

– É, sim – respondeu ela, passando o braço pelas costas dele. – Não tente bancar o maioral perto deles. Você sabe que é verdade.

Melanie soltou uma gargalhada.

– Adorei! Eu sabia que gostava de você por algum motivo, Emily. Isso mesmo. Nunca deixe esses Blakes acharem que são donos da situação. – Ela bateu o quadril de encontro ao de Gavin. – Você vai ser domesticado tão rápido que nem vai saber que lado fica para cima e que lado fica para baixo.

Gavin encarou Colton e disse, completamente sério:

– Me lembre de manter a minha namorada longe da sua mulher.

Com um Timothy inquieto se remexendo nos braços, Colton deu de ombros.

– Você já está condenado, irmão. Elas vão almoçar com a mamãe na semana que vem. Torne as coisas mais fáceis para você mesmo e já esteja de avental quando ela chegar em casa. Caso contrário, ela vai começar a negar a você importantíssimos... momentos de brincadeiras *físicas*.

Gavin passou o braço ao redor dos ombros de Emily, sorriu afetuosamente e se pôs a esfregar sua barriga.

– Querida, docinho, amor da minha vida, eu acho que a gente tem umas roupinhas para comprar. Vamos?

– Creio que sim.

– Que bom. – Gavin olhou ao redor. – Para que lado ficam as roupas?

Colton acenou com a cabeça para um dos lados.

– Fica logo depois da decoração para quartos de bebê. À direita dos bichos de pelúcia e a alguns metros do centro de atividades.

Gavin permaneceu mudo, olhando fixo para o irmão.

– Irmão, eu tenho dois filhos e uma mulher. – Colton encolheu os ombros, os olhos verdes reluzindo. – Sou domesticado até dizer chega.

Gavin conduziu Emily na direção que Colton acabara de explicar com tantos detalhes. Absorveu as explosões de cores, em todos os tons imagináveis, enquanto atravessavam a imensa boutique. Observou cada tipo de banheirinha, cadeirinha e bolsa de fraldas. Olhou para Emily, que parecia sobrepujada pelo ambiente. Com um sorriso, ele parou de andar.

– O que foi? – perguntou Emily.

Ele pousou a mão na sua nuca carinhosamente.

– Você está bem?

Ela balançou a cabeça, as lágrimas brotando.

– Não, não estou.

E não estava mesmo. Diante do quarto do bebê e da barriga crescente, com um medo cada vez maior de se tornar mãe, ela estava com os nervos à flor da pele, ficando neurótica. Passou a mão pelo rosto e tirou uma roupinha minúscula de recém-nascido de uma arara.

– Você está vendo o tamaninho disto aqui, Gavin?

Ih, merda. Agora Gavin estava assoberbado pela reação dela. Ele fez que sim, com cuidado, para não perturbá-la.

– Estou.

Ela fungou.

– Isso quer dizer que a pessoinha que vai usá-la será tão pequena quanto ela. Eu nunca segurei um bebê no colo. Não tenho a menor ideia de como alimentá-lo. Talvez ele morra de fome. Não vou saber por que ele estará chorando. E se ele me odiar? – Gavin fez menção de falar, mas ela foi em frente, as palavras saindo de sua boca mais rápidas que um relâmpago: – Não vou saber colocá-lo para arrotar. E se eu o deixar cair enquanto estiver dando banho nele? O Estado vai tomá-lo de mim. E o que acontece se eu não o ouvir no meio da noite? – Ela respirou fundo e desmoronou de vez. – E aquelas pomadas? E se eu não colocar o suficiente e ele tiver assaduras? E se eu passar pomada de mais e ele acabar com uma infecção? Do que é que estou falando? Eu não sei nem trocar uma fralda. Será que ele vai ficar deitado no trocador, nu, com pomada de mais ou de menos porque a mãe dele não sabe colocar fralda?

Meu Deus.

Gavin piscou, engoliu em seco e tirou a mão da nuca de Emily lentamente. Ele sempre soubera lidar com ela. Porra, fora colocado na Terra para fazer isso. Mas a mulher diante dele estava pirando. Pensando rápido, passou as mãos pelos cabelos e se arriscou com a única coisa que achou que talvez a acalmasse:

– Sente-se no chão comigo.

Com os olhos lacrimejantes arregalados, Emily franziu a testa.

– O quê? Você quer que eu me sente no chão com você, numa loja?

Gavin se sentou com as pernas cruzadas no assoalho de bordo e fez sinal para que ela o imitasse.

– Emily, a gente quase transou em cima do capô do meu carro no México. Sente-se aí.

Chocada, Emily olhou nervosamente para os clientes que fitavam Gavin como se ele tivesse enlouquecido. Mas ela sempre soubera que ele era um pouco louco. Depois de alguns segundos, obedeceu.

Gavin entrelaçou os dedos nos dela. Com um olhar repleto de ternura e um sorriso afetuoso, ele a beijou suavemente.

– Ei – sussurrou ele.

Um sorriso débil brotou nos lábios dela.

– Ei.

– Meu nome é Gavin Blake e eu vou dar uma aula sobre bebês, ok?

Emily assentiu, olhando para as mãos deles.

– Você está tentando me acalmar. – Ela o encarou, o coração derretido. – Não está?

– Estou e vou conseguir. Me dê cinco minutos. Tudo bem?

Ela mordeu o lábio, se concentrando nos olhos dele.

– Tudo bem.

Puxando a mão dela para o próprio colo, Gavin suspirou de alívio. Emily já começava a se acalmar.

– Bebês são fáceis de pegar no colo. Eles... confiam na gente logo de cara. Sabem que você está ali para cuidar deles. No instante em que você o vir, Emily, não vai conseguir evitar: os seus braços vão automaticamente saber o que fazer. Eu garanto que você nunca mais vai querer ficar sem ele nos braços. Você é tão carinhosa e gosta tanto de cuidar dos outros... Vai ser natural. – Ele inclinou o corpo para a frente e lhe deu um beijo demorado. – Tudo bem?

Ela fez que sim, confiando nele.

Sorrindo, Gavin foi em frente, o olhar suave.

– Quando ele chorar, só pode ser por alguns motivos: ou está com fome, cansado, doente, ou com cólica, ou precisa arrotar, ou quer que troque a fralda, ou ser pego no colo. Ou, no seu caso, você o deixou cair e ele está com muita dor ou, então, você não soube trocar a fralda e ele passou o dia todo sujo de xixi e de cocô.

Emily ergueu uma das sobrancelhas.

– Achei que você estivesse tentando me acalmar.

Ele riu e acariciou a sua face.

– O que estou tentando dizer é que você vai saber por quê. E vai saber porque é mãe dele. Vai viver e respirar por ele. Vai aprender a colocá-lo para arrotar e a dar banho. Vai aprender a passar a quantidade certa de pomada. Ele nunca vai morrer de fome porque você não vai aguentar o choro dele e, provavelmente, vai acabar enfiando mamadeiras de mais na boca dele.

Emily balançou a cabeça e riu.

Gavin ficou a centímetros do rosto de Emily, olhando-a nos olhos.

– E ele nunca vai odiá-la. É impossível. Você ama tudo à sua volta com facilidade, logo é fácil amar você. Ele vai sentir isso. Acredite em mim, ele vai sentir.

Emily engoliu em seco.

– Você acha?

– Eu sei que sim, boneca. É impossível não se apaixonar por você.

Sentada no chão com o homem sem o qual ela não podia viver, o homem que lhe ensinara o que é ser amada de verdade, Emily não sentiu mais medo de ser mãe. Em vez disso, deixou-se inebriar pelo fato de que Gavin não só acreditava nas suas forças e amava cada uma de suas fraquezas como outro homenzinho logo a amaria.

Restaurada

Emily abriu a porta da Starbucks, sendo engolfada pelo ar refrigerado muito bem-vindo naquele calor de verão. Imediatamente, avistou Olivia, que se levantou da cadeira com um pulo como se ela estivesse pegando fogo. Emily se espremeu pelo aglomerado da hora do almoço, animada em ver a amiga. As últimas semanas tinham sido caóticas, logo elas praticamente não puderam ficar juntas. Como faltava pouco mais de um mês para dar à luz, a agenda de Emily girava em torno de visitas semanais ao médico, aulas sobre o método Lamaze e compras de qualquer artigo de última hora para o bebê.

Sorrindo, Emily se aproximou de Olivia e atirou a bolsa em cima da mesa. Fez menção de abraçá-la, mas então notou que a amiga parecia estranha.

– O que foi? – Emily viu a preocupação estampada nos olhos de Olivia.

A amiga hesitou, contraindo o rosto.

– Preciso conversar com você.

– Tudo bem – disse Emily, alongando as sílabas, os nervos à flor da pele.

Nunca tinha visto Olivia tomada pelo pânico. Puxando uma cadeira, sentou-se e começou a imaginar a notícia ruim que a

amiga poderia lhe dar.

Olivia deslizou uma bebida pela mesa.

– Pedi um *chai latte* para você. Achei que ajudaria a acalmar os seus nervos depois que eu contasse o que descobri.

O coração de Emily acelerou.

– Liv, que diabos está acontecendo?

Olivia roeu a unha do polegar.

– Só me prometa que não vai ficar zangada comigo.

– Como assim? – Com os olhos arregalados, Emily balançou a cabeça. – Quer que eu não fique zangada com você? O que foi que você fez?

– Em, só prometa que não vai ficar irritada.

Emily cruzou os braços, o estômago dando um nó.

– Está bem, Olivia. Embora você não tenha dito com *o que* você não quer que eu fique irritada, prometo que vou *tentar* não ficar. Está bom para você?

Olivia assentiu lentamente e suspirou.

– Eu... – Ela olhou ao redor e passou a mão pelos cabelos. – Eu liguei para o programa do Maury Povich e...

– Você fez o quê? – Emily ofegou, arregalando os olhos ainda mais. – Eu falei para você não ligar, Olivia. Como pôde fazer uma coisa dessas comigo? Como se não fosse vergonhoso o bastante não saber quem é o pai, você quer que eu coloque essa merda toda no ar, em rede nacional? – Emily ficou de pé e pegou a bolsa com violência. – Não vai rolar.

– Emily, espere! – Olivia se levantou de um salto, seguindo Emily em direção à saída. Agarrou o braço de Emily e a girou. – Me escute. Tem mais.

– Mais? O quê, você contou a eles minhas posições sexuais preferidas? Ou talvez tenha dito que beijei a Candice Weathers na festa de formatura quando estava bêbada? – Sem esperar por uma resposta, Emily se desvencilhou e continuou a andar em direção à saída.

– Emily! – chamou Olivia. – Existe outro tipo de exame de paternidade disponível, e não é invasivo.

Emily parou subitamente. Chocada, ela se virou.

– É sério – continuou Olivia. – É um exame de sangue simples. Nem precisa ir ao programa e vocês podem ter o resultado em menos de dez dias.

Emily engoliu em seco, o coração batendo mais rápido. Olivia voltou à mesa e ela a seguiu, ainda abalada. Puxou uma cadeira e olhou fixo para a amiga.

– Me conte o que você sabe – sussurrou, tentando se acalmar.

– Desculpe ter ligado para o programa. Era para ser uma brincadeira. Eu nem ia dar o nome verdadeiro de vocês. Tinha inventado Olivia Palito para você, Popeye para o Gavin e Norman Bates para o Babapica. Pensei em colocar as entradas num cartão, já que você não me deixou dar um chá de bebê.

– Liv, não estou preocupada com o programa. – Ela suspirou, já acostumada à amiga maluca e destrambelhada. – Só me conte o que você sabe.

– O nome é teste de paternidade pré-natal não invasivo. A mulher do programa falou que uma empresa, a DNA Diagnostics Center, faz o exame em laboratórios por todos os Estados Unidos. Precisam de uma amostra do sangue da mãe e de uma amostra de sangue dos pais em potencial. – Olivia deu de ombros. – E só.

Emily balançou a cabeça, sem conseguir acreditar no que ouvia.

– Como pode isso? Na internet, diziam que era necessário o líquido amniótico para se fazer um exame do DNA antes do parto.

Olivia tomou um gole do *frappuccino* gelado e se recostou na cadeira.

– Eu mesma não entendo. Ela disse alguma coisa sobre as células do feto na corrente sanguínea da mãe. É só, Emily. Dez dias depois de o laboratório receber as amostras, você entra no site da DDC e pega o resultado.

Dez dias. Rápido e simples.

Emily levou a mão à boca.

– Meu Deus, por que meu médico não me falou disso há meses? Esse tempo todo a gente já podia estar sabendo.

O coração dela endureceu. O pesadelo deles não precisava ter se estendido tanto. Diabos, àquela altura, Emily estava se sentindo

idiota por ter confiado no médico em vez de ter feito mais pesquisas.

– É um exame relativamente novo e, vamos ser sinceras, seu médico é meio velho. O consultório dele é uma relíquia da década de 1970. Porra, ele próprio ainda faz os ultrassons. – Olivia chegou a cadeira para mais perto de Emily e colocou a mão no ombro dela. – Talvez ele não conhecesse o exame. De qualquer forma, agora você sabe.

Emily engoliu em seco, tentando digerir o que acabava de ser atirado no seu colo. Havia um fundo de verdade no que dizia Olivia. Agora Emily sabia e, logo, Gavin também saberia. Não podiam ter de volta as noites insones dos últimos meses. Não podiam apagar a espera angustiante que tinham suportado. Não podiam desfazer os sete meses e meio em que ela e Gavin não sabiam se passariam o resto da vida ligados a Dillon. Armada dessa nova informação, Emily não estava disposta a permitir que mais um perverso minuto de ignorância se passasse. Colocando-se de pé, pegou a bolsa, deu um beijo na cabeça de Olivia e, com o coração apertado, foi contar para Gavin.

Só rezava para que o resultado fosse o que eles queriam ouvir tão desesperadamente.



Com os nervos num confuso emaranhado, Emily saiu do elevador e entrou na Blake Industries.

Radiante, a secretária de Gavin se levantou da mesa.

– Oi, Emily! – trinou ela, abraçando-a. Deu um passo atrás e observou Emily dos pés à cabeça, o sorriso ainda maior. – Já não falta muito.

– É. Nem um pouco mesmo. – Emily se mexeu, inquieta, sobre os saltos, perguntando-se por que os usava. Àquela altura, a barriga proeminente não era nada perto dos pés inchados. – Já estou pronta para o fim desta gravidez.

– Aposto que sim. As últimas semanas podem ser brutais, mas, pensando bem, tudo vale muito a pena. Antes que você se dê conta, vai ter uma vidinha nos seus braços. Vai esquecer cada segundo de desconforto. Você e o Sr. Blake não vão conseguir conter a excitação. – Emily deu um sorriso débil. Natalie fazia parte da longa lista de pessoas que não conhecia a história verdadeira. Com hesitação nos olhos castanhos, ela inclinou a cabeça. – Posso... sentir?

– É claro. – Emily tomou-lhe a mão e a colocou sobre a barriga. – Ele está muito ativo esta tarde.

E estava mesmo. Emily jurava que seu homenzinho estava dando cambalhotas. Por baixo da seda do vestido de verão, a barriga ondulava com as contorções.

– Meu Deus, eu me lembro disso. – Natalie suspirou. – Bem, curta muito. Vai chegar um momento da vida em que você vai se dar conta de que esta foi uma das melhores partes.

Emily deu outro sorriso débil e olhou em direção à sala de Gavin.

– Ele está livre?

– Está. Acabou de terminar uma reunião, então você o pegou em boa hora.

– Obrigada, Natalie. Falo com você de novo quando sair.

– Que bom – disse ela, voltando à cadeira, a atenção concentrada no telefone que tocava.

Com os nervos à flor da pele, Emily se dirigiu à sala de Gavin. Com uma rápida batida, ela abriu a porta. O coração ficou apertado no instante em que seus olhos pousaram sobre o rosto sorridente de Gavin. Mal sabia que Emily estava prestes a virar o dia dele de cabeça para baixo. Com o telefone em uma das mãos, fez sinal com a outra para que ela esperasse. Emily suspirou, observando a postura relaxada do namorado. Sem o paletó e com a gravata folgada em torno do pescoço, Gavin se balançava preguiçosamente na cadeira de couro, discutindo negócios. Deixando a bolsa cair sobre a mesa dele, Emily se acomodou em seu colo, esperando não o estar esmagando. Ele passou o braço ao redor da sua cintura, massageando-lhe a barriga. Tentando acalmar a ansiedade, Emily

afagou os cabelos macios e negros dele. Meu Deus, como amava aquele homem, embora se sentisse como o capeta prestes a dar más notícias.

– É exatamente o que eu quero ouvir, Bruce. Vamos manter contato, ok? – Ele desligou e abriu um sorriso contagiante. – Uma surpresa de meio-dia. – Roçou os lábios no queixo dela. – Você veio se apresentar como almoço para mim?

Emily respirou fundo, determinada a dizer logo o que tinha de falar. Nada de rodeios. Nada de hesitação. Passando os braços ao redor dos ombros de Gavin, encostou a testa na dele, fitando os hipnotizantes olhos azul-bebê.

– Existe um exame de sangue para revelar a paternidade. Não apresenta riscos e podemos ter o resultado daqui a dez dias. Eu sei que já estamos na reta final, mas daria para descobrir algumas semanas mais cedo. E acabar de vez com esta... espera.

Emily observou-o empalidecer. Viu aqueles lindos olhos nublarem, a desolação substituindo o divertimento de um minuto antes. Ela sentiu o corpo forte e rijo desmontar.

A mão dele pendeu da barriga dela e Gavin desviou o olhar... Então, suas palavras sussurradas a partiram ao meio.

– Eu sei desse exame há uns dois meses.

Ele a encarou. A frase deu voltas na cabeça de Emily. Olhou fixamente para o rosto dele, que traía algo parecido à vergonha. Tentou engolir. Sentiu-se tonta ao ficar de pé, colocando a mão sobre a mesa para se equilibrar.

– Você sabia? – sussurrou ela, os olhos cheios de lágrimas e confusão. – Você sabia e não me disse nada?

Gavin se levantou e levou a mão ao rosto dela, mas Emily se afastou do toque. Por um segundo, sua voz ficou presa na garganta, seu coração afundou no peito. Soubera que a mentira que vinha guardando a deixaria triste, mas a reação dela o destroçava. Ele assentiu, dando um passo atrás.

– Sabia.

– Há quanto tempo? – indagou ela, a voz falhando.

– Desde que a gente descobriu que era menino.

Gavin olhou para o chão, recordando o dia em que não conseguiu impedir os dedos curiosos de saírem clicando pela internet. Um menino. Seu provável filho havia servido de combustível para uma necessidade tão profunda de tentar encontrar outras opções que achou que tinha enlouquecido. Passou metade do dia on-line. Assim que descobriu que podiam ter a resposta com grande rapidez, o medo o atingiu em cheio. Paralisado diante do computador, Gavin se deu conta de que a resposta talvez não fosse a que ele gostaria de ouvir, a que ele precisava ouvir. E veio à tona uma série de emoções esquisitas que não estava preparado para encarar. Na maior parte do tempo, tinha a sensação de que Emily estava carregando um filho seu, mas, enquanto fitava a tela, a certeza desapareceu.

– Isso foi há meses, Gavin. – Emily enxugou as lágrimas, chocada por ele já saber há tanto tempo. – Eu não entendo. Por que você escondeu uma coisa dessas de mim?

Chegando mais perto, Gavin passou a mão pelos cabelos. Tudo o que queria era tocá-la, consolá-la, mas ela havia levantado a guarda, então ele iria com calma.

– Eu estava ganhando tempo – falou baixinho, e olhou para Emily, que ficava cada vez mais confusa. – É isso. Eu estava ganhando tempo.

– Ganhando tempo? Ganhando tempo para quê? Não podemos deter o inevitável. Mas poderíamos ter impedido que o Dillon fosse às consultas.

Gavin balançou a cabeça, despejando seus temores:

– Não, não podíamos. Ele é o pai. Não eu.

Emily prendeu a respiração diante da admissão dele. As pernas ficaram bambas. Gavin estava revelando algo que ocultara naturalmente, sem esforço, no decorrer dos meses passados. Ela não sabia se gritava ou se chorava. Entretanto, sabia que ele fizera aquilo por ela. Não podia negar seu instinto natural, sempre protegendo os sentimentos dela. Gavin a resguardara, ocultando seus medos. Enquanto o observava desmoronar, resolveu revelar algo que começara a sentir nos últimos meses, mas que não

reconhecera até agora. Uma sensação tão acalentadora que poderia derretê-la.

– Você é o pai deste bebê, Gavin Blake. Está me ouvindo?

Gavin a encarou por um longo momento, a mente tomada por pensamentos amargos. Queria acreditar nela, mas não conseguia.

– Não sou, não, Emily – sussurrou. – Ele é o pai.

Com o coração estilhaçado, Emily chegou mais perto e buscou as mãos dele. Segurou-as contra a barriga enquanto o bebê tentava sair chutando. Olhou fundo nos olhos cansados de Gavin e ergueu as mãos para tomar o rosto dele.

– Você é o pai. Deixe-me dizer como eu sei – disse Emily aos prantos, e o beijou. – Eu sei porque sinto cada parte de você correndo pelas minhas veias. Seu sangue, seu coração, sua alma. Dá para sentir. Eu sinto o amor dele por você. Cada vez que você fala, ele se mexe. Cada vez que você ri, eu juro que ele vibra como se estivesse compartilhando uma piada com você. – Enlaçando o pescoço de Gavin, segurou os cabelos dele e enterrou o rosto em seu peito. – Eu sei que você consegue senti-lo se mexer, Gavin, e ele sabe que as mãos do pai estão na minha barriga. Ele sabe.

Gavin dissera que as mãos de Emily tremiam a cada vez que ela o tocava. Naquele momento, ele é que não conseguia firmar as mãos. Alisou a barriga protuberante de Emily, sentindo a vida que poderia ser dos dois se remexer dentro do corpo dela.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Emily encarou Gavin.

– Preciso da sua fé em tudo aquilo que estamos destinados a ser. – Ela respirou, trêmula. – Preciso que você seja mais forte do que os seus temores e medos. Não ouse desistir de nós, Gavin. Não desista dele. Por favor.

– Não vou desistir – sussurrou, puxando-a para seus braços. – Juro por Deus que não vou.

De pé em seu escritório com a mulher que lhe mostrara o que era ter a fé restaurada com o simples toque, Gavin já não temia mais não ser o pai daquela criança. Entregou-se à certeza de que Emily acreditava que ele fosse e amava cada um de seus medos. E à certeza de que outra vida já o amava.

Um círculo se fecha

Subir a escada que levava ao segundo andar da casa de Gavin nos Hamptons provou ser um feito mais difícil do que no ano anterior. Segurando uma garrafa de água e um farto prato de comida chinesa requentada, Emily chegou ao último degrau quase sem fôlego. Ao seguir pelo corredor, não se conteve e parou do lado de fora do quarto que ela e Dillon haviam compartilhado da última vez que estivera ali. Memórias contaminadas turbilhonaram em sua mente. Mas, enquanto contemplava o espaço vazio, uma lembrança se sobressaiu a todas as outras. Nocauteou todas as outras. Essa recordação em especial nunca a contaminaria. Ela a guardaria para sempre.

Abriu um pequeno sorriso ao entrar no quarto. Colocando a água e a comida sobre a cômoda grande, voltou a atenção para a mesa de cabeceira ao lado da cama *queen-size*. A curiosidade a fez abrir a gaveta. Riu ao ver o moletom que Gavin lhe dera para vestir enquanto jogava a sua primeiríssima partida de "atire a tampinha dentro do vaso". Segurou-o junto ao nariz. Ainda guardava o cheiro dele, mesmo que fraco. Ela se lembrava de querer gravar o aroma dele na memória. Mal sabia que teria a sorte de acordar ao seu lado todas as manhãs. Foi inundada de calor ao colocá-lo por cima da camiseta. Fechando os olhos, abraçou a si mesma, tomada por

imagens daquela noite. Olhando ao redor, pegou o prato e a água e deixou o quarto repleto de recordações boas e ruins.

Com um suspiro, entrou no quarto segurando o coração e o futuro nas mãos. Encostada no vão da porta, olhou sorrateiramente para Gavin. Sentado de pernas cruzadas, vestido apenas com as calças do pijama de algodão leve, estava concentrado no notebook. Apesar de ter prometido que não trabalharia durante o feriado de Quatro de Julho, Emily percebeu que era só isso que ele vinha fazendo. Ela sabia que Gavin estava tentando se manter ocupado, mergulhando em tudo o que pudesse. Procurava não pensar no novo jogo de espera, o teste de paternidade. Ela se lembrou de um ano antes, quando suas vidas eram tão diferentes.

Com o coração pesado pelo que ele vinha passando, Emily atravessou o quarto. Depois de largar a comida e a bebida, enfiou-se na cama e afastou o notebook de Gavin. Com um sorriso matreiro, fechou-o com um baque e subiu no seu colo.

Gavin ergueu uma das sobrancelhas.

– Você tem muita sorte de eu ter salvado o documento em que estava trabalhando.

– Isso está parecendo uma ameaça. – Colocando as mãos em seus ombros nus, Emily inclinou a cabeça e imitou a expressão dele.
– Você vai fazer mal ao meu corpo, Sr. Blake? Será que eu poderia implorar para você fazer um pouquinho de mal prazeroso ao meu corpo?

Ele riu e os olhos azuis faiscaram com o jeito brincalhão do qual Emily vinha sentindo tanta falta na última semana, desde que tinham ido fazer o exame.

Gavin mordeu o lábio inferior e enlaçou a cintura dela.

– Eu transformei você numa masoquistazinha sacana e tarada. Tem alguma ideia do que esse pensamento faz comigo?

Emily deu uma risadinha.

– Tenho. Dá para sentir neste exato instante.

– É tão óbvio assim?

– Muito. – Emily roçou o nariz na curva do pescoço dele, mordendo-o de leve. Inalando seu perfume, enfiou os dedos em seus cabelos. – Sua cabeça anda tão consumida pela minha recém-

descoberta tara sacana que você nem notou o que eu estou usando.

Segurando-a pelas coxas, Gavin gemeu.

– E o que você está fazendo por acaso está ajudando?

– Está bem, eu paro – disse Emily, sarcástica, chegando o corpo para trás.

Gavin franziu a testa.

– Vou dar uma de homem das cavernas e exigir que você continue a sua tara sacana no meu pescoço.

– Não. Não até você reparar no que estou usando. Sério, é mole.

Gavin afundou as mãos nos cabelos dela e a guiou até os lábios.

– Errado – sussurrou ele, falando entre beijos. – É doloroso, torturante, agonizante de tão duro. Estou prestes a arrancar a sua calcinha.

No momento em que Emily começou a pensar em quanto os beijos dele eram deliciosos, inebriantes e viciantes, o celular dele tocou. Como sempre, Gavin não demonstrou a menor intenção de atender.

Emily recuou e o encarou.

– Você devia atender.

Ele voltou a beijá-la.

– De jeito nenhum – grunhiu, arrastando-se pela cama e puxando-a para perto. – Quem quer que seja vai esperar.

– Nananinanão – retrucou ela, o sorriso zombeteiro como nunca. – Podem ser os seus pais ligando para nos avisar a que horas vão estar aqui amanhã.

– Você gosta disso, não gosta?

Emily pestanejou várias vezes, brincalhona.

– De muitas... e muitas formas. Agora, atenda. – Ela riu e, cuidadosamente, se levantou da cama, mais do que curtindo a palmadinha que ele lhe deu na bunda.

Enquanto o observava atender à ligação, Emily sentiu a barriga se retesar. Apesar de não estar com dor, não eram nada agradáveis aquelas contrações falsas. Meio sem fôlego, ela se deixou afundar

numa poltrona estofada e tentou relaxar. Por via das dúvidas, considerando que estava a três semanas da data do parto, olhou para o relógio e começou a cronometrá-las. Quando a barriga foi se livrando do breve ataque, o bebê anunciou sua presença. Martelando o pé, devido ao que Emily acreditava ser raiva do próprio desconforto, ele acertou o alvo em algum lugar abaixo da costela dela.

– Eu sei, amiguinho – murmurou, esfregando a região atacada.
– Logo, logo.

Emily percebeu a preocupação invadir os olhos de Gavin. Ao término da ligação, ele prontamente atravessou o quarto e se ajoelhou diante dela.

– O que foi? – perguntou, segurando a mão dela. – Você está bem?

Ela fez que sim e respirou fundo.

– Foi uma contração de mentirinha.

– Tem certeza?

– Tenho. Já estou começando a me acostumar. – Emily engoliu em seco e, com a ajuda de Gavin, se levantou. Sorrindo, passou os braços em torno do pescoço dele. – E então, você não consegue perceber nada de novo em mim?

Perplexo com a indiferença de Emily, Gavin balançou a cabeça, descendo as mãos até a cintura dela.

– Emily, acho que você devia se deitar.

– Por quê?

– Porque você está tendo contrações.

– Tolinho, eu tive uma contração *falsa*. – Ela descartou o comentário com um gesto e atravessou o quarto. Pegou a água da mesinha de cabeceira e quase bebeu a garrafa inteira. – Estou bem.

Gavin passou a mão pelos cabelos, tenso. Tinha certeza de que a namorada estava pirando.

– E como você sabe disso?

– Bem, vamos ver: o corpo é meu e eu aprendi a conhecê-lo muito bem nos últimos 25 anos. – Ela caminhou até onde ele estava com um sorriso nos lábios e, mais uma vez, passou os

braços ao redor do pescoço dele. – Quer saber duas coisas que eu aposto que você não sabia?

Gavin deixou escapar um suspiro, tentando se entregar.

– Claro.

Emily levantou e baixou as sobrancelhas duas vezes, brincando.

– Primeiro: você fica muito, muito *shmexy* quando está preocupado.

Gavin riu.

– Fico mesmo?

– Uhum.

– Eu já disse isso antes – Gavin deu um sorrisinho cretino, adorando o jeito brincalhão dela – e vou continuar a dizer até o dia em que me enterrarem: você também é bem *shmexy*.

– Ora, obrigada, senhor. – Ela ficou na ponta dos pés e o beijou. – Segundo: enquanto você se perdia em toda a minha *shmexidade* suja, tarada e sacana, deixou de notar que estou usando o moletom que, faz um ano esta noite, você me emprestou.

Gavin baixou os olhos para a roupa que ele jurava ter desaparecido como por encanto.

– Caramba! Olhe só para isso.

Sorrindo, ele levantou o capuz dela.

– Definitivamente, está cabendo melhor em você este ano.

Emily ficou de queixo caído e Gavin riu. Ela lhe deu um tapa no braço.

– Me diga que isso é mentira.

– Você sabe que eu estou brincando. – Gavin beijou o beicinho que ela fazia. – Preciso me redimir?

– Na verdade, precisa, sim.

– Pode falar, docinho.

– Tampinhas.

Gavin ergueu a sobrancelha.

– Tampinhas?

Emily fez que sim.

– É. Um amigável jogo de “atire a tampinha no vaso”.

– Isso é alguma aposta por seu perdão? – Os olhos de Gavin luziram travessamente. – E, *quando* você perder, o que acontece?

Eu sou atirado em um dos quartos de hóspede para passar a noite?

Emily soltou um som de escárnio, dirigindo-se à porta da varanda.

– E por que você supõe que eu vá perder, espertinho? E, sim, você dorme sozinho se não me deixar ganhar.

Rindo, Gavin olhou-a dar a língua para ele, fiel ao seu jeito Emily de ser, enquanto desaparecia. Fiel ao seu jeito Gavin de ser, estava prestes a testar a memória da namorada. Pegando o controle remoto e ligando o som *surround*, colocou uma música em especial para repetir. Vestiu uma camisa de manga comprida e foi caminhando para a porta, levando na mão o saco do freezer cheio de tampinhas. Ao sair para o ar fresco da noite, Gavin inspirou o cheiro salgado do mar. Emily estava encostada no parapeito e, quando sorriu, atingiu o coração dele como um ano antes. Se chegasse um tempo em que ela não conseguisse lhe roubar o fôlego, saberia que o mundo à sua volta teria enlouquecido.

Deixando o saco de recordações cair sobre a cadeira, tomou a mão dela e a puxou em direção ao corpo.

– A senhorita me concederia uma dança antes da nossa disputa?

– Ao que parece, você já decidiu isso por mim – zombou ela, descansando a cabeça no peito dele enquanto balançavam o corpo.

Gavin beijou o topo da cabeça dela.

– Você teria sido capaz de recusar?

– Nunca – sussurrou ela.

– Foi o que imaginei.

– Você testa a sua sorte toda vez que tem uma oportunidade, não é mesmo?

– Sempre. – Com uma das mãos espalmada na base da coluna de Emily, entrelaçou a outra com a dela e manteve-as junto ao peito. Olhando fixo para ela, sorriu. – Você sabe que música é essa?

– Sei, sim – sussurrou ela, os olhos hipnotizados pelos lábios dele. Os músculos dela se aqueceram enquanto a lembrança da primeira noite em que fizeram amor se irradiou por ela. – “La vie en rose”, na versão de Louis Armstrong. Também me lembro da primeira vez que dançamos ao som dessa canção.

– Muito bem, Srta. Cooper. Você continua a me impressionar.

Gavin parou de se mover e o coração de Emily se alvoroçou quando ele roçou os lábios nos dela. Uma provocação de beijo. Jamais o bastante. Mas Emily soubera, no instante em que o beijara pela primeira vez, que nunca teria o suficiente dele.

– Você sabe que eu vou dançar esta música com você no nosso casamento um dia. Isto é, se você me quiser.

Emily engoliu em seco, a respiração acelerada. Com os cabelos esvoaçando à brisa leve de verão, sentiu uma lágrima escorrer por seu rosto. Um ano. Um círculo inteiro havia se fechado em torno da vida deles e, muito embora tivessem sido testados de todas as maneiras possíveis, ainda estavam juntos.

– Eu nunca poderia rejeitar você, Gavin. Nunca – sussurrou ela, apaixonando-se por ele ainda mais do que julgara possível.

Enquanto Louis Armstrong cantava comoventes melodias sobre feitiços lançados, Gavin lançou o seu sobre Emily, como sempre. Ele a beijou, lenta e profundamente. O coração dela acelerou, sabendo que há um ano, naquela mesma varanda, cervejas, lembranças e lágrimas haviam sido compartilhadas. Mal sabia ela, então, que, com um momento roubado, um moletom, muitas tampinhas e algumas camadas descascadas depois, sua vida nunca mais seria a mesma.

E ela agradecia a Deus por cada minuto.



– Como você o convenceu a sair de barco? – Olivia espalhou uma boa dose de filtro solar pelo peito. – Você, definitivamente, deu uma chave de boceta nesse cara. Ele se recusa a sair para pescar todo ano.

Emily cobriu as pernas de filtro solar.

– Não fui eu quem o convenceu. Foi o Colton. – Ela colocou o frasco sobre a mesa de ferro batido e ajustou o guarda-sol. Com um suspiro, balançou a cabeça e se recostou outra vez na cadeira à

beira da piscina. – Estou curiosa para ver quanto ele vai estar enjoado quando voltar. Ele insistiu que o mar estava calmo o suficiente. Olhe só agora.

Olivia meneou a cabeça.

– Ora, garanto que ele está abraçado à privada. Ele acha que, só porque aplicou aquela tal de escopolamina, está garantido. Sem chance. Me surpreende ele não vomitar depois de nadar na piscina.

As duas mulheres riram. Fallon voltou de dentro da casa e entregou um copo de limonada para Emily.

– Obrigada.

– De nada. Do que é que vocês estão rindo? – indagou Fallon, se acomodando numa cadeira.

– De como Gavin certamente vai fazer amor com as privadas da casa quando os homens voltarem. – Olivia assentiu com conhecimento de causa, dando um sorriso malicioso e cretino. – A Emily sem dúvida vai brincar de enfermeira esta noite.

Os olhos de Emily passaram para as águas agitadas do Atlântico. Observando as ondas quebrarem na areia, perguntou-se se Gavin estaria bem. E se ele teria concordado em fazer o passeio em mais uma tentativa de não pensar no resultado do exame. Como estaria pronto a qualquer momento, ele ficava mais tenso a cada segundo que passava. Ele e Emily não eram os únicos nervosos, no entanto. Quando os pais haviam chegado naquela manhã para a festa de Quatro de Julho, Emily percebeu a preocupação em seus olhos. Podia percebê-la em todo mundo: Fallon, Trevor, Olivia, Melanie e Colton. Todos à sua volta pareciam inquietos quando ela prestava atenção de verdade.

– Olivia – chamou Jude de dentro da piscina. Afastando os cabelos castanho-claros da testa, ele sorriu. – Se não entrar comigo, vou aí pegar você.

Olivia o fuzilou com os olhos.

– E, se você fizer isso, nunca mais vai sentir a ponta do meu pincel no seu corpo. – Ela inclinou a cabeça para o lado. – Sem contar que eu nunca mais deixo uma certa pontinha do seu corpo tocar o meu outra vez.

Emily ficou olhando enquanto Jude ponderava as ameaças de Olivia. No entanto, as deliberações não duraram muito tempo. Ele saiu da piscina e correu na direção da namorada. Em questão de segundos, ela estava jogada por cima do ombro dele, chutando e gritando. Emily riu e Olivia deu um mergulho indesejado na piscina. Jude era mesmo o par perfeito da amiga. Emily e Fallon davam risadinhas ao observarem a amiga cuspir água.

– Jude Hamilton! – vociferou Olivia enquanto ele pulava na água. Puxando-a para os braços, ele soltou uma gargalhada. – Vou me vingar feio de você.

Jude olhou para Emily e Fallon.

– O que é que as duas melhores amigas acham? Estou aqui me perguntando se ela não precisa de um bom caldo.

– Isso! – trinou Fallon, e tomou seu vinho.

– Vá se ferrar, Fallon – guinchou Olivia, tentando se soltar de Jude.

Emily ergueu os braços em sinal de rendição.

– Prefiro ficar fora dessa.

– Obrigada, am...

Emily imaginou que a última palavra de Olivia fosse ser “amiga”, mas Jude a afogou, interrompendo-a. Emily desviou a atenção da batalha de caldos ao ver Gavin e o grupo de pescadores atravessarem o quintal. Depois de amarrar a canga ao redor da cintura nada atraente, Emily se deslocou depressa, mas cuidadosamente, pelo piso encharcado. Ela não pôde deixar de franzir a testa ao ver a expressão de Gavin: ele não parecia nada bem.

Beijando-o, Emily passou os braços ao redor da sua cintura.

– Está passando mal?

Gavin passou a mão cansada pela face queimada de sol.

– Já estive melhor. Por que não dei ouvidos a você?

Emily sorriu.

– Porque você não quis amarelar na frente dos rapazes.

Um esboço de sorriso se insinuou na boca de Gavin.

– Ah, é, eu e esse meu desejo de ser o tal. Me faz um favor? Me acorrenta à cerca no ano que vem quando eles me sacanearem

porque não quero ir.

– Fechado. – Emily passou as mãos pelos cabelos dele. – Chuveiro?

– Você vai me dar banho?

– Quer que eu dê?

Gavin ergueu a sobrancelha.

– Está falando sério?

– Só estou me certificando. – Ela fez beicinho. – Você está com cara de doente mesmo.

– É. Mas uma pequena dose de Emily neste momento é capaz de curar a minha náusea.

– Vamos, meu doentinho. – Ela deu uma risadinha e tomou a mão dele. – A Emily aqui vai cuidar de você.

E cuidou. Depois de uma chuveirada muito longa e cuidadosa, Gavin se sentiu menos nauseado.



Enquanto o aroma de hambúrgueres, cachorros-quentes e asinhas de frango flutuava pela brisa, Gavin puxou uma cadeira e esperou até que Emily terminasse de ajudar a mãe dele dentro de casa. Todos se sentaram para desfrutar de uma farta refeição preparada pelo pai de Gavin.

– Está se sentindo melhor, cara? – perguntou Trevor, comendo uma espiga de milho. – Ou tem chance de você vomitar em cima da mesa?

Fallon revirou os olhos.

– Eca, Trevor, que coisa mais nojenta.

– Não é? – Gavin balançou a cabeça e riu. – Se eu por acaso ficar enjoado, vou mirar bem em cima do Trevor.

– Já chega, está bem? – disse Olivia, franzindo a testa, enojada. – Tem gente aqui tentando comer.

– Por que as mulheres ficam histéricas por causa disso, hein? – Jude colocou uma porção-monstro de salada de batata no prato. –

Existem coisas mais nojentas do que vomitar.

– Concordo – falou Gavin, recostando-se na cadeira e entrelaçando as mãos sob o queixo. – Como o meu sobrinho, ali, com o dedo enfiado no nariz. Ele está cavucando atrás de alguma coisa.

Todos viraram a cabeça para a mesa ocupada por Melanie, Colton e as crianças. De fato, o pequeno Timothy parecia ter outros planos para a sobremesa.

Olivia e Fallon soltaram grunhidos revoltados e se retiraram da mesa, levando os próprios pratos.

– Colton! – gritou Gavin, sorridente – Irmão, talvez você queira dar um jeito nessa criança.

Colton ergueu os olhos do prato e fitou os filhos.

– Timmy, tire o dedo do nariz.

Melanie suspirou, tomando a mão livre do filho e o tirando da mesa.

– Vamos. Água e sabão para você.

Enquanto os homens riam e faziam piada, Emily, Lillian e Chad surgiram de dentro de casa e sentaram-se a uma das mesas.

Com expressão de curiosidade, Emily pousou o prato.

– Por que Fallon e Olivia acabaram de entrar em casa de forma tão intempestiva? Vocês as insultaram?

Houve mais uma rodada de gargalhadas, só aumentando a confusão de Emily.

Jude ficou de pé e foi para dentro. Gavin imaginou que ele tivesse ido ver como estava Olivia. Ele passou o braço pelo encosto da cadeira de Emily.

– Não, é só que elas têm o estômago fraco.

Emily se pôs a colocar salada de pepino no prato.

– Hum... Eu não vou nem perguntar.

– Ótimo. É melhor para você, Em. – Trevor tomou um gole de cerveja e afastou o prato vazio. – E aí, vocês já têm um nome para o pequeno?

Emily olhou para Gavin.

– Temos, sim.

– Noah – respondeu Gavin, tentando não pensar que o filho poderia não ser dele. – Noah Alexander.

Trevor assentiu.

– Belo nome!

– É, sim. – Emily sorriu debilmente para Gavin, ciente de que a cabeça dele estava travando a mesma batalha outra vez. Com um suspiro, ela se virou para Trevor. – Fallon contou que vocês dois vão morar juntos.

Trevor se mostrou exultante.

– Pois é. Ela insistiu.

Emily ergueu uma das sobrancelhas, incrédula.

– Ouvi dizer que foi o contrário.

Gavin riu e balançou a cabeça.

– Ela nos contou a história toda um dia desses. As rosas. O jantar com o discurso todo nervoso.

– Está bem. Vocês me pegaram. – Trevor bebeu o resto da cerveja. – Até parece que você é muito melhor com a Emily, seu sentimentalóide. E nem vamos falar de discursos: os seus são infames.

– Ah, são mesmo. – Gavin deu um sorriso torto. – Mas você nunca vai me ver negando uma coisa dessas. O sentimentalismo aumenta o meu fator-desmaio.

Emily riu.

– Cara, você está pior do que eu imaginava – comentou Trevor.
– Fator-desmaio?!

– Isso mesmo, meu irmão. Eu sou digno de desmaios. – Gavin olhou para Emily de soslaio e lhe deu uma piscadela. – Conte só para ele, doçura.

Emily deixou o garfo cair no prato e se atirou no colo de Gavin, enlaçando-lhe o pescoço.

– Ele é o rei do desmaio, Trevor. Você devia ter umas aulas com ele.

Trevor se levantou, esticando os longos braços.

– Estou fora. Vocês dois estão me assustando.

Ele pegou o prato e foi para dentro de casa.

– Mmm, nós o assustamos – sussurrou Gavin, roçando a barba por fazer no queixo de Emily. – Como somos maus, né?

Um sorriso sedutor brotou nos lábios de Emily.

– Muito, muito maus.

Depois de aproveitar alguns instantes com a única mulher que ele queria que o considerasse digno de desmaios, Gavin olhou Emily desaparecer casa adentro para ajudar a mãe a preparar as sobremesas. Aquilo disparou nele uma onda de alívio. Nas últimas duas semanas, elas tinham se aproximado – era o que Gavin mais queria. Curtindo a algazarra dos sobrinhos brincando de pique, ficou satisfeito por ter reduzido a festa daquele ano a apenas amigos íntimos e a familiares. Perto do pôr do sol, ele se sentou ao lado do fogo com o pai e o irmão.

– Obrigado, paizão – agradeceu Gavin, aceitando uma cerveja das mãos do pai. – Hoje foi muito bom.

– Foi mesmo. – Chad relaxou o corpo em sua cadeira, encarando Gavin. – Com a idade, você começa a se dar conta de que o caos de uma festa grande perde a graça. Isto aqui é bem melhor.

Gavin sabia que o pai tinha razão. Enquanto era bem-sucedido com a Blake Industries e desempenhava o papel de conquistador com as mulheres, ele perdera a noção do que importava de fato. Não que não tivesse se mantido perto da família – era impossível, considerando que os pais o haviam criado para valorizá-la –, mas meio que deturpara as coisas.

– E então, como você está lidando com a espera? – perguntou Colton. – Mamãe contou que você e a Emily fizeram um exame de sangue para confirmar a paternidade do bebê há alguns dias.

Gavin olhou para a casa e avistou Emily pela janela da cozinha. Sabia que não estava lidando bem. Claro. Dissera a ela que não perderia a esperança de que Noah fosse seu filho, mas, à medida que o resultado do exame se aproximava, ele achava mais difícil ficar otimista. Gavin deu de ombros, tomando um gole de cerveja.

– Estou levando.

– Existe um propósito para tudo, filho. – Chad suspirou, dando um tapinha no ombro de Gavin. – Lembre-se disso.

– É, paizão? E se o filho não for meu, qual seria o propósito? – Gavin detestava questionar o pai, mas não conseguia encontrar um fiapo de sentido se o resultado ferrasse com a sua cabeça. O desalento nos olhos do pai o fez se sentir um babaca. – Me desculpe – lamentou-se Gavin, tentando não perder a fé que o pai sempre tentara inculcar nele. – Eu disse à Emily que a gente enfrentaria tudo isso juntos, mesmo com medo. Foi mais para acalmá-la, pois isso está me matando. A ideia de ter aquele babaca metido na vida dela ou na do bebê acaba comigo.

Gavin massageou os músculos tensos da nuca com a palma da mão, os nervos protestando a cada sussurro malévolo que lhe passava pela cabeça.

– Dillon acalmou um pouco nos últimos meses, mas imagino que seja porque dei um jeito nele. Mas, se o babaca for o pai, isso vai lhe subir à cabeça e ele vai levar tudo a outro nível. O idiota nos avisou que vai se mudar para a Flórida alguns meses depois do nascimento. A Emily ficou um caco com essa notícia. Eu vou me apaixonar por esse moleque e vou ter que observar Dillon levá-lo para passar o verão e as festas de fim de ano com ele. Isso vai acabar com a gente.

Com a mão pousada no ombro de Gavin, o pai encarou Colton, que fitava o irmão. Olhando outra vez para o filho, Chad balançou a cabeça e falou com a voz suave, mas decidida:

– Gavin, você é um homem forte. Sempre foi. Na primeira vez que o peguei no colo, você me disse com os olhos que ia deixar a sua marca neste mundo e, puta merda, filho, você tem mesmo deixado. Você tem dado orgulho à sua mãe e a mim. Eu sei que você sente que a força com a qual nasceu está se esvaindo, mas você pode impedir que ela escape. Encontre-a outra vez. Ela está aí dentro. Como homem e como pai dessa criança... mesmo que não biologicamente, ainda será o pai... você vai fazer de tudo para que ninguém perca a cabeça. Você é o homem que vai criar esse menino para ser um homem. Você e a Emily precisam um do outro e é possível que precisem mais do que nunca depois do resultado. Mas, independentemente de qualquer coisa, jamais questione as decisões do Alto. Mais uma vez, existe um propósito para tudo. O

que importa é o que você faz com essas decisões. Você pode permitir que elas o destruam ou que o moldem.

Aquelas eram as palavras que Gavin precisava ouvir. Ele olhou em direção à casa. Enquanto observava a mãe e Emily vindo da varanda, tentou se concentrar no que o pai dissera, mas, à medida que as estrelas começavam a cobrir o céu como um manto, teve medo de que, até ter o resultado nas mãos, não fosse capaz de encontrar a força da qual precisava para conduzi-los através daquilo tudo. Tomado pela dúvida, que se espalhava como uma praga, Gavin se levantou e caminhou em direção a Emily. Forçando um sorriso, abraçou-a. Teve a sensação de estar fracassando. De ser um homem que continuaria a fracassar se Noah não fosse seu.

– Ei – disse ela, sorrindo. – Está todo mundo indo para a praia para soltar os fogos. Não percebi que tinha ficado tão frio. Vou correr lá dentro e pegar o meu casaco. Quer alguma coisa?

Gavin não respondeu. Envergonhado e cheio de culpa por esconder os sentimentos, beijou-a com intensidade, enterrando as mãos em seus cachos macios. Imaginou se Emily conseguia sentir o sabor do medo na sua língua, ou a dúvida em seu abraço. Não soube dizer quanto tempo ficaram ali, envoltos nos braços um do outro; teve vontade de parar o tempo. De impedir que fosse adiante até um momento perverso em que ele não poderia cuidar dela.

Emily se afastou lentamente, fitando Gavin.

– Você está bem?

– Estou – mentiu Gavin, com facilidade. – Eu posso buscar o seu casaco.

– Não precisa. Tenho mesmo que ir ao banheiro. – Ela tocou o rosto dele e sorriu. – Encontro você lá na praia.

Gavin assentiu e ela entrou na casa vazia. Enquanto lavava as mãos depois de ir ao banheiro, Emily ficou preocupada com a aparência do namorado. Meu Deus, ela só queria que a espera acabasse. Queria o seu torcedor fanático do Yankees de volta. A demora tinha arrancado muitas coisas de Gavin e Emily sentia compaixão. Com um suspiro, apagou a luz, rezando para que a espera terminasse logo. No quarto, tirou um casaco leve e

primaveril da mala. Ficou feliz por tê-lo trazido. Emily o vestiu e partiu em direção à porta. Entretanto, no meio do caminho, deteve-se, os pés grudados ao chão: ali estava o notebook de Gavin. Ela sentiu uma pontada de ansiedade.

Curiosa, Emily afundou lentamente no colchão. Olhando fixo para o computador, não pôde impedir que os dedos teclassem a senha de Gavin. Repreendeu a si mesma, pois sabia que o resultado do exame de paternidade só sairia dali a alguns dias, mas algo a impeliu adiante. Digitou o endereço do site. Com o coração ribombando no peito, Emily inseriu o número que lhe tinham dado. Aquela série de números e de letras havia sido gravada a fogo na cabeça de Emily. Seu corpo se enrijeceu quando o site começou a carregar as informações. Não era a mesma página que tinha aparecido nas últimas vezes em que o visitara. Uma escarnekedora ampulheta surgiu. Emily a olhou fixamente.

Respire...

A ampulhetinha cruel desapareceu...

Respire...

Um triângulo azul, representando o pai, surgiu...

Respire...

Um gráfico mostrando a provável paternidade deu o ar da graça...

Respire...

O coração de Emily quase parou. Não conseguia respirar, falar nem pensar. A única parte do corpo dela que ainda funcionava com perfeição eram os canais lacrimais. Ela abriu o berreiro, respirando fundo enquanto tentava se acalmar. Atordoada diante do resultado, colocou-se de pé lentamente e desceu a escada. Como contar para Gavin? Precisava de palavras para aquele momento, mas sua mente era um branco só. Despojada de pensamentos coerentes, com o corpo trêmulo, Emily passou à varanda dos fundos. Avistou Gavin, sentado em uma das cadeiras à beira da piscina. Ele inclinou a cabeça ao vê-la. Ela ficou contente ao constatar que o namorado não tinha ido para a praia com os demais. Não queria contar aquilo na frente de ninguém. Precisava fazê-lo em particular. Só desejava saber como.

Parou na frente da piscina, olhando Gavin vir em sua direção. Claramente ele notou que ela estava confusa; seu coração ficou apertado diante do seu olhar. Gavin tocou-lhe o rosto com uma das mãos e pousou a outra sobre a sua barriga com delicadeza.

– O que foi? – perguntou ele, o nervosismo palpável.

Emily engoliu em seco e gaguejou. Então, inspirou fundo e respondeu:

– Você sabia que há exatamente um ano você começou a salvar a minha vida? – Ele fez menção de falar, mas Emily foi em frente: – É verdade, Gavin. Eu não tinha consciência disso na época, mas foi o que você fez. Nós já passamos por mais coisas no último ano do que duas pessoas num relacionamento recente deveriam ter que aturar. Precisamos de um descanso. – Ela consultou o relógio e voltou a encará-lo. – Me beije agora. Me beije do jeito que você me beijou ano passado, nesta mesma noite. Prometo que não vou impedir.

Sem parar para pensar, Gavin a puxou, deslizando a língua pela de Emily. Apesar de familiar, o beijo dela sempre seria uma novidade, algo de inexplorado a cada toque seu. Com os fogos explodindo acima de suas cabeças, Gavin a beijou como a beijara da primeira vez que tivera a sorte de sentir os seus lábios, de tê-la em seus braços. Dessa vez, Emily não interrompeu o beijo; foi Gavin que teve de parar, porque ela soluçava. Fez menção de falar, mas, de novo, ela foi mais rápida.

– Você disse que não importava quem fosse o pai de Noah, que você o amaria e o criaria como se fosse seu.

Deixando os braços penderem ao lado do corpo, Gavin sentiu o sangue se esvaír do rosto, sentiu o coração martelar dentro do peito.

– Quando você me disse isso, eu não soube o que pensar. – Chorando, Emily levou as mãos às faces dele. – Você tem ideia de quantos homens suportariam isso? Não muitos. Você me aceitou de volta depois de toda a dor que eu causei, e ainda aceitou o fato de que talvez não fosse o pai do filho que eu trago na barriga. Eu teria amado você por toda a eternidade antes de você assumir essa responsabilidade. Depois disso, eu soube que o encontraria na

minha próxima vida. – Ela roçou os lábios nos dele. – Gavin Blake, o destino fodeu conosco só no início... mas agora acabou. Ele nos deu a folga que merecíamos desde o começo. O Noah é *seu* filho.

– O quê? – sussurrou ele, sentindo os ombros se erguerem com a ausência do peso que vinha carregando. – Eu sou o pai?

Emily fez que sim, as lágrimas fluindo numa torrente.

– É, é, sim. Eu verifiquei e...

Agora foi Gavin que a interrompeu. Enlaçou a cintura dela e a puxou mais uma vez para um beijo. Atordoado, ele falava enquanto venerava os lábios de sua amada:

– Você tem certeza? Diz que você tem certeza, Emily.

– Certeza absoluta – assegurou ela, beijando-o febrilmente. – Ele é seu, Gavin. Ele é seu.

– Meu Deus – zombou Olivia, aproximando-se. – Tem um monte de quartos nessa casa. Quero dizer, é uma mansão, Blake. Leve essa mulher lá para dentro. – Emily deu uma risadinha e secou as lágrimas. Com a testa franzida, Olivia se mostrou para lá de confusa. – Espera aí. Você está chorando, mas o está beijando? Eu perdi alguma coisa?

Gavin deu um sorriso imenso, passando o braço pelos ombros de Emily.

– Pois é. Você perdeu o memorando que diz que eu sou pai do Noah.

Os olhos de Olivia se arregalaram.

– Vocês estão de sacanagem! – Ela só faltou se atirar nos braços de Gavin, seus guinchos mais altos do que a explosão dos fogos. – Vocês estão falando sério? Ele é o pai da criança?

– Estamos. – Emily ria enquanto Olivia lhe dava um abraço de urso. – Ele é o pai da criança.

Gavin estalou os lábios.

– O pai digno de desmaios da criança.

Batendo palmas, Olivia começou a correr em direção aos degraus que levavam à praia.

– Vou buscar todo mundo!

– Pode ir! – gritou Gavin. Roçando o nariz no de Emily, mordiscou o lábio inferior dela. – Você tem ideia de quanto eu vou

fazê-la feliz?

Emily sorriu, livrando-se do fio de tensão que ainda restava em seu corpo.

– Não sei se você consegue me fazer mais feliz do que já faz.

– Você duvida da minha habilidade de fazer você feliz?

– Acho que sim.

Depois de comemorarem a notícia com os amigos e parentes, Gavin seguiu Emily até o segundo andar. Ela teria uma consulta médica na cidade no dia seguinte, às quatro horas, então haviam planejado sair relativamente cedo para evitar o trânsito do feriado. Antes de fazerem a viagem, Gavin planejava avisar a Dillon que não precisava se dar o trabalho de aparecer. Estava mais do que ansioso em dar esse telefonema. Queria até gravá-lo. Ainda em choque por não estar mais vivendo no purgatório, com a sensação de estar enfim no céu, Gavin não pôde conter um sorriso quando Emily se enfiou na cama ao seu lado e se recostou nos travesseiros. Deslizou até ela e foi lhe beijando o pescoço, desceu a graciosa curva do seu ombro até, por fim, chegar à lateral de sua barriga. Gavin ergueu lentamente a camiseta de seda que ela usava e pousou os lábios no ventre que carregava o *seu* filho.

– Noah – sussurrou, beijando-a logo abaixo do umbigo. – Noah Alexander Blake.

Emily deixou escapar um suspiro de satisfação.

– Soa bem.

– Também acho. – Gavin beijou-lhe a barriga outra vez e tomou a sua mão, beijando cada um dos dedos dela, e a encarou. – Obrigado.

Emily afastou os cabelos dele da testa. Seu olhar, o tom suave de sua voz e seu sorriso faziam o coração dela explodir de amor.

– *Eu* é que agradeço – sussurrou ela, uma única lágrima se libertando. – Muito, muito obrigada.

Gavin descansou o rosto sobre a barriga dela, rindo quando uma pequena onda quebrou na superfície.

– Braço? – perguntou, gostando da sensação.

– É possível. – Sorrindo, Emily baixou os olhos. – O bumbum dele, talvez?

Gavin deu de ombros, curtindo o momento.

– Será que ele vai ser péssimo no jogo de atirar tampinhas igual à mãe?

– Será que ele vai ser um espertinho igual ao pai?

Gavin arqueou a sobrancelha enquanto passava o dedo em torno do umbigo dela.

– Um espertinho de olhos azuis e péssimo no jogo de atirar tampinhas. Gostei.

– Eu também.

Gavin beijou a barriga dela outra vez, abrindo um sorriso maroto.

– Será que ele vai odiar os passarinhos dos Orioles tanto quanto eu?

Emily grunhiu, atirando a cabeça de volta no travesseiro.

– Será que ele vai ser ainda mais engraçadinho que o pai?

– Essa alfinetada foi fraquinha.

– Cai como uma luva para o espertinho ao qual foi destinada.

– Não posso discordar. – Gavin beijou lentamente cada centímetro da barriga de Emily, observando-a se arrepiar. – Imagino se ele vai saber quanto a mãe é linda, por dentro e por fora.

Emily tocou o rosto de Gavin, a alma acalentada pelas palavras dele.

– Será que ele vai ser igualzinho ao pai?

Com os olhos se enchendo de ternura, Gavin seguiu pelo corpo de Emily, beijando-lhe as costelas, os seios e os ombros. Absorveu cada glorioso centímetro do que lhe pertencia.

– Espero que ele se apaixone por uma mulher tão generosa quanto a mãe, que coloque em jogo tudo o que tem arriscando-se pela esperteza dele.

Enquanto a vibrante explosão de cores dos fogos de artifício se irradiava para dentro do quarto escuro, Emily olhou nos olhos de Gavin, sem fôlego, correndo as pontas dos dedos pelas planícies rijas de seu peito, subindo até os ombros.

– Espero que ele seja tão piedoso, gentil e carinhoso quanto o pai se essa mulher o machucar um dia.

Gavin beijou-lhe os lábios, sussurrando carinhosamente:

– Será que ele tem ideia de que eu vou amá-lo e amar a sua mãe até o meu último suspiro?

Gavin não deixou que Emily dissesse mais nada. Ele deu continuidade à trilha de palavras doces e acariciou a sua alma como nunca antes. Com o coração acelerado, Emily o sentiu se tornar um com ela e com o filho, o amor inabalável em cada toque delicado, em cada doce abraço.

Pulsção

Quando Emily acordou na manhã seguinte, o cheiro de bacon assaltou os seus sentidos e ela deixou a cama vazia. Nuvens fofas, cinzentas como uma velha lápide, pontilhavam o céu para além da janela. Pelo visto, a chuva rondaria o dia todo. Alongando-se preguiçosamente, bocejou e olhou ao redor. Enfiando a cabeça pela porta, ouviu as vozes de Gavin e do pai vindas lá de baixo. Sorriu de como eles faziam piadas e riam juntos. Decidindo tomar um banho rápido antes de saírem, Emily vasculhou a mala à procura de uma calça capri macia e de uma camiseta vermelha. Com as roupas em mãos, entrou no banheiro e se entregou a uma chuveirada longa e quente. Tão logo terminou, usou um secador, se vestiu e desceu. Chad estava sozinho na cozinha, procurou Gavin.

– Bom dia – cumprimentou Emily, puxando uma cadeira. – Onde está o Gavin?

Segurando uma espátula, Chad a encarou.

– Bom dia para você também – respondeu ele com um sorriso. – A gente ficou sem leite. Ele deu um pulo no mercado. – Chad lhe serviu um copo alto de suco de laranja e o deslizou pela bancada de granito. – Beba. É bom para você e para o meu neto.

Emily sorriu, deleitando-se com o tom orgulhoso do sogro.

– Obrigada.

Ela bebericou o suco e olhou à sua volta.

– Todo mundo ainda está dormindo?

– Lillian está se arrumando. – Chad quebrou o ovo em cima de uma chapa crepitante. – Fallon e Trevor estão acordados. Ele desceu e pegou duas xícaras de café. Ainda não vi Olivia e Jude. – Ele tomou um gole do seu suco. – Bacon com ovos?

– Claro – respondeu Emily, a barriga roncando com o cheiro tentador.

Chad colocou algumas colheradas de ovos e algumas fatias de bacon num prato. Pondo-o diante de Emily, ele sorriu e as rugas ao redor dos olhos se pronunciaram.

– Espero que goste.

– Obrigada.

Emily pegou o garfo e atacou o prato. Durante os vinte minutos seguintes, ela ouviu Chad falar de Gavin. Descobriu que seu torcedor fanático dos Yankees não só tinha amado os Mets em um momento da vida como, no último ano do ensino médio, arremessara num jogo no qual o oponente não conseguira marcar um único ponto. Depois disso, havia deixado o campo para nunca mais voltar a jogar, a não ser por divertimento. Chad acreditava que a decisão de Gavin teria sido motivada pela pressão dos olheiros para que ele levasse o talento às ligas profissionais. Considerando a enorme paixão de Gavin pelo beisebol, Emily ficou surpresa. Entretanto, imaginou que isso tivesse mais a ver com seu desejo de se tornar arquiteto. De qualquer forma, sua curiosidade foi atiçada e ela queria questioná-lo na volta para casa. Ao término da refeição, Emily consultou o relógio. Ele já saíra havia trinta minutos.

– O Gavin foi tirar leite da vaca em alguma fazenda? – Ela apontou para o relógio do fogão de aço inoxidável. – Ele já saiu há um bom tempo.

Chad estreitou os olhos, levantando-se devagar.

– Humm. Ele realmente está demorando. – Olhou pela janela, para as pesadas gotas de chuva que caíam. – Talvez esteja indo bem devagar. Ele disse que ia de moto.

– Ah – falou Emily baixinho.

Uma angustiante inquietação se apossou dela; lembrou uma conversa que tivera com Gavin havia não muito tempo. Bastante entusiasmado, ele contara como gostava de levar a moto até velocidades absurdas nas estradas de East Hampton.

– Vou ligar para o celular dele e ver se está tudo bem.

Chad meneou a cabeça e Emily partiu em direção à escada. Subindo dois degraus de cada vez, chegou ao topo em segundos. Ao se virar, deu de cara com Olivia, que secava os cabelos com uma toalha. Ela olhou fixo para Emily.

– Por que você está com uma cara tão assustada?

Emily desviou o olhar para uma janela arqueada que ia do chão ao teto. Prendeu a respiração enquanto olhava a chuva despencar, grossa e pesada. Com um gesto rápido, sacou o celular da bolsa e apertou o botão de discagem rápida do número de Gavin. No quarto toque, ela soube que ele não ia atender.

– Em, que diabos há de errado? – Olivia estava parada no vão da porta, confusa.

Engolindo em seco, Emily desligou o telefone.

– Gavin saiu para comprar leite e ainda não voltou. E ele foi de moto.

Olivia deu de ombros.

– Ok. Está chovendo. Ele provavelmente está vindo bem devagarinho, garota. Fique tranquila.

Olivia tinha razão. Ela devia estar exagerando. Sabia que Gavin era inteligente o bastante para não dirigir enlouquecido; no entanto, havia algo de errado e ela não conseguia dizer o quê. Não era algo que sentisse em suas entranhas, mas o contrário, um vazio que lenta e sorrateiramente se apossava do seu corpo. Enquanto tentava se convencer a descer do penhasco onde a mente se debruçava, a campainha tocou. Emily correu até a janela do quarto e o coração parou de bater quando avistou uma viatura da polícia de East Hampton. Passou em disparada por Olivia, despencando escada abaixo. Parou no patamar e levou a mão à barriga, que se contraía. A dor atacava-lhe o abdômen. Segurou com força o corrimão e tentou desacelerar a respiração e diminuir a velocidade dos pensamentos. Gavin provavelmente tinha sido parado por

correr demais. Pelo menos era disso que Emily queria se convencer ao observar Chad abrir a porta. O nome completo de Gavin... então as palavras. Mesmo baixas, atingiram os ouvidos de Emily, roubando-lhe o equilíbrio.

Perdeu o controle...

Grave...

Levado de helicóptero...

Estado crítico...

Emily tentava respirar enquanto o corpo instintivamente se deixava afundar nos degraus, a mão ainda agarrada ao parapeito frio de metal. O caos dominou tudo à sua volta, mas ela não notou. Não conseguia pensar nem sentir. Sua mente passou a um estado de dormência; os ouvidos bloqueavam os gritos e o pranto de Lillian. Mal se deu conta de Trevor levantando-a da escada e conduzindo-a até o ar quente e úmido. Uma pesada gota de chuva caiu na sua cabeça. Outra, na sua face. Logo se viu encharcada e sentada no carro de Trevor.

Fitando a estrada que passava voando sem realmente enxergá-la, Emily estava paralisada de medo. Enquanto a chuva fustigava o teto do carro, seu coração galopante chacoalhava o corpo todo. Sua mente foi se arrastando pelas recordações dos últimos meses, espinhosas e belas, mas a consciência fria do que estava acontecendo fez Emily afundar ainda mais no assento. Gavin estava criticamente ferido. O que o policial dissera atravessou as comportas, mergulhando-a em uma tristeza profunda. Uma torrente de lágrimas caiu e uma dor de cabeça brutal fez um ninho permanente nos beirais mais sombrios do seu crânio.

Quando chegaram ao hospital, a chuva havia ficado ainda mais ruidosa, o ritmo tão constante quanto os aplausos num show de rock. Emily abriu a porta do carro e saltou. Com a mente dispersa e confusa, ela se dirigiu à emergência, rezando. Ainda sem conseguir falar, ouviu Trevor e Fallon perguntarem onde estava Gavin. Depois de pegar alguns dados, a enfermeira por trás do balcão apontou para o fim do corredor. Com os olhos marejados, Emily se apoiou no braço de Trevor em busca de equilíbrio enquanto entravam num elevador.

– Emily, me ouça – sussurrou Trevor, a voz embargada. – Ele vai ficar bem.

Fallon afagou os cabelos encharcados de Emily.

– Ele vai, sim, Em. Você não pode perder a esperança.

Perdeu o controle...

Grave...

Levado de helicóptero...

Estado crítico...

Emily balançou a cabeça e disse, gaguejando:

– Vocês ou-ouviram o que o po-policial disse.

Fallon a abraçou com força. Quando o elevador abriu na UTI, mesmo com a vista embaçada, Emily distinguiu os pais de Gavin, Colton, Olivia e Jude conversando com o médico. Quis correr até eles para descobrir o que estava acontecendo, mas seu corpo congelou. Os pés não se moviam. Os braços permaneciam inertes, frios como pingentes de gelo. Com a ajuda de Trevor, Emily deu um passo para fora do elevador. Uma profunda sensação de vazio dominou seu peito enquanto ela seguia devagar em direção ao grupo. O ar frio do hospital tinha um leve cheiro de amônia e de doença. Emily olhou os quartos de vários pacientes e sentiu um arrepio na espinha. Estavam deitados imóveis, com lençóis puxados até o pescoço, a maior parte deles inconsciente. Ao se aproximar do seu grupo, Emily notou o medo nos olhos de Chad e estremeceu. Seu coração se esstraçalhou.

Lillian abraçou Emily e encharcou ainda mais sua camiseta com lágrimas.

– Ai, meu Deus. Meu bebê. Meu menino. Não sabem se ele vai sobreviver.

O pranto de Lillian martelava a cabeça de Emily e o desespero destroçava-lhe o coração.

– O que foi que aconteceu? – perguntou Emily, mal conseguindo pronunciar as palavras. Com o rosto banhado em lágrimas, ela se virou para o médico de rosto redondo. – Tem que haver alguma coisa que o senhor possa fazer. Ele vai... – Emily conteve um soluço – ... ele vai ser pai.

O médico suspirou baixinho, enfiando as manzorras nos bolsos.

– A moto derrapou na frente da Mill House Inn, na rodovia Montauk. Ele foi atirado em cima de um veículo que vinha em sentido contrário. – Ele balançou a cabeça. – Acabamos de fazer uma tomografia. Embora estivesse usando capacete, ele sofreu uma grave lesão cerebral e não tem respondido a estímulos. Estamos tentando controlar o edema e vamos fazer o melhor possível, mas o prognóstico não é bom. Ele teve um pulmão perfurado, três costelas quebradas e um fêmur fraturado, e está com hemorragia interna no abdômen. O cirurgião dará notícias quando terminar a operação.

Emily sentiu o corpo amolecer, o coração ser rasgado. Soluçando descontroladamente, com as pernas bambas, ela se apoiou em Trevor, que a abraçou, tentando mantê-la em pé. No entanto, os braços dele também estavam fracos. Tremendo, Emily caminhou até uma pequena sala de espera. Despencou numa cadeira e enterrou o rosto nas mãos, balançando o corpo para a frente e para trás.

Aquilo não podia estar acontecendo. Não era real. Havia apenas algumas horas, a vida de Emily e Gavin estava completa e, agora, ela podia perdê-lo. Recusava-se a acreditar que o filho deles poderia perdê-lo. A ideia de que Noah jamais conhecesse o pai maravilhoso abalou a fé de Emily. Com os olhos inchados, ergueu a cabeça devagar e olhou ao redor, para as pessoas que faziam parte da vida de Gavin. Pálidos de medo, nenhum daqueles rostos continha um único lampejo de esperança. Emily observou Chad abraçar Lillian; o pesar do sogro acabou com ela. Sentada ao lado de uma pequena máquina de café, Olivia descansava a cabeça no ombro de Jude, as lágrimas escorrendo livremente pelas faces. Emily engoliu em seco e voltou o olhar para Colton. Sozinho num canto de pé, com os braços cruzados, ele encarava o chão, chorando baixinho.

Imagens do que ela e Gavin deveriam ser, da vida da qual haviam planejado se desfaziam. Emily começou a suar frio. O relógio da parede fazia tique-taque, o ponteiro de segundos se movia sinistramente. No decorrer das horas seguintes, todos

aguardaram notícias. Quando o cirurgião entrou na sala de espera, a luz já desaparecia do céu úmido. Todos ficaram de pé num pulo.

Com um olhar vazio, ele se pôs a falar:

– Por ora, conseguimos estancar o sangramento do abdômen, e vamos mantê-lo em observação para ter certeza de que não vai recomeçar. – O cirurgião inspirou fundo. – Tivemos que fazer uma craniectomia de emergência para aliviar a pressão intracraniana. As próximas 48 horas são críticas. Enquanto isso... – o homem olhou para cada um deles – ... acho melhor vocês passarem o máximo de tempo possível com ele.

Fez-se um momento de silêncio longo o suficiente para que Emily sentisse o desespero que tomava conta da sala. Lillian caiu nos braços de Chad aos prantos. O coração de Emily começou a palpitar com tanta força que seus dedos tremiam. Enquanto o cirurgião se afastava, a mente de Emily ficou enevoada. Afundando na cadeira, ela cobriu o rosto. Sabia que não podia ver Gavin ainda. Não podia. A verdade era que o medo retorcia suas entranhas. O medo a envolvia e a paralisava. Sentiu um toque suave no ombro e, ao erguer a vista, deparou com Chad. Sombras escuras da mais profunda tristeza dominavam seu rosto.

– Venha – murmurou ele, estendendo uma mão trêmula. – Vamos todos entrar juntos.

– Eu não consigo – choramingou Emily, a voz falhando. – Eu não consigo. Vão na frente. Só preciso de alguns minutos.

Chad assentiu, pesaroso. Lágrimas ainda não vertidas nublavam os seus olhos enquanto ele se afastava, passando um braço protetor em torno da cintura de Lillian. Com o coração despedaçado, Emily observou o casal angustiado pegar o corredor. Colton os seguiu cabisbaixo, de ombros caídos.

Olivia logo se postou ao lado de Emily e, carinhosamente, secou as lágrimas da sua face.

– Não desista dele, Em – sussurrou, a voz tensa de cansaço. Piscando os olhos injetados, Olivia balançou a cabeça. – Ele precisa de você neste momento.

Uma saudade enorme preencheu o peito de Emily. Não queria desistir de Gavin; sabia que precisava ser forte, por ele e pelo filho.

No entanto, em algum lugar no fundo de sua mente, sussurros nefastos lhe diziam o contrário. Gritavam que Noah jamais veria aqueles olhos calorosos e agradáveis. Que nunca sentiria a centelha de Gavin, a maneira como ele iluminava tanta gente à sua volta com um simples sorriso. Pensamentos nefastos alertavam a Emily que anos se arrastariam, um após outro, com nada além de pesar pelo homem que ela amara mais do que a si mesma. Baixinho, ela implorava que parassem o bombardeio sobre qualquer esperança que ainda lhe restava.

Trevor e Fallon se aproximaram, salvando Emily do conflito em sua mente. Abatido, o amigo disse:

– Vou levar a Fallon de volta para casa. Ela vai ficar de olho no Timothy e na Teresa para que a Melanie possa vir. – Ele fez uma pausa, os olhos cansados. – Em, você precisa comer. Deixe-me comprar alguma coisa para você no caminho.

Emily fez que não com a cabeça. Não conseguia pensar em coisa alguma, nem mesmo em comer.

– Eu estou bem.

– Jude e eu vamos comprar alguma coisa na máquina de bebidas. – Olivia beijou Emily na bochecha e se levantou. – A gente já volta.

Emily assentiu, percebendo que todos precisavam de um minuto para organizar os pensamentos. Sozinha e mentalmente exausta, enterrou o rosto nas mãos, arfando diante da dor que sentia. Enquanto rezava para um deus que já não sabia ao certo se existia, surgiu um breve lampejo de esperança. Um lampejo daquilo que tornava ela e Gavin uma só pessoa, daquilo que os solidificava como duas almas complementares, destinadas uma à outra.

Ficando de pé, Emily respirou fundo. Começou a seguir pelo corredor, o coração batendo ruidosamente. Parou a alguns metros da porta do quarto de Gavin e quase caiu de joelhos ao ouvir o choro de Lillian. Seu estômago deu um nó e uma contração leve se irradiou por seu corpo, arrancando-lhe o ar dos pulmões. Resistindo à dor, entrou no quarto que continha tudo aquilo pelo qual vivia e pelo qual certamente morreria.

Não dava para enxergar o amor da sua vida, pois os familiares estavam na cabeceira da cama, bloqueando-lhe a visão. Tapando a boca com a mão, Emily observou Lillian conversar com Gavin. Ela lhe falava da primeira vez que ele dissera “mamãe” e de como aquilo a fizera se sentir. Em meio às lágrimas, contou sobre o seu primeiro dia de escola e sobre como ele se agarrara às suas pernas, com medo de subir no ônibus sem ela. Explicou que, embora o coração tivesse ficado pequenininho, sentira orgulho no momento em que ele a soltara. Lillian desmoronou ao lhe implorar que despertasse para sentir a mesma alegria quando o filho soltasse a sua mão no primeiro dia em que entrasse num mundo muito assustador.

Emily soluçou, o corpo tremendo com o medo de que ele perdesse tantas lembranças lindas. Incontáveis segundos, horas, minutos, dias e anos em que o filho precisaria dele. Nascentes e poentes que ele ainda precisaria compartilhar com Noah, explicando o que significa ser um homem de verdade. Liga infantil de beisebol, escoteiro, o primeiro encontro, a festa de formatura, refeições de grau, o primeiro amor, o casamento. Cada uma das dádivas preciosas da vida que ele perderia se não sobrevivesse àquilo.

Uma enfermeira entrou no quarto, afastando Emily de sonhos que talvez nunca se tornassem realidade. Sonhos que se esvaíam. A mulher de meia-idade verificou silenciosamente monitores que apitavam, substituiu bolsas de líquidos transparentes ligados por via intravenosa e anotou algo num prontuário. Colton deu um passo atrás e viu Emily. Ela estremeceu ao perceber como ele se parecia com Gavin.

Com as mãos nos bolsos, ele a encarou por um instante antes de sussurrar:

– Ele é tão apaixonado por você, Emily... Eu sei que o merdinha está tentando deixar o lugar onde está agora aos socos só para estar com você. – Emily sorveu o ar, trêmula, enquanto Colton a tomava nos braços e acrescentava: – Ele está lutando. É teimoso demais para não lutar.

– Eu espero que esteja – disse ela, engasgando e se agarrando a ele. – Eu não posso perdê-lo.

Lillian se juntou ao abraço dos dois, seus choramingos ressoando nos ouvidos de Emily. Chad se postou atrás da esposa, os olhos insuportavelmente melancólicos. Lillian segurou o rosto de Emily nas mãos.

– Você precisa de um tempo sozinha com ele. Vamos estar na sala de espera se precisar.

Emily assentiu, sentindo falta da suavidade do toque de Lillian quando eles saíram. Com dificuldade para respirar, ela deu um passo à frente, hesitante, o coração apertado. O peito forte de Gavin subia e descia no mesmo ritmo que o ventilador pulmonar. Deu mais um passo e as lágrimas começaram a pingar no chão ao ver a cabeça envolta em gaze branca, uma mancha de sangue encharcando o tecido. A perna machucada estava erguida em uma espécie de tipoia. Ela alcançou a cama e tocou a mão dele. Havia calor, mas nenhum movimento.

Nem um espasmo.

Nem um tremor.

Nada.

Meu Deus, tudo o que Emily queria era beijá-lo, mas o tubo enfiado na boca de Gavin a impedia. Queria arrancá-lo de sua dor, mas não sabia ao certo onde tocá-lo. O corpo estava coberto por fios ligados a monitores. Sem conseguir resistir, ela o beijou suavemente na bochecha contundida. Deixou os lábios se demorarem um pouco e uma lágrima caiu de seus olhos sobre o rosto de Gavin, deslizando pela lateral do nariz, quase como se fosse dele.

E foi, então, que Emily perdeu o controle por completo.

– Por favor, Gavin, você não pode fazer isso com a gente. – Ela levou uma das mãos ao rosto dele, o corpo chacoalhando com os soluços. – Você é o motivo pelo qual eu respiro. Estou carregando o filho que o nosso amor gerou. O nosso amor que é digno de filme. O nosso passado é imperfeito, mas o nosso futuro é de tirar o fôlego. Você não pode me deixar. Não pode. Eu preciso de você. Preciso das suas tampinhas e dos seus jogos de vinte perguntas. Preciso dos seus comentários espertinhos e daquele olhar idiota que você me dá quando eu tento cozinhar. Meu Deus, Gavin, lute, por favor.

Lute por nós. Lute pelo Noah. Tem coisas de mais que eu não vou poder ensinar a ele sem você.

A chuva gorgolejava numa calha do lado de fora enquanto ela esperava um sinal. Um sussurro de vida. Qualquer coisa que dissesse que ele a tinha ouvido, sentido.

Mais uma vez... nada.

– Meu Deus, por favor. Por favor...

Ela enterrou o rosto no ombro dele. No ombro forte por cima do qual Gavin a atirara tantas vezes. Respirou o perfume almiscarado que a deixara tonta na primeira vez em que ele se aproximara dela. Pensando em cada palavra e gesto que haviam compartilhado, Emily se sobressaltou com o som de um alarme. Um dos aparelhos piscava em vermelho. Ela engoliu em seco e cambaleou para trás quando uma enfermeira entrou no quarto.

– Parada cardiopulmonar! – gritou ela, retirando o tubo da boca de Gavin. Enfiando outro, apertou um saco acima de sua boca, bombeando ar manualmente para seus pulmões. – Preciso de um carrinho de emergência imediatamente!

Com os olhos arregalados de pavor, Emily ouviu a emergência ser anunciada pelos alto-falantes enquanto outra enfermeira disparava para dentro do quarto. Frenética, a mulher abriu a camisola hospitalar de Gavin e passou a pressionar o peito dele com força e rapidez. Outra enfermeira entrou às pressas, puxando um carrinho com um aparelho. A vista de Emily se borrou de lágrimas, as vozes emudeceram, os movimentos ficaram em câmera lenta.

Uma voz masculina cortou o ar:

– Qual é o estado dele?

– Fibrilação ventricular – respondeu uma das enfermeiras, ainda pressionando o peito de Gavin.

– Preparar para choque de 200 joules.

Depois que dois enormes adesivos foram colocados sobre a pele dele, outra voz disse:

– Preparando para o choque. Tudo pronto?

Tremendo incontrolavelmente, Emily observou as pessoas se afastarem da cama.

– Tudo pronto!

Um baque... O corpo de Gavin saltou...

Um segundo, um minuto, uma hora... Emily não sabia quanto tempo havia se passado. Não conseguia pensar, não conseguia se mexer. Com os olhos grudados em Gavin, rezava para que o coração dele continuasse a bater.

Outro baque... O corpo de Gavin saltou outra vez...

O caos em torno dele continuou enquanto bombeavam ar para dentro do seu pulmão e massageavam-lhe o peito vigorosamente. Emily sentiu as costas baterem na parede; sua mente era um turbilhão de emoções. Ela chorava histericamente, mal ciente da presença de Colton, que tentava conduzir o seu corpo paralisado até o corredor.

– Ele está assistólico! – gritou a enfermeira.

O médico olhou para o monitor.

– Aplique 1 miligrama de adrenalina.

A mente de Emily agora era um completo silêncio. Ela desviou os olhos do corpo inerte de Gavin para o monitor, as ondas em picos da tela se transformando numa linha reta. Não houve bipe longo e insistente ou, se houve, Emily não o ouviu. A única coisa que conseguia ouvir eram as doces palavras ditas por Gavin na noite anterior.

Será que ele tem ideia de que vou amá-lo e vou amar a sua mãe até o meu último suspiro?

Até o meu último suspiro...

Último... suspiro...

– Horário do óbito: 22h28 – disse o médico com gravidade.

O mundo de Emily avançou alguns segundos, as lembranças perdidas num perverso lampejo de escuridão. Sentiu um aperto na garganta. Os olhos verdes arregalados ardiam. Ordenou ao corpo que continuasse em pé, mas não conseguiu. Recuou, arfante, e caiu de quatro dolorosamente, bem do lado de fora do quarto. As palavras iam e vinham num borrão, indistintas. Até mesmo os gritos de Lillian eram distantes. O pranto longínquo de uma mãe que perdera o caçula.

Com os olhos encharcados de lágrimas e o coração pesado de tanta dor, Emily nem sabia de quem era a mão que a ajudava a se levantar. Tentou engolir. Tentou respirar. Os braços trêmulos de Trevor envolveram o seu corpo. Ele afundou o rosto cansado no ombro dela e os dois choraram juntos. Naquela noite, no ano em que a vida dela ia mudar de tantas maneiras lindas, o destino havia quebrado a sua promessa e decidira foder com todo mundo que fazia parte da vida de Emily. Em meio a uma névoa, ela observou um irmão chorar a perda de seu único irmão, um pai gritar pelo filho e amigos se juntarem desesperados diante da perda de alguém com quem haviam crescido. No entanto, em meio a toda a dor presente naquele corredor, naquele instante, Emily soube que a maior perda pertencia ao filho que trazia na barriga. Seu pai havia partido. Nunca mais caminharia sobre a terra. Jamais teria uma conversa de fim de noite com o filho. Jamais poderia segurar o filho nos braços.

Ele se fora...

Nunca mais haveria uma respiração antes de um beijo...

Nunca mais o coração dispararia com um único olhar...

Nunca mais a pele formigaria sem ao menos ser tocada...

Ele... se fora.

Respire...

Respire

Respire...

– Emily.

Respire...

Ele se fora...

– Emily – disse uma voz, mais alto.

Ofegante, Emily abriu os olhos e levou um tempo até se acostumar às luzes fortes acima. Encharcada de suor e tossindo, ela se sentou na cama, chutando os lençóis para longe. O som de passos rápidos soou mais próximo.

– Caramba, amor. Você está bem?

Emily olhou na direção da voz e seu coração quase parou ao dar de cara com Gavin. Ela levou a mão à boca e começou a chorar histericamente. Seu corpo tremia como vara verde e as lágrimas jorravam. Emily saltou da cama e caiu nos braços cálidos de Gavin.

– Você estava morto – choramingava ela, passando as mãos pelo rosto confuso dele.

Emily precisava ter certeza de que ele era real, se certificar de que ele respirava, vivia. Derretendo-se com o pinicar de sua barba rala, sentiu uma dolorosa contração, que quase arrancou-lhe o ar dos pulmões. Deslizou as mãos por seu peito nu e beijou Gavin febrilmente.

– Ai, meu Deus, Gavin, você morreu, saiu para comprar leite, a moto... – As palavras se atropelavam enquanto ela tentava respirar, em pânico.

Gavin tomou o rosto avermelhado de Emily nas mãos e enxugou suas lágrimas com os polegares. Olhando fundo em seus olhos, abriu um pequeno sorriso.

– Estou aqui, meu doce. Nada aconteceu. Foi só um sonho.

– Não foi um sonho – disse Emily aos prantos, com os ombros curvados. Segurando a barriga, sentiu outra contração. – Ai, meu Deus. – Endireitou a coluna e agarrou-se aos ombros de Gavin, beijando-o repetidamente. Sem querer fechar os olhos, ela o encarava enquanto a boca se deslocava por seus lábios macios. – Foi um pesadelo. Você estava morto. – Mais uma contração, seguida por um beijo. – Usaram um desfibrilador. Você não respirava. Eu lhe implorava para continuar a lutar e você não conseguia. O seu corpo desistiu. A expressão da sua mãe... Do seu pai... Do seu irmão... Todo mundo estava arrasado.

Gavin a abraçou ainda com mais força. Embalando a cabeça dela, passou as mãos pelos cabelos empapados de suor.

– Emily, acalme-se. Eu estou aqui, meu anjo. Eu estou aqui.

Ainda em frenesi, ela não conseguia relaxar. Ele estava louco? Era impossível. Imagens do seu corpo inerte permaneciam em sua cabeça, tão claras quanto um céu sem nuvens. Puxou Gavin para baixo até os próprios lábios, continuando a chorar.

– Eu te amo. Meu Deus, eu te amo tanto, Gavin... Não disse isso o bastante.

Mais um beijo e mais uma contração. Rasgando. Uma dor mais profunda e explosiva passou como uma onda por sua barriga. Aquelas não eram contrações falsas. Não mesmo. Afastando-se lentamente, Emily olhou para Gavin e sussurrou:

– Eu te amo, Gavin Blake. – Ela afastou os cabelos da testa. – E a gente está prestes a ter o bebê.

Gavin engoliu em seco e arregalou os olhos.

– Você está em trabalho de parto? – indagou, incapaz de evitar que a voz falhasse, como se fosse um adolescente na puberdade. – O nascimento só estava previsto para daqui a três semanas!

Era ela quem estava em trabalho de parto, mas Gavin parecia que ia pirar. Respirando de maneira lenta e purificante, Emily assentiu.

– Estou, mas preciso que você fique calmo, ok?

Gavin inclinou a cabeça para trás, convencido de que ela havia ficado maluca. Segundos antes, estava apavorada, dizendo que ele tinha morrido, e agora estava bizarramente tranquila, mesmo prestes a trazer o filho ao mundo.

– A bolsa! – exclamou ele, virando-se em direção ao armário. Escancarou a porta e estacou. Então, girando nos calcanhares, arregalou ainda mais os olhos. – Caralho, a gente não trouxe a bolsa. Como é que a gente vai fazer isso sem a bolsa?

Apesar de um leve desconforto físico, Emily sentia-se mentalmente ótima. Fitou o rosto assustado de Gavin, querendo se afogar em seus olhos. Pareceu-lhe tão irreal que ele estivesse ali com ela. Aproximou-se e tocou a sua face, acariciando-a.

– O bebê vai chegar com ou sem a bolsa da maternidade.

– Claro – concordou Gavin, rouco, vestindo uma calça de moletom e uma camiseta. Fazia de tudo para relaxar, mas a calma dela o estava deixando nervoso.

Houve uma batida fraca na porta e Olivia entrou. Com um pijama de seda e felpudas pantufas de coelhinho, ela estreitou os olhos diante da luz.

– Seus malucos, vocês têm noção de que já são quase três da manhã, né? – Ela bocejou e esfregou o rosto. – Considerando que Jude e eu estamos bem aqui do lado, será que daria para vocês dois, sei lá... fazerem silêncio? Vocês sabem que eu tenho o sono leve.

– A Emily está em trabalho de parto – avisou Gavin, procurando as chaves na cômoda.

Os olhos de Olivia se arregalaram mais ou menos ao mesmo tempo que outra contração indesejada foi abrindo caminho pela barriga de Emily. Curvada para a frente, ela tentou respirar em meio à dor.

Olivia e Gavin correram para o lado dela, cada qual agarrando-a por um braço. O queixo de Olivia caiu.

– Puta merda, Em! A gente está superlonge de tudo, nos Hamptons. Que diabos você vai fazer? Voltar para a cidade? Quer dizer, o seu médico está lá, não aqui.

Emily balançou a cabeça, olhando para Gavin e Olivia.

– O que há de errado com vocês? – vociferou ela, a voz já não tão doce e calma quanto antes. – Eu posso estar errada, mas as mulheres dão à luz o tempo todo sem bolsas de maternidade e sem os médicos que seguiram as suas gestações. Correto?

– Correto – responderam Gavin e Olivia em uníssono.

– Obrigada – disse Emily, afundando na cama, e começou a chorar outra vez.

Vivenciando aquela dor após o pesadelo, estava arrasada. Gavin olhou para Olivia, fingindo calma.

– Você consegue arranjar alguma coisa para ela vestir?

Olivia assentiu e Gavin se ajoelhou na frente de Emily. Com as mãos sobre os joelhos dela, olhou-a nos olhos, grato por tudo o que ela já lhe dera e estava prestes a lhe dar.

– Eu te amo – sussurrou ele. Emily passou os dedos por seus cabelos com um leve sorriso. – Vamos ficar assustados juntos, meu doce. Eu estou aqui.

– Assustados juntos – repetiu Emily baixinho, aceitando uma camisa e uma legging de grávida das mãos de Olivia.

– Vou acordar todo mundo. – Olivia deu um beijo na bochecha de Emily e outro na cabeça de Gavin. – Eles precisam saber que o Noah Alexander Blake logo vai estar com a gente. Eba!

Ela desapareceu pelo corredor escuro. Mais uma vez tentando agir de maneira impassível, mesmo em pânico, Gavin ajudou Emily a despir o pijama e a vestir a roupa. Quando chegaram lá embaixo, a cozinha havia despertado com a animação de amigos e familiares. Emily respirou, buscando energia, e fitou os rostos sorridentes, o pesadelo retornando com toda a força. Porém, não conseguiu se segurar e começou a chorar.

Gavin passou o braço pelos ombros dela. Tinha uma boa ideia do motivo pelo qual ela estava chorando. Franzindo a testa, Lillian abraçou-a.

– Você pode pedir que lhe deem alguma coisa para a dor quando chegar ao hospital, meu bem. – Ela a apertou contra seu robe preto e macio.

Mesmo em meio à preocupação de Lillian, Emily pôde distinguir a felicidade dela por querer conhecer o terceiro neto, assim deixou de lado o pesadelo e parou de chorar.

– Qual o intervalo das contrações? – perguntou Lillian. – Está cronometrando, não está?

Gavin balançou a cabeça, a garganta subitamente seca. Merda. Estava ferrando com tudo. Não tinha cronometrado porra nenhuma. Teve a sensação de que tudo o que havia aprendido nas muitas aulas sobre o método Lamaze fora apagado da sua mente.

– Comece a cronometrar agora – sugeriu Fallon, puxando uma cadeira da mesa. Enfiou os cabelos de mechas verdes e prateadas num rabo de cavalo e bebericou o café. – Eu li que, se a frequência for menor do que cinco minutos, o bebê está perto de nascer.

Olivia deu uma olhada para ela e Trevor.

– Vocês dois estão tentando ter um filho, não estão?

Trevor deu um sorriso malandro.

– Irmã, você é e sempre vai ser doida de pedra. – Olivia revirou os olhos e Trevor se aproximou de Gavin, apertando a sua mão. – Depois que nós acordarmos direito, encontraremos vocês no hospital. Nascido em 5 de julho. Bacana, o aniversário dele. Parabéns, cara.

– Obrigado.

Gavin sorriu e acompanhou Emily até a porta. Depois de se despedir de todo mundo com um abraço, ela saiu para o ar orvalhado da noite, dirigindo-se ao carro do namorado.

Quando Gavin ia saindo, Colton o segurou pelo braço.

– Lembre-se de uma coisa, rapazinho: faça tudo o que ela pedir. Não leve as ameaças ou os xingamentos para o campo pessoal. Ela ainda ama você. Só não vai gostar de você pelas próximas horas. *Nem um pouco.*

Chad riu, dando um tapinha nas costas de Gavin.

– Não posso dizer que discordo do seu irmão. É como se ela se transformasse na Linda Blair em *O exorcista*. Mas depois vai se

acalmar.

Lillian afastou Chad com rispidez e abraçou Gavin.

– Ignore o seu pai e o seu irmão. Vai ficar tudo bem. Eu amo você, meu bebê. Logo, logo a gente vai estar lá.

Gavin se despediu da mãe com um beijo e saiu de casa. Esperando encontrar o capeta, ficou surpreso ao ver Emily calmamente encostada no carro. Ainda lhe parecia estressada, mas ele estivera esperando algo muito pior. Porém, seus pensamentos pareceram invocar o demônio e a expressão de Emily passou de relaxada e afável a completamente emputecida enquanto ela se curvava e agarrava a barriga.

– Nossa, Gavin, será que dava para você abrir logo essa porta?
– sibilou ela, apoiando-se no retrovisor do BMW.

Nervoso, Gavin se atrapalhou com as chaves para destrancar a porta. Ajudou Emily a se acomodar no assento, bateu a porta e deu a volta no carro, rápido como um raio. Tão logo entrou, olhou para ela, com o coração apertado.

– Respire, meu amor. Lembre-se das técnicas de respiração que lhe ensinaram.

Ela jogou a cabeça para trás e grunhiu. Então, voltou-se para ele bruscamente e o fuzilou com os olhos.

– Eu sei respirar, Gavin. Apenas se preocupe em me fazer chegar ao hospital para eu não ter o seu filho nestes assentos de couro. Entendeu?

É, ela o estava assustando. Dando ré no carro, achou melhor só falar quando lhe fosse dirigida a palavra.

As luzes iam e vinham pela estrada escura, assim como as contrações de Emily. Ela se sentia péssima. Sentada sobre as pernas, inclinou o corpo e começou a beijar Gavin, na têmpora, no cabelo, no queixo. Ela o beijava onde era possível enquanto ele tentava se concentrar na estrada.

– Me desculpe. – Ela beijava o nariz, o pescoço, a orelha, a bochecha, os lábios. Começou a chorar outra vez. – Você estava morto. Você tinha ido embora. Eu te amo, Gavin. Você é o meu espertinho, obcecado pelos Yankees e presenteador de tampinhas. Sinto muito. Eu te amo tanto!

Gavin deu um sorriso nervoso.

– Este espertinho presenteador de tampinhas também te ama.

Ele enxugou uma lágrima do rosto de Emily, sem saber se devia ou não dizer o que tinha em mente. As mãos dela eram pequenas, mas ele sabia que sua garota era capaz de tapas bastante poderosos.

– É... docinho... você precisa se sentar direito, ok? Coloque o cinto de segurança.

Emily assentiu. Quando estendeu o braço para o cinto, sua barriga começou a se contrair violentamente. Então, ela sentiu um pequeno estalo. Ainda estava de joelhos e um líquido morno escorreu por sua perna. Sua respiração tornou-se superficial e entrecortada.

– Ai... meu... Deus! – gritou ela, os olhos arregalados de pânico. – A bolsa acabou de se romper. Você precisa ir mais rápido, Gavin! – Ela se virou para ele, o rosto contorcido de dor, enquanto segurava a barriga. – Não estou de brincadeira. Eu sei que você *não* dirige como um vovozinho. Pise fundo no acelerador com esse pezão. Eu... não... estou... brincando!

Gavin piscou, aturdido, engoliu em seco e se concentrou outra vez na estrada. Com a irmã gêmea de Linda Blair sentada ao lado, não disse mais uma palavra sequer enquanto mandava ver. Apesar de o amor da sua vida estar agindo de maneira um pouco assustadora, Gavin jamais negaria, quando fosse contar aos netos sobre aquela noite, que gostara de poder dirigir como um louco.

Em questão de minutos, estava freando bruscamente na frente do hospital. Saltou do carro e bateu desajeitadamente em busca de... bem, não sabia ao certo em busca do quê. Passando uma das mãos pelos cabelos, nervoso, escancarou a porta do carona e ajudou Emily a sair. Àquela altura, ela já estava mais calma, exibindo sérios sintomas de bipolaridade, pois agora lhe dava muitos beijos. Com a respiração pesada, Emily gritava pedidos de desculpas, agarrada ao braço dele, enquanto entrava na emergência. Gavin se perguntou onde ela estivera a sua vida toda. Meu Deus, ele amava aquela mulher, que estava prestes a lhe dar o maior presente de todos os tempos, bipolar ou não.

Depois de uma rápida conversa com a enfermeira, Emily foi colocada numa cadeira de rodas e empurrada às pressas até um elevador. Destino: o andar da obstetrícia. Emily estremeceu ao pensar no pesadelo que havia assolado o seu sono. Segurando a mão de Gavin, fitou-o com olhos marejados.

– Eu não quero você aqui comigo neste momento – sussurrou ela, o corpo todo tremendo. – Quer dizer, eu quero, é claro que quero. Mas estou preocupada que alguma coisa aconteça com você.

Gavin arqueou a sobrancelha e abriu um sorriso.

– Você sabe que está prestes a dar à luz o nosso filho, não sabe? – Emily fez que sim e Gavin se abaixou, roçando os lábios na sua testa. – Emily Cooper, deixe eu me preocupar com *você* agora. Nada vai acontecer comigo, ok?

Ela assentiu mais uma vez e segurou a mão dele com mais força enquanto uma nova contração aumentava de intensidade. As anteriores não tinham sido nada se comparadas àquela. Respirando mais rápido, Emily segurou firme o braço da cadeira de rodas, fincando as unhas; podia jurar que estava arrancando o couro.

– Faltam quantos andares? – indagou, impaciente, os olhos grudados na enfermeira. Por sua expressão, Gavin parecia não estar mais com nenhuma circulação na mão. – Eu não vou aguentar isto. Sei que não vou.

A enfermeira deu um tapinha nas suas costas, os olhos brilhantes contendo todo um manancial de sabedoria.

– Eu disse a mesma coisa quando tive o meu primeiro, o meu segundo e o meu terceiro. Você vai ficar bem.

De jeito nenhum. Emily soltou o ar, cem por cento convencida de que nunca mais permitiria que Gavin a tocasse. Quando as portas do elevador se abriram, ela foi levada até um quarto particular; a contração diminuiu de intensidade no momento em que ela ficou de pé. A enfermeira lhe entregou uma camisola hospitalar e Emily foi ao banheiro. Depois de se trocar e de se lavar, Emily fitou seu reflexo, especialmente a barriga.

Com um suspiro, começou a relaxar. Gavin estava bem. Tinha sido um pesadelo, só isso. O que estava prestes a enfrentar não seria menos do que torturante, mas, no final, ela não só teria Noah,

como Noah teria um pai. Um turbilhão de emoções a atingiu ao ouvir os gritos agoniados da mulher do quarto ao lado. Engoliu em seco, olhou-se no espelho por um longo instante e saiu do banheiro rezando para aguentar aquilo.

– Ei – disse Gavin, ajudando-a a subir na cama. – Você está bem?

Ela olhou fundo aqueles olhos azul-bebê, que demonstravam um amor inequívoco.

– Neste exato instante, estou, sim. – Ficou na ponta dos pés e beijou seus lábios macios. Ele lhe deu um abraço cálido. – Eu vou logo me desculpando pela maneira como talvez aja durante...

Sua voz falhou quando outra contração irrompeu. Recuando, Emily agarrou a barriga e se sentou na cama. Com os olhos semicerrados e a respiração curta, olhou fixamente para Gavin.

– Ah, meu Deus. Diga alguma coisa para afastar a minha mente da dor!

O coração de Gavin se derreteu. Um tanto temeroso de tocá-la, passou a mão carinhosamente pela barriga de Emily, rezando para não apanhar.

– Espero que ele se pareça com a mãe. – Beijou-lhe a testa, afastando os seus cabelos dos ombros. – Espero que tenha os seus lindos olhos verdes. – Sorriu e beijou-lhe as pálpebras. – Vai fazer sucesso com as garotas.

Enquanto a enfermeira ajustava a faixa abdominal, Emily fazia os exercícios de respiração, convencida de que a coluna estava se partindo.

– Os *meus* olhos? Espero que ele tenha os seus. – Ela atirou a cabeça no travesseiro e rolou para o lado. – Continue falando. Meu Deus, continue falando, Gavin! Faça o jogo das vinte perguntas e não *ouse* mencionar qualquer coisa que tenha conotação sexual.

Gavin pigarreou, agarrando a mão dela.

– Com analgésicos ou sem analgésicos?

– Com analgésicos, é claro – retrucou Emily asperamente, os olhos fixos na enfermeira.

A enfermeira assentiu com um sorriso compreensivo.

– Vou pegar alguma coisa para você assim que começar o soro.

Emily nem notou a minúscula picada enquanto a contração aumentava de intensidade. Praticando os exercícios de respiração – que, estava bastante certa, não adiantariam de coisa alguma –, Emily tentou se concentrar nos batimentos cardíacos do bebê.

– Outra pergunta. Qualquer coisa. Por favor, Gavin. Qualquer coisa.

Gavin segurou a sua mão, desejando poder arrancar cada bocadinho de dor.

– Com sanca ou sem sanca?

– Com sanca – sussurrou Emily, agarrando a lateral da cama.

– Bolo ou sorvete?

– Os dois. Ai, meu Deus, os dois!

Ela deitou de barriga para cima; a contração lhe dava a impressão de que estava prestes a perder a cabeça.

– Você está bem no pico, querida – avisou a enfermeira, apontando para uma linha verde, monstruosa e irada, no monitor. – Fique olhando. Já, já vai baixar.

De fato, logo foi descendo e Emily respirou, aliviada. A tensão em seus ombros se esvaiu e ela afundou na cama, apertando menos a mão de Gavin.

– Já volto – garantiu a enfermeira. – O Dr. Beck está de plantão esta noite. Daqui a pouco ele virá falar com você e verificar a dilatação.

Emily assentiu debilmente e passou a mão pelos cabelos. Percebeu que Gavin se sentia inútil. Conseguiu dar um pequeno sorriso para ele.

– Venha aqui, deite ao meu lado. Prometo que aviso quando a próxima contração começar.

– Você acha que eu tenho medo de você?

Ele riu, deitando-se ao lado dela com toda a calma. Na verdade, Emily o estava apavorando e aquilo era só o começo, mas Gavin jamais deixaria que ela soubesse disso. Deslizou pela cama, tomou-a nos braços e olhou fundo em seus olhos.

– Dá para notar que eu estou assustando você. – Emily respirou fundo, perdendo-se naquele abraço.

– Nunca – sussurrou Gavin. – Você não conseguiria me assustar nem se tentasse.

Emily encostou a testa no queixo dele e tentou relaxar. Teve alguns segundos de descanso enquanto Gavin acariciava-lhe as costas, até que a barriga se contraiu violentamente. Enrijecendo o corpo, Emily mal conseguiu se preparar para a sensação estranha que se apossava dela.

– Respire, amor – sussurrou Gavin. – Olhe para mim e respire.

As lágrimas picavam os olhos de Emily e algo se contorceu em suas entranhas. As costas doíam como se um ônibus estivesse passando por cima. Ela agarrou os ombros de Gavin e enterrou as unhas em sua camiseta.

– Ah, meu Deus, como dói! – gritou, o rosto contraído. – Diga alguma coisa, Gavin. Vinte perguntas, outra vez.

– Centro ou interior de Nova York?

– Interior – respondeu ela, e desviou o olhar para o monitor. Maldita linha. Ainda não tinha atingido o platô de agonia. Não estava nem perto.

– Madeira ou piso frio?

Apertando os ombros dele com mais força ainda, Emily o encarou com um olhar furioso e soltou o ar.

– Madeira. Madeira!

Gavin ficou com o coração apertado ao ver a mulher que amava sofrer.

– Pizza ou massa?

– Nenhuma das duas – sibilou Emily, atirando a cabeça para trás. – Vá buscar a maldita enfermeira, Gavin. Já chega de vinte perguntas. Preciso de alguma coisa para a dor neste instante!

Gavin ficou de pé com um salto, quase atropelando a mesinha de cabeceira. Antes que chegasse à entrada do quarto, a porta se abriu. Com um sorriso largo, um rapaz de jaleco branco que parecia não ter nem 16 anos, entrou no quarto. Atrás dele, vinha a enfermeira de antes com um frasco de algo que Gavin imaginou ser um narcótico. Os berros de Emily fizeram Gavin ter alguns pensamentos.

O primeiro: não queria aquele cara tocando Emily. O segundo: isso mesmo, ainda não queria aquele cara tocando Emily.

– Você é residente? – questionou Gavin, bruscamente, os olhos arregalados.

O rapaz deu um sorriso, examinando uma prancheta. Anotou alguma coisa e olhou para Gavin.

– Não, não sou residente. Sou o Dr. Martin Beck.

Gavin ignorou a mão estendida do médico.

– *Você* vai fazer o parto do meu filho?

– Se a sua esposa...

– Namorada – corrigiu Gavin. Aquele garoto não tinha nem barba na cara. Estava quase certo de que o médico ainda era virgem.

– Me desculpe. Se a sua *namorada* der à luz nas próximas doze horas, sim, eu vou fazer o parto do seu filho.

Sem fala, Gavin o observou se aproximar de Emily. Levando-se em conta seu rosto contorcido de dor, ela estava pouco se lixando para quem iria fazer o parto do filho. O médico puxou uma cadeira para a frente de Emily e lhe pediu que chegasse até a beirada da cama e abrisse as pernas. Ai, Jesus. Gavin ficou enjoado. Já era ruim ver um médico da idade do avô cutucar a parte do corpo de Emily que Gavin sentia ter sido criada para ele, e agora isso? Era insano. O pânico se apossou de Gavin, mas, antes que ele pudesse dizer uma única palavra, Emily obedeceu, parecendo estar num alegre estado de euforia. Com a namorada toda arreganhada para o pirralho, Gavin engoliu em seco, passando as mãos pelos cabelos, e atravessou o quarto quase correndo. Sentando-se na cama ao lado de Emily, fitou os seus olhos vidrados, tentando se concentrar no fato de que ela não sentia dor naquele momento.

– Você está com 4 centímetros de dilatação – anunciou o fedelho, afastando-se de Emily. Tirando as luvas, sorriu para ela. – Considerando que é o seu primeiro filho, costuma levar uma ou duas horas por centímetro.

Gavin olhou para o relógio de parede: eram quatro e quinze da madrugada.

– Você pode me dar mais disso? – O sorriso preguiçoso de Emily revelava claramente que ela não estava sofrendo muito. – Gosto da sensação.

– Isso diminui o pior da dor, mas você ainda vai sentir as contrações. – O médico verificou o monitor e rabiscou alguma coisa na prancheta. – Se quiser um alívio maior, a gente pode aplicar uma peridural.

Fechando os olhos, Emily balançou a cabeça e bocejou.

– Não. Nada de peridural. Tenho medo de tomar. Eu li... – Sua voz foi sumindo e ela adormeceu encolhida de lado, a cabeça aconchegada no travesseiro.

Ainda com o sorriso no mesmo lugar, o Dr. Beck olhou para Gavin.

– Como eu disse, o Demerol deve diminuir um pouco da dor. É possível que ela acorde a cada contração, mas não vai ser tão difícil agora. Enquanto isso, você devia tentar dormir um pouco. Vocês dois têm algumas longas horas pela frente.

O médico deixou o quarto. A caminho da porta, a enfermeira sorriu para Gavin.

– Ela está em boas mãos. Não se preocupe.

Gavin assentiu, temeroso, tentando se convencer a não arrastar o corpo adormecido de Emily da cama para outro hospital. Suspirando, recostou-se no travesseiro e observou Emily respirar calmamente. Embora estivesse exausto, o sono parecia estar a oceanos de distância. Em vez de dormir, posicionou a cabeça de Emily cuidadosamente sobre o peito, entorpecido diante da constatação de que, dali a algumas horas, eles seriam pais. Havia apenas um ano, a mulher em seus braços estivera longe de seu alcance e, agora, estava prestes a lhe dar um filho. A torná-lo pai. Sentindo-se mais do que abençoado, Gavin sabia que passaria por cada segundo de dor outra vez se tivesse de fazê-lo. Não pensaria duas vezes.

Emily se remexeu e choramingou de leve. Gavin desviou o olhar para o monitor, o coração apertado ao ver a linha subir lentamente. Afagou o cabelo de Emily e torceu para que o analgésico estivesse ajudando. Devia estar, pois ela não acordou de

todo. No decorrer das horas seguintes, Emily se agitou durante as contrações, mas de alguma forma sempre conseguia adormecer outra vez. Era tudo o que importava. Enquanto o horizonte ganhava uma tonalidade alaranjada com a aurora, Gavin se sobressaltou com os bipes do monitor. Dali a alguns segundos, uma enfermeira entrou no quarto.

Inquieta, ela pegou a longa tira de papel cuspida pela máquina e a examinou. Virou-se para Gavin e sussurrou:

– Preciso que ela mude de posição. Os batimentos cardíacos do bebê diminuiriam.

Gavin olhou para o monitor e outra vez para a enfermeira, a adrenalina a toda.

– Ele está bem?

– Deve estar, sim – respondeu ela calmamente, mas havia um quê de preocupação em sua voz. Ela deu a volta na cama. – Costuma melhorar se a mamãe se mexer um pouco.

Gavin tirou o braço de debaixo de Emily. Ela gemeu, claramente sentindo dor. Ele alisou os cabelos dela outra vez e olhou dentro de seus olhos sonolentos.

– Emily – sussurrou, acariciando a sua face –, a enfermeira precisa que você se mexa.

Assentindo, Emily se sentou na cama. O analgésico estava perdendo o efeito e uma contração começou. Ela piscou, tentando conter as lágrimas, os músculos tensos.

– Acho que preciso de mais alguma coisa para a dor. – Ela se virou para o lado direito, pondo a mão na lombar. – Por favor. Preciso tomar alguma coisa. As contrações estão piorando.

A enfermeira olhou para o monitor.

– Querida, preciso que você fique de quatro.

Com o coração na boca, Gavin percebeu a expressão preocupada no rosto da mulher. Emily choramingou enquanto ele a ajudava a se mover. Tentando manter a calma, esfregou as costas dela e olhou a enfermeira fitar mais uma vez o monitor.

– Muito bem. Deite-se de barriga para cima que eu vou chamar o médico.

A enfermeira correu em direção à porta.

– O que está acontecendo? – perguntou Gavin, ajudando Emily a se deitar outra vez. – Você não pode sair daqui sem dizer se o nosso filho está bem.

A enfermeira se virou de súbito.

– O médico vai explicar tudo.

Antes que Gavin pudesse responder, sumiu de vista.

– Por que ela não diz nada? – Emily olhou para Gavin, o coração acelerado de medo pela diminuição das contrações.

Gavin balançou a cabeça e tentou se acalmar por ela.

Tomou-lhe o rosto entre as mãos e roçou os lábios na sua testa.

– Tenho certeza de que não é nada – sussurrou, olhando em seus olhos. Percebeu que ela não acreditava e seu coração ficou apertadinho. – Confie em mim, está bem?

– Está bem – disse, gagueando.

– Emily Cooper, você está prestes a dar à luz o menino mais saudável, incrível e desajeitado no jogo de atirar tampinhas. – Acariciando o rosto dela, deu um beijo suave em seus lábios trêmulos. – E ele está prestes a amar tanto a mãe que vai me deixar com ciúmes. Por favor, não se preocupe. Entendeu?

– Entendi – sussurrou Emily, querendo acreditar. Pousou as mãos sobre as dele e respirou fundo. – Um menino saudável.

Um sorriso foi se espalhando pelo rosto de Gavin.

– Não esqueça que ele será péssimo no jogo de atirar tampinhas.

Emily sorriu debilmente. Enquanto tentava ajeitar o travesseiro sob a cabeça, o médico e duas enfermeiras entraram. O Dr. Beck observou o monitor por um instante antes de desviar a atenção para Emily.

– O bebê está em sofrimento fetal. Vamos ter que realizar uma cesariana de emergência. – Gavin se afastou quando as enfermeiras ladearam a cama, puxando as grades laterais para cima. – A gente se vê no centro cirúrgico.

Emily engoliu em seco, a garganta parecendo revestida de areia.

– O bebê vai ficar bem? – gritou ela, olhando de uma enfermeira para a outra. Nenhuma das duas respondeu, mas apenas empurraram a cama em direção à porta. O coração de Emily batia descompassado. – Esperem, e o meu namorado? Ele pode ir junto, não pode?

– Vão precisar me matar para me deixar de fora. – Gavin foi atrás dela, os nervos à flor da pele.

Uma das enfermeiras se virou e pousou a mão no ombro dele.

– Você não pode ir com ela agora. Precisa vestir as roupas adequadas. Me dê alguns minutos e eu volto com tudo de que você precisa.

Gavin mal registrou as palavras da mulher. Ele nem conseguia raciocinar direito. Emily era o ar pelo qual ele mataria, a sua alma gêmea e, agora, ele tinha a sensação de estar sufocando. Inclinou-se acima da cama e se concentrou no rosto apavorado de Emily. Beijou-lhe os lábios com delicadeza. Ela segurou seus ombros, chorando. Gavin se afastou lentamente, dizendo a si mesmo para permanecer forte.

– Lembre-se do que eu falei – sussurrou. – Um menino incrível e saudável.

Fungando, Emily aquiesceu enquanto as enfermeiras empurravam a cama para fora do quarto e para dentro de um elevador. As portas se fecharam e ele engoliu em seco. O mundo, o seu coração, o tempo, tudo congelou. Com os ombros caídos, Gavin tentou controlar as emoções que penetravam fundo em seu corpo. Ao se virar para entrar no quarto e esperar pela enfermeira, viu de relance seus pais se aproximando, animados.

– O que foi? – perguntou Lillian, o sorriso sumindo.

Com um nó na garganta, Gavin pigarreou para conseguir falar:

– O bebê está em sofrimento fetal. Acabaram de levar a Emily para o centro cirúrgico.

Lillian levou a mão à boca, com o mesmo olhar preocupado de Chad, e abraçou o filho.

– Eles vão ficar bem. Nem ouse pensar outra coisa.

Gavin fez que sim, tentando de todas as formas se concentrar nas palavras da mãe. Ainda não conseguia acreditar no que estava

acontecendo. Mais adiante no corredor, podia ouvir Olivia, Fallon, Trevor e Colton, todos alegres, até verem Gavin e os pais. Após uma rápida explicação, reuniram-se no quarto à espera da enfermeira. Apesar de tentarem conversar sobre assuntos sem importância, a tensão pairava no ar, cada vez mais pesada à medida que os minutos passavam.

Depois do que pareceu uma eternidade, uma enfermeira entrou e Gavin saltou da cadeira. Ela lhe entregou uma pilha de vestimentas hospitalares e ele não perdeu tempo, correndo para o banheiro para se trocar. Então, despediu-se dos amigos e da família e seguiu a enfermeira. Tentava se apegar à esperança, mas, quando as portas do elevador se abriram, Gavin sentiu que estava entrando num pesadelo. Não conseguia absorver a ideia da morte de uma criança.

O coração ficou acelerado, mas ele logo enfiou o pensamento perverso bem no fundo da mente e entrou no centro cirúrgico. Em meio ao caos, seu hálito se condensou no ar gelado e Gavin avistou Emily. O coração bateu mais devagar, mergulhando até o estômago, quando a enfermeira o conduziu até ela. Os braços delicados estavam esticados, um de cada lado, os pulsos presos com velcro. Emily lhe pareceu muito indefesa ao erguer a vista, os olhos marejados emanando medo e insegurança. Isso arrasou Gavin.

– Estou aqui com você, meu amor. Bem aqui – sussurrou ele através da máscara cirúrgica. – Os lábios formigavam de desejo de sentir os dela. – Não vou tirar os olhos de você até ouvir o Noah chorar.

Emily sentiu-se aquecer. Assentiu, não desejando mais nada além de poder tocá-lo. Precisava dos seus dois homens em segurança, envoltos em seus braços. Quando o médico anunciou que iria começar o procedimento, Emily fechou os olhos com força. Uma lágrima deslizou por sua face. Gavin entrelaçou os dedos nos dela. Como seu rosto estivesse tão próximo, Emily podia sentir o calor que se desprendia, sentir o amor dele fluindo.

– Eu agradeço a Deus por você todos os dias, Emily Cooper – sussurrou Gavin. – Você sabia disso?

Emily balançou a cabeça, o coração ribombando com as palavras de Gavin, e sentiu uma pressão na barriga.

– Eu agradeço, sim – continuou Gavin, a voz suave. – Também agradeço a Deus pelo entregador ter pedido demissão no dia em que você entrou na minha vida. Agradeço a Deus todas as vezes que você queima a comida e enche a minha casa de fumaça.

Emily deu um sorriso débil, segurando a mão dele com mais força. Não conseguia ver a boca de Gavin, mas o brilho em seus olhos dizia a Emily que ele também estava sorrindo.

– Agradeço a Deus por cada minuto que você já me deu. Até mesmo pelos maus momentos. – Ele aproximou o rosto ainda mais. – Você me disse certa vez que achava ter acabado com o nosso relacionamento. Você não acabou com ele, boneca. Você o consertou. Aqueles momentos difíceis nos moldaram no que somos. No que vamos ser juntos. Fomos escritos um para o outro; eu não mudaria uma única linha do nosso romance. O bom, o ruim e tudo o que há entre um e outro. É nosso. Pertence a nós.

Na sala, reinavam um tagarelar alto e movimentos agitados, mas Emily só conseguia ver os olhos de Gavin e ouvir sua voz. A necessidade de tocá-lo atravessou o seu peito como um foguete.

– Eu te amo – disse baixinho, engasgando, sentindo um cutucão na barriga. – E sou *eu* quem vai te amar até o último suspiro.

E ela amaria. Gavin a salvara de tantas formas que tinha certeza de que ele nunca compreenderia o que significava para ela. Era impossível.

Enquanto olhava nos olhos de Gavin, um segundo de um assombroso silêncio encheu o ar, seguido da linda entrada de Noah no mundo. A pressão deixou a barriga de Emily e ela sentiu uma lágrima quente de Gavin bater na sua face. Ouvindo os uivos vigorosos de Noah e olhando o homem que amava chorar pela primeira vez diante dela, Emily se sentiu completa. Seu coração palpitou quando Gavin desviou o olhar nervoso e deixou escapar uma risada suave e orgulhosa.

Seu homem era pai. Seu salva-vidas, fanático pelos Yankees e presenteador de tampinhas, era pai. E ela, mãe. Naquele momento,

Emily chorou pela própria mãe, dando-se conta de que ela errara com Emily por ser humana. Mesmo sem ter colocado os olhos em Noah ainda, Emily sentia o seu amor por ele inundar a alma da mesma forma que o amor da mãe por ela devia ter lhe inundado a alma.

Sem saber se era permitido, mas não dando a mínima, Gavin arrancou a máscara cirúrgica do rosto. Rindo e tentando recuperar o fôlego, ele a beijou com o coração na boca.

– Você é incrível. Muito obrigado. Minha nossa, ele é lindo, Emily. Tem uma cabeleira castanha igual à sua. – Gavin olhava por cima do lençol colocado na frente de Emily. – Ei, Doogie Howser! – Com uma das sobranceiras levantadas, o médico ergueu os olhos. – Dez dedinhos nas mãos? Dez dedinhos nos pés? Saudável? – provocou Gavin.

– Sim para todas as perguntas. Parabéns aos dois. – Sorrindo, ele inclinou a cabeça. – Mas confesso que não sei quem é Doogie Howser.

Gavin riu.

– É claro que não sabe. Você é novo demais para conhecer esse seriado. Obrigado por ter feito o parto do meu filho. Posso pegá-lo no colo agora?

Ainda parecendo bastante confuso, o médico fez que sim.

Uma das enfermeiras se aproximou, radiante, com um Noah muito bem-embrulhado e Gavin sentiu-se subitamente nervoso. Não sabia por quê, pois havia segurado Teresa e Timothy no colo. Umedeceu os lábios e tentou se recompor enquanto a mulher colocava Noah em seus braços. Como se aquele nervosismo jamais houvesse existido, fitou calmamente o filho: tinha as feições de Emily, exceto pelos olhos azul-escuros. Estupefato, Gavin perscrutou o rosto de Noah, registrando cada segundo na memória. Com delicadeza, tocou o minúsculo nariz do filho e riu quando ele bocejou.

– Está cansado, rapazinho? – perguntou Gavin, beijando a pele macia. – Diga isso para a mamãe. Você a fez ficar meio psicótica por um período. Ela me assustou, e olha que eu sou duro de assustar.

O coração de Emily se dilatou diante da familiaridade de Gavin com o bebê e do seu amor instantâneo. Não que estivesse surpresa. Sorrindo, observou Gavin orgulhosamente mimar o filho. Ele o levou aconchegado nos braços até Emily. Parado acima do seu corpo exausto, aproximou Noah de seus lábios, permitindo que ela se arrastasse centímetros para cima e lhe beijasse a testinha. A pele sedosa parecia o céu. Ele era um sonho para Emily, bem longe do passado de antes. A alegria brotou ferozmente em sua alma.

– Ele é lindo – sussurrou ela, as lágrimas escorrendo. As pontas dos dedos formigavam com a necessidade de tocá-lo, com o desejo de segurá-lo nos braços. – Meu Deus, ele é tão lindo, Gavin.

Gavin lhe deu um beijo longo e suave.

– Igual à mãe. – Ele fitou os olhos marejados de Emily e ficou sem fôlego diante da autêntica felicidade que lhe invadia o rosto. – Obrigado. Você me deu o maior presente que uma mulher pode dar a um homem. Nada supera isso. – Gavin a beijou outra vez; sua voz era a mais doce carícia. – Não achei que fosse possível, mas estou ainda mais apaixonado por você agora. Você chacoalhou o meu mundo todo, Emily Cooper.

Com lágrimas de felicidade escorrendo pela face, Emily fitou os dois homens que haviam roubado seu fôlego, seu coração e sua alma no instante em que pusera os olhos neles. Embora o bom, o mau e o feio tivessem assolado o caminho dela e de Gavin, Emily jamais voltaria atrás em coisa alguma porque cada passo os deixara mais perto daquele momento sublime. Durante o lindo verão do ano em que a sua vida mudou para sempre, o ano em que o seu futuro começou, Emily soube que era ela quem tinha recebido o maior presente que alguém podia ganhar na vida.

Agora... podia finalmente respirar.

Finais bem-vindos e novos começos

O sol matutino dançava pelo rosto de Noah enquanto Emily fitava os seus olhos sonolentos. Depois da amamentação e de vigorosos arrotos, ele parecia beatificamente satisfeito, enroscado ao seu lado na cama. Emily passou os dedos pelos cabelos macios como algodão-doce. Ele se remexeu um pouco com a carícia dela e um calor se irradiou pelo corpo de Emily, acomodando-se em seu coração. Ela absorvia cada detalhe do seu precioso anjinho.

Baixando o rosto em direção à bochecha gordinha, Emily inalou seu glorioso aroma, desejando gravá-lo a fogo na memória. Ele recendia à doçura das flores, mas também tinha um aroma todo seu. Emily sorriu, segurando-o mais próximo. Encostou o dedo mínimo em sua mão minúscula e se maravilhou quando ele o envolveu com seus dedinhos. Os primeiros dias com ele em casa estavam sendo, ao mesmo tempo, os mais exaustivos e os mais lindos da sua vida. Desnecessário dizer que havia se apaixonado perdidamente por Noah e que se entregara ao papel de mãe com mais facilidade do que esperara. Ela não o deixara cair – jamais o faria – e sempre soubera quanto de pomada deveria passar. Enquanto Emily observava aquela bênção adormecer pacificamente, a outra bênção entrou no quarto, o sorriso luminoso como nunca.

– Ele desmaiou – sussurrou Gavin. Enfiou-se debaixo dos lençóis com Noah e Emily, fazendo um sanduíche do bebê. – Precisa arranjar um emprego logo. Estou ficando cansado de tanta preguiça.

Radiante, Emily traçou pequenos círculos ao redor da minúscula boca de Noah.

– É, né? Imaginei que ele fosse ser ético no trabalho. Mas isso? Isso é ridículo.

Rindo, Gavin levou a mão ao rosto de Emily.

– Como é que você está se sentindo?

Emily inclinou o corpo em direção a ele, absorvendo o seu calor.

– Incrível.

E estava mesmo. Embora ainda dolorida devido aos grampos na barriga, não se sentia tão bem daquele jeito, física e emocionalmente, havia uma eternidade.

– Como *você* está se sentindo?

– Como um rei – sussurrou Gavin, inclinando o corpo cuidadosamente por cima de Noah. Deu um beijo suave em Emily, o coração repleto de uma alegria além de qualquer compreensão. – Estou no meu castelo, com a minha rainha e com o meu príncipe. Eu, sinceramente, tenho tudo. – Gavin olhou nos olhos dela, o fôlego roubado como sempre. – Obrigado.

Emily não conseguia acreditar que ela e Gavin haviam chegado até ali. Tudo começara de uma forma confusa e tortuosamente errada. Sentiu o estômago dar cambalhotas, transbordando de amor pelos dois homens da sua vida. Seus dois salvadores.

– Eu é que agradeço, amor. – Ela o beijou outra vez, mergulhando na sensação dos lábios que amaria para sempre. – E obrigada pelo café da manhã. Um dia eu domino a preparação de alguma coisa além de pratos queimados e comida congelada de micro-ondas.

Um sorriso de espertinho se espalhou pelo rosto de Gavin e Emily se preparou para uma observação cretina.

– Não precisa. A gente vai sobreviver direitinho à base de sódio e bolo de carne tostado. – Emily revirou os olhos e Gavin riu. – E

como esquecer da sua especialidade: macarrão instantâneo?

– Espere só – replicou ela, dando um tapinha brincalhão em seu braço. – Vou fazer aulas de culinária e arrancar a lasanha *mediocre* da sua mãe da lembrança.

Gavin ergueu uma das sobrancelhas, incrédulo, o sorriso cretino faiscando com todos os megawatts possíveis.

– Medíocre? Vou adorar ver você tentar.

Emily desceu da cama e, com as mãos na cintura, inclinou a cabeça para o lado:

– Isso é um desafio, Blake?

– O maior da sua vida, docinho. – Gavin pegou Noah, que começava a se mexer, e olhou para aquela trouxinha. – Sua mãe pirou de vez, moleque. Acha que vai aprender a alimentar você e a me alimentar melhor do que a sua avó consegue.

Com os olhos arregalados, Emily bufou.

– Só por causa disso, a única coisa que você vai ver é o meu macarrão. – Sorrindo, balançou o dedo para Gavin. – O Noah vai comer bem, mas você? Você, não. Bolo de carne queimado pelo resto da vida. Espero que esteja satisfeito. – Gavin deixou escapar uma risada sonora e rouca enquanto Emily atirava os cabelos para o lado e franzia os lábios num gesto vingativo, soprando-lhe um beijo nada amoroso. Gavin ficou feliz por ela não ter lhe mostrado o dedo do meio. – Preciso me arrumar antes de a turma chegar. Tem bolo de carne frio, crocante e queimado na geladeira se você sentir fome.

Então, ela desapareceu banheiro adentro.

– Você sabe o que uma Emily zangada faz comigo! – gritou Gavin, rindo e acariciando as costas de Noah.

Apesar de abafadas pelas portas fechadas, as palavras dela soaram bem alto no mesmo instante em que tocou a campainha.

– Ótimo. Espero que o seu saco vire pedra.

– Ai. – Segurando um Noah semiacordado nos braços, Gavin se levantou e seguiu pelo corredor. – Ela é louca, amiguinho. – Ele beijou o filho. – Mas tem poderes mágicos. De alguma forma, vai fazer você agir como um idiota completo perto dela.

– Me dê o Noah – guinchou Olivia quando Gavin abriu a porta, com os braços abertos, exultante.

– Como assim? – perguntou Gavin. Sorrindo, ele balançou a cabeça. – Eu não valho mais nada?

Trevor bateu no ombro de Gavin.

– Você está carente demais. Vai se acostumando, cara.

Colton soltou uma gargalhada e foi entrando na cobertura.

– Vou ter que concordar com ele.

Animada, Lillian deu uma beijoca na bochecha de Gavin e arrancou Noah dos seus braços.

– É claro que você ainda vale alguma coisa, meu bem. – Ajeitou o neto nos braços e o sapecou de beijos. Com os olhos cheios de alegria, olhou para Olivia. – A vovó primeiro, Livy. Sinto muito.

Gavin riu enquanto Olivia fechava a cara, vendo a mãe dançar até o sofá. Choveram inúmeros beijos implacáveis sobre o mais novo membro da família.

Olivia suspirou, mas isso não a impediu de tomar as mãozinhas de Timothy e de Teresa para afundar no sofá ao lado de Lillian. Sob circunstâncias normais, Gavin imaginava que a mãe teria considerado a proximidade de Olivia uma invasão de seu espaço pessoal. No entanto, as duas mulheres estavam ocupadas demais em paparicar Noah para reclamar.

Depois de pousar na bancada uma enorme bandeja de prata com comida, Melanie abraçou Gavin.

– Ahhh, eu ainda te amo.

– Obrigada, Mel – agradeceu Gavin enquanto ela se juntava aos familiares no sofá que não paravam de fazer *ooh* e *aah* para o bebê.

Vencido pela curiosidade, Gavin levantou a tampa da bandeja e deu com a lasanha da mãe.

Não havia dúvida de que Emily se divertiria com aquilo.

– A lasanha da mamãe. – Chad farejou o ar acima da bandeja.

– Ela fez para mim no nosso terceiro encontro e foi então que eu me apaixonei por ela.

Gavin riu.

– Você está brincando?

– Bem, digamos que foi o que fechou o negócio. – Chad sorriu, orgulhoso. – Vou lá bancar o avô com a minha amada fazedora de lasanhas.

Com os braços cruzados, Gavin se apoiou na bancada da cozinha, admirando todo mundo babar por causa de Noah. Sentiu-se aquecido por dentro ao absorver aquela cena. O pai estava certo: família era tudo.

– Onde está a sua outra metade? – provocou Colton, puxando uma banqueta, assim como Trevor. – E como é que ela está se sentindo?

– Está no chuveiro – respondeu Gavin. – E parece estar bem.

– E o que você acha de ela querer que eu o acompanhe hoje? – Trevor deu um sorriso cretino e arrancou os óculos do rosto. Olhando para Gavin, limpou-os com a barra da camisa. – Eu sou meio que o seu guarda-costas, caso dê alguma merda.

Gavin ergueu a sobrancelha, achando a situação cômica.

– Não comece a se achar o máximo, cara. Eu vou levar você porque a Emily insistiu. Não preciso de você por lá. Na verdade, o Dillon tem sorte de você estar indo comigo. – Gavin foi até a geladeira e pegou uma garrafa de água. Depois de tomar um gole, balançou a cabeça. – Se ele sair da linha, nem você nem ninguém vai ser capaz de impedir que eu termine o que comecei há meses.

– Tome cuidado, rapazinho – avisou Colton, fazendo um aceno com a cabeça na direção de Noah. – Pense nele se o Babaca tirar você do sério. Nunca vai valer a pena ir para a cadeia por causa do Dillon.

Gavin olhou para Noah. Não havia como negar que Colton estava certo. Começou a achar que era uma boa ideia mandar que os advogados enviassem uma carta no nome dos dois, notificando a Dillon que Gavin era o pai. A princípio, tinha pensado em dar um simples telefonema. Ele realmente ligara para Dillon, mas apenas para mentir sobre a consulta seguinte de Emily. Porém, no fundo Gavin queria, aliás, *precisava* ver o rosto de Dillon quando recebesse a notícia. Desejava se vingar de tudo aquilo que ele os

fizera passar. Chegara a hora da retribuição e Gavin só queria dar o troco.

Dirigiu-se ao quarto para ver se Emily tinha terminado o banho. Encontrou-a no banheiro, secando os cabelos. Fitou-a por um longo instante, quase se arrependendo de ter ido contra o desejo dela, mas imagens do inferno que ela vivera com Dillon invadiram-lhe os pensamentos, aliviando-o de qualquer parcela de culpa por fazer as coisas à sua maneira.

Respirando fundo, entrou no banheiro e se postou atrás de Emily. Olhando fixo para o seu lindo reflexo, envolveu-lhe a cintura, descansando o queixo em seu ombro.

– Estou me preparando para sair – sussurrou Gavin, detestando o olhar dela. As palavras não ditas por ela o rasgavam ao meio, porém ele não conseguiria se deter mesmo se quisesse. – Vai ficar tudo bem, Emily. Tenho que fazer isso. Por mim. Como homem. Eu preciso.

Emily não ia discutir mais o assunto. Passara os últimos dias tentando convencê-lo de que se encontrar com Dillon para dar a notícia só iria piorar uma situação já insana. Embora nunca fosse entender o seu raciocínio por completo, Emily sabia que precisava apoiar a decisão do namorado. Assentiu, fechando os olhos quando Gavin enterrou o rosto na curva do seu pescoço. Em silêncio, ela o olhou sair do banheiro. Agora, só precisava se convencer de que o que o estava permitindo iria terminar bem.



– Por que estou com uma sensação de calma antes da tempestade?

Gavin desviou os olhos dos números vermelhos brilhantes do mostrador do elevador.

– Por que você está dizendo isso?

Trevor deu de ombros.

– Você está calmo demais. Está me deixando nervoso pra caralho. Nunca vi você assim.

– Eu não posso estar relaxado? – questionou Gavin, erguendo uma das sobrelhas. – Preciso seguir alguma regra?

– Não relaxado a esse ponto, cara. – Trevor passou uma das mãos pelos cabelos. – Olhe só para você.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, encostado displicentemente na parede, Gavin deu um sorriso afetado, divertindo-se com o nervosismo de Trevor.

– Você acha que eu vou machucá-lo?

– Acho que você vai aprontar alguma.

– Claro. – Gavin riu. – O que eu vou aprontar se chama “Dillon, vá se foder, eu sou o pai”.

Antes que Trevor pudesse piscar, as portas do elevador se abriram. Gavin saiu, contemplando o caos de corretores. Ele não deu importância aos olhares fuzilantes dos colegas de trabalho de Dillon e ignorou sua secretária, que ficou de queixo caído, divertindo-o pela segunda vez em menos de dois minutos.

– Gavin! – ganiu ela, saltando da cadeira. Atrapalhando-se com os altíssimos saltos-agulha, ela o alcançou, arfante. – Você não pode entrar aí.

Gavin colocou a mão no ombro dela e abriu um sorriso para suavizar a expressão.

– Oi, Kimberly. Como você está?

– Eu estou bem, Gavin. – Ela suspirou e acrescentou, suplicante: – Por favor, não faça isso comigo. Me mandaram chamar a polícia caso você aparecesse por aqui.

Foi a vez de Trevor de pousar a mão no ombro dela.

– Oi, Kimberly. Como você está?

Ela revirou os olhos.

– Oi, Trevor. Estou bem.

– Você não vai chamar a polícia para prender o Gavin. – Ela revirou os olhos novamente e Trevor sorriu. – Sabe por quê?

Ela fincou as mãos na cintura.

– Como sabe que eu não vou chamar a polícia, Trevor?

– Porque um passarinho deste mesmíssimo escritório me ligou outro dia e contou que o Dillon não só anda... adoçando você na cama dele como também tem adoçado a Priscilla Harry, da Sheller Investments, do décimo sétimo andar. Também me contaram que ele não curte a roupinha de Pequena Sereia que você usa tanto quanto você acredita. – Kimberly estreitou os olhos, que mais pareciam carvões em brasa, e Trevor deu de ombros calmamente. – Estou errado em achar que você *quer* que o Gavin entre na sala do Dillon mais ou menos por agora?

Kimberly olhou para Gavin, bufando de raiva.

– Você tem cinco minutos.

– Nem um minuto a mais – garantiu Gavin, o tom suave como seda, sentindo-se um pouco mal pela garota. Virou-se para Trevor e completou: – Por que não mantém a Kimberly ocupada enquanto eu cuido dos meus assuntos? Ela está com cara de quem precisa ser consolada.

Trevor fez que sim e Gavin se dirigiu para a sala de Dillon. Nem mesmo se dando ao trabalho de ver onde o babaca estava exatamente, abriu a porta e repetiu um gesto da vez anterior: trancou a porta.

E assim começava a *segunda* maldita partida.

Com os olhos arregalados, Dillon se pôs de pé com um salto. O choque e o nervosismo em seu rosto fizeram Gavin gargalhar.

– Opa, opa! – Gavin ergueu as mãos numa falsa rendição. – Pelo visto, peguei você meio desprevenido.

– Vá se foder, Blake! Você não pode entrar aqui dessa maneira – retrucou Dillon, parecendo que estava preparado para uma briga. – Era para você *ligar* informando a próxima consulta da Emily. Esse foi a porra do combinado quando você deixou um recado avisando que ela não ia conseguir ir à última consulta.

Uma leve tensão se irradiou pelos nervos de Gavin enquanto ele se aproximava de Dillon.

– Fique calmo, caralho. – Gavin ergueu um envelopinho azul e o atirou na mesa de Dillon. Sorrindo, viu que ele estava com a mão sobre o telefone, de prontidão. – Eu não vim aqui para machucar você *fisicamente*, Dillon – Gavin foi em frente, tentando segurar

uma risada. – Hoje eu sou o portador de... *boas* notícias. Emily não vai ter mais consultas. – Gavin fez uma pausa, o sorriso ainda maior. – Bem, pelo menos não consultas pré-natais.

Ainda aparentando estar pronto para gritar por ajuda, Dillon não conteve a curiosidade e abriu o envelope. Gavin não soube dizer ao certo quanto tempo Dillon levou para examinar o cartão cheio de ursinhos que salientavam a chegada de Noah no dia 5 de julho. De alguma forma, no entanto, ele não se encheu de alegria como imaginara.

– Emily teve o bebê? – perguntou Dillon, confuso. – Isso já faz mais de uma semana, porra. Como é que eu só estou sabendo agora? – Depois de amassar o cartão, ele o atirou na lata de lixo. Dando a volta na mesa, aproximou-se de Gavin e ficou a menos de 30 centímetros de distância. Sua voz saiu gélida como uma manhã invernal de neve. – Ah, tudo bem. É só me dizer aonde eu tenho que ir e o que preciso fazer para provar que sou pai desse moleque.

Gavin não soube dizer por quanto tempo olhou fundo nos olhos escuros e sem vida de Dillon. Os olhos de um homem que um dia considerara um amigo, um companheiro. Os olhos de um homem que batera na mulher que Gavin amava e venerava, sem a qual não podia viver. A outra metade da sua alma. Foi então que se deu conta de que não só estava gastando oxigênio, como desperdiçando um tempo precioso longe de duas pessoas sobre as quais nenhum merdinha do mundo deveria ter precedência. A batalha chegara ao fim e Gavin sabia que vencera de diversas maneiras, mais até do que Dillon teria a sorte de um dia experimentar. Com a espada abaixada, já não tinha necessidade de ver a reação de Dillon e sentia-se um babaca por ter deixado Emily e Noah. Então, lhe entregou o envelope que continha o resultado do teste de paternidade. A expressão confusa de Dillon foi a última coisa que viu ao se virar e sair do escritório. O barulho do envelope sendo aberto foi a última coisa que ouviu ao sair da vida de Dillon para sempre.

Passados, presentes e futuros de tirar o fôlego

Tempo. Emily nunca mais o encarara da mesma forma depois que a mãe morrera. A percepção do que a vida devia significar e de como podia ser tirada a qualquer momento foi transformada para sempre no dia em que viu o caixão de cerejeira da mãe ser baixado na cova, na terra encharcada de chuva. Sem ela, que desaparecera como um vapor turbilhonante, o tempo tinha um novo sentido para Emily.

Fechando a porta da cobertura, Emily perguntava-se onde os últimos sete meses haviam ido parar. O tempo parecia deslizar para dentro dele próprio, um buraco negro sugando lembranças e deixando as lindas digitais de Noah. Como estrelas cadentes no seu céu, o filho imprimia a sua marca na vida de Emily de tantas maneiras mágicas. O olhar amoroso de Emily pousou sobre Noah, sentado como o garotão no qual estava se transformando, estendendo a mãozinha minúscula para Gavin. Depois de molhar um bloquinho de brinquedo com a sua doce saliva, ele o atirou na cabeça do pai. No chão ao lado de Noah, contendo-se para não rir, Gavin lhe deu um falso olhar de tristeza.

Alguns pensamentos passaram pela cabeça de Emily enquanto ela ria. Primeiro: Gavin tinha sorte de estar usando o boné dos

Yankees. Segundo: ele tinha ainda mais sorte de o bloco com as letras do alfabeto ser de algodão. Terceiro: cercado de uma variedade de brinquedos que se espalhavam de uma extremidade à outra da sala, Gavin lhe pareceu completamente comível, não vestindo mais do que um boné do Yankees e uma calça de pijama naquela linda tarde de domingo. Apesar de o tempo estar passando mais rápido que um piscar de olhos, Emily achava que cada segundo não era menos do que magnífico.

– Olhe quem chegou em casa, Noah – anunciou Gavin, sentando-se no sofá. Sorriu para Emily e ajeitou o boné de beisebol na cabeça. – E trouxe presentes. Vamos ser alimentados, mamãe?

Sorrindo para Gavin e Noah, Emily pousou dois sacos de compras sobre a bancada.

– Depende. – Tirou um pão de fôrma de centeio do saco. – A roupa limpa está dobrada?

Gavin arqueou a sobrancelha.

– Meu irmão tinha razão: não dá para acreditar em quanto você me domestica.

– Vou tomar isso como um sim. – Depois de enfiar uma alface na geladeira, Emily pôs as mãos na cintura. – Não minta: você adora ser domesticado.

Gavin riu, pegando o jornal da mesa de canto.

– Sim, senhora. Para ser sincero, foi o Noah quem dobrou a pilha toda. – Ele abriu o jornal, os olhos azuis brincalhões espiando por cima da seção de esportes. – Mas fizemos uma eleição masculina. Concordamos que estamos cansados de dobrar a roupa limpa. Queremos a empregada de volta. – Com um sorriso radiante de covinhas, Gavin olhou para Noah. – Não é, amigão?

Noah fez que sim, segurando um chocalho musical de palhaço com uma das mãos e enfiando a outra na boca.

– Esse é o meu garoto. – Gavin riu, olhando para Emily. – Viu só, você está em desvantagem, boneca. Nós vencemos. Vou ligar para a Leslie e recontratá-la em tempo integral. E não se fala mais nisso.

De queixo caído, Emily soltou uma risadinha.

– Isso é obviamente uma conspiração. Já é ruim o bastante que o meu filho use um pijaminha de corpo inteiro dos Yankees. Agora você conseguiu que ele se virasse contra mim? Maldade. Pura maldade.

Gavin deu uma risada diabólica e passou à seção de economia, abrindo o mesmo sorriso de dar água na boca que a laçara na primeira vez que o vira.

– Ora, você já sabe disso há um tempo – lembrou-lhe, com um dar de ombros e uma piscadela. – E ama cada pedacinho da minha malvadeza.

Cada fibra de Emily concordava com ele. Não havia dúvida de que ela amaria para sempre cada pedacinho malvado e não malvado dele.

Emily continuou a tirar as compras das sacolas, inclusive uma revista de culinária que vira no caixa. Uma receita de frango assado cremoso lhe chamara a atenção. Ao contrário das duas últimas vezes, ela estava decidida a fazer com que o jantar daquela noite não provocasse uma intoxicação alimentar.

– Emily, o que é isso nas mãos do Noah?

Emily estreitou os olhos, tentando enxergar do outro lado da sala.

– Não sei. Um bloquinho?

– Dá para você tirar dele? – Gavin olhou por cima do jornal. – Ele enfiou na boca.

Emily franziu a testa.

– Gavin, os dentes dele estão nascendo. Ele morderia o meu sapato se eu deixasse.

– Eu sei. É que eu não quero que ele morda esse bloquinho. – Ele deu um sorriso maroto, os olhos se iluminando de divertimento. – E nem os seus sapatos, para ser sincero. Dava para você tirar dele? Pode estar... sujo.

Inclinando a cabeça para o lado, Emily deixou os ombros caírem e revirou os olhos.

– Um: você tem mesmo mania de limpeza. Dois: prefiro que ele morda o meu sapato ao seu. Três: você está bem aí; tire você da mão dele, seu doido de pedra.

– Doido de pedra? – questionou Gavin, rindo, bastante impressionado com o novo adjetivo. – As minhas costas estão doendo. Pegue você.

– Sim: doido de pedra. – Emily suspirou, sorridente, e colocou a revista em cima da mesa. – Você só está tentando arrancar outra massagem de mim.

Ela deu a volta na bancada, completamente convencida de que seu namorado obsessivo-compulsivo tinha pirado. Com os pés descalços, pisou no edredom sobre o qual Noah brincava.

Na verdade, ele não estava mordendo um bloquinho. Emily olhou para Gavin, que exibia um sorriso enorme, de muitos megawatts, e mais uma vez para a caixinha de veludo preto em que Noah cravava o dentinho que acabava de despontar. Antes que Emily pudesse piscar ou respirar, Gavin deslizou do sofá e sentou-se de pernas cruzadas sobre o edredom. Colocando Noah no colo, virou o boné dos Yankees com a aba para trás, tirou a caixinha das mãos do filho e a substituiu por um livro minúsculo. Fitou Emily, que estava imóvel, e disse com uma voz suave:

– Venha se sentar aqui. Temos uma coisa para você.

De súbito, a garganta estava seca. Trêmula, foi se abaixando lentamente, sentando-se diante de Gavin. Com os joelhos tocando nos dele, fitou aquele sorriso preguiçoso. Eles se beijaram até Noah reclamar de estar imprensado entre os dois. Emily deixou escapar uma risadinha nervosa e passou a mão pelos cabelos ondulados do filho.

– Ele está com ciúmes, só isso – sussurrou Gavin, dando um beijo na cabeça de Noah.

Gavin encarou Emily e engoliu em seco. Pela segunda vez na vida, estava prestes a pedir uma mulher em casamento. No entanto, pela primeira vez, não sentia nem um pouco de reservas. Gavin sabia que ela era a mulher que havia sido criada para ele. Com a mão trêmula, tomou o rosto de Emily entre as mãos, o coração aos saltos.

– Eu amo você, Emily. Você sempre vai ser a minha melhor amiga. Sempre vai ser a minha... Molly. – Com os olhos arregalados, Gavin chegou o corpo para a frente e deu um beijo

suave nos seus lábios trêmulos. – Você é a mãe do meu filho. Você e Noah trouxeram cores para a minha tela vazia, luz para a minha escuridão. – Com o polegar, enxugou uma lágrima morna do rosto de Emily e respirou fundo. – Vamos pintar juntos o quadro completo e iluminar o céu, docinho. Eu amo vocês dois mais do que qualquer coisa. – Ele ergueu a sobrancelha, o sorriso maroto e sexy realçando os traços perfeitamente talhados. – Lembra? Você é melhor do que bombons de Dia dos Namorados.

Fungando, Emily deu uma risadinha. Gavin sorriu, mas logo ficou sério.

– Eu acredito no “para sempre” e é isso que você e eu somos. Nós definimos a eternidade. Pode soar piegas, mas você me faz chegar até lá. Você coloca borboletas esvoaçantes na minha barriga, Emily Cooper. Nunca senti isso antes e não quero abrir mão disso por nada. Nunca. Eu pedi certa vez para você seguir em frente comigo e você topou. Agora... Estou pedindo que embarque numa viagem completa. Caminhe comigo o resto da jornada até a gente ficar velhinho, sentados nas nossas cadeiras de balanço, olhando os nossos netos, pirados de tanto açúcar, brincarem no quintal. Eu já vi este mundo todo um milhão de vezes, mas nunca o vi com você ao meu lado. Quero, ou melhor, *preciso* que você seja minha esposa. Preciso acordar todas as manhãs sabendo que você é a Sra. Emily Michelle *Blake*. – Ele fez uma pausa e Emily percebeu que seus olhos estavam ficando marejados. – Por favor. Dê esse último passo comigo.

Ele abriu a caixinha. Em meio à assinatura clássica de Harry Winston, encontrava-se um diamante redondo e reluzente engastado em platina com brilhantes menores encravados ao seu redor.

Emily descobriu que o ar havia evaporado de seus pulmões. Ficou paralisada diante da seriedade das palavras dele e o seu coração disparou, tumultuado de tantas emoções. A declaração de Gavin cantou em seus ouvidos, reverberando em notas musicais de amor.

– Eu te amo – disse ela, a voz embargada, os olhos ardendo com lágrimas de felicidade. Enlaçou o pescoço dele e o puxou para

si. – Sim, eu dou esse último passo com você, Gavin.

– É mesmo? – perguntou ele, rindo entre beijos. Mais uma vez, Noah deu um guincho de desprazer, tentando escapular de Gavin, chutando as pernas gorduchas em sinal de frustração. – Você vai ser minha mulher?

– Vou. Eu vou ser sua mulher – disse Emily, chorando e levando Noah ao colo.

Ele se aquietou ao receber uma mamadeira, o corpinho relaxando. Os membros de Emily enfraqueceram quando Gavin tomou a sua mão para colocar o anel de noivado. Sua alma se acalentou diante de tudo o que ele representava.

– Obrigada – sussurrou ela, olhando nos olhos de Gavin. – Não tenho palavras para descrever como você me faz feliz todos os dias.

E não tinha mesmo. Ele a encontrara aos pedaços, definhando, e remendara seu coração, enfaixando-lhe a alma com a sua presença. E, durante tudo aquilo, lhe mostrara o que era o amor de verdade. Ele era um sonho. A única coisa que Emily podia fazer era rezar para nunca mais acordar daquele paraíso. Ganhou mais uma chuva de beijos inebriantes enquanto descia a mão por seu peito nu. O tempo era de suma importância, mas agora seria para sempre preenchido com tudo aquilo com o qual Emily jamais imaginara, tudo o que nunca poderia ter esperado.

– Você já me deu a única palavra que eu precisava ouvir – disse Gavin baixinho. Ele a beijou outra vez, massageando-lhe os cabelos. – Agora precisa se levantar e se arrumar. Tem um presente para você em cima da cama.

– Me arrumar?

Ela deitou Noah, completamente adormecido, sobre o edredom. Sorrindo, fitou-o por um momento e absorveu a visão daquele corpo minúsculo e exausto.

– Aonde a gente vai?

Ficando de pé e puxando Emily consigo, Gavin alongou o corpo rijo, o que atraiu a atenção dela no mesmo instante. Ela mordeu o lábio, perscrutando a pele dourada, sentindo necessidade de seguir a gloriosa descida do dragão por baixo da calças de pijama de Gavin. Mas estava tudo bem. Cada pedacinho dela ainda tinha toda

a vida para adorar a linda obra de arte que era o extraordinário corpo do noivo.

– Vamos comemorar.

Gavin se aproximou da orelha dela, lambendo-lhe o lóbulo. Seu corpo todo se arrepiou. Ele a beijou uma última e gloriosa vez, de forma suave e carinhosa. Gavin deu um passo atrás, deixando o corpo dela dolorido com a sua ausência.

– A Olivia vai chegar daqui a quinze minutos para tomar conta do Noah. Vou mimar a minha mulher esta noite. – Com os olhos grudados nos dela, Gavin meneou a cabeça em direção ao quarto. – Vá. Já, já vejo você, futura Sra. Blake.

Gavin sempre arranjava as coisas mais doces para dizer, mas aquelas palavras em especial deslizaram de sua língua como chocolate. Sem fôlego, Emily assentiu e seguiu pelo corredor, a mente esfuziante de alegria, excitação e amor.

Ao entrar na suíte, Emily viu uma caixa grande e retangular na cama com um laçarote vermelho. Perguntou-se o que o amor da sua vida tinha reservado para ela. Um horroroso conjunto de moletom rosa dos Yankees lhe veio à mente, mas, como ele dissera que iam sair para comemorar, imaginou que não fosse o caso. Pensando bem, não estranharia se Gavin aprontasse uma dessas. Ele adorava imprimir sua marca nas coisas. Afundou na cama, estendendo a mão em direção à caixa, a curiosidade mais do que atiçada. Depois de tirar o laçarote, ergueu a tampa. Uma risada escapou dos seus lábios ao deparar com o papel crepom prateado, azul e branco dos Yankees. Balançou a cabeça, rezando para que ele não a fizesse aguentar uma noitada na cidade trajando o uniforme do seu time favorito. Com as mãos coçando, rasgou o papel com a velocidade de um foguete. Ofegou, aliviada por seu homem não ter feito aquilo.

O traje escolhido fora um vestido-envelope de seda preta de um ombro só com um drapeado acima e abaixo do busto. De pé, Emily encostou o elegante vestido de noite de encontro ao peito enquanto se mirava no espelho de corpo inteiro. Batendo logo acima do joelho, com um vistoso aplique de pedraria marcando a cintura, o vestido valorizava suas recém-adquiridas curvas

maternas. Para finalizar a surpresa, Gavin escolhera um par de Manolo Blahnik pretos de tirinhas daquela estação. Com uma alegria infantil, Emily se virou para se arrumar para a noitada e deparou com Gavin encostado, muito à vontade, no vão da porta.

– Estava me observando esse tempo todo? – perguntou Emily, sentindo um rubor lhe subir às faces.

– Estava, e curti cada minuto. – Com os braços cruzados, ele lançou-lhe um sorriso preguiçoso. – Mandei bem?

Emily atravessou o quarto, deleitando-se com seu rosto divino. Emaranhou os dedos nos cabelos macios e escuros e o puxou para um beijo.

– Você alguma vez não manda bem?

– Mmm – ele roçou os lábios no maxilar dela –, já que você perguntou, acho que acerto na mosca o tempo todo.

Emily deu uma risadinha, aninhando-se de encontro ao seu peito nu.

– Tão convencido...

– Sou, sim.

– Bem, Sr. Convencido, onde está o nosso filho?

– Dormindo no berço. Agora, me beije pela boa ação do papai.

Sem hesitação, Emily obedeceu. Antes que pudesse devorar os lábios dele com a intensidade pela qual o corpo ansiava, a campainha tocou.

– Olivia – sussurrou Emily, tentando se recompor enquanto se afastava dele.

– Timing perfeito, mas nem tanto. – Gavin se virou em direção ao corredor. – Vá se arrumando, que eu abro a porta. Logo depois que eu... me acalmar.

Com o pau quase duro, Gavin tentou pensar em alguma coisa, qualquer coisa, que tirasse sua cabeça dos lábios deliciosos de Emily. Porém, nada funcionava. Ao abrir a porta, esperou que Olivia não notasse nada.

– Eba! – Olivia entrou na cobertura quase aos berros. – Onde está o meu afilhado?

– Dormindo.

– Ah, assim não vale. – Olivia franziu a testa e atirou a bolsa na mesa do hall de entrada. Ainda fazendo beicinho, entrou marchando na sala de estar e afundou no sofá, bufando. – Toda vez que eu venho aqui ele está dormindo.

Com uma expressão confusa e ao mesmo tempo divertida, Gavin balançou a cabeça.

– Liv, é o que os bebês fazem de melhor: dormir. – Ela revirou os olhos, dramática como Sarah Bernhardt. Gavin se acomodou numa poltrona de couro. – Você não está curiosa para saber se a Emily aceitou o meu pedido de casamento? Fico surpreso por não ter sido a sua primeira pergunta.

Olivia voltou a revirar os olhos.

– Pff. Não faço perguntas óbvias. Não havia a menor chance de ela não aceitar. Senão, eu encheria de porrada, fugiria para me casar com você e adotaria aquele bebê precioso que parece estar permanentemente adormecido. Vocês o andam drogando?

Gavin ficou boquiaberto. As coisas ditas por Olivia conseguiriam chocar até mesmo um serial killer caminhando para a morte na câmara de gás.

Colocando-se de pé, ela bateu na bochecha com o dedo, perdida em pensamentos.

– Por falar em bebês drogados e adormecidos, vou lá acordá-lo. A tia Liv precisa de um pouco de amor do Noah.

Gavin deu de ombros.

– Problema seu. Vou logo avisando: por mais que ele a adore, vai se transformar no seu pior inimigo se você interromper a soneca dele.

– Vou correr esse risco – retrucou Olivia, correndo em direção ao quarto de Noah.

Logo, Gavin ouvia Noah aos berros e Olivia tentando acalmá-lo. Gavin riu e decidiu que era o momento perfeito para se arrumar. Olivia ia ver o que era bom para a tosse e Gavin estava bastante certo de que Noah a levaria ao nocaute.



– Então, aonde é que você está me levando exatamente?

Emily foi assimilando a paisagem enquanto Gavin pegava a Taconic Parkway. Apesar dos céus frios de março e das árvores ainda por florescer, Nova York continuava a ser uma espetacular paleta da natureza, o que nunca deixaria de impressionar Emily. A silhueta de Manhattan já sumira de vista havia muito tempo e a aridez da cidade dera lugar à paz. Imensas rochas ladeando a estrada distinguiam-na da caótica selva. De certa maneira, aquela parte de Nova York a fazia lembrar do Colorado. Ainda que diferente de muitas maneiras, guardava a calidez que o estado natal sempre teria.

– É uma surpresa – respondeu Gavin, ligando a seta para a direita. Olhou pelo retrovisor antes de passar para o acostamento. Estacionou, sorriu e deu um beijo suave em Emily. – E você vai precisar ficar vendada. – Ele abriu a porta e saltou do carro.

Emily foi tomada pela curiosidade enquanto observava Gavin dar a volta graciosamente até o seu lado do carro. Meu Deus, como ele estava incrível, vestindo um terno preto Armani muito bem-cortado, com uma camisa branca e engomada se insinuando por debaixo e os cabelos que o deixavam sexy sem ele precisar fazer o menor esforço. Abriu a porta e sacou a venda do bolso traseiro da calça. Pegando a mão de Emily, ajudou-a a sair do carro com um sorriso brincalhão que sugeria intenções travessas. Tomou-a nos braços fortes, protegendo-a do frio, enquanto a versão acústica ao vivo de *Find Me*, do Boyce Avenue, tocava nos alto-falantes. Por um momento, Gavin olhou nos seus olhos e balançou ao som da música.

– Déjà vu – disse Emily com um tom sonhador. Recordava a última vez que haviam dançado daquele jeito, no acostamento de uma estrada no México. – Você é muito requintado, Sr. Blake. – Gavin lançou um sorriso preguiçoso para ela e Emily ergueu a sobancelha, a curiosidade crescendo a cada segundo. – O que está aprontando?

Antes que ela pudesse piscar, Gavin deslizou a venda de seda por cima dos seus olhos e levou os lábios ao seu ouvido. Emily

arquejou quando Gavin roçou os dedos pelo queixo dela e falou com uma voz suave, fazendo-a arder.

– Nós vamos participar de um jogo. E não é o das vinte perguntas, boneca.

– Não? – sussurrou Emily. O barulho dos carros passando apressados e a música dos alto-falantes desapareceram enquanto os dedos de Gavin trilhavam a curva de seu pescoço.

– Não. Este jogo vai estimular todos os seus cinco sentidos para além da compreensão humana. Visão... – Ele a puxou para mais perto e Emily pôde sentir o pau se endurecendo de encontro à sua barriga. – Vou lhe mostrar coisas que você nunca viu na vida. – Afastando o casaco de marinheiro de lã cinza do ombro dela, foi passando os lábios, leve como plumas, por sua clavícula. Emily estremeceu, arrepiada. Cada pelinho seu ficou em pé. Depois de um momento, ele levou os lábios de volta à orelha e mordiscou levemente seu lóbulo. Enquanto ele rodeava os brincos de diamante com sua língua quente, Emily jurou que ia derreter no cascalho do acostamento.

– Audição... – Ele enfiou os dedos por seus cabelos e o corpo dela gritou, pedindo a liberação daquele prazer. – Você gosta de sentir o meu hálito na sua orelha?

Emily engoliu em seco e fez que sim. Palavras eram uma coisa do passado enquanto ela mergulhava no toque dele.

– Paladar... – Ah, como a deixava excitada, correndo a língua macia de forma dolorosamente lenta por seus lábios entreabertos. – Eu sou viciado no seu sabor, Emily. Sempre fui e sempre vou ser. Mas eu quero que você seja viciada em mim da mesma maneira.

Será que ele tinha enlouquecido? Já a transformara num demônio sexual para todos os sabores desejados, entretanto tinha a sensação de que estava prestes a torná-la de vez uma viciada, rezando pela próxima dose.

– Olfato... – Correu o nariz por seus cabelos, descendo pelo pescoço para subir pelas bochechas ruborizadas. O som dele inalando o seu aroma precipitou uma sensação de necessidade que desceu direto à calcinha úmida. – Mmm, o cheiro de cada parte do

seu corpo doce me levaria a matar por ele se um dia fugisse à minha posse. Ele é... *meu*.

Emily exalou, a dominância sugerida pelo tom dele acordando terminações nervosas que ela nem sabia que existiam.

– E, por último, mas não menos importante, o tato... – Emily o ouviu dar um passo atrás. Seu corpo se sentiu privado do calor dele. Precisava de mais. Queria mais. Desejava mais ardentemente. O que ele estava fazendo? Era para estar tocando nela. – Bem, isso, Srta. Cooper, não deve ser difícil de descobrir. Nós vamos tocar, cheirar, saborear, ouvir e ver tudo o que o outro tem a oferecer como nunca antes.

Sem visão e com o fôlego roubado pelas palavras dele, Emily se sentiu como uma louca. Felizmente, Gavin a trouxe de volta à normalidade, escapando de um embaraçoso ataque sexual que o levaria à morte. Mas estava quase certa de que ele não se importaria. Sentiu os dedos dele se entrelaçarem com os dela, guiando-a cautelosamente de volta ao carro e a acomodando no assento. O som da porta se fechando fez o corpo de Emily, já com os nervos à flor da pele, saltar de expectativa. Os pés dele triturando o cascalho deixaram os sentidos dela, já exaltados, em estado de alerta. Depois que ele entrou no carro, sua respiração deixou o coração dela, já descompassado, bater ainda mais rápido.

Gavin deu partida no carro, puxou a faixa do cinto de segurança por cima da cintura dela e o fechou com um clique. Mal lhe tocando a pele, traçou no ar pequenos círculos em torno do anel de noivado. Ele a estava provocando e saía-se muito bem. Vez ou outra, roçava seu pescoço, tocava de leve em sua coxa e afagava seus cabelos, tornando o restante da viagem intensamente silenciosa, torturante. Quando ouviu o carro parar de vez, Emily estava tão sexualmente excitada que se convenceu de que ia enlouquecer.

Estavam estacionados na estrada de acesso circular da casa de dois andares em estilo mediterrâneo que ele havia construído para os dois com base nas características que Emily fornecera sem saber nos últimos muitos meses. Gavin abriu um sorriso reverente enquanto observava o peito de Emily subir e descer com a

respiração curta. Vê-la ao seu lado, sem ter ideia do que ele estava prestes a lhe mostrar, o deixava embriagado. Seu joguinho ainda não chegara ao fim. Não. Ia saborear o momento pelo tempo que pudesse. Após um leve toque num botão, os ornados portões de ferro fundido se fecharam. Gavin saiu do carro, o sorriso cada vez maior ao abrir a porta do carona e ajudar a futura noiva vendada a se levantar.

– Onde estamos? – Sentindo os braços dele deslizarem em volta da sua cintura, Emily sorriu. – Estou um pouquinho assustada.

Gavin a puxou de encontro ao peito enquanto a conduzia pela pista de acesso de arenito multicolorido. O coração dele batia cada vez mais rápido à medida que se aproximava da porta da frente.

– Suba um degrau – sussurrou ele, e Emily obedeceu. – Mais um. Adivinhe só?

– Mais um degrau? – perguntou ela, rindo.

– Acertou.

Uma vez na varanda, Leslie, empregada de Gavin – que já havia sido recontratada em tempo integral –, os cumprimentou silenciosamente, abrindo a porta da frente. Gavin assentiu, falou “obrigado” sem emitir som, e a observou descer a pista de acesso em direção ao carro.

Dando um passo para dentro do hall de entrada marmorizado, Gavin fechou e trancou a porta, deslizou o casaco de Emily por seus ombros e a beijou suavemente.

– Fique aqui. Não quero que nada aconteça com você.

Cruzando os braços, Emily inclinou a cabeça para o lado.

– Não dá para você ver os meus olhos neste instante, mas eu os estou revirando, seu espertinho.

– Aposto que sim.

Gavin riu. Caminhou até a escadaria e pendurou o paletó e o casaco no intrincado corrimão de cerejeira, entalhado à mão.

– Venha aqui – chamou ele, sorrindo. – Minha voz vai guiar você.

– Você está brincando? – Emily ouviu as suas palavras ecoarem no ambiente. – Estou quase arrancando esta maldita venda.

Antes que ela pudesse fazer isso, o som dos passos rápidos e firmes de Gavin invadiu o ar, seguido da sensação de sua mão na lombar.

– Não – replicou Gavin, conduzindo-a até a espaçosa sala de estar. Leslie tinha deixado pronto tudo o que ele havia pedido. – A venda fica onde está. Tenho outro jogo pra gente. Depois disso, se eu achar conveniente, eu tiro. – Gavin adorou o beicinho de Emily. Ajoelhou-se diante dela e passou as mãos de leve por suas panturrilhas. – Segure nos meus ombros para se apoiar.

Considerando que não podia ver nada e que o corpo estava hiperciente do toque de Gavin, Emily ficou mais do que satisfeita quando suas mãos encontraram os cabelos dele, e enterrou os dedos nas mechas sedosas.

– Nada de ombros, mas isto aqui serve. Eu devo puxá-los?

– Da mesma forma que você me implora para puxar os seus quando estou atrás de você?

– Uhum – murmurou Emily, fazendo exatamente o que ameaçara.

Ela o sentiu beijar a sua barriga. Um tremor involuntário percorreu-lhe a coluna.

Gavin tirou os sapatos dela, subindo as mãos por suas coxas. O tremor que começava a se espalhar pelo corpo de Emily o fez pensar em desistir daquela parte do jogo e ir direto ao assunto, mas ele iria esperar. O próximo passo era a parte principal da surpresa. Gavin ficou de pé, tomou as mãos de Emily e a guiou até um enorme tapete creme de alpaca que cobria toda a sala de estar.

– Onde estamos? – sussurrou Emily, sentindo a textura macia sob os pés. – E o que você está fazendo comigo?

Ainda de mãos dadas, Gavin se sentou no tapete e, lentamente, puxou Emily para o colo. Posicionando as pernas dela ao redor de sua cintura, Gavin lutou para se controlar ao ver as deliciosas tiras pretas da cinta-liga que espiava por baixo do vestido. Emily arquejou enquanto Gavin arrastava os dedos indolentemente por sua cintura, puxando-a para bem perto.

– Agora vamos passear pelas nossas lembranças. – Gavin a beijou, sugando o seu lábio inferior. – E, quando terminarmos,

vamos estar no nosso futuro.

Gavin estendeu a mão para uma bolsa de lona contendo diversos objetos ligados ao passado deles. A primeira peça era uma concha que ele trouxera do México. Levando-a ao ouvido dela, ia estimular a sua audição.

– Ouviu isso?

– Ouvi – sussurrou Emily, escutando o mar distante. – É uma concha?

– É. O que ela a faz lembrar? – perguntou ele, levando os lábios aos dela.

Emily tentou respirar enquanto a outra mão dele acariciava as suas costas.

– Os Hamptons.

– Quase – sussurrou Gavin, afastando a concha. – O tempo que passamos no México. Um período que começou mal, mas que terminou muito bem. Você não concorda?

Emily sorriu, as lembranças daquele tempo agridoce invadiram seu coração. Buscando os lábios dele, inclinou o corpo para a frente, chegando perto de acertar o alvo ao plantar um beijo no nariz de Gavin.

– Concordo. – Passou os braços pelos ombros dele. – Obrigada por essa lembrança.

– Obrigado por ter ido atrás de mim – respondeu ele baixinho.

Enfiou a mão outra vez na bolsa. Sacando uma casca de amendoim, imaginou que aquela lembrança fosse ser um pouco mais difícil de decifrar. Colocou-a debaixo do seu nariz com o intuito de aguçar seu olfato.

– Cheire.

Emily inspirou o aroma de amendoim.

– Manteiga de amendoim? – perguntou ela, franzindo a testa. – Humm, sei que a gente gosta de usar chantili na cama, mas não me lembro de manteiga de amendoim, Blake. Está me confundindo com outra mulher?

Gavin sorriu com malícia, levando a mão livre à nuca de Emily, e puxou o rosto dela a centímetros do seu.

– Nunca. Mas chegou perto, Srta. Cooper, em breve Sra. Blake. Você sabe que eu comeria qualquer coisa que cobrisse o seu corpo. Você tem a minha permissão para se considerar o meu sanduíche particular de manteiga de amendoim com geleia.

Emily sorriu.

– De onde é isso?

– Droga, mulher. – Gavin riu. – Talvez isso ajude. – Atirou a casca de amendoim nos cabelos dela.

Emily chegou para trás.

– Você jogou alguma coisa no meu cabelo agora?

– Joguei. E o que você vai fazer a respeito? – Desejando que Emily pudesse ver o seu enorme sorriso maroto, Gavin inclinou o corpo para trás, apoiando-se com as mãos no tapete. – Meu jogo. Minhas regras. Agente.

– Você pirou – comentou Emily com uma risadinha.

Depois de encontrar a casca de amendoim, Emily a arrancou do cabelo e, cegamente, atirou-a na direção em que, ela esperava, o nariz dele se encontrasse. Passou como um foguete por cima da cabeça de Gavin e aterrissou na pedra da lareira.

– O jogo de beisebol – exultou Emily.

Buscando os ombros dele, agarrou-os e o puxou de encontro ao peito.

– Apesar de o jogo ter sido uma porcaria, porque os seus Yankees ganharam dos meus Birds, é uma lembrança que nunca vou esquecer.

– *Humilharam* os seus Birds – Gavin corrigiu, tirando mais uma recordação da sacola.

Emily suspirou e balançou a cabeça. Gavin imaginou que a próxima lembrança aguçaria seu tato e estava quase certo de que ela saberia do que se tratava tão logo a sentisse. Tomando sua mão, colocou uma tampinha de garrafa na palma e olhou o seu rosto se iluminar de imediato.

– Minha favorita – sussurrou Emily, beijando a tampinha. Inclinou o corpo à frente para beijar qualquer parte do corpo dele que os lábios encontrassem, e deu com um ponto logo acima do queixo. – Tampinhas por toda a vida?

– Sempre – respondeu Gavin, guiando os lábios dela até os seus.

Ele a beijou ternamente, extasiado, porque sua garota considerava grandioso um gesto tão pequeno.

– Agora eu já posso tirar a venda? – Emily quase implorou.

– Seja paciente, pequenininha – retrucou Gavin, sacando as duas últimas lembranças da bolsa. O sentido que ele iria incendiar agora seria o paladar. Gavin se perguntou se ela recordaria a conversa que dera início a tudo. – Abra a boca – sussurrou, observando-a com seriedade separar os lindos lábios carnudos.

Depois de abrir uma pequena embalagem de creme e um envelope de açúcar, despejou os dois deliciosos conteúdos sobre a língua de Emily. Antes que Gavin conseguisse respirar, de alguma forma Emily encontrou a sua boca. Os lábios dos dois se juntaram ansiosos, num beijo com sabor de creme e açúcar. Suas línguas dançaram como uma só.

– Eu sei o que é isto – ronronou Emily.

– Sabe?

Ele a beijou ainda mais profundamente e se ergueu, tomando-a nos braços como um homem recém-casado que leva a noiva.

– Sei, sim, Sr. Creme e Açúcar. Agora eu exijo que você tire esta venda – disse Emily com a voz rouca, extravasando um enorme desejo, provocado pela doce tortura a qual ele a sujeitara.

Gavin obedeceu. Viu-a piscar os lindos olhos verdes, e a sua expressão surpresa lhe deu um formigamento de satisfação.

– Bem-vinda ao nosso futuro.

Com os pés pendurados por cima dos braços de Gavin, Emily não conseguia decidir para que lado olhar primeiro. O chão era de madeira, reluzente de tão polido. A sala de estar era tão grande que fazia a cobertura de Gavin parecer um alojamento de faculdade. Seu olhar se deteve na escadaria de mármore, que se dividia em duas no patamar, localizada no meio do hall de entrada. Os tetos tinham uma requintada sanca, muito acima de janelas panorâmicas que exibiam a piscina no quintal dos fundos. Portas arqueadas se espalhavam por todas as direções.

Gavin a carregou para dentro de uma cozinha com infindáveis superfícies de granito creme. Utensílios em aço inoxidável, dignos de um *master chef*, destacavam-se em elegantes armários de cerejeira. Gavin passou depressa com Emily pela biblioteca, pela sala de bilhar e pelo escritório. Sem móveis, a casa parecia ainda maior. Emily se deu conta de uma coisa e seu coração se dilatou. A residência deles era nada mais, nada menos que resultado do infame jogo das vinte perguntas, que sempre incluía alguma informação esquisita sobre cor, textura ou design. Era o futuro deles. Havia respostas dela por todos os lados.

– Eu te amo – sussurrou ela de encontro aos lábios dele. – Eu amo cada pedacinho furtivo e conspiratório seu. – Emily o beijou com mais intensidade ainda, precisando que Gavin soubesse como lhe era grata por tudo o que ele representava, por tudo o que lhe dera. – Me leve de volta para a sala de estar para eu poder fazer amor com o meu noivo *shmexy*.

Gavin ignorou-a e começou a carregá-la escada acima.

– Você acha que eu faria amor com você no chão?

Emily beijou o pescoço dele e o tentador aroma da colônia almiscarada fez cócegas no seu nariz. Ela não estava dando a menor importância para o local naquele instante. *Precisava* dele.

– Nós já transamos num provador da Neiman Marcus. – Ela mordiscou o lábio dele. – Já transamos na praia nos Hamptons. – Alisando seus ombros largos com as mãos, começou a desabotoar a camisa. – Já transamos até num armário de equipamentos na minha escola. Agora, de repente, você está preocupado em transar no chão? Desde quando você ficou seletivo com relação a isso?

Um brilho malandro se insinuou nos olhos de Gavin à medida que as lembranças de cada um dos atos mencionados por Emily percorriam a sua mente. Ela estava certa, mas naquele dia era diferente. Tinha outros planos. Continuou a carregá-la para o que seria a suíte do casal.

Emily prendeu a respiração ao ver uma elegante cama king-size de dossel com quatro colunas. Feita de mogno escura e coberta com uma rede branca transparente, a peça solitária dava ao quarto um ar etéreo e romântico. Gavin a pousou suavemente,

pressionando o peito contra suas costas. Afastando os cabelos ondulados do pescoço de Emily, aproximou-se de sua orelha e abriu o zíper do vestido bem devagar.

– Eu pretendo inalar cada centímetro do seu corpo em cima desta cama – sussurrou ele, abaixando a alça única de seu ombro.
– Tudo bem, Srta. Cooper?

Emily não conseguia pensar, respirar ou se mexer enquanto o vestido batia no chão frio de madeira, deixando o corpo quente praticamente nu, só de cinta-liga e corselete tomara que caia.

– Tudo bem – concordou ela, respirando fundo.

Em segundos, ele tinha aberto o corselete, libertando os seios do confinamento. A lingerie de seda se juntou ao vestido descartado. Gavin apalpou os seios, apertando-os de leve. O toque dele era para lá de delicioso. Roçou a boca faminta pelo pescoço de Emily, subindo e descendo, e ela atirou a cabeça para trás, sobre seu ombro forte. Um gemido suave escapou-lhe dos lábios.

Mesmo de costas, pôs-se a desafivelar o cinto dele, as mãos trabalhando febris sobre o couro. Meu Deus, não conseguia abri-lo rápido o bastante. Ao mesmo tempo que fazia amor com um de seus seios, Gavin enfiou a outra mão na sua calcinha, massageando o clitóris com círculos suaves e lentos. Tomada pelo desejo e precisando se segurar em alguma coisa, Emily parou de abrir o cinto, subiu as mãos pelo pescoço dele, enroscando-as em seus cabelos. Sua respiração rápida e arquejante ecoava pelo quarto quase vazio enquanto Gavin a fodia com os dedos até ela perder o juízo.

– Você está sempre tão molhada para mim... – comentou Gavin, a voz cheia de doçura erótica. Ele chupou o pescoço dela e depois o mordiscou com todo o cuidado. – Você é minha, Emily.

Ela gemeu, o calor se intensificando em sua boceta a cada estocada.

– Para sempre – sussurrou enquanto um prazer escaldante a rasgava por dentro.

O corpo se derreteu, ansiando por tê-lo dentro dela. Já sem conseguir esperar, virou-se para encará-lo.

Seus olhos, da cor de um ardente fogo azul, fitaram os dela com intensidade, as emoções muito claras, ferozes de paixão. Emily terminou de desabotoar a camisa e a calças e o despiu. A boca de Gavin se grudou à dela, os lábios lindamente esculpidos macios e cálidos. Ele a empurrou na cama. O calor que irradiava de sua pele quase incendiou Emily. Com um movimento único e torturante, Gavin se ajoelhou à frente dela, puxando a calcinha, a cinta-liga e as meias três-quartos até as canelas.

Encarando-o, Emily deslizou pela cama enorme. Os lençóis frios de algodão egípcio despertaram ainda mais seus sentidos. Com a cabeça aconchegada em travesseiros de plumas, ela tremia de expectativa enquanto Gavin engatinhava para se colocar entre suas pernas trêmulas. Como um falcão rondando a presa, ele se deteve acima dela por um segundo antes de voltar a beijá-la. Possuindo seus lábios, saboreou-os com lambidas lentas e profundas.

O beijo se intensificou e Emily entrelaçou os dedos nos cabelos dele, os lábios se entreabrindo com um arquejo ao sentir a cabeça grossa de seu pau penetrá-la devagar. Foi abrindo a sua fenda até alargá-la por completo. Arquejou de novo quando ele se retirou vagarosamente, deixando-a trêmula, ansiando por mais. Grunhindo, Gavin redemoinhou a língua quente ao redor do mamilo duro de Emily. Como se o ar tivesse sido sugado do quarto, ela não conseguiu respirar. Estava embriagada de prazer, bêbada de necessidade enquanto Gavin lambia um dos seios com círculos lentos e lânguidos, massageando o outro sem parar.

– Você tem ideia de quanto o seu corpo é lindo? – perguntou Gavin, a voz trêmula de emoção, os olhos vidrados de desejo, passando o braço por baixo das costas de Emily. Ela balançou a cabeça. – Este lindo corpo deu vida ao nosso filho. Vou adorá-lo para sempre. Estimá-lo pela dádiva que ele é. Pelo presente que ele me deu.

Aquelas palavras, tão poderosas, tão intensas, fizeram Emily estremecer. Sem fôlego, ela umedeceu os lábios e observou Gavin beijar lentamente suas costelas, flexionando os bíceps. Passou a língua pelo meio da barriga dela, demorando-se ali até partir para a cicatriz da cesariana. Gavin ergueu a vista para Emily, que

demonstrava certa inibição enquanto ele passava a língua pela linda gravação que representava a vida de Noah. Percorreu a carne rosa saliente com os dedos.

– Obrigado por esta cicatriz permanente – sussurrou, tomando as nádegas dela entre as mãos. Ergueu a metade inferior do corpo dela até o rosto, beijando cada centímetro da sua barriga. – Obrigado.

O corpo todo de Emily estremeceu com o toque, assim como o coração. Sentia-se dominada por emoções intensas. O prazer se irradiou como eletricidade por cada músculo, fibra e célula sua no momento em que Gavin pôs a boca no meio de suas pernas. A língua se moveu rápida e suavemente pelo clitóris intumescido. Os arrepios percorriam sua pele e cada investida provocava uma onda feroz de êxtase. Seu estômago ardia como se tomado por lava. Os quadris saltaram, empurrando seu calor úmido de encontro à boca faminta dele.

Apertando a bunda de Emily com mais força, Gavin foi lambendo a carne macia, banqueteadando-se com sua doçura. Os gemidos dela atiçavam os seus sentidos; as pernas trêmulas, enlaçadas em sua cabeça, o deixavam tonto. O desejo o acoitava cada vez mais, à medida que os gritos longos de Emily se dissolviam em choramingos. Ela agarrava os seus cabelos, puxando o rosto dele com mais e mais força para si e aquilo só fazia enlouquecer Gavin. Ela estava perto. Muito, muito perto. Enfiando dois dedos na fenda escorregadia, ele sentia uma necessidade tão grande de se afundar dentro dela que fazia os testículos latejarem. Eletrizado, com a sensação de estar prestes a pirar de vez, Gavin chupou a florescência inchada de Emily mais rapidamente e com mais força, movendo-se em sincronia com ela, sendo provocado a gozar. A panturrilha e as coxas, encostadas nas costas dele, começaram a tremer enquanto a boceta sugava seus dedos.

– Goze para mim, amor – rosnou Gavin, passando o polegar pelo clitóris. – Eu tenho que sentir o seu gosto por inteiro. Eu quero tudo.

O estômago de Emily deu uma cambalhota em resposta à voz sedosa, ao calor rouco que a fazia derreter até os ossos. A pele

formigava e brilhava de suor. Os mamilos endureceram como pedras preciosas. Seu sexo pulsou violentamente quando o orgasmo a arrebatou, rolando por seu corpo como uma onda raivosa. Antes que o mundo pudesse se acomodar à sua volta outra vez, Gavin deslizou por seu corpo e empurrou a cabeça larga do pau para dentro dela. Emily arfou e abriu bem as pernas para acomodá-lo por inteiro. Enfiando as mãos nos cabelos dela, Gavin lhe deu um beijo movido a puro tesão, grunhindo e a lambendo mais fundo, com mais intensidade. Sentindo o próprio sabor forte na língua dele, Emily gemeu com a ardência grossa e incendiária que a invadia, quase lançando-a a outro orgasmo. Mas ela a acolhia com prazer, consumindo toda a sua delícia, sabendo que nunca seria o bastante. Que Deus a ajudasse, pois sabia que jamais se sentiria completa sem Gavin. Ele era vital para seu ser. Era seu abrigo de qualquer tempestade.

Perdendo-se nas sensações e nos sons dos dois corpos se fundindo, Emily olhou fundo nos olhos de Gavin enquanto os lábios dele a abandonavam. Ele a fitou com uma intensidade jamais vista, exibindo outro nível de amor. Um grau maior de paixão. Aprisionada por seu encanto, Emily capturou a boca dele com a sua; o beijo tinha gosto de suor salgado. Tremendo, Emily o agarrou pelos ombros, e as unhas deixaram riscas de um vermelho flamejante nos bíceps torneados. Aquela carne gloriosa era rija por inteiro, com camadas e mais camadas de músculos duros. Ele era um macho primitivo, perfeito. Emily sentiu os seus corpos deslizarem com uma necessidade mútua.

Com a mão trêmula, Gavin afastou uma mecha perdida de cabelos úmidos da testa dela.

– Eu te amo, Emily – grunhiu, fazendo círculos com os polegares nas têmporas dela. – Você é o meu mundo. A minha vida. O ar que eu respiro. Não consigo acreditar que você vai ser minha para sempre.

Gavin retirou a mão de seu rosto e desceu a boca até seus seios, passando a língua pelos bicos inchados e rijos. Os batimentos cardíacos se aceleravam em sincronia. Emily estava de tal forma extasiada, hipnotizada e dominada que lágrimas nascidas do amor

que sentia por Gavin transbordaram dos olhos. Ela derreteu-se para dentro dele a cada lambida lenta, toque abrasador e beijo apaixonado com o qual venerava o seu corpo. Enquanto Gavin a penetrava com mais força, o mais puro fogo queimava dentro dela, fazendo aumentar sua escaldante necessidade. Com os lábios unidos aos dele, lambendo-lhe a boca e movendo os quadris no mesmo ritmo, Emily sentiu Gavin começar a tremer, e o corpo todo dele enrijecer. Os gemidos profundos, suaves e guturais do namorado adentravam seus ouvidos, levando-a ao êxtase.

Fincando as unhas nas costas dele, sorvia o ar rapidamente enquanto um orgasmo se elevava como uma onda e a engolia.

– Não pare – implorava ela, o corpo quente, os olhos fixos nos dele. A boceta se contraía em espasmos, se fechando ao redor do pau, e ele o enfiava com mais e mais força, mais e mais depressa.

– Ah, meu Deus, Gavin, não pare.

Com os músculos tensos, Gavin tentava respirar a cada estocada, tentando prolongar o prazer dela, mas aquilo estava se tornando difícil demais. Firmou a mandíbula, determinado, e ficou olhando Emily se despedaçar, enlevada. Enfiou mais fundo e o orgasmo dela se transformou em outro, então num terceiro, até Emily gritar numa liberação final.

Mentalmente exausta, com a pele sensível da cabeça aos pés, Emily se agarrou aos cabelos úmidos de Gavin. Ela arrastou aquela linda boca em direção à sua. Ele deixou escapar um rosnado longo e grave e Emily sentiu o jato sedoso de sêmen jorrar para dentro de si, envolvida pelo calor do amado. Com os corações retumbantes, as respirações sincronizadas e as almas entrelaçadas, a sensação era de que seus corpos sabiam o que significavam um para o outro.

Morto de cansaço, Gavin afundou o rosto no pescoço de Emily, inalando o aroma que era uma mistura dos dois e massageando seus cabelos.

– Preciso abraçar você e fazer amor a noite toda.

E, meu Deus, foi o que ele fez. Mostrando-lhe repetidamente quanto precisava dela, Gavin apagou da mente de Emily todas as lembranças de um passado impiedoso, fechando a porta do que jamais deveria ter acontecido. Enquanto ele a abraçava durante

toda a noite, o futuro sem fôlego dela se viu contido no espaço dos braços cálidos e fortes de Gavin. E Emily soube que aquele início magnífico ficaria gravado para sempre em seu coração.

Epílogo de Molly e do Sr. Alto, Moreno, Gostoso e Bonitão

Um glorioso ano depois

Gavin enfiou a chave na fechadura e foi envolvido pelo saboroso aroma de refeição caseira. Estava pasmo com o caminho percorrido por Emily no último ano, tendo incrementado os dotes culinários. Ela dissera que dominaria a arte de cozinhar e fora exatamente o que fizera! Embora jamais fosse admitir para Lillian, Gavin achava que a lasanha de Emily fazia a da mãe parecer a de caixinha. Sem que Emily percebesse, Gavin entrou na cozinha e observou-a tirar um assado do forno.

Colocando a pasta sobre a mesa, Gavin olhou-a dos pés à cabeça, começando pelos sapatos de salto pretos, passando pelas pernas torneadas e a saia que batia alguns centímetros acima dos joelhos, até chegar à graciosa curva do queixo. Ela era o anjo de Gavin. Seu anjo que caminhava, respirava, enlouquecedoramente incrível, capaz de consumi-lo por inteiro.

Emily enfiou um termômetro de carne no assado crepitante e provavelmente se queimou, pois Gavin a ouviu arquejar. Era possível que os dotes culinários do seu anjo não fossem tão impressionantes quanto ele achava, mas isso não importava. Ainda assim, ela virava sua cabeça.

Chegando por trás dela, enlaçou sua cintura e afundou o rosto na curva de seu pescoço. Emily deu um pulo e Gavin riu.

– Assustei você? – sussurrou, roçando os lábios no pescoço dela. – E o assado atacou você, foi? Se atacou, eu vou matá-lo.

– Sim, você me assustou – respondeu Emily, virando-se para encará-lo. Com um sorriso, ela enfiou o indicador lentamente na boca de Gavin, que o chupou suavemente, girando a língua e aliviando a queimadura de imediato. – E, sim, ele me atacou. Mas eu preferiria que você não matasse coisa alguma hoje.

Tirou o dedo da boca dele, a sobrancelha erguida numa expressão sedutora.

Gavin a empurrou contra a bancada, seus famintos olhos azuis se fixando nos lábios carnudos que tanto desejava. Desamarrou o avental da cintura dela e o atirou no chão.

– Onde está o Noah?

Emily enlaçou o pescoço dele.

– Pedi aos seus pais que viessem buscá-lo à noite para eu poder divertir você no seu aniversário, meu velho.

Com um sorriso lânguido, Gavin a beijou. Emily gemeu e ele agarrou sua coxa, enroscando-a em torno da cintura.

– Velho? – perguntou, entre beijos. – Eu tenho 30 anos. E não vamos nos esquecer de como sou digno de desmaios – ele a beijou com mais intensidade –, além de intenso... maravilhoso – mordiscou o pescoço dela –, entorpecedor... tesudo pra caralho – lambeu o lóbulo de sua orelha –, isso sem falar de todos os momentos que você disse “Gavin, mais forte, não pare, ai, meu Deus, não pare”.

– Uhum. Você já me proporcionou uma boa quantidade desses momentos – ronronou Emily.

Uma necessidade sexual se avolumou na parte inferior de sua barriga. Beijando-a com ainda mais intensidade, Gavin se pôs a

desabotoar sua blusa. Emily fechou os olhos lentamente enquanto ele arrastava os lábios até o queixo e o pescoço, parando na curva dos seios. Ela enroscou os dedos nos cabelos dele.

– Gavin, espere, quero que você abra o seu presente primeiro.

Ele não ia parar. Não mesmo. Puxou o sutiã de renda preta até logo abaixo do mamilo. Com um sorriso malicioso, olhou para ela enquanto passava a língua no bico rijo. Emily arfou e mordeu o lábio.

– Pensei que já estava abrindo o meu presente, Sra. Blake.

Ele a ergueu sobre o granito frio da bancada, chegou a bunda até a beiradinha e se ajeitou no meio de suas pernas. Lambendo-lhe a boca, ele gemeu, o corpo concentrado no sabor sedutor dela.

– O aniversário é meu, logo quem manda sou eu. Sexo. Muito sexo. Aqui e agora. Com a minha mulher gostosa em cima da bancada.

Inclinando a cabeça de maneira a deixar que Gavin devorasse seu pescoço, Emily soltou um gemido e enganchou as pernas ao redor de sua cintura. Acima da respiração cada vez mais alta, ela ouviu os sapatos caírem no chão, batendo no assoalho de madeira. Gavin a beijou com mais intensidade; agora seria mais difícil ainda detê-lo. Mas ela sabia muito bem como convencê-lo.

– E que tal se a sua mulher gostosa incorporar sexo selvagem ao presente que comprou para você? O que acha?

Gavin prendeu o lábio dela entre os dentes e olhou em seus olhos por um longo instante. Por fim, soltou-o e deu um passo atrás, com um sorriso amplo.

– Incorporar sexo selvagem a um presente que você já comprou para mim? Mmm, você aguçou a minha curiosidade. Precisa de pilhas?

– Ah, precisa. Precisa de uma bateria *enorme* – respondeu ela e Gavin ergueu a sobrancelha, curioso. Ela saltou da bancada, tomou a mão de Gavin e começou a conduzi-lo em direção à porta da garagem. – Feche os olhos – sussurrou.

– O que é que você está fazendo? – sondou Gavin, com um sorriso endiabrado.

Com agilidade, Emily o puxou pela gravata até a boca. Passando a língua pelos lábios irresistíveis, abraçou a cintura dele e lhe deu um beliscão na bunda. Com força.

– É seu aniversário, Sr. Blake, mas quem está dirigindo o espetáculo aqui sou eu. Nada de perguntas. Entendeu?

Sem dúvida seu anjo malvado sabia deixá-lo morto de tesão.

– Eu não passo de um servo à mercê dos seus desejos, docinho.

Sorrindo e orgulhosa da própria autoridade, Emily observou Gavin fechar os olhos.

– Mas definitivamente vou fazer jus ao meu status de macho alfa das cavernas com você durante a nossa aventura sexual.

Adorando ter lhe roubado a autoridade, ela correu até o avental. Pegando-o do chão, enfiou a mão no bolso e sacou a mesmíssima venda que usara ao ser guiada até o quarto de Noah e pela casa. Ah, sim, era a hora da vingança. Chegando por trás dele, colocou-lhe a venda, certificando-se de que os inebriantes olhos azuis estivessem bem cobertos.

Gavin atirou a cabeça para trás, rindo.

– Muito danadinha. Gostei.

Emily lhe deu a mão, conduzindo-a pela saleta até a garagem.

– Aprendi com o melhor.

– Não posso discordar dessa afirmação. – Gavin cruzou os braços e um sorriso iluminou seu rosto. – Eu ensinei todas as sacanagenzinhas que você sabe.

Balançando a cabeça, Emily apertou o botão que abria a porta da garagem e sorriu, não só da afirmação excessivamente autoconfiante de Gavin mas também do presente muito bem-pensado. Elegante, prateada como uma bala brilhante, amarrada com um gigantesco laçarote dos Yankees, ali estava a mais nova... minivan de Gavin. Não conseguira comprar uma verde-musgo. Não mesmo. E, considerando que não se encontrava na mesma classe dos carros esportivos insanamente caros que Gavin dirigia, a Chrysler Town and Country era algo com o qual ele demoraria um pouco a se acostumar. No entanto, considerando que o veículo mais simples continha mais significado do que ela poderia imaginar,

Emily estava bastante certa de que a cor e o modelo dariam conta do recado.

– Muito bem. Está pronto? – Emily passou os braços ao redor do pescoço de Gavin, inalando a sua colônia. Beijando-lhe o queixo, sentiu a excitação correr pelas veias. – Isto representa vários presentes embrulhados em um só. Mas preciso ter certeza de que você está pronto. Não quero que você tenha um ataque cardíaco, meu velhinho.

– Você está se transformando numa...

– Autêntica espertinha, igualzinha a você. – Emily correu as mãos pelo peito dele e ficou nas pontas dos pés. Roçando os lábios na orelha de Gavin, fechou os olhos e acrescentou, com a voz grave e rouca: – Eu tenho umas sacanagenzinhas tesudas e deliciosas para ensinar, Sr. Blake. – Lentamente, ela tirou a venda. – A aula começa em cinco minutos.

Mordiscou a orelha dele e se afastou, batendo palmas quando o queixo de Gavin caiu.

– Você não fez isso – disse ele, rindo.

– Ah, eu fiz, sim.

Emily não perdeu tempo e foi logo para o lado do carona. Antes de abrir a porta, estendeu a mão para um armário e pegou as chaves do carro novo, atirando-as para Gavin por cima da capota do automóvel.

– Entre. Vamos levar este *bad boy* para dar uma volta. Ah, dê só uma olhada na placa que eu mandei fazer só para você. Acho que lhe cai muito bem.

Erguendo a sobrancelha em sinal de curiosidade, Gavin foi até a frente do carro, fitando a placa: ali havia o escudo dos Baltimore Orioles e as letras BRDLVR, que significavam “Birds Lover”. Soltando uma gargalhada, atirou as chaves para cima e as pegou antes de se sentar ao volante.

– Eu não sou o máximo? – perguntou Emily, um sorriso orgulhoso brincando nos lábios. – Quer dizer, você sabia que estava merecendo uma vingança, não sabia?

Gavin balançou a cabeça e enfiou as chaves na ignição.

– Sabia. Eu estava mesmo merecendo uma vingancinha. – Com o motor ligado, inclinou o corpo e pegou o cinto de segurança de Emily, enfiando-o no lugar com um clique. Então, levou os lábios ao seu ouvido. – Quando é que essa aula vai começar? Sou um aluno aplicado, mais do que disposto a aprender truques com a professora.

Ao olhar nos olhos de Gavin, Emily sentiu arrepios se espalharem pelo corpo.

– Fico feliz que você seja um aluno aplicado – sussurrou, sendo capturada pelo vórtice de sedução criado por ele. Estava certa de que Gavin conseguiria manipulá-la daquele jeito até ficarem velhinhos. Mesmo cheio de rugas, mal conseguindo andar e respirando com a ajuda de um inalador, nunca iria precisar de Viagra, estava convencida disso. Nunca. – Mas ainda não acabei de dar os seus presentes.

– Eu sei. É que estou tentando convencer você a me dar outros agora.

O sangue de Emily disparou violentamente pelas veias quando a mão de Gavin chegou à sua nuca e os lábios dele encostaram nos seus, provocando-a.

– Estou indo bem? – perguntou com um sussurro grave.

Não deixou que ela respondesse. Explorou a boca de Emily com a língua, buscando a doçura da qual nunca se cansava, a doçura que seria sua para sempre.

Os membros de Emily ficaram frouxos, o pulso acelerado. Com os lábios grudados em prazer e abandono, ela inspirava tudo aquilo que era Gavin. O toque, o sabor e a centelha de vida que continuava a incendiar seu mundo. A presença dele a acalmava. Seus braços a protegiam. Sua alma a amava. Ele a purificava e representava o novo começo de uma vida que ela jamais imaginara que seria sua. Gavin sempre estaria presente no seu coração, sempre saberia roubar o seu fôlego e fazer suas preocupações se evaporarem. Com um piscar de olhos, ele se fazia presente. Num lampejo, ela quase o perdera. Mas, naquele momento, Gavin era dela. Sua mente não guardava mais imagens do passado caótico que quase os destruía. Emily afastou os lábios devagarinho e a

necessidade de preencher o seu presente com uma felicidade constante crescia a cada segundo.

– Eu te amo, Gavin – sussurrou, a mente gravando a fogo cada segundo, minuto e hora que haviam passado juntos. – Você me deu tudo o que eu poderia ter imaginado e muito mais. Espero ter feito o mesmo por você. – Ela tomou seu rosto entre as mãos, o pulso descontrolado. – Seu outro presente está à espera no banco de trás.

Gavin desviou a atenção de Emily, que subitamente ficara chorosa, e seus olhos passaram da cadeirinha de Noah para uma cadeirinha de bebê ainda menor. A diferença de tamanho era impressionante; uma cabia na outra, como peças de um quebra-cabeça. Lado a lado, um irmão mais velho e um caçula. Gavin engoliu em seco e o coração começou a martelar, explodindo com um misto de medo, excitação, amor e alegria. Cada delicioso e vívido componente da sensação que era ser pai. Pai do primeiro e, agora, do segundo filho.

Gavin imediatamente pousou a mão trêmula na barriga de Emily, quase sem conseguir falar.

– Você está grávida? – As palavras jorraram dos seus lábios sorridentes.

Emily riu, com lágrimas escorrendo.

– Não. É que eu costumo comprar umas sobressalentes, por via das dúvidas. – Soltou o cinto de segurança e se atirou sobre o colo de Gavin.

Ele riu enquanto ela enlaçava seu pescoço e cobria de beijos seus lábios, nariz e bochechas.

– Sim, eu estou grávida, Blake. Esta minivan não tem um verde-musgo bem maneiro, mas estamos começando a enchê-la de filhos.

Gavin a segurou pela nuca e levou a boca na direção dela.

– Simplesmente incrível. Essa garota chamada Molly... talvez você a conheça... Eu só sei que ela entrou na minha vida como uma tempestade e não parou de chacoalhar o meu mundo desde então.

No ano seguinte à estação que mudara a vida de Emily e de Gavin Blake para sempre, o destino, por fim, jogou limpo. Parou

com seus jogos perversos e decidiu dar um tempinho para eles. Desde lindos ajustes num longo trecho de estrada no México até as muitas camadas de vida descascadas, cheias de tampinhas de garrafas e com mais uma cadeirinha na traseira de uma minivan, o tempo tiquetaqueou até onde era o seu lugar.

Destino... que coisinha mais engraçada.

Agradecimentos

Joe, Joseph, Matthew e Ava, eu amo vocês. Mamãe voltou. Eu prometo. Senti sua falta mais do que vocês jamais saberão. Obrigada por terem lidado com a minha ausência. Sei que nada vai trazer de volta o tempo que perdemos, mas juro que, de agora em diante, as pequenas recordações que construímos juntos vão ser o bastante no momento em que eu desaparecer de novo, rumo a outro mundo.

Uau! Por onde começar? Eis a questão. Esta viagem de escrita do *Pulsção* foi insanamente diferente da viagem do *Tensão*. Tanto no lado glorioso quanto no lado cruel. No lado incrível e no assustador. Ambas... muito opostas. Publiquei *Tensão* achando que venderia alguns exemplares, conquistaria alguns leitores e divulgaria meu trabalho para algumas pessoas que talvez gostassem. Rapaz, como eu me enganei. Da noite para o dia, fui atirada sob os holofotes, para os quais nunca poderia ter me preparado. Não importa quantas vezes eu possa ter sonhado o que acabei por passar, nada, mas nada mesmo poderia ter me preparado para a estrada pela qual caminhei. Espere aí. Retiro o que disse. Na verdade eu não caminhei, mas cambaleei, tropecei, escorreguei e caí de cara com toda a deselegância possível. Aprendi um sem-número de coisas. A maioria foi difícil de engolir – como

giletes enfiadas goela abaixo –, porém, ainda assim, tenho sido mais do que abençoada.

As cortinas de veludo vermelho estão se abrindo mais ou menos por agora. Por favor, façam uma mesura quando eu chamar o seu nome e, acima de tudo, obrigada por não me julgarem ou não me ridicularizarem enquanto eu tropeçava estrada afora.

Cary Bruce, Brooke Hunter, Angie McKeon, Lisa Maurer, Stephanie Johnson e Teri Bland: quase todo o BCBW original, com o notável acréscimo de Angie. Obrigada por sempre manterem as coisas próximas da realidade. A sinceridade brutal me manteve onde eu precisava estar ao longo da escrita. Não preciso dizer muito a vocês, pois costumamos conversar, e vocês sabem quanto eu adoro todas. Assim, vou dar a cada uma algumas palavras que vão compreender. Cary: tome aqui o seu macaco. Satisfeita? Brooke: os leitores agora vão saber que matar o Gavin foi ideia SUA. Eu posso até ter escrito as palavras, mas a ideia foi sua. Coisa de gênio. Lisa: o mundo é meu povo. Eu nunca vou me esquecer daquela carona! Angie: minha perversa rainha provocadora! Stephanie: fraldas. Rá! Excelente olho, mas... eca! Teri: assistolia e craniectomias!!!! Eu poderia agradecer a cada uma de vocês num percurso até a lua, ida e volta, e nunca seria o bastante.

Melinda Atkinson-Medina: obrigada por não me deixar cair, amiga. Nunca haverá um momento na vida em que não vou poder contar com você.

Lisa Kates: nós nos afastamos um pouco durante a escrita, mas não é algo irreparável.

Ashley Hartigan Tkachyk, Joanne Arcarese Schwehm, Becca Manuel, Laura Babcock Dunaway, Kim Rinaldi e Jennifer Pikul Gass: meu segundo círculo de leitoras beta. Obrigada por aceitarem o aviso de meio segundo antes de o *Pulsção* começar a ser editado. A sua disposição em mergulhar na tarefa me deixou impressionada.

Tina Reber: obrigada pelos chats, tão necessários. Você me apoiou de muitas maneiras. Saiba que cada conselho que me deu está enfiado na minha cabeça.

Para a minha capista, Regina Wamba, da Mai I Design and Photography: você é simplesmente incrível. Muito autores

independentes me disseram que era incrível trabalhar com você e não estavam exagerando. Cada livro que eu escrever vai ter a sua marca.

Para a minha diagramadora, Angela McLaurin, da Fictional Formats: mais uma vez, muito obrigada. O seu design maravilhoso e as pequenas surpresas inseridas no *Pulsação* foram incríveis. Estou ansiosa por trabalharmos juntas por muitos anos.

Para a minha editora, Cassie Cox: obrigada pelos chutes no traseiro. Não, eu estou falando sério. Obrigada. De início, você me assustou, mas cortou a minha "merda" onde era necessário.

Para as mulheres doentes, deturpadas e incríveis da TFC: Madeline Sheehan, Emmy Montes, Claribel Contreras, Syreeta Jennings, Trevlyn Tuitt, Karina Halle e Cindy Brown. Senhoritas, vocês já me viram nos meus melhores e nos meus piores dias. Testemunharam quantas vezes eu quis jogar a toalha, mas suas palavras me encorajaram a seguir em frente. De qualquer forma, vocês escutaram. Me deram um ouvido no qual reclamar, um ombro no qual chorar e um palco onde expressar os meus medos. Os nossos medos. Eu só sinto amor por cada uma de vocês.

Para o meu tour de blogs: True Story Book Blog, Angie's Dreamy Reads, Shh Mom's Reading, Fiction and Fashion, Vilma's Book Blog, Book Boyfriend Reviews, Flirty and Dirty, Books Babes and Cheap Cabernet, Sinfully Sexy, The Little Black Book Blog, Whirlwind Books, Swoon Worthy Books, Three Chicks and Their Books, Bridger Book Bitches, Romantic Book Affairs, Becca the Bibliophile, The Rock Stars of Romance, Mommy's Reads and Treats, The Boyfriend Bookmark, First Class Books, Book Crush, I Love Indie Books, Sugar and Spice, Ménage a Book Blog, Up all Night Book Blog, Morning After a Good Book, Kindlehooked, TheSubClubBooks, Smitten, A Book Whore's Obsessions, The Book List Reviews e Smut Book Club. Obrigada a todos vocês por participarem. Seus blogs, dentre todos os blogs existentes por aí – quer as pessoas se deem conta ou não –, são as veias da nossa comunidade de leitores. São o sangue que bombeia livros para os leitores. Eu disse nos meus agradecimentos do *Tensão* e repito: cada blog me deixa maravilhada. Simplesmente... maravilhada. Não importa quanto a

vida de uma blogueira é caótica, elas arranjam tempo para se conectar com os leitores e promover os livros dos autores que amam. Autores nos quais acreditam. Autores dos quais nunca ouviram falar. Algumas de vocês se arriscam com autores desconhecidos e isso diz muito. Suas resenhas, boas ou ruins, são apaixonadas. Exige muito de alguém expor uma resenha ali, para todo mundo ler, e eu as admiro, senhoritas, por fazerem isso todos os dias. No geral, blogs são negligenciados. Saibam, apenas, que a maioria dos escritores sabe quanto tempo e dedicação são necessários para administrar um. Eu agradeço a vocês, aos que estão listados aqui e aos que não estão, por divulgarem *Tensão e Pulsação*.

E, por último, mas não menos importante... para os meus leitores. Caramba, vocês amaram meus personagens! Como assim??? Deixe eu repetir... Como assim? Dizer que estou chocada não chega nem perto da realidade. Já mencionei um bocado de mulheres maravilhosas aqui e, nos dias em que eu quis desistir desta viagem e pedir um reembolso imediato, descer da montanha-russa e ir para casa, não só elas me detiveram, como vocês também. Milhares e milhares de e-mails me fizeram continuar a escrever. Milhares e milhares de postagens e comentários na minha página me deram aquilo do que eu mais necessitava: um empurrão. A coragem para seguir em frente nesta viagem gloriosa e assustadora que foi uma lição de humildade e uma bênção na minha vida. Obrigada por amarem os meus personagens tanto quanto eu os amo. Obrigada por acreditarem em mim como escritora. Obrigada por falarem para as mães, irmãs, tias, primas, sobrinhas e amigas sobre o *Tensão*. Embora eu tenha deixado vocês de boca aberta ao final do primeiro livro, obrigada por terem torcido por mim enquanto eu escrevia *Pulsação*. Não há um único momento em que eu não me sinta fã de vocês. Não é brincadeira, não. Espero ter sido fiel a vocês. Espero continuar a sê-lo. Saibam, apenas, que eu sempre vou tentar.

Sobre a autora

© Joe McHugh



Gail McHugh estreou na literatura com *Tensão*, que, junto com *Pulsção*, figurou na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Chocólatra assumida, ela é casada há mais de quinze anos e tem três filhos.

www.authorgailmchugh.com.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro

Table of Contents

[Créditos](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)